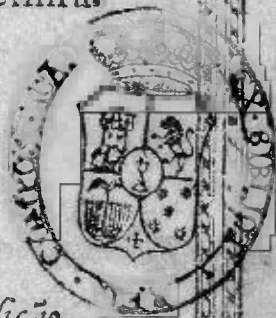
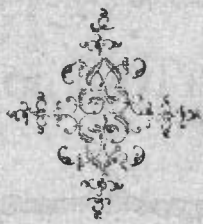


A PRIMAVERA
D E
FRANCISCO RO-
DRIGVEZ LOBO.

*De nouo emendada & acrescentada nesta se-
gunda impressão pello mesmo Autor.*

Offerecida a DONA IULIANA
de Lara Condessa de Odemira.



Com licença da sancta Inquisição.

EM LISBOA,
Impresso por Pedro Crasbeeck.
Anno de 1608.

A PRIMAVERA

D E

FRANCISCO RO

DRIGAVEZ LOBO.

En nono de Mayo de 1808
en la ciudad de Mexico

Ofrecida a DONA JULIANA
de las Condesas de Ochoa



Com licencia de Santa Fe

EM PLANO

Impreso por Pedro Casco

Año de 1808

Licenças.

E Ste liuro intitulado *Primavera*, autor *Francisco Rodriguez Lobo*, foy ja visto, aprouado, & impresso: agora vay acrecentado & emendado por o mesmo autor: não tem cousa de nouo por onde se não possa tornar a imprimir.


Fr. Manoel Coelho.

Vista a informaçam podese imprimir este liuro intitulado *Primavera*, & depois dimpresso torne a este conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Em Lisboa 11. de Dezembro de 604.

Marcos Teixeira. Ruy Pirez da Veiga.

A DONA IVLIANA
DE LARA CONDESSA
DE ODEMIRA.

P R O L O G O.

 *INGVEM* duuida, que as flores desta primavera, se deuem mais ao Sol, que as criou, que à terra aonde nacerão: & que o ser de V. S. lbe dà mais graça, & pode dar mayor fama que o meu ingenho. Este conbecimento (fora outras obrigações) me faz que offereça a V. S. este liuro, as qual quando faltem merecimentos da minha parte, teue da de V. S. muytos fauores para esta ousadia, que como fauorecida fica disculpada: & os meus pastores muyto naturais pois por melhor que fallem & digão seus queixumes diante o entendimento de V. S. sempre serão rusticos. Quando elles por humildes, & a obra por ser minha não merecer inaeja de muytos, o certo he, que a teram todos
de

de ver quam bem a empreguey: & receo de offender
com a lingua o que V. S. honrou com o seu nome. E
se hum seruiço tam pequeno interessado em tão gran-
des merces for de pouca estima, ponha V. S. o preço
delle na vontade, que pera tam grande animo,

& juizo deue valer mais que tudo o que
he menos, que elle. Nosso Senhor

guarde a V. S. por muy-

tos annos.

(6)

PROLOGO AO LEITOR.



Mso erro sem desculpa se salua, quando o que errou se melhora: porque ninguem ha tão sabio, que em tudo acerte: nem pode parecer nescio, o que contra sua opinião admite conselho. Perseuerar na mesma culpa, ou he de nescio enganado, ou de porfioso desconhecido, ou quando a necessidade não da lugar a razão. Direis sabio Leitor, que dou esta sentença contra mim, pois tendo na primeira impressão desta obra com auiso dos que a contrararão, tantos desenganos do que me podia montar o fruto della: commetti a fazer a segunda, que agora vos apresento, com as proprias armas, & defensão, com que no primeiro encontro a recebestes: & que assim porfio contra o que veyo, & me engano com o que faço. Respondo que se no primeiro erro escusaua satisfações, ainda tenho grande desculpa, porque bem poderoso enganoh, para hum homem arriscar tempo, trabalho, & opinião a esperança de fazer seu nome mais conhecido. E ja que eu não colheffe este fruto de meu arreuiamento, não me deixou tam enganado o fauor, com que muitos o receberam
que

que porfiasse de nouo com os que o reprovirão.
Antes estando bem alheo de renouar esta Primavera como cousa a que se acabara o tempo, soube que algũs mais interessados em seus ganhos, que lèbrados de minha perda tratarão de licença para a imprimir, & porque de dous males auia de escolher, me pareceo que era o menor, sair emendada pello seu Autor proprio, que adulterada por quem se arriscaua tam pouco em seus erros. Não foy para mim tam leue este cuydado que me não pufesse em muitos, porque querendo emendar algũas eousas de que me aduertirão, achei q̄ erão aquellas mesmas, as que outros tinham julgado por melhores, & com o encontro destes pareceres, me não atreui a fazer eleição em muytas dellas, & deixandoas no primeiro estado, remetto a vosso juyzo o melhorallas: com tanto que creais de mim; que no lugar aonde não emendei o que vos parecia, não segui proprio engano, antes conselho de muytos, nas palauras da prosa, no estylo dos versos, na inuencão da historia, no decoro das pessoas, na descripção dos lugares, contentar a poucoshe muyto quanto mais dar razão a tantos, nem estou pella sentença de algũs, nem quero ter a todos da minha parte, mas o que neste liuro achar algũa de merecimento, perdoe a essa
conta

conta o castigo d'algũas faltas que com esta cautella me atreui a tirar a luz o pastor Peregrino, que ategora tinha escondido a semrazão cõ que algũs tratarão mal, os principios da sua historia, & pois eu a não figo por acabar cuidados, q̃ não tem fim, antes por dar gosto a quem o mostra ter de ouuir seus queixumes agardeceime ao menos a vontade, quando o trabalho desmerecer. E peço às damas coriosas, & inclinadas a ler os humildes pensamentos dos meus Pastores, que com os poderes com que tudo sujeitão a seu senhorio defendão este liuro, ao qual eu não quero maior preço que ter a ellas por valedoras, nem maior vingança dos murmuradores, que sairem de sua obediencia so a fim de tomarem armas contra minha humildade.

na
res
se l
ilh
ate
em
rio
cla
he
les,
feu
lhe
a b

A PRIMAVERA.
DE FRANCISCO
 RODRIGVES LOBO.

VALLS, E MONTES ENTRE
O LIS, E LENA.

Floresta Primeira.



ENTRE as fragosas montanhas de Lusitania, na costa occidental do mar Oceano: aonde se vem agora, com mais nobreza levantadas, as ruínas da Cidade antiga de Colippo: ha hum espaçoso sitio, partido em verdes outeiros, & graciosos valles, que a natureza, com particular graça, pouou de aruores & fontes, que fazem nelle perpetua primavera: em meo do qual se levanta hum monte agudo de penedia, cercado como ilha de dous rios, que pella fralda delle vão mormurando, ate que ajuntandose no extremo de sua altura leuão ao mar em companhia a vagarosa corrente: & assim pella parte do rio Lis, que na copia das agoas he principal, como pella do claro Lena, que escondido entre aruoredos faz o caminho, he curtiuada a terra de muitos pastores que naquelles valles, & montes, appacentaõ, passando a vida contente, com seus rebanhos, & com os fruitos que a terra em abnudacia lhe offerece, assim de Ceres, como de Pomona, porque cõ a benina inspiração do Ceo, & disposição da terra não só-

A mente

Primavera de

mente são as plantas mais fermosas á vista, os fructos mais saborços ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro, & alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados, & parece que menos duros. Aqui aonde Amor custuma conservar seu senhorio, mostrava cada dia mayores effeitos delle entre as pastoras do valle, que igualauão, & vencião as do Tejo & Mondego em fermosura. Húa entrada do verão quando pollo costume dos naturais do valle, & por aju tamento doutros pastores estrangeiros, que ali trazião seu gado pella abundancia dos pastos daquella ribeira, auia entre todos muitos exercicios de alegria costumados dos pastores: como erão musicas emperfia, duuidas amorosas, bailos, & lutas de terreiro, & outros jogos em que auia na montanha guardadores estremados. Lerene que na musica a muitos do valle tinha ventajem, hum dia, que cõ o novo sol, sobre os floridos ramos, começaram as aues a celebrar a entrada do verão, & as cruas, & boninas a se levantar da terra, a pezar das cheas do inuerno: escolhendo hum lugar apartado a que o inclinava a propria condição, se foy assentar, junto de húa fonte que esta perto do rio à sombra de hũ alto freixo, entre duas fayas, & aly tirando a saõfonha cantou esta Lyra.

I *A nasce o bello dia
Principio do verão fermoso, & brando,
Que com noua alegria
Estão denunciando,
As aues namoradas
Dos floridos raminhos penduradas.
Ia abre a bella Aurora
Com noua luz as portas do Oriente,*

E mostra

E mostra a linda Flora
O prado mais contente
Vestido de boninas,
Aljofradas de gotas cristalinas.

Va o Sol mais fermoso
Està ferindo as agoas prateadas,
E Zefiro queixofo
Hora as mostra encrespadas
A vista dos penedos,
Flora sobre ellas moue os aruoredos.

De reluzente arrea
Se mostra mais fermosa a rica praya
Cuja riba se arrea
Do alamo, & da faya,
Do freixo, & do salgueiro,
Do vlmo, da Aueleira, & do loureiro.

Va com rumor profundo
Nãõ soa o Lis nos mōtes seus vesinhos,
Antes no claro fundo
Mostra os aluos seixinhos,
E os peixes, que nas veas
Deixãõ tremendo a sombra nas areas.

Primavera de

Ia sem nuuës medonhas

Se mostra o Ceo vestido d'outras cores,
Ya se ouuem as samponhas,
E frautas dos pastores,
Que vão guiando o gado
Pella fragosa ferra, & pello prado.

Ia nas largas campinas

E nas verdes decidas dos outeiros,
Ao som das somfoninas
Cantão os ouelheiros,
Em quanto os gados pacem,
As mimosas eruinbas que renacem.

Sobre a tenra verdura

Agora os cabretinhos vão saltando
E sobre a fonte pura
Passa a noite cantando
O roixinol suaue
Com saudofo accento, agudo, & graue.

Diana mais fermosa

Sem ventos sobre as agoas appareçe,
E faz que a noite irosa
Tão clara resplandece
A vista das estrellas
Que se enuer gonba o sol d'inueja dellas.

Tudo

Tudo nesta mudança

Tambem de nouo cobra nouo estado,

Qual em sua esperança,

E qual em seu cuydado,

Acha contentamento,

Qual melhora, na vida, o pensamento.

A Cabou de cantar, & porque o murmuro da fonte que entrava no rio debaixo de hũs salgueyros, & a vea da agoa cristalina que borrifava de flores a verdura fazia a vontade cobiçosa de a' tocar: pôs o çurraõ, & a sanfonha sobre o penedo para lavar o rosto, na borda da agoa, & virando os olhos viõ em hũa fasce da pedra, entalhado este motte.

O mal que meu peito enferra,

Pois ventura o quer assim,

Seguro estará de mim

Se o não descobrir a terra.

E Nleado no que debaixo da quelles versos se entendia, crendo que não foraõ sem causa escritos em tal lugar, deitou o pastor mil juisos para entendellos, mas auendo todos por temerarios, pois as palauras em fim mostraõ segredo deixou a impreza, & despois de lavar o rosto, tomou o caminho para os currais donde viõ que ja deciam cõ o gado os pegureiros, & entre elles vinhão cãtando em baixa voz Tirreno, & Melibeo, como que se entoauão. Porem conhecendo, deixãraõ a cantiga, & cõ muito aluorço o festejauão. Bofe (disse Tirreno) que mais parece este encontro buscado de minha boa ventura, que achado nella:

Primavera de

& sabe, que não ha bem que não venha a hum descuydado, que bem o estaua eu agora do que me conuinha & da tua lembrança. Não te desmereço eu (disse elle) muytas lembranças, que não sey pastor desta ribeira, que mais me contente, ora seja no gado, ora no canto, & o em que agora vinhas com Melibeo começaua eu a cuuir com muyto gosto, mas fize stesme cuydar, que vos estoruara. O mal fora (tornou elle) não cantar bem diante quem melhor o faz nesta montanha, & ja tornaramos â cantiga por teu gosto, se ella fora pera o dar. Com tudo te direi a razão, que nos moueo a este ensayo. O Domingo da festa, quando tu falta ste (que logo o tiue a maõ agouro) foy grãde luta & folgar, porque os ferranos do Lena nos desafiaraõ a cantar & baylar diante as nossas pastoras, das quais foraõ muy gabados no seu modo, & nas suas cantigas, & ja sabes, que o que se tem a geito nunca he melhor, que o que vem por nouidade, mas foy pera nos muy grande sermos engeitados: & logo com raua desafiamos Melibeo, & eu a cantar de porfia a todos es vaqueiros & guardadores dalem do rio, & sabe, que estamos pera oje bem tēperados. mas como ellas saõ ja sospeitas, & elles fauorecidos, corremos risco se tu não fores do nosso cabo. Para vos ouuir. (respondeo elle) yrei eu de boa vontade, & esta tenho tambem pera vos obedecer, & não ja contra vos, como fora misturarme na vossa demãda. Não te valem escusas (tornou Melibeo) que quando não bastarem rogos. prouaremos forças, & tomando o pelos braços, o leuaraõ entre si, & foraõ pello valle abaixo atras do gado, & ao empinar do Sol, vieraõ pela praya do rio Lis, aõ de elle reprezado entre altas aruores aos rayos do Sol fica escondido, ate que chegando a hũa fragosa penedia vê quebrando em escuma sobre os lisos penedos, & com acordado ruydo se vay debruçando em hũ quieto remanso, deixando

em ondas a areia, que ao longo da praya vay correndo, & nella virão estar muitos pastores, hús cantando, outros julgando o que entre elles he costume, outros entretêdofe em laborosa conuerfação com as pastoras: & vendo aos contendores da Perfia, com grande aluoroço se leuantarão a os receber, & assentados em toda os obrigarão logo a que cantassem, pois lhes tocava pela promessa passada: & como por esta razão a não tinham de se escusar, afinando os instrumentos, cantaraó o que se segue.

Q *Vê a Amor serue, quẽ d' Amor procura
A gloria de hum cõtente, & ledo estado,
Quem por Amor quer ter vida segura,
Ever ditoso o fim de seu cuidado.
Quem quer em seus seruiços ter ventura,
E vir por este preço. a ser amado,
Por Amor sirua, por Amor mereça,
Por Amor ouse, tema, & obedeça.*

*Ponha sô nestes meos a esperança
Para alcançar de Amor bês de verdade
Que mal pode ter nelle confiarça
Quem a vida não der, & a liberdade.
Em vão pretende amar, em vão se cança
Quem não obriga as forças da vontade
A tirãna isenção de hũa pastora
Que de quantos a vem, quer ser senhora.*

Primavera de

Faça de seu querer merecimento,
Sem querer merecer por outra via,
Posto q̄ tenha em posse, & pensamento
Mais ouelhas, mais cabras, mais valia.
O que mais lhe conuem he sofrimento
Com que vença o poder da fantasia
Que nenhũa pastora se imagina
Ser menos que fermosa, ou que divina.

Ouze porque mil vezes o atreuido
Alcança mais que o cauto, & temeroso,
E o que nega o temor quãdo he deuido
Dá hum successo vil a hum venturoso,
Mais val ficar ouzado arrependido,
Que ser fiel amante, & vergonhoso
Pois nenhũa pastora em affeição,
Respeita mais Amor, que occasião.

Tema, porque o que sabe amar melhor,
Melhor teme as mudanças da ventura,
Que não ha em mulher seguro Amor
Nem ausente affeição de muita dura,
Aprenda mil cautellas do temor
Para o que sò na vista se assegura,
Pois quẽ da vista bũa hora so se parte
Ou ja não acha amor, ou noutra parte.
Obedeça

OB

E

das
& M
uid
tiga
não
eu d
peri
ren
tenh
que
vos
men
Am
vent
ços,
zão
erro
mês
nhcc

Obedeça que emfim niſto ſe enſerra

O merecer, ſeruir, temer, & ouſar,

E quẽ cõquiſta Amor em juſta guerra

Deue ſò com tais armas pellejar,

Eſte he o mor poder que tem na terra

Quem quer vontades liures ſogear

Sem eſta não alcança, & não repouſa

O que ſerue, merece, teme, & ouſa.

E Sperou Beliza que os paſtores acabassem a muſica, que pareceo muy bem, para ſe defender da cantiga, que a to das trataua mal, que graça he (diſſe ella) cuidarẽ Tirreno, & Melibeo, que por cantarem melhor podem fer mais atreuidos, ſendo mayor a offenſa que nos fizeraõ com a ſua cantiga, que o goſto que ſe eſperaua della, com tudo ſe elles ſe não deſdizem logo, & eſtas paſtoras me derem a licença, eu defenderei a noſſa razão muito á ſua cuſta, & ſem nenhũ perigo do que nos alevantãõ. Grande, mal he (tornou Tyreno) que não ſomente ſejais todas mas de ſeruir, ſe não q̃ tenhais por agrauo inſinar agrangearuos a condiçãõ, ao que a não ſabe, & ſe eſtas em que eu pus o ſeruiço de Amor vos parecem mais daime algũa paſtora que ſe contente cõ menos. Não reprovou eu (diſſe a paſtora) que para ſeruir a Amor ſeja muitas vezes neceſſario renunciar a propria vontade, deſconhecer a razão, & o merecimento de ſeruiços, pondo a valia toda no preço de Amor, mas dar por razão de ſuas ſem razões à noſſa altiveza, & mudança ou he erro de innocente ou vingança de magoado. E ja que os ho mões como pouco eſperimentados em Amor, que não conhecem, não podem dar ſaida a ſeus enleos, & como inim-

Primavera de

gos nossos querem encobrir suas faltas com nossas condições passemos estes despropositos, pois naceu de rainha, & de inueja. Não passes a diante (dille Lereno) que não he justo Belliza que o nosso passatempo se torne em differença. O teu queixume he justo, & a cantiga destes, pastores verdadeira, mas para consertar vossa porfia eu quero ser atreuido, que he crueldade a quem cantou também de sengraçar com todos, sua cantiga, & seria mór erro o de a sustetar em perjuizo de vosso merecimento, porem sem a este fazer offensa, digo, que quem pretende obrigar, ou afeiçãoar hũa vontade liure de natureza, deue vsar das leys da sua cantiga, & de outras muytas, que se aprendem na seruidão de amor. E quanto à vossa queixa particular, fique á conta das que merecem nome de mudaveis, esquecidas, & ingratas, mas outras a quem se deue fé verdadeira, ellas tambem ficão fugetas à desgraça de serem desamadas, mas são por natureza tão senhoras de nossa vontade, & tão liures do alheo senhorio, que não ha nenhũa, que não seja seruida, & poucas, que não tenham queixosos seus seruidores, donde vem attribuyrem só a ellas o que he comum a todos os pastores, como serem, seruidas, respeitadas, & temidas, que o mesmo lhe importa a ellas pera obrigar a outrem. E lembrame, que em outro valle bem desuiado ouui eu ja a hum vaqueiro hũa cantiga deste proposito: era elle ja de idade, & gastara o melhor della no seruiço de amor, & insinuaua a acautelar se de suas mudanças aos que de nouo entrãõ na sua fugição: & se eu não temera o que aconteceu aos dous meus companheiros (que em lugar de louados, foram reprehendidos me offerecera a cantar o que lhe ouui. Quem pode tanto (dille Learda) que a paga culpas alheas, & faz que ainda fiquemos deucendo graças a quem nos offendeo: não deute temer em causa propria que seja mal ouuido, & pois

pois Tirreno, & seu companheiro, disserão ja o de que nos podia pefar, que males pode ter a tua cantiga, ou auer em nos, que nos descubraõ mais defeitos, assim que com o mesmo desconto te pedimos que cantes, isso não farei eu (tornou elle) sò com o teu consentimento, porque estão na companhia muitas que mostraõ pouco gosto de me dares licença & se tambem não for sua, eu me não atreuo. Então lhe pediraõ todas que cantasse mostrando que o desejavaõ muyto, & logo tocando a espaços húa frauta disse estas en-dechas.

Q Vem pòs seu cuidado
Em pastora loura,
Nem veia a laouora,
Nem sirua o arado.

Nem ja mais se empregue,
Em laurar abrolhos,
Semee em seus olhos,
E em seus olhos cegue:

E se seus amores
Nasceraõ de Amor,
Seja laurador,
Pois que laura dores.

Para sustentalla
Gaste a vida nella,
Ou viua de vella,
Ou de desejala.

Tenba aonde a tem
A vida, & cuidado,
Se ella guarda gado
Guarde elle tambem.

No valle & no monte
Seja seu refinho,
Saialhe ao caminho
No rio & na fonte.

Tragalhe das vinhas
O seu fruito ingrato
Quando vem do mato
Tragalhe das pinhas.

Se vem do seruiço
Traga das montanhas
As moles castanhas
No seu crespo ouriço.

Primavera de

Se em monte ou ribeira

Cria enxame brauo,

Delhe o doce fano

Da cresta primeira.

Se a tarde & sol posto

Lhe parece bem,

Mostre que não tem

Mais sol que o seu rosto.

Pardos roixinois,

Ledos passarinhos

Lhe traga em seus ninhos,

Quando vem dos bois.

E se a noite fria

Lhe contenta mais,

Mostre por finais

Que quer mal ao dia.

Em quanto a manada

Anda apascentando

Lhe laure cantando,

A roca pintada.

Todo se transforme

Na vontade della,

Velle quando vella,

Durma quando dorme.

Quanto ella sustenta,

Tanto elle sustente,

E riua contente

Do que lhe contenta.

O que ella aprovar,

Sò bem lhe pareça,

E assi se aborreça

Pella contentar.

Se a cor arenosa

Tiuer por melhor,

Diga que essa cor

Afaz mais fermosa.

Que Amor engrandeça

Nas leis em que està,

Quem serue & quem dà,

E a quem lhe obedece.

CAntou Lereno tanto a fabor dos que o ouuião que de enleuados com o sentido nelle, o perderaõ muytos do gado, que derramandose pellos vezinhos serrados se desmã daua, por cujo respeito deixaraõ aquelle lugar, & se foraõ ao recolher. Mas Albano que sô em N. se tinha o pensamẽto tam obrigado, como ella era liure por natureza, ao por do sol

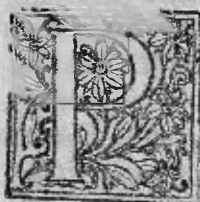
do f
o ca
nhe
ao c
te q
me
neu
em
ta, &
der
brig
teu
tun
te. C
hum
da c
vin
fô n



qual
cas p
cas

do sol o foy esperar debaixo de hum castanheiro q̄ cobria o caminho por onde auia de passar para os currais, & conhecendoa que atras das ouelhas vinha bradando, lhe saio ao encôtro, & disse. Não sei que mal achas Nise no bem, q̄ te quero, pois nos mayores estremos, q̄ porti faço mostras menos afeição, se julgas que he offensa o Amor que tenho, nem podes deixar de ser offendida em quanto eu viuer, nẽ em quanto me tratares mal podes perder nome de ingrata, & como Nise viuia de desprezar seus amores sem perder hum passo do caminho lhe respondeo. Ninguem fica obrigado aos males que cada hum procura para si, & pois os teus tẽ tão facil remedio como he deyxallos, & não importunar a quẽ te aborreçe, troca o cuidado, & viuiras contente. O pastor a quẽ esta esquiuanga traspassaua a alma, com hum sospíro que della lhe nacia a foy seguindo ate a entrada da cabana, & aly perdendoa de vista conheceo, que era vinda a noite, que quem noutra luz poem a de seus olhos, só na ausencia della conheçe a falta do dia.

FLORESTA SEGUNDA.



O R que a alegria do Verão todos aquelles dias fazia de festa entre os pastores: cada hũ no trajo, & nas diuisas amestroua, qual tinha no cajado escrito o nome da sua pastora, qual no fim delle a trazia sutilmente retratada, qual vestia a cor de suas esperanças qual se mostraua descensado entre ciumes tudo erão musicas pello valle, em todos os ajuntamentos se ouuão praticas namoradas, cada hum em gloria de seus cuydados celebrauão

Primavera de

lebraua o bem do que sentia, & quasi todos se queixauão do mal que Amor os trataua. Que costume he seu, nã dar contentamento sem queixume, nem deixar em nenhũ estado satisfeito a quẽ o serue. Ajuntaraõse hũa festa ao longo do rio Lis, no lugar aonde fora a contenda de Tirreno, & porque o força do Sol não cõsentia outro exercicio, começou a fallar Aiceo, assim por dar principio a conuerção como por descobrir nella seu pensamento a Nise que o escutaua ainda que tão alhea de seus cuidados, como poderosa com sua fermosura para lhe causar outros de nouo. Pois a hora do dia (disse elle) e a fermosura deste lugar estã acõselhando que o gosemos em laborosa pratica de amores, quero na mesma materia fazer hũa pergunta assim porque as differentes opiniões dos que estamos presentes daraõ occasião de passatempo, como porque não sei outra em que mais facilmente fique satisfeito da verdade que dezejo saber nella & he.

*Se hũa mulher, por isenta
se pode liurar de ingrata,*

E P O R que ha muito tempo que procuro ouuir resposta que satisfaça, não tenho por piquena ventura lembrar-me agora. Em extremo folgo (disse Enalia) com a materia da questão, porque desejava saber a mesma duuida de hum homem, & deue ser igual a razão entre nos & elles, e muy encontrados os pareceres dos q̃ estamos presentes. O meu em tal caso he (respondeo Albano) que hũa culpa não desagraua outra, antes a faz mayor, & por tal tenho eu o ser isenta, quem deue ser agradecida, que o mesmo he que não caber isenção com agradecimento, pois ella liura da sojeição de vontades alheas, & lhe nega o preço com que se entregãõ,

garão, & elle paga com Amor o que lhe offerece hũa vôtade. O côtrario n.e parece ami (tornou Lereno) porq a isenção he hũ poder liure, que não deue a vôtade a outro alheo respeito antes como senhora da sua a cõserua em hũ vigor, e no q̄ toca a hũ afeiçoadado em nenhũa diuida lhe fica hũa mulher isenta, pois eile voluntariam.ete se offereçe a amar sem esperanças, aquê nê lhe faz força, nê offerece galardão, & se por tal causa padece seja em pena da culpa, que cõtra Amor cõmete, pois senão contenta de amar, senão de ser amado, sendo tai bem de ventura, & não de obrigação. Não ficou Lisea satisfeita na opinião de Lereno crendo que a mesma tinha em seus amores, & assi atalhou logo a Alibano que ja respondia. De que serue por em opinioes o que esta claro polla fê de muytos exemplos, a verdade he que se hũa mulher, se isentar de afeiçõis alheas sera em rigor da rafaõ, & não em ley de Amor que a não guarda, & costuma em semelhantes casos tomar estranhas vinganças como sabemos. O mais certo he isso (respondeo o pastor) & pois entramos em declarar a pergunta desse mote, no qual me eu dou por contente & satisfeito com o que disse Lisea vos quero mostrar hum a que não sei dar laida, que por maravilhosa ventura achei muito perto da qui escrito em hũa pedra de letra mui antiga, & alem de ser para ver dara em que cuidar. E porque todos os pastores mostrauão curioso desejo de ver aquella antigualha guiou Lereno para a fonte onde a vira, a qual sabia de debaxo de hum penedo cercado por todas as partes de graciosa verdura, & nelle lhe mostrou o mote, no qual elles ficarão enleados: mas Lisea que tinha mui agudo juiso disse logo, se me a imaginação não engana ou alguã pessoa està por estranho caso enterrada ao pé deste penedo, ou alguã cousa de valia escondida de baixo delle, & quem o cauar eu fico que ache novidade.

Os pas-

Primauera de

Os pastores a quem não pareceo mal este discurso, buscando o que para isto lhe conuinha começaraõ de cauar o pedredo por todas as partes, & arredando, de hũa de que esta uã leuantado acharão debaixo enterada hũa piquena caixa de pedra dentro na qual auia algũas taboas bem lauradas, & nellas escrita a presente historia a qual Lereno leos aos pastores em alta voz com quanto a antiguidade da escriptura o não ajudaua.

*Syleno sou, que em fonte conuertido
Vou regando a verdura deste prado,
Nas ribeiras do Lena fuy nacido,
E nas do Lisguardaua o manso gado,
Amor, de quem viui mais esquecido
Com transformar-me assim ficou vingado,
Que foy para este mal que me condena
Homicida na culpa, algoz da pena.*

*Aqui viui contente, não curando
Mais que de hũ sò rebanho que então tinha,
Hora á sombra das aruores cantando
Gloria da liberdade sua & minha,
Hora as feras seguindo, hora deyxando
Liure a caça dos montes, que me vinha
Fazendo pera a propria liberdade
As leys sò pella traça da vontade.*

Tam

Tão liure fuy, que a nada respeitaua
 Mais do que o vão desejo me pedia:
 Ouuia então melhor quando falaua,
 Então via o meu bem quãdo eu me via
 Outrem com forças mil me cõquistaua
 Eu sò de meus dasejos me vencia,
 Viome amor ser senhor de meus amores
 Nã quis sofrer nũ reyno dousenhores.

Procurou a vingança em seu sugeito,
 Porque isenções albeas tãto agrauão
 Não consentio negarlhe o seu direito,
 Na vontade a que tantas procurauão.
 Nouas forças prouou cõtra este peito
 Onde as settas de amor se despontauão,
 O caso estranho, ò cousa nunca ouuida?
 Que aqui vim por amor perder a vida.

Numa clara manhã ja quando a Aurora
 Enchendo os Orizontes de alegria
 Pela jurdição sua daquella hora
 As janelas do ceo ao mundo abria.
 O fermoso jardim da varia Flora
 Cuberto de christal se descobria
 Neste valle fermoso onde esperaua
 Eu triste a caça liure que passaua.

B

Daqui

Primavera de

Daqui de entre estes ramos com cautela
Como caçador deſtro, & diligente
Via fogir correndo a clara eſtrela
Do Sol, que ja apontaua no Oriente:
E em louuor da manbã fermosa e bella
Cantar ouuia as aues ledamente,
Dos ramos, que com rayos, que os feriãõ
De eſmeraldas, & douro parecião.

Quando hũa branca cerua atraueſſando
Com o peito vinha o rio cristalino,
Fuy eu no arco a seta endereitando,
Que aly cortar lhe o paſſo determino.
De hũ ſalto a riba toma, e vai buscando
O monte, com furioſo deſatino
Ligeira corre, & a seta mais ligeira
Fez emprego na furia da carreira.

Della recebe em vãõ mortal ferida
Mas desprezando a farpa aguda, e forte
Na ligeireza pondo a propria vida
Traspõs o valle, e mõte (o noua ſorte)
Eu o alcance ſegui, ella a fogida
Ella á dar-me a vida, eu dar-lhe a morte
Deci em fim tras ella o verde monte
Te vella entrar nas agoas de hũa fonte.
Chegando

Chegando não vi mais que a limpha pura
 Sem rastro, & sem final que aly ficasse
 Olheya, & nella vi minba figura
 Que outra virâ ja mais que tâto amasse
 O trabalho de andar pella espesura
 Aly me aconselhou que descançasse
 Depois cõ o caso estranho o peito frio
 Deço outra ves do monte para o rio.

Não sabia que o fado por guardarme
 Dos perigos de Amor me offerecera
 Tão noua occazião de retirarme
 Seguindo pello monte a branca fera
 Não soube como incauto desuiarme,
 Que o successo mostrou, que bem pudera
 Tornei buscar a morte, que fogira
 E buscara melhor se a causa vira.

Vejo chegando andar sobre a corrente
 Hũa nimpha cortando a onda leue
 Cujos membros do corpo transparente
 Fazião parecer escura a neue.
 O Sol ficou escuro no Oriente
 Em quanto a noua luz defronte esteue
 Sò as agoas, que os seus braços diuidião
 Como cristais, com o Sol resplandecião.

Primavera de

Diante a branca escuma vem ferindo
No peito de crystal fermoso lume
Das arvores, que o rio estão cobrindo
Cada qual darlhe sombra aly presume:
Os peixes, que das lapas vão sayndo
Pelo rigor do Sol como he custume
Qual toca o brãco pè na agoa escõdido
Qual se mostra è chegar mais atreuido:

A espaços voltaua os olhos bellos
As ondas, que cõ os braços apartaua
Mouêdo ondas de amornos seus cabelos
Que o derretido aljofar borrifaua.
Eu que para meu dano ousaua vellos
Neilles a pouco, & pouco me enlaçaua:
Não ouue Amor mister poder sobejo,
Que eu mesmo me venci de meu desejo:

Confuso estaua, & preso no que via
Seguindo ja de longe o meu tormento
Quando o mouer das agoas me acendia
Com amoroso fogo o pensamento.
Hora toda nas ondas se encobria,
Hora trocando o doce mouimento
Encoitada quebraua a clara vea,
Hora tomava pè na loura areia.

E em

Eem quanto gozo a vista soberana
 Onde o sentir commum ficaua falto
 Não podêdo entêder q̄em cousa humana
 Se pudesse esconder valor tam alto:
 Qual vista de Acteon outra Diana
 A vi com desusado sobrefalto
 Fogir de hum Fauno ousado q̄ defronte
 Vem saltando tras della para o monte:

Não pode em mi sofrer a ardente chama
 Que em fogo me abrasaua o viuo peito
 Que não saise dentre a verde rama
 Por atalhar ao Fauno o passo estreito
 Elle voltando em ira aceso brama,
 Ou se tornou por medo, ou por respeito,
 E a nimfa que do monte estaua vendo
 Outra ves para o valle vem decendo.

O pejo de ser vista em tal estado
 Mil vezes lhe mudaua a cor fermosa
 Passada vinha do temor passado
 Mas tornaua a corar de ver gonhosa
 Em igual posto eu tinha o meu cuydado
 Quando ella mais corrida, e vagarosa
 Segura para o rio se chegaua
 Que de contente as ondas leuantaua:

Primavera de

Voltou a mi de perto o rosto ledo
Em graça de valer lbe em tal perigo.
(Quem julgara de Amor este segredo,
Que com isto cobrou nouo inimigo)
Mais perto me cheguei deste penedo
Estreitando o caminho que hora sigo
Onde passando a ninfa deligente,
O caminho atalhei ligeiramente.

Porem tocando o peito delicado
Logo a pena senti do desatino
Que ella cõ força em tão leuãta obrado
E inuoca contra mi poder diuino.
Sem ella, entre estes ramos enleado
Fiquei como permite o meu destino,
Aos membros o vigor lbe vay faltãdo,
E em liquido cristal se vão trocando.

Dos olhos corre a vea clara & pura
Que em si recolhe o peito como hum seo
Partese em dous regatos a verdura
Criando varias flores pelo meyo.
A voz ja não se entẽde, mas mormura
Por entre os aluos seixos, nouo enleo,
E porque o peito estãua em fogo ardẽdo
Tambem com fogo as agoas vẽ nacẽdo.
Tudo

Tudo isto via o fauno, que tornara
 Buscar a bella ninfa aquem perdera,
 Evendo como assi me transformara,
 E que elle de meu mal a causa dera,
 A amor a minha historia perguntara,
 E por ordem dos fados a escreuera
 Deixandoa nestas pedras escondida
 Ao segredo do tempo offerecida.

Se algum pastor aqui por sorte estranha
 Descobriendo esta pedra tosca & dura
 Das correntes, & câpos, q̃ o Lis banba
 Achar esta encantada sepultura.
 Conte aos guardadores da montanha
 O segredo que vio nesta ago a pura
 Pera que nella vejão cada dia
 Como castiga amor hũa ousadia.

E Ntados ficaraõ todos os pastores ouuindo a estranha
 historia de Sileno, & vendo ante seus olhos exemplos,
 & finais de seu successo, virandosse hūs pera os outros co-
 mo que emudecerão, significauão o espanto daquella noui-
 dade. E depois de algum espaço tomaraõ entre si parecer
 do que farião. Hūs julgauão, que era bem ficar no mesmo
 lugar aquella historia enterrada, outros, que a diuulgas-
 sem primeiro a todos os moradores do valle, dos quais aly
 vierão algũ juto da noite, pera se banharẽ nas agoas da fõ

Primavera de

que contra muytos males tinhão aprovada virtude. Como em fim anoiteceo, ouueraõ, que ao outro dia tomarião sua determinação, & com esta se apartaraõ, leuando pera o lugar aquella antigualha, a qual todos aquelles primeiros dias foy muy vista, & celebrada, assi por cousa dina de memoria, como por ser castigo dado por amor, a quem elles feruião, que he cousa muyto ordinaria approuar as grãdezas de hum poderoso, quem se confessa por seu fugeito.

FLORESTA TERCEIRA.



Quella noite, & a que depois se seguiu, passou Lereno em quieto sono, sem lhe vir à lembrança mais, que as occupaões, & passatêpos do dia, o qual elle gastou cõ os pastores, celebrando cõ musicas & canções o segredo, que aquelle penedo guardara tantos annos, pera se manifestar em tal idade. Passados estes primeiros, amanheceo ao outro dia, em o qual, o pastor, triste & pensatiuo sem conhecer a causa de sua mudança, aborrecia a cõuersação dos companheiros, & a companhia do seu gado. Assi deixando no pasto se foy ao longo do rio ribeira acima, ate dar nas fraldas delle, em hũa cõfusa penedia, cuberta de arvores sylvestres, q̃ dos cauernosos riscos, por entre escuro musgo vem sayndo: & junto a hum penedo, de que por cima da viçosa ruda, & crespa tageda cahião alguãs gotas, vio hũa lapa talhada entre dous penedos mal cuberta de hũa lagem, que por mão da natureza parecia fabricada, afastou elle a pedra, & entrando na coua, ouuia dentro o furioso ruydo do rio, que por baixo daquellas concavidades se espedaçava, & a terra como abalada daquella furia estaua tremendo. Parecelhe ao pastor o lugar conforme a inclinação que aly o guiara, & entrando pouco a diante se assentou

assentou sobre hũa pedra, onde ao som das, agoas que nella batiam, começou a cantar deste maneira.

Tristezas, pois me buscais,
Dizeime o que pretendeis,
Que eu não sei porque naceis
Nem de que vos sustentais.



Se em meu liure sentimento

Tiucra amor feito proua,
Sospeitàra que ereis noua
De amoroso pensamento,
Porem não trazeis sinais
Que mostrem donde naceis,
Deixai-me não me canceis,
Pois em balde vos cançais.

Se vindes porque algum dia

Me vistes mais natureza
Pera males de tristeza
Que pera bens de alegria,
Sabei, que antes que venhais
Bem pode ser que enganeis,
Porem como entristeceis
He certo que aborregais.

Se vos manda a sorte dura

Pella causa, que em mi ve
Tristezas, sois sem por que,
Porque eu não busco ventura.
Se vindes porque buscais
Tristes a quem contenteis
Muyto mal me conheceis,
Que eu não sou quem vos cuidais.

Ide a buscar quem vos ama

Despresando a minha sorte,
Quem acha gloria na morte,
Quem na busca, & quẽ na chama.
E pera que conheceis
Se he justo que me enfadeis
Vede o mal que me fazeis
Vede o bem que me tirais.

CAntaua o pastor, & daua mais tristeza a sua voz o echo que atornaua a trazer de entre os rochedos, ar que em sospiros no ar a desfazia: tudo isto concertaua tal harmonia pera os sentidos, que antes do fim da cantiga Lerenno adormecco, & não ja por pequeno espaço, porq̃ quando acordou de hũ pesado sonho, era a tẽpo que o Sol estava

Primavera de

no mais alto do meyo dia, & não atinando com o lugar por onde entrara se foy metendo, pella lapa adiante cuidando, que sahta della, & da ly foy sair a hum fermoso prado cuberto de graciosa verdura, onde como em jardim proprio da natureza, auia toda a variedade de flores, & boninas: em roda era cercado de muytas aruores, que sem ordem, mas com hum apprasuel desconcerto estauão entremetidas: em meyo do copado salgeiro, & sombrio freixo se leuantaua o funebre acipreste, sobre o sagrado louro & branco Alamo se derramaua em curiosos laços a verde parreira: & da amorosa murta, que com meudas ramas, cercaua os cibados representando artificiosas figuras, que de outras cheirosas flores se cobrião, & ao longe apparecia com agudas folhas o aspero pinheiro pello pé de huã ferra que por ambas as partes se aleuantaua, & na decida della ficauão algũas cabanas de pastores, obradas com muyto arteficio, & galantaria. Espantado ficou Lereno da quella estranheza, vendo junto no valle onde se criara, cousa q̃ os naturais delle nunca virão. E deseioso de saber em que lugar estaua se foy para huã fonte, que corria entre o aruoredo, aqual nacia das entranhas de hum marmore, donde a agoa hia tirando branca & meuda areia que como ourella daquelle prado com os rayos do Sol resplandecia, aly achou hum cajado sobre a verdura como que a alguẽm esquecera naquelle lugar, & leuantádoo entêdeo que deuia ser de algũa pastora, que alem de estar sotilmente laurado tinha no rematte huã figura de mulher, tirada ao natural, com elle foy o pastor tomando hum caminho que por entre altas aruores guiava ao cume do monte, & depois de andar por elle grande espaço em hum piqueno campo que cobria huã copada aueleira vio que estaua dormindo huã pastora, em cuja vista elle ficou taõ alheo de todos os sentidos,

sentidos, que nem atinava, no que faria, nem lhe lembrava a estranha ventura que aly o trouxera, & enleado neste sobressalto como quem sem alma ficara, esteve contemplando a fermosura que via no bello rosto, que com hum fraco rayo de Sol, que de pura inueja por entre os ramos a descobria representava na terra huã fermosura diuina, a cor com hum transparente cristal que cuberto de rosas as retratava, a boca de dous fermosos robins que ao doce respirar do sono descobrião, hum thesouro de ricas perlas onde as orientais ficauão sem preço, os fermosos olhos ainda cerrados por entre negras pestanas estauão faiscando rayos de Amor, os cabellos em aneis soltos sobre as flores, que mal julgava a vista a cor, que tinhão, porque hora com transparente mouimento pareciaõ deuro, hora variando a vista com hum fermoso escuro se entristecião. Tinha vestido hum vaqueiro de monte guarnecido de aluas pelicas com viuos amarelos: huã aljava de deurdadas setas debaixo da cabeça, & o arco metido pello braço esquerdo como que cansada da caça adormecera. Depois que o pastor, como quem acordava de hum pesado sono, tomou oulada, & entrou em imaginar no roubo de sua liberdade, julgando que ou a que dormia fosse a fermosa Diana, que esperava o seu querido Endimião naquella montanha, ou a bella Venus, que com as armas do poderoso filho buscava o bello Adonis, porque nem o lugar tinha por morada de homens humanos, nem aquella fermosura, se não por extraordinaria: nem ou sou despertalla, nem esperar, que acordando perdesse com o bem que tinha as esperanças doutro furto tão venturoso: & tomando da aljava huã seta, não na fiando do curram a meteo no seo, & creuendo no cajado, que achara estas palauras lho deixou encostado sobre o braço.

Dormindo

Primauera de

*Dormindo mais descuidada
Quem te ve deixas sem vida,
Mas foge a caça ferida
E vay morrer apartada,*

*E porque alguém não cometa
Leuar tal presa por sua,
E se conheça que he tua
Leua no peito hũa seta.*

COm isto se foy Lereno, mas como deixaua os olhos & o sentido no lugar de que se apartaua, a cada passo per dia outro por alcançar com a vista aquella gloria : & ja donde escaçamente por entre os ramos a hia diuisando, vio que acordaua, & que abrindo os olhos encheo de noua graça as aruores, as eruas, & as boninas, como que de sua vista todas nacião, & espantada de ver sobre o braço aquelle cajado, que aly não trouxera, pondo os olhos neile, vio as letras, que o pastor de nouo lhe escreuera, & não se mostriando descontente do que dizião, lançando a aljaua ao hombro, o leuou consigo, & em ligeiro passo qual a fermosa Atalanta atraueffou o monte, donde Lereno perdendo a de vista se apartou logo, & foy buscar o passo por onde entrara, sahindo ao seu conhecido pasto, tão alheo de si, pello que vira, que as proprias ouelhas o estranhauão, & cõ os olhos nelle, deixando as eruas, cõ sentido balar, parece, q̃ estauão perguntando a causa de sua mudança, ao que elle respondia com algũs suspiros, que as amedrentauão, & daly a pouco espaço, guiandoas pera o curral, lhe foy cantando esta cantiga.

*Desconheceifme meu gado
E pois que así quer Amorr,
Buscai de oje outro pasto
Que eu ja tenho outro cuidado.*

*Em quanto mais não cuidaua,
Que em vosso pasto, & defenza*

*A todos fiz differença
No modo com que pastaua,*

Agora

Agora sereis tratado
Como me tratar amor
Não sei inda se em pastor
Porque he alheo o cuydado.

Minhas ouelhas queridas
Que amim voltando ballais
Pareçe que adeuinhas
Em verme que estais perdidas
Ia se troucou meu cuydado
Perdeesse o vosso pastor
Mal tereis bom guardador
Em quem foy tão mal guardado.

Nunca assi me acantelei
Do dano que em vão temia

Posio que então não sentia
Pareçe que adeuinhei
Tambem vos sentis meu gado
De certeza, ou de temor
Que perdeis hum bom pastor
Perdido por hum cuydado.

Não guarda o tempo respeito
A alguem, que com gofio vira
O que he mais liure cativa
E faz liure o mais sujeito,
Ereis tẽ gora o meu gado
Eu era o vosso pastor
Hoje tenbo outro senhor
Vos tereis outro criado.

A Ssim leuaua Lerenõ o seu rebanho, antes que os outros pastores recolhessem o gado, porque sempre a hũ faude se a noitece mais cedo, & logo em sayndo do valle na encruzada de dous caminhos, que vão entre os pumares da Aldea, viu estar duas pastoras Bellisa, & Pinea sentadas ao pe de hum ameciro, com hum papel na mão, o qual hião lêdo a etpaços com tanto riso, & differença, que ao mais defcuidado farião cubiça de ler o que continha: & posto que elle passou sem mostrar este desejo, como ellas o teucraõ de lhe communicar aquella graça, leuantarãse a tempo, q o pastor as saudou, & Bellisa disse para elle. Aqui verás Lerenõ a obediência, que te guardão as pastoras da nõtãha, que ate o segredo de seus amores te cõfiã: agora se me pertares te direi hũs meus, que ainda que a daina he tão fea, não são pouco engraçados: a o que o pastor respondeo, contrafazendo

Primavera de

trafazendo alegre rosto, nê eu tenho da causa essa opinião, nem delles deixarei de ater muyto boa sendo taõ bem empregados, de peita te offereço o gosto & desejo, que ja tenho de o saber & se mais queres de mim, escolhe como em coufa tua. Ia ouvirias (tornou ella) que não ha mulher, que não tenha hũa parte de fermosa, & esta he muyto grãde pe-ra imaginarẽ todas, q̃ o saõ, eu por meus peccados ha muyto tẽpo, q̃ me tinha por a mais desemparrada neste engano, sem achar no meu rosto coufa q̃ podesse ferir hũa faísca de amor: & quando cõ esta magoa me tinha por liure de seu seruiço, de subito se me leuanteu hum amante, que cada hoia leuanta mil testemunhos á fermosura, & por a minha ser extraordinaria, quis, que tambem nella o fosse a causa de sua affeição, & affirma, que se namorou de mim vendome merendar ao pe de hũa fonte, da verdura, que os pegureiros trazião das hortas: não sei, se na vontade cõ que eu comia, se no sabor dos manjares achou graça, que está desperdiçado por meus amores, como o cõfessa em hũa carta, q. e Pinea, & eu liamos quando chegaste. Por certo (disse Lereno) deixando as mais razões, que o pastor tem de ser teu perdido, que he essa de muyta força, mas se a carta tẽ tanta pera alegrar a hum triste como o conto a teue, não te escusaras, que a não leas. Isso auia eu de fazer (tornou ella) ainda que tu não quisses, & se vinhas triste, ja me podes agradecer o remedio. Este vem tarde (disse Pinea) pois qualquer espaço, que cortas com a pratica deues em restituição a carta. Então começou ella em alta voz, & dizia desta maneira.

Não te quero bê pera que mo queiras pois (mal peccado) ja sei, que he coufa escusada, mas porque não posso alfazer de minha vontade, se tomastes em teima quererme mal á cinte, praza a Deos, que não to acoime, antes te arrependas a tempo, que a amor com sanha não seja vingado. Desejo saber o

ber o
da tu
quer
ção a
me t
ti est
escar
troua
rei c

S E
E
Q
O

Pore
A
E
A

Logo
Q
Se

Certo
E
Q

B E
co
merco

ber o por que te aborreço, se tu o sabes dizemo, terei se quer da tua boca hum defengano, mas descança de deixar de te querer, por muitos que veja, porque tambem o meu coração aprendeo dos teus olhos a ser teimoso, tambem sei que me trazes entre os dentes, porque quando me namorei de ti estauas comendo, porem vejo, que não he muyto que escarneças de quem tomaste em desprezo de matar : hũa troua te mando, que janda a eu ouue, se te não aprouer farei conta que tal he a minha dita.

SE quando merendaua sobre o prado
 Eu ferrara os meus olhos entrantes,
 Quicais me não trouxeras entre os dentes
 Onde me tens Bellisa atraueffado.

Porem eu era endouto mal peccado
 A outras condições muy differentes,
 E assi nestes desejos muy contentes
 Amor me enfeitçou co teu bocado.

Logo agourei dali tanta mofina,
 Que o chorar tenbo sò em boa estrea
 Sem ter ora outro mal de q̃ me queixe:
Certo he, que heide morrer nesta continua
 E que se ha de dizer por toda a Aldea,
 Que morri polla boca como o peixe.

BEM declara o pobre amante sua paixão (disse Leréno) com as palauras que sabe, poré val pouco a razão, pera me recer onde se festejaõ com riso males tam verdadeiros, querelhe

Primavera de

querelhe bem, pois o deues a quem te ama, & não tomes em graça a tua pena. Ainda eu sou mais ditosa (disse então Bel-lisa) do que cuidaua, que ja que o meu galante não tenha partes merece ter hum alcouiteiro a quem ellas não faltão. Tambem essa tenho por boa (respondeo elle) folgo de to parecer, & logo me pus da do teu namorado, porque lhe senti razão, pella causa que escolheo pera afeiçoado. Sô essa parte teue boa (tornou ella) porque estou bem cõ amores de merendar. & não hús, que são puro fastio, porque que com elles trata, logo mostra na cõr a fraqueza em que poe o coração. Liure estã o teu (lhe respondeo Pinca) d'esse perigo com o vaqueiro da carta, & pois que a leste a Lereno, o menos serã dizerlhe o nome. Em estremo (disse elle) folgarei de o conhecer, pois ja me estã em diuida da boa vontade q̃ mostrei em sua ausencia, para saber se a empreguey rão bem, como elle o soneto, que te eu não sei gabar. Outro dia (tornou ella, terã mais larga informação de sua presença, & pois este he acabado, vay teu caminho, que o nosso fica desuiado. Isto mostrou o pastor, que fazia contra sua vôtade, & despedindose tomou pera os currais, imaginando em seu emprego, que mal pode o de bẽns alheos tirar a hũ triste o sentimento de males proprios.

FLORESTA QVARTA.



Euantouse Lereno ao outro dia em amanhe-
cendo, porque cuidados de amor não so-
frem quietação em hũa alma que o serue,
& desejando communicar aquelle estranho
succello a quem lhe aconselhasse o que fa-
ria, se passou alem do rio Lena a buscar hũ
antigo pastor seu grande amigo, que habitaua naquellas
montanhas

mortanhas em hum casal apartado, liure do trato, & conueiſação da Aldea, contente da ſoidão daquelles outeiros, do intereſſe de ſeu rebanho, & dos deſenganos, que cõ a idade, & experiencia tinha grangeado. E antes de Lereno chegar aonde elle moraua, o vio eſtar ao lôgo do rio Lena de baixo de hum antigo caſtanheiro, em cuja roda o ſeu rebanho andaua paſtando, & ao ſom de hum dourado ſalteiro com cançada voz, & muy ſuaues accentos cantaua o ſeguinte.

EM quanto eſtã o auaro em ſeu theſouro
Ceuando os olhos, dando ao pensamento,
Materia a vam cobiça de mais ouro.

Em quanto o nauegante ao leue vento
Entrega com as vellas a eſperança
Do temor dos perigos liure, & iſento.

Em quanto vay regendo a groſſa lança
O ſoldado atreuido cujo eſtado
Sò nos braços da morte enſim deſcança:

Em quanto em vãs promeſſas leuantado
Segue o trato da corte perigofa
Quem tão tarde ſe vê deſenganado.

Em quanto na cidade populofa
Nãõ cessa a confuſão de humana gente
Onde reina a mentira poderofa.

Paſcei minhas ouelhas liuremente
A verde berua deſte valle vmbroſo
Fartaiuos de eſperança tão contente.

Primavera de

Gofai do louro Sol claro & fermoso

Agora que vos mostra a face sua

Sem seu rigor ardente, & furioso.

Nenhũa flor o Ceo vos excetua

De quantas pera os olhos mostra, e cria

De dia o claro Sol, de noite a Lũa.

Eu debaixo desta aruore sombria

Affentado sobre eruas, & entre flores

Vos estarei guardando todo o dia:

Daqui vos contarei dos meus amores

Ao som do meu rabel ja tão gabado

Entre as mais das pastoras e pastores.

A vos darei os olhos, & o cuidado,

Vos me dareis do leite, & da lam vossa

trarmeis assi vestido, & abaestado.

Contente viuirei na minha choça

Sem querer dar à vida, & ao temor

Os bês de que a fortuna desapossa.

Eu gozarei da vida a meu sabor,

E vos a passareis tambem segura

Sem recear ao lobo roubador.

Ande o rico melhor tras da ventura,

Melhorese em cubiça, & em riqueza,

Que iguais nos ha de achar a sepultura.

Mais rica he que a ventura a natureza,

E quando

E quando hũ pobre alcança tãto della
 Não tẽ q̃ querer mais, q̃ esta pobreza.
 Profiga o nauegante a sua estrella
 E sobre o fraco lenho no mar alto
 Ande sempre cõ os ventos em cautella.
 Que eu liure estou do procelloso asbalto.
 E quando o Ceo se mostra turbulento
 Fico vendo os perigos de mais alto.
 Se me chouera agora neste assento
 Debaixo de outro tronco me amparara
 Valendome dos pès não ja do vento.
 Se a calma là no campo me apertara
 Quã presto achàra esta aruore sombria,
 Que dos rayos ardentes me liuràra.
 Se a cede c'õ desejo de agoa fria
 Me importunara andando pella serra
 Quam cedo para o valle deceria.
 Busque o guerreiro forte a dura guerra,
 Ou pello largo mar no lenho breue,
 Ou por varios successos ca na terra.
 Ache às pesadas armas trajo leue,
 Tenha os mores perigos por vitoria
 Atè pagar á morte o que lhe deue.
 E no lugar da honra, fama, & gloria
 Ache mais certo o fim, q̃ a vida atalha
 De que a poucos depois fica a memoria

Primavera de

Que eu ca viuo seguro de batalha
Auêdo o meu pellico, & o meu cajado
Tor elmo, lança, arnes, escudo, e malha.
Não vejo o esquadrão forte ordenado
Cõ estranha inuencão, e modo estranho
De ferro, fogo, e de furor armado.
Contente os olhos ponho em hum rebanho
Cujas naturais armas para o frio
Para elle, & para mim ficão de ganho.
Siga da corte, a gala, o termo, o brio,
O engano, o estio, & a priuança
O que deseja mando, & senhorio.
Que em quanto viue, e morre de esperãça
Que tanto dura quanto a vida dura,
Etanto cança quanto a vida cança.
Eu logro as agoas desta fonte pura
De quẽ me está mostrando o claro seo
A bolicosa area mal segura.
Não esconde outro mal nem outro enleo
Outros intentos vãos, outros sentidos
De que me possa vir algum receo.
Liure estou de tratar peitos fingidos
Que fazem mil engauos á verdade,
E enganão com palavras mil ouvidos.
Estou liure de enganos da cidade

E sem

E sem mais desejar outro poder
 Tenho (sequer) de meu a liberdade.
 Trago bem costumado o meu querer
 Se não tenho do pão como da a vea
 Não guardo que esperar nẽ que perder.
 A minha casa he pobre, he sempre chea
 Não desse metal triste, & descorado
 Que a tantos teme, & tãtos senhorea.
 He chea com hum surrão mal pendurado
 Cõ hũ tarro cõ hũ cabas, e cõ hũ pellico
 Hũa frauta, hũa funda, e hum cajado.
 Nella assi pobrememente viuo rico
 E porque como sò por mantimento
 Com pouco mantimento farto fico.
 O ouro não me offende o mar nẽ o vento
 O temor, e os despojos, que ha na guerra
 Da corte a esperança, & pensamento
 En quãto tarda o Ceo quero esta terra.

CAntaua o sabio velho, & o namorado pastor por de
 tras de hum faudofo penedo o estaua ouuindo com
 inueja muy justa de seu contentamento, & acabada a
 cantiga, chegou pera elle, de quem foy com muito gesto re-
 cebido, e entre hũ amoroso abraço lhe disse estas palauras:
 quam mal esperaua eu Lereno de te ver neste desuio, des-
 pois que tanto tempo te esqueceste d'elle, & de mim. Bem
 me conheço eu por descuidado (tornou o pastor) mas o meu
 rebanho me desculpa q̃ andou estes tẽpos atras derramado,

Primavera de

& despeso com as cheas do inuerno, e das minhas mais estí-
madas ouelhas, quatro entre os salgueiros salteadas das a-
goas do monte perecerão cō os tenros cordeirinhos, que as
seguirão: mudeilhe o pasto pera o monte onde os ventos cō
mayor, força as derribauão, & amedrentadas dos rāyos, q̄
sobre os carualhos decião, deixauão o pasto, e à sombra dos
desertos penedos se abrigauão: ficarão tão magras, e eu tão
cansado, que nem guialas podia, nem ellas seguir me, agora,
que com a entrada do veraõ, & cō o nouo pasto, começauão
a engordar ao olho perdi eu o gosto dellas, & o cuidado da
vida, por isso não te espantes de o não ter de te buscar, que
ainda agora o faço mais polo que conuem ao remedio de
minha tristeza, que pelo q̄ te deuo. Que cousa ha de nouo
(perguntou o velho) que em ti fizesse tanto abalo, ou donde
te podia nacer esse desgosto, se he da perda do gado, não na
estranhes, pois não foste só, que das minhas rezes do ar mē-
tio duas no salto da valla me morrerão, & a minha doura-
da cō dous nouilhos em poder de famintos lobos acabou.
Das ouelhas, a mayor parte ao desamparo dos pegureiros
se perderão. As cabras com a ruyna destes barrancos, hūas
ficarão viuas, & enterradas, outras cahindo na furia da cor-
rente entre os borbulhos da agoa, se afogaraõ, & quando
as perdas são de tantos, não te entristeças polla que te ca-
be, que así como os annos se mudão, tambem se melhorão.
Não he essa (respondeo Lereno) a causa de meu desgosto,
ainda que deua ter muyto do dano do meu gado, como seu
pastor, mas em quanto com a falta d'elle tinha liberdade,
esperaua (como tu dizes) o remedio da mudança, porem fiz
outra em minha vida, que ouuera por borato perdela quan-
do começou. A isto atalhou o velho com hū sospiro, e disse.
Amigo Lereno, se eu não perdi de todo o sentimento, teu
malhe de amores, & não sem causa o tens por perigoso,
mas

mas pois em o communicar esta às vezes a cura delle, contame o que te aconteceo. Não ouzo (respondeo elle) cõ temor de achar nisso o mayor perigo, porq̃ me não esquece, que ja te ouui, que os thesouros de encantamento, que aparecião como em sonhos sõmente communicados, se perdião, & porque eu tenho por tal este, que amor dormindo me descobrio, guardo segredo ate lhe ver o successo. Quem poupa thesouro de males (lhe disse o velho) de crer he, que por vontade os padece: & pois tu os estimas não te queixes. Ah fiel amigo (respondeo elle) bem entendes tu, pois amaste na mocidade, que os tormentos nacidos de affeição, sã em a dor saõ tais, & que não ha esta sem queixume, dado q̃ aja gosto em os padece. Quẽ ama, viue nestes encontros e desconcertos, hora procurando por remedio o que lhe causa pena, hora enganandose a si por salvar a sem razão do q̃ sête. Daqui nace, que vindo em ty buscar remedio de meus danos, estou callando o mal donde naceraõ, como que pudesse sem informação ser curado. Não està de todo fora de si (tornou o velho) quem conhece seu erro antes de arrependido, & agora he o tempo em que tem cura esta doença. Amor (como sempre ouui dizer) em minino he brando, & facil de dobrar, em velho he firme, & ríguroso, & ou dura com a vida, ou muito à custa della se acaba. Nestas razões estauão os dous pastores ao longo do rio, quando do outeiro bradaraõ ao velho, que subisse com o gado. Lereno o ajudou a guialo, posto que elle o escufasse, & tambem de deixa rem a pratica: com tudo foy de gosto o caminho, porque chegando à coroa do monte: no chão delle estauão dous pegureiros, que ao olho do Sol trosquiauaõ as ouelhas, & descanzando ao tempo, que o amo chegaua com a companhia de Lereno em perguntas, & respostas, cantaraõ esta cantiga.

Primauera de

Onde es Gil, que te não vem,
No pasto, nem no curral?
Bofe Lourenço ando tal,
Que me não vera ninguem.

De quem andas escondido
Se es de todos desejado?
Demim ando homisiado
Por hum crime não sabido.
Contame como, & de quem,
Que eu terei segredo igual.
Faço alquimia de meu mal
Pera conuertello em bem.

Se isso a teu querer não falsa
Temes o que te assegura.
Temo que saiba a ventura
Que inuentei moeda falsa.
E se amigos sos te vem
Porque temeras tu tal.
Porque me hão de querer mal
Como me virem ter bem.

E cres, que o mal que te estraga
Em tal lugar se te ponha?
Sim, não se faz da pegonha
Contra a pegonha triaga.
Faz, & o mal, que por bem vem
He por ser menos mortal.
Pois não farei bem de hum mal,
Que nacco de querer bem.

Queres Gil dar-me a receita
Do que achares, como amigo?
Buscalla antes do perigo.
Lourenço pouco aproueita,
He logo a fortuna tal,
Que não lhe escapa ninguem,
He, mas no tempo do bem
Ninguem se arma contra o mal.

CAntauão os dous pegureiros muyto bem, & Lereno, que não perdeu o sentido da cantiga, acabada ella disse para o velho. Razões são aquellas de experimentado, & he bom conselho o que dellas se tira: se ouuera arteficio tão poderoso, que apurasse os males de maneira, que ficassem em ouro, mas como elles em tudo são fezes, custoso deue ser aquelle segredo. Muyto custa o bem, respondeo elle, & tudo acaba o siso, e a perfia, e de ver as cousas, & ainda comettellas

mettellas a alcançallas ha grande differença: não te enganes, que quanto amor faz dos homês com seu poder, tanto os homês fazê de amor cõ sua cautella, & não sey se diga q̃ mais, pois elle obriga a hũ homê a querer bem, a quẽ com fermofura, graça, ou outras partes naturais o contenta, & os homês com juyzo, & razão obrigão muytas vezes, que os ame hũa mulher, aquẽ aborrecê: & por q̃a idade ategora te não deu lugar pera mais experiencia, antes pera taõ poucos annos alcançaste muyta, tudo te mostrarã o tempo a diante. Agora vamos té a minha cabana, que se faz tarde, e antes que se ponha o Sol, quero q̃ vejas os enxertos do meu pumar como estão crecidos, & la saberei o successo de tuas cousas, & procuraremos ambos o remedio dellas, que esta noite por força seras meu hospede. Não foraõ necessarios muitos rogos pera q̃ Lereno lhe obedecesse, & logo foraõ pelo valle abaixo té a cabana, q̃ no fundo delle estaua. Contente Lereno cõ a companhia do sabio pastor, imaginando, que no seu conselho acharia principio de remedio, que o mayor que tem os males de amor, he serem guiados por exemplo de successos alheos.

FLORESTA QVINTA.



Esquidado viuia Lereno dos extremos, quẽ Lisea fazia em sua ausencia, que o amor que em presença dissimulara muyto tẽpo, não podia então encobrir a dor de falta tão custosa. Elle buscava conselho pera outro cuidado, que o chamaua. Ella não encontrava pastor no valle a que não perguntasse, se vira o seu Lereno, dando a entêder cõ sospiros a pena q̃ sentia de o não achar. Correo o valle, & o môte, tornou em fim ao lôgo da ribeira do Lis

Primavera de

do Lis onde achou o seu rebanho, cujas ouelhas como fau-
dosas de tão bom pastor, hũas olhando para o pegureiro,
deixauão de comer a meuda relua, outras vendo nas fontes
á sombra de sua figura, com tristes ballos o chamauão. Aly
se assentou Lisa defronte dellas ao pé de hum freixo, por
entre cujas rayzes passa o ribeiro, que com apressado mur-
muro vay fogindo da fonte donde nacera, & aly tirando do
curraõ hũa pena, & papel, escreueo estas palauras.

Ati guardador perdido
Que desamparando o gado,
Sem te aueres por culpado
Andas com razão fogido.

Hũa pastora enganada
De teus poderes vencida
Te roga & deseja vida
Inda que lha tens tirada.

Não pareces ha mil dias,
Nem eu sey aonde te escreuo,
Sey, que não faço o que deuo,
E faço o que me deuias.

Mas não he causa de espanto,
Que nestes erros acerte
Quem sem ti soube quererto
E te soube querer tanto.

Busquei montes, busquei valles,
E onde te busque não sei,
Porque das nouas que achei
Abri caminbo a mil males.

De quem foges, ou porque?
Aonde, & quem vas buscando?
Olha, se não ves qual ando,
Que amor, que he cego me vê.

E se ategora calaua
Males, que sò padecia,
Era, que em quanto te via
De nenhũ mal me lembrava.

Porem hoje, que o desejo
Não acha quem lhe resista,
Pois que te perdeo de vista
Sente o mal em que me vejo.

Deixa deixa o pasto estranho
Tornate ao teu natural,
Se não te obriga meu mal
Lembrete o do teu rebanho.

Comque engano te aconselhas
(Mas tu sò es quem te engana)
Deixas Lereno a cabana
Perdes carneiros, & ouelhas.

Que

Qu
Qu
Braa
Pela

A qu
Bala
Epis
Fica

E se
Tens
Lemb
Porq

Se co
Busca
Onde

Que
Não j
Por t
Oue
Não c

Mas a
Como

D
gure
lhe p
dias

Que em poder do pagueiro
Que reponha a bom sabor
Bradaõ pello seu pastor
Pelas fraldas deste outeiro.

A que te não ve de fronte
Balando o bocado perde,
E pisando o pasto verde
Fica com os elhos no monte.

E se andar teu gado assi
Tens por mal fraco, & pequeno,
Lembrate de ti Lereno,
Porque te esqueces de ti.

Se como eu vou sospeitando
Buscas fogitiuo amor
Onde o acharas melhor
Que onde elle te anda buscando.
Não fujas a quem se esconde
Por te esconder de quem te ama,
Ouue, & falla a quem te chama
Não chames quem não responde.

Mas ay triste, & sem sentido
Como eu mesma me condeno

A quem quereras Lereno
De que não sejas querido?

Quem te negarà a vontade
Tendo na tua esperança?
Se sò com hũa esquiuanga
Me compraste a liberdade.

Perem inda em termos tais
Que esse amor teu tenha fruito
Podete outrem querer muyto
Não te pode querer mais.

Acharas noutra ribeira
Pastora mais graciosa
Mais discreta, & mais fermosa,
Porem não que mais te queira.

Torna, conbece teu erro
Deixa hora a terra albea,
Que te quer bẽ toda a Aldea
Ninguem te quer no desterro.

E eu não te dou tão barato
Amor por não ser de prego,
Porque em nada desmerego
Senão se fores ingrato.

Depois que escreueo, & ferrou a carta, com mil sospiros,
que lhe nação da faudade de Lereno, chegou ao pe-
gureiro, que logo a conheceo, & com amorosas palauras
lhe pergütou. Que nouas tês Serrano do teu pastor? q̃ tãtos
dias ha q̃ deixa este seu gado, e aty cõ os encargos delle. Bo
fe(respon-

Primavera de

(respondeo o pegureiro) que te não darei boa conta de sua vida, porq̃ a elle dá tal de si, que não sei mais, que estranhar as nouidades que nelle vejo. E essas, quais são (disse a pastora) pode ser, que pellos effeitos se conheçao mal. Qualquer que o mal seja (tornou Serrano) he perigoso, & inimigo da vida, & do socego, porque Lereno atêgora ria & zombaua, hoje sospira & chora: buscaua os pastores, agora foge delles: esmorecia sobre o seu gado, agora aborreceo, & desemparao: era aprasiuel a todos, agora intratauel: não sabia das festas e lugares publicos da aldea, hoje gasta o dia entre os matos, e a menor parte da noite na cabana: finalmente nê se lembra de sy nem viue, não sei aonde agora he ido nem donde lhe veo este cuydado com lastima delle o cõteci a minha tia Lisandra que como tu sabes entende das heruas, & das estrellas, & deue saber pellos sinais a natureza do mal quem sabe darlhe o remedio: pela informação que lhe dey, disse-me, que o seu mal era amor ou doudice, q̃ tanto monta. Se tal he, dao tu por finado, porq̃ Lereno he de fraca natureza, & os frenezis de amor muito poderosos pera a destruyr, não durará muito. E donde te vê a ty (perguntou a pastora) ter em tão ma conta os frenezis de amor. Pela que elle da, tornou Serrano, de quẽ o segue, e o serue. Nunca outra cousa ouui, se não blasfemar de suas sem razões: & ainda Lereno antes deste successo, ja doutiua dizia mal de seu senhorio, como quẽ agora auia de experimentar quãto custa conhecelo, se eu a tal estado chegasse, lóge va o meu agouro, antes escolhera a morte, q̃ a sugeição, por não aceitar vida em q̃ hũ homẽ ha de perder a própria vôtade, e andar grãgeãdo a alhea, q̃ em galardão disto as vezes se entrega a outra, q̃ fica senhora d'ãbas. Grãde he a força de amor, disse Lisea, e todos esses cõtrarios consente, mas não o agraua, porq̃ he vingatiuo, & não se paga de liberdades

alheas

alheas, & pouco te valerã conhecer seu dano pera fogir-lhe, porq̃ a logeição da vôtade não deixa juyzo liure dôde fica leue a culpa de quem por sua causa comete desatinos. A isto lhe atalhou Serrano: fallas tanto ao certo, que me parece, que algum tempo tiueste esta doença, porque não pode saber tanto della quem a não sentio. Oxala (tornou a pastora que (como tu dizes) fora só em algum tempo, que nenhũ eu tiue fora desta fugeiçãõ, & agora alem de fugeita estou catiua com tão pouca vontade, & esperãça de me ver liure, que não procuro mais, que fauorauel catiueiro. Não cuído eu (dille elle) que auera alguem, ainda que por natureza seja isento, que não queira conhecerte por senhora, quanto mais terte por obrigada, & com esta certeza ey dô de ty, pefame de teu mal, por que nenhum mereces: porẽm não te agastes, que se Lereno le acha bem com hũas eruas, que Lisandra andou buscando esta madrugada junto do Lena entre hũs penedos, tu aueras cura. A que eu quizera (respondeo Lisea) não he que n e faltasse este mal, mas que a causa delle, ao menos com sua vista quisesse dar-lhe remedio. Couza he esta (respondeo elle) facil de alcançar, & que ninguem te negarã. Só por teus meynos (tornou ella) a eu pu dera auer muy cedo. Ainda he logo mais facil do que eu cuydaua (dille Serrano) porque não auera nenhũa couza de teu gosto, que eu não faça com muyta vontade, & agora com mayor pella compaixãõ de ver tal a Lereno, por isso dizeme o que posso fazer em teu fauor. Nenhũa outra couza mais (dille a pastora) que dares-lhe esta carta como vier ver o rebanho, encobrinholhe agora o nome de quẽ ta deu porque nisso está a minha vida. Por certo (tornou Serrano) que a tens em perigo, por que eu procuro saluar de hum a Lereno, & tu queres, que o meta em outro. Porẽm (como dizem) às vezes huã peçonha mata a outra, dãme a carta, & guarda

Primavera de

guarda segredo no officio, que eu farei nelle marauilhas.
Nouo coração me deste (disse a pastora) com essa promessa,
& se eu lhe vir tão venturoso fim, como espero, prometo,
que não te peze de empregares o cuydado em me valer.
Mas agora dissimula, que vem decendo pello valle abaixo
Nise, & encaminha com os olhos pera ca: finge que me in-
finas a toada de algũa cantiga. Logo Serrano tomou o ar-
rabil, & em voz baixa, como que infinava, cantou este vi-
lancete.

*Vay o rio de monte a monte
Como passarei sem ponte.*

*He o rio muy arriscado
Sò nelle he certo o perigo
O tempo como inimigo
Tem me o caminho tomado
N'um monte està meu cuidado,
E eu posto aqui noutro monte
Como passarei sem ponte.*

*Tudo quanto a vista alcança
Cuberto de males vejo
D'aquem fica meu desejo,
E d'alem minha esperança,
Esta continuo me cança
Porque està sempre defronte,
Como passarei sem ponte.*

A Este tempo chegou Nise, & cõ a cor alterada da pre-
sa que trazia, se assentou junto a Lisea, & Serrano, que
logo lhe perguntarão a causa porque assi vinha. Venho
(disse ella) fogindo do mais importuno pastor que ha neste
monte, & este he Alcco, que ha mil dias que me persegue,
& quer ter me obrigada a ouir seus desatinos. E com esses,
que pretende (perguntou Serrano.) Dar a entender, que me
quer muyto (respondeo ella) & he de tam pouco fruito o seu
amor comigo, como o credito, que deseja que eu tenha del-
le. Com pouco se contenta quem padece (disse Lisea) quan-
do se satisfaz, com seus males serem cridos, & não lhe deuia
negar cousa tam facil, quem não faz conta de lhe dar outro

reme-

rem
atal
bara
rega
jorn
se q
dete
a de
ifen
cust
deza
mel
rinh
se o
este
elle
con
ouu

Lagri
Pa
Sò
E
C
A
O
Se
Pe

remedio. Bom era esse (respondeo Nise) se assi pudellemos atalhar perseguidores de vontades alheas, não sey mayor barato, que dar lhe essa fe, mas não ha nenhũ, a que não pareça, que de serem sua afeição a pagarem lha não ha hũa jornada. A isto disse Serrano, com geito de mageado: que se quer desobrigar todas as portas ferra ao amor, & nesta determinação esta a culpa: pois não he taõ piquena diuida a de hũa afeição verdadeira, que se possa hũa pastora isentar della, sem ser defagradecida. Poré esta ja tanto por costume esta se mrazão, que tem suas esquiuanças por grandeza, & o que melhor he, que poucas passão sem pagar na mesma moeda a offensa que fazê aquê lhes quer bem. Não tinha Alceo em ty mau procurador (disse Nise) se entre nós se ouuera de julgar a sua causa, outro dia lhe virã em que esteja menos cruel, & mais afeiçãoada. A este tempo decia elle de hum outeiro pera o valle, & Nise como o vio, se escondo entre hũs syluados, & Serrano, & Lisea o ficaraõ ouuindo, que passou, cantando a cantiga, que se segue.

*Poderã pedras quebrar
Quando em duras pedras derã
Lugrimas, que não poderã
Comuoso nada acabar.*

*Lugrimas mal empregadas,
Pois sois mal agradecidas,
Sò da razão reprendidas,
E da vontade choradas
Que mais podestes mostrar
A força de hũs olhos tristes.
Obrigados a chorar,
Se quando em pedras caistes
Poderã pedras quebrar.*

*Como assi degenerais
Do poder que antes tiuistes,
Quebrais pedras aonde destes,
E hum coração não quebrais:
Se foy por que se perderã
As que então esperdicei,
Que tão pouco me valerão:
Como então as chorarei
Quando em ritas pedras derão.*

Primavera de

Esse coração de fera
Nise, que me está diante,
Como he pera mim diamante,
E pera outrem banda cera.
Que remedio bastará?
Pois que os mais não me valeram,
Contra a dureza em que está,
Mas que cousa poderá?
Lagrimas que não poderão.

Quem de vossa fermosura
Alcança o que me negais
Não me tem ventagem mais,
Que somente em ter ventura.
Não consente minha estrella
Que esta vos possa obrigar
Pois eu com seruir, & amar
Nunca ja pude sem ella
Comusco nada acabar.

AT R A S de Alceo se leuantaraõ logo as pastoras, & com Sertano recolheraõ o gado, que em quanto durou o caminho lhe foy tocando hũa frauta, o que elle fazia com muyta graça, & com a noite que vinha ameaçando cõ grande escuro se foraõ às cabanas. Nise fogindo de qué a amaua, & Lisea buscando a quem lhe fogia (que nesta differença de cuidados se recrea amor, como inimigo do socoço de quem o serue.

FLORESTA SEXTA.



DE P O I S que pello discurso da noite passada, o bom velho Titero soube de Lereno o que no valle desconhecido lhe acontecera, obrigado do amor que lhe rinha, gastou muitas palauras, & saõs cõselhos pello aquietar, temendolhe o risco do cuydado em que entraua, persuadião, q̃ se não entregasse de proposito àquella fantasia, que o não tinha, antes a tiuesse por sonho como representaua, & com quanto a elle o mouião muyto as palauras do velho, & lhe tinha respeito de muytos annos,
como

como a força de amor he mayor, que a da propria vontade, não obedecia com o coração ao que cõ a lingua prometia, por comprazer ao amigo, que o aconselhaua. Leuandose pella manhã, despediose Lereno do velho, que té chegar as ribeiras do rio Lena o acompanhou, encomendãdo-lhe o resguardo de seu perigo, mas elle, que tinha a vida em o accõmeter, em lugar de tornar à Aldea, & acudir ao desamparo do seu rebanho, tomou de nouo o caminho onde se perdera ao longo das prayas do rio Lis, entrou pela caladura dos dous penedos, & foy pelas suas proprias pisadas àqueile lugar onde ja vira a causa primeira de seu cuidado, & aly com mil sospiros a chamaua, porem estaua taõ mudo todo o valle, que nem as aruores com a brandura do vento se mouião, nem os passaros com suaues accents lhe respõdião, nem as feras com acustumados passos atraueçauão a montanha: tirou elle a lyra, & sentado sobre hum cortado tronco cantou o que se segue.

Qual o ceruo ferido

Da seta venenosa atormentado

Ligeiro corre o monte, & a espessura

Atè que sem sentido

Vem cabir no lugar mais descuidado

Onde a força prouou da frecha dura

Assi minha ventura

Depois que vida ja não me consente

Permitte justamente

Que onde tiue a ferida

Venba nas mãos d'amor deixar a vida.

D

Qual

Primavera de

Qual simples borboleta,

Que enganada na cor do viuo lume

Acha na ardente flama o desengano

E com tudo inquieta

Atè que nelle as azas não consume

Liure se não quer ver de tanto dano,

Afsi num cego engano

Corro atras de meu mal cõ tanta gloria,

Que perdendo a memoria,

Que pudera guardarme

Naluz q̃ me offêdeo venho abraçar-me.

Qual o menino nobre,

Que leuando na mão joya de preço

Por cubiça, de alguẽm lhe foy tirada

Que com o dedo descobre

Com innocentes mostras o successo,

Ao pay que lhe pergunta & q̃ lhe brada

Eu a quem foy roubada

Aqui a liberdade, & a razão

Ainda que seja em vão

Venho com sentimento

Mostrar este lugar ao pensamento.

Mas se por sorte estranha

Venho onde fuy ferido a perecer,

He

He ida a caçadora liure & bella:
 Que aqui nesta montanha
 Estranha gloria fora padecer
 Se antes de perecer tornasse à vella,
 A seta trago, & nella
 Ia por hum fio a vida se sustenta,
 E o que mais me atormenta
 He não ver a belleza
 De quẽ ordena amor, q̃ eu seja a preza.

Se na chama amorosa

Que as azas me queimou quando voava
 Venho a deixar a vida por meu gosto
 Que he da luz tão fermosa?
 Que inda por entre as nuuẽs me cegana
 Com o rayo, que feria o bello rosto,
 Se este Sol he ja posto
 Pera que madruguey tras minba fim
 Mas quer a sorte assim,
 Que pois fiz tal emprego
 Em me atreuer ao Sol, que moura cego.

Se aqui me despojou

Aquella fermosura sobrehumana
 Do ser & liberdade, que antes tinba
 Que he de quem me roubou?

Primavera de

Se fogio tão ligeira, & deshumana
Como a seta cbegou a esta alma minba
Se se foy tão asinha
Por leuar como roubo hũa alma albea,
E furtos se arrea
Ab não ma restitua,
Que eu confessearei logo, que era sua.

Aqui dormindo esteue
Aly tinba a aljaua, & setas de ouro.
Daly por entre os matos se escondeo,
Aqui só se deteue
Quando o cajado vio (dito so agouro)
Eo que eu nelle escreui contente leo,
Mas se isto appareceo
Em vão a meu sentido cubiçoso
Por sonbo mentiroso,
Se eu era o que dormia,
E imaginaua a gloria que não via.

Porem se sonbo fora
Como este prado, & valle inda apparece
Estas ramas sombrias, este outeiro
Que mostraõ ainda agora
A verdura das folhas, que escurece
A falta do seu Sol como primeiro

Como

Como não foy ligeiro,
 O monte, o valle, as plantas, & a verdura
 Tras sua fermosura?
 Porque era tudo agreste
 Sò o que ella leuaua era celeste.

EM quanto com estes versos se queixaua de feu danno, não andaua tam longe a causa delle, que a espaços o não ouuisse, & chegando perto com duas pastoras, que na caça trazia por companheiras, da cantiga que lhe ouiuo, & tambem do que ja lhe succedera com o cajado, conheceo fer aquelle o pastor, que lho deixára sobre o braço, & ou cõ a cubiça de o cobrar, ou por curiosa de saber quẽ era, mais quo obrigada das magoas, que lhe ouuira, adiantandose das outras lhe appareceo, deixandoo tam salteado, que por grande espaço perdeo a cor, & a voz: mas ella com a sua (que a tudo respondia às mostras do rosto)o assegurou, dizendo. Vejo que mostras espanto de minha presença, e não a tenho por tam temerosa, que ponha a alguem em receos, se os teus são das armas, que me ves, assegurate que estás liure de dano, porque o não fazem mais, que às feras deste monte. Ouui cantar, & desejei saber quem era, & agora o caminho, que aqui te trouxe, porque o deste lugar he tam cerrado, que ha muytos tempos, que o não pisou pastor estrangeiro. Neste tempo estaua ja Lereno com mais sentido, porem ainda enleado lhe respondeo. O caminho deste lugar senhora eu o não sey, só o em que estou conheço, que he perigoso, guioume a elle hum cego, que nos mais arriscados acha menor perigo: o em que me vejo, não naceo de essas frechas que trazeis pera matar feras, mas de outras tão mais poderosas, q̃ cerradas em sua aljaua, me grãgearão

a morte, se desta foiz feruida, pera minha gloria a venho buscar, & pera vossò gosto, se o tendes de minha vida, orde nay della o que vos parecer, porque nunca se fayra de vof-
 fa ventade. Não era esta pera desprezar (disse a pastora) sen do tão bem offerecida, se nacera de alguma razão, porem nem tiueste tempo depois de minha vista pera fingir as pa-
 lauras desse engano, as quais eu deuo estimar menos, por se rem sem fundamento, do que lhe deuia por serem boas. Se só nesta duuida (tornou elle) esteuera o bem de meu mal, fa-
 cilmête com a certeza de minha verdade ficara elle de me lhor condição. Não a tenho tam boa (disse ella rindo) que por todos os meyos me não desobrigue, & agora descança, que me não conuem fazer caso de amores tão leues. De-
 stas razões alcãçaua Lerenò, ainda que enganado, que lhe não lembrava a pastora a auentura do cajado, que elle lhe deixara: & por lhe dar a entender, que era elle, tirando do seo a seta, que té então trazia aly escondida, lhe perguntou cuja era a caça, que com aquellas setas estava ferida por a-
 quella montanha, porqué elle encontrara hũa fera atrauel sada com aquella mesma entre hús grandes syluados. Muy tas (respondeo a pastora) ficão por elles matos perdidas, & muytos passadores mal empregados. Na arte com que ella isto disse, entendeo o pastor, que dissimulava, & por não yr contra seu dessenho, callou outros finais, que podião ter a mesma escusa, mas não foy de modo, que ella o não enten-
 desse, que mudava o proposito, então lhe disse se lhe era ne- cessaria algũa cousa antes que se partisse. Rogouos senhora (disse elle) que como a homem perdido neste deserto, me digais, que lugar he o onde estou, & quem o habita, & se vos fois a senhora delle, como pareceis, ou deusa caçadora, a quem esta espessura seja dedicada, porque eu sou hum guardador natural desta ribeira do Lis, que por estranha
 ventara

ventura de hum sonho adormecendo na praya delle , sem saber o caminho que tomava, vim a este bosque , & fiquei tam penhorado do que vi neste lugar onde me achastes, que como quem tinha nelle a vida, ou a morte, me tornou aqui a trazer o fado, & ja me contentarei com saber muyto da causa della. Com essa informaçãõ (disse a pastora) ta darei mais facilmente do que desejas. Sabe, que este em que agora estas, chamãõ o bosque desconhecido, & assi o saõ todas as coufas delle, quem o habita he hum antigo pastor desta ribeira , que guardou pera o fim de sua idade este decanço, tomando como hũa secreta sepultura da sua velhice tudo o q̃ está situado, & encuberto nesta penedia. Eu sou hũa filha sua, q̃ cõ estes trajos, & nestes exercicios gasto os dias cõ algũas pastoras, q̃ trago na caça por cõpanheiras, e porq̃ duas dellas me ficãõ esperãdo perto da qui, & não sey o que julgaraõ de minha tardança, dizeme se queres, que te torne ao caminho, pois neste andas perdido, ou o que te conuem da montanha. O que eu quero (respondeo Lerenõ) he não sayr della em quanto tiuer esperanças de vofsa vista, pois fora desta, em qualquer outra parte tenho certo perderme, deixai-me ficar sobre este tronco com liberdade pera vos ver quando tornardes. Não te confinto essa licença (replicou a pastora) porque tem mil desuios, mas em lugar della te fique outra esperança, que te pode render mais, se da minha vista te contentas, & he que venhas ter a este bosque hũa madrugada depois de passada a festa dos pastores do Lis, & deste lugar tomarás o caminho aonde vires algũs ramos cortados pelo chão, até sobir ao cume do monte, & aly te sentaras entre os ramos encuberto, & do que te succeder julgaras, quam grande bê te ganhou o andar perdido, e guarda em tudo segredo, porque importa tua vida. Disse isto, & voltando a Lerenõ os olhos

Primavera de

brandamente se despedio, deixando tão contente do que passara, que o não cria pera poder sustentar no coração o contentamento, que lhe causava. Ouuefe enfim de partir a seu pesar, porque odia se acabava, & chegando aos currais achou ja nelles recolhido o seu rebanho, & com o solcito pegureiro se recolheo. Mas pelo espaço da noite que poupava mais pera imaginar em seu cuidado que pera descanso, & laboroso sono lho atalhava o bom Serrano, lembrando-lhe o que conuinha a suas ouelhas, & a mudança q̄ nellas fezera o seu descuido, ao que elle respondia com outro maior em algũs sospiros mudos, que dauão final do que a alma recolhia, o pegureiro, que o conheceo, querendo por algũa via declarar sua sospeita lhe pediu licença pera cantar hũa cantiga com que lhe aliuiasse algũa da melanconia q̄ mostrava, o pastor o aceitou de boa vontade, & tomando Serrano o seu instrumento cantou este vilancete.

*Quem te fez tam diferente
Pastor, que sentes que viste?
Pois te vejo sempre triste,
E te vi sempre contente.*

*Andas transido, & mudado,
Tenho magoa, & tenho dô
De te ver andar tam sô,
E senti sô ao teu gado,
Cantanas ledo & contente,
Choras agora, andas triste,
Sei que algum demo tu viste,
Que te fez tão diferente.*

*A alegria, que ficon
Dos gostos em que te vi*

*A tras ty se foy de ty
Com quem de ti te trocou,
E se ella tambem consiste
No que amor não te consente
Onde te verei contente?
Se te vejo sempre triste?*

*Sempre te vejo dar ays,
Como que esa dor te esforça.
E donde vem, vem por força
Como não cabem lá mais:*

*Se algum segredo resiste
O meyo de esse accidente*

*Quem suscita o mal que sente
Busca a causa de ser triste.*

Quisera (disse Lereno) responder as perguntas da tua cantiga, com outra, que ja ouui longe deste valle, mas o tempo, nem o cuidado me dão licença, nem a memoria se lembra de mais, que do sentimento presente, contentate com saber, que este he de amor, & que o padeço por seu gosto, & me conuem callar por seu mandado. Muytos dias ha (tornou o pegureiro) que eu estranho a tua mudança, & não me faltou adcuinhar a causa. Mal aja quem te tal tornou, que o demo he, se isso não foraõ algũas amadias, que te embruxarão, ou algum olhado, que te quebrantou: guarde-te hora Deos de o mal hyr por diante, que he cousa terrivel, pergunta aos mestres, & seras curado, que ja minha tia pello que em ty vio cada hora mo dizia. Eu te mereço Serrano (respondeo elle) o bom cuydado que mostras de meu remedio, porem não esta na mão de quem te aty parece, o que agora tenho, he esta tristeza, deixame com ella, & com a minha samphonha: & indo pera a tirar achou sobre ella a carta de Lisea, & perguntando a Serrano cужa era, lhe respondeo que a achara metida pella porta da cabaña quando se levantara, & que não sabia della mais, nem Lereno o quis por então inquirir que o cansaço do dia lhe pedia repouso: que costume he dos males pera enganarem o sofrimento, darem descanso a vida que os ha de sustentar, ainda que por outra via o neguem ao coração.

FLORESTA SEPTIMA.



Esperarão ao pastor suas lembranças junto da madrugada, deu mil voltas ao pensamento, e nelle ora achaua facil o caminho a seus desejos, hora punha a ventura armada contra elles, & entre esta variedade achou lugar pera ler a carta de Lisea com hum rayo de luz, que por húa greta decia da cobertura da cabana. E porque nem de natureza era esquiuo, nem ja estranhaua forças de amor com quanto a sua afeição principal de tudo o mais o descuidaua, lhe pareceo bema carta, & aguardou, gabando muito a Serrano os termos della. Leuantarãse pera tirar o gado, & gastou toda a manhã com os pastores, que avia muito tempo que o desejaão, & na festa se apartou delles por hum breue espaço, no qual Lisea o não perdeo de vista, porque o trazia sempre no sentido, & escondida de longe o vigiaua: sentouse elle entre hūas syluias ao pe de húa faya, que deitaua as raizes sobre as areas do rio, & ali com o rosto sobre a mão esquerda adormeceo, soltando da outra o cajado sobre as eruas, & ainda a pastora o não teue por seguro no sono quando soube, que não era só a que o buscaua, por que vio, que Enalia húa pastora do valle de pouca idade, & de tantas graças, que a nenhuma dellas daua ventajem, chegando a elle, & vendo que dormia, com muyta sutileza lhe meteo húa carta na mão, de que soltara o cajado, & logo com muyta preffa trasposo valle, esta faltou a Lisea em se determinar no que faria, porque entre o receo & a ousadia padeceo mil contrarias de liberações mas no fim executando a que mais lhe conuinha escreueo outra carta tirando do çurrão os menistros que

que sempre pera isso nelle trazia : depois se foy ao pastor: que ainda estava sepultado em fono, entregandose de muytos dias em que o perdera, & com mayor amor , & menos confiança, que a de Enalia, quasi tremendo lhe tirou o papel da mão, & em seu lugar pôs o que escreuera: & apartandose para o outeiro abriu a carta de Enalia que continha estas palauras.

DEixo a carta na tua mão aonde tenho a propria vida, pera essa merecer ventura, basta que conheças a causa com que me atreui, & que não desprezes os merecimentos de hũa affeição verdadeira, essa pôs em teu querer minha liberdade, & eu deey a amor o consentimento hoje te dou a posse pera que te conheças por senhor della: se a esta conta me quizeres dar vida como a cousa tua, nos teus olhos a tenho, & elles te dirão o nome, que aqui callo, porque nem podem errar em cousa tão certa, nem os meus encobrir o muyto que te quero.

GVardou Lisa a carta de Enalia, & crendo que a sua estava segura de semelhante successo, tornou para as pastoras. que estavam juntas ao longo do arcal debaixo dos salgueiros. & ainda não seria entre ellas quando Lereno acordou. & espreguiçandose lhe cahio da mão sobre o peito aquelle papel, & abrindoo achou que nelle dizia desta maneira.

VEIO que outrem procura roubar-me o fructo do muyto q̃ te quero, & q̃ tu serras os olhos consentindo nesta semrazão:

sem razão: lembrete a que cometes contra amor, que nunca perdoou a vingança de hum ingrato: a que eu posso tomar de ty, he quererte mais, & procurar meu danno, não queiras que me defenda quem te magoe, eu te escreui ausente, porque te não via, & te busco agora, porque ainda em presença me foges, não ousa a me nomear, porque temo que então me desconheças: digote o que sinto, pera que se com isso merecer lugar em tua vontade, te aproveites da minha, que só com hum final de que a recebes ficará contente.

E Stranhou o pastor a novidade como quẽ estaua alheo do q̃ passara em quanto elle dormia, mas conheceo ser a letra, da que Serrano achara na cabana: guardou ambas, e por se não mostrar penhorado dellas, dissimulou o desejo, que tinha de conhecer seu dono. Foi se aonde os outros pastores, & pastoras estauão, & achou cantando Mileno, & Auliso em louuor dos olhos de Paulisa, a quem Lereno em extremo queria, porque alem de ser fermosa, & amada de todas as pastoras da ribeira, & da razão de sangue, era em seus segredos de mais confiança, & melhor conselho, pello q̃ depois que soube a materia da cãtiga estimou mais achar se presente a ella, que era a que se segue.

Sois senhores olhos negros,
E quantos olhos vos vem
São vossos negros tambem.

De pura cobiça amor
(Sem ter isto por agrauo)

Em vos està feito escravo
Vestido da mesma cor:

Elle

Elle que em vos se foy por,
E quantos olhos vos vem
São vossos negros tambem.

De vós mata amor de amores,
Que em vossos rayos tão viuos
Quantos vos vem faz catiuos,
E a vos de todos senhores
Quaisquer olhos de outras cores.

Engeitando a cor que tem
São vossos negros tambem.

Os claros verdes rasgados
Azuis, garços, & pombinhos,
Que soem a abrir caminhos:
Pera amorosos cuydados
Ficão cegos ecclypsados,
E quando negros vos vem,
Querem ser negros tambem.

A Cabou de cantar Auliso, que entre os do valle o fazia
com muyta graça, & logo Mileno aquem competia a
differença, dandolhe a frauta que tangeffe, começou tras
elle.

Quem vos vê fica às escuras,
E por isso os que vos vem
Por olhos negros vos tem.

A ninguém consente amor
(Por cubiça, ou por inueja)
Que com outros olhos veja:
As graças da vossa cor,
E elle que o sabe melhor
Que quantos cegos vos vem:
Nunca por negros vos tem.

Se em ser negros sois melhores:
Não se alcança desse emprego
Que quem de veruos he cego
Não pode julgar de cores

Se sois negros sois senhores:
De quantos olhos vos vem,
E dos meus olhos tambem.

Parece contrariedade:
Em que ninguém se assegura:
Nacer de bũa cousa escura:
Tão fermosa claridade:
Como julgarão verdade:
Os olhos que o mais que tem:
He cegar quando vos vem.

Primavera de

Posto que entre os pastores, & pastoras se armava contentenda, de qual dos dous guardadores melhor cantara, o não consentio Paulisia, antes dandolhe iguais graças procuraua mudar a conuersação em outro proposito de menos afronta sua, tendoa por tal ser louuada em presença, cõsentirão os mais nesta razão, mas Seluagio, q̃ era em extremo affeigoado a Enalia, procuraua algũa com que trouxesse os outros ao seu intento, & disse. Não he justo, que estando presentes tantas pastoras tam fermosas ouuindo cantar dos olhos de Paulisia, que com muyta razão foraõ celebrados, fiquem ellas sem a parte do louuor, que se deue aos seus, auendo alguem que comecc eu o seguirei, ao que Lereno respondeo, por lhe dar a conhecer, que o entendia. Melhor será pois tu lembraſte hũa couſa tão diuida, que te não mão escolho os olhos de Enalia, porque em extremo me parecem bem aſombrados, & ainda que o elle dizia por furtar a empresa a Seluagio, não o cuidou a pastora, antes ficou tão contente, que o mostraua no rosto: mas igual differença tinha o de Lisea, que posto que conhecesse o lanço do seu pastor como amaua de verdade, consentia facilmente entrada a hum receo, & com este quis atalhar aquella de terminação. Eu como mais desemparada posso requerer minha justiça, dado que seja contra a que estas pastoras te de serem louuadas, mas como ha de ser em presença sua, teinho por menor a offensa que lhe faço, que a que cada hũa dellas recebera de tal competencia, & quando aja na companhia algũs pastores, que a queiraõ ter por fazer esse golto a quem seruem, outro dia auerá, que seja toque de suas galantarias em que ellas tenham melhor lugar, & digo isto, porque não sei o q̃ me ficará dos seus louuores. Posto que todos entendião, que esta razão era de confiada, lhe obedecerão,

ceraõ, & pedindolhe que escolhesse fugeito pera occuparẽ o dia, lembrou, que cantasse Lereno que auia muito tempo, que entre elles o não fazia, ao que elle por rogo de todos obedeceo, & tirando samfonha começou.

Passa o bem como sombra, & na memoria

*He mayor quanto foy mais desejado
A pena insina a conhecer a gloria
Não se conhece o bem, senão passado.
Em mim o caso soube desta historia,
E no que me mostrou ja meu cuidado
Vejo no que não vejo, & no que via
Quão pouco tempo dura hũa alegria.*

Quanto melhor me fora se não vira

*Hum enganoso, & vão contentamento,
Que ainda que faltarme aly sentira
Era muyto menor o sentimento,
Mas vio minba alma o bẽ por q̃ sospira,
Foy tras elle seguindo o pensamento,
Que como era nouel não conhecia
Quam pouco tempo dura hũa alegria.*

Lá numa regiaõ muyto escondida

*Dizem, que gente humana viue, e mora,
Que por ordem dos Ceos não corrõpida
Vẽ cada dia o Sol hũa sô hora.*

Bem

Primauera de

Bem fora venturosa a minha vida
Se por esta medida o bem lhe fora,
Mas tiue sô hũa hora em hum sô dia
Quam pouco tempo dura hũa alegria.

Foy hora, & foy tão breue, que passou
Qual passar soe o rayo transparente
Hora que no começo se acabou
Pera se conhecer depois de ausente.
O tempo em fim por hora ma contou
Que sempre escõde, cega, engana, e mête.
Mas verdade era o que elle me dizia
Quam pouco tempo dura hũa alegria.

Porem vòs fados meus, que permitistes,
Que tão cedo este bem se me acabasse,
E que tão largas horas, & tão tristes
Hum tão breue momento me pagasse.
Nãõ me encurteis o bem cõ que fugistes
Pois em tẽpo o nãõ vi que me alegrasse
Vio pera me ver nesta agonia
Quam pouco tempo dura hũa alegria:

A Cabada a cantiga, que a todos moueo a saudoso sentimento, & muyto mais aos que por amor o conheciãõ. Apartaraõse os guardadores pello valle pera com a decida do Sol recolherẽ seus rebanhos, & ainda naquelle piqueno espaço,

espaço, que ficaua do dia o buscou Lisea pera se encontrar com a pastora Enalia, porque sua desconfiança não soffria tardar-lhe com desenganos, mas vendo, que não se apartara da companhia, tomou só o caminho do môte junto da noite, cantando o seguinte.

Tudo pôde hũa afeição.

<i>He muyto fraco poder</i>	<i>Vencei pode a liberdade</i>
<i>O de quem teme a ventura,</i>	<i>O juyzo, & a razão,</i>
<i>Que se ousa accommeter</i>	<i>O desengano, a verdade,</i>
<i>Iuntamente ha de temer</i>	<i>Que quanto pinta a ventade,</i>
<i>Como em cousa mal segura</i>	<i>Tudo pode hũa afeição.</i>
<i>Mas se a força de hum cuidado,</i>	
<i>Que viue da opinião</i>	<i>Estranho effeito de amor,</i>
<i>Despreza a ventura, & fado</i>	<i>Que a seu nome, honra, & fama</i>
<i>Em quem viue neste estado</i>	<i>Dino do mayor louuor,</i>
<i>Tudo pode hũa afeição.</i>	<i>Que he no mundo o mór senhor</i>
	<i>Aquelle que melhor ama.</i>
<i>Pode a pena fazer gloria</i>	<i>Vence o tempo leve, & rão,</i>
<i>Fazer facil o impossuvel</i>	<i>Vence as mudanças da sorte</i>
<i>O catiueiro vittoria,</i>	<i>Sò na fê da presunção,</i>
<i>O mór descuido memoria,</i>	<i>E ainda no em que falta a morte</i>
<i>E visuvel o inuisuvel.</i>	<i>Tudo pode hũa afeição.</i>

FLORESTA OCTAVA.



PPARECEO o Sol ao outro dia tão incuberto como que não ousaua sayr do seo das nuuês: de modo, que passada grande parte da manhã, não sayrão ao pasto com os rebanhos. Cõ tudo porque cuidados não deixão perder tempo, não respeitou Lisea o q

E

os outros

Primavera de

os outros receauão, sahio com o seu fato por hum caminho mais defuiado, & leuando as cabras por hũa fraga acima entre muy espelias giestas, que com a fermosura de suas flores, & o esmalte do cristalino orualho, saudosamente se mouiã, & sentada debaixo de hum penedo, esteue vigiando o valle, buscando com os olhos quem trazia nelles. Quando vio atrauesar por entre as oliueiras decendo para o prado hum vaqueiro, que diante leuaua hũa vaqua loura mancha da de branco com hũa estrella na testa, & hum nouilho da mesma cor, & tras elles hia tangendo hũa sanfonina taõ suauemente, que os passaros do ar se tornauão aos ramos vezinhos, & de elles pendurados o ouuião: & não muyto lãge vinha Enalia com as ouelhas ao longo do rio, a qual suspenfa no tanger, se deteue encostada ao tronco de hum amieiro, tẽ que o vaqueiro aly chegou, & saudando o lho disse: Deos salue o vaqueiro, que taõdem tange, ditosa a pastora, que te ama, & te merece, se em o mais tem a mesma razão de viuer contente. E a ty (disse elle) de o que desejas, que bem sera mayor ventura a de quem te ferue, que a de quem for senhor de minha liberdade. Não creio eu, pello que em ty vejo (respondeo a pastora) que te sugeitasses sem grande occasiã, & tãbẽ conheço a pouca q̃ tenho de ser que rida, mas se em meu parecer achas algũa parte pera te pedir por ella, te rogo que cantes algũa coufa dos teus amores. Hora (replicou o vaqueiro) pois te pareceo bem a minha sanfonina, pode ser, que a voz tenha a mesma ventura: cantarte ey hũa cantiga, que ja cantei em outra parte a quem a tinha muyto mayor em meu coração. Dize por tua vida (torneu Enalia) que nisso ma darás, & eua offereço pera o que for deteu seruiço. Logo o vaqueiro de pois de tanger hum grande espaço, começo a cantar estas endechas.

E Squiua ferrana
Fermosa & discreta

Inueja do valle,

E glorta da ferra.

Tu que contra amor

Moues tanta guerra

Cos olhos azuis

Das pestanas negras.

Inda que fermosa

Não sejas isenta.

Que ser mais esquiuva

He ser menos bella.

Não fujas ligeira,

Que estaràs cansada

Pera seguir depois que te não queira.

Ainda que esse boca

Com razão pareça

Mina de robins

Em cristal aberta

Inda que o sinal

Sobre a face bella

De escuro entre as rosas

As do valle seca

Ainda que amor

Cres que te obedeça

Sobre mil seguros

Guarte não no creas

Não fujas ligeira.

Que estaràs cansada

Pera seguir depois que te não queira.

Ainda que as cabellos

Em louras madexas

Feitas crespos rayos

Como o Sol te cercão

Inda que se mostre

No Ceo dessa testa

Ser a neue escura

Posta junto a alla,

Inda que os teus olhos

Pera mòr belleza

Tenhão cor de Ceo,

E lume de estrellas

Não fujas ligeira,

Que estaràs cansada

Pera seguir depois que te não queira.

Essa liberdade,

Que agora suscentas

Não na guarda amor

Que viue de inuejas

Ay do meu cuidado,

Que não lhe aconteça

Ter nestes desprezos

Vinganças alheas

Se por ser vaqueiro

Tanto me desprezas,

Mal aja ventura,

Que me nega ouelhas

Não fujas ligeira,

Que e staràs cansada

Pera seguir depois que te não queira.

TAL he a minha pastora (disse o vaqueiro) qual ouuiste, & eu tão pouco engraçado nos teus olhos, que nunca mereci ver differença nos disfaoures com que me trataão, julga agora sendo ella tão fermosa, se tem razão, & eu sendo tão mofo se tenho algũa de esperar galardão do q̃ lhe quero. A isto respondeo a pastora, que com muyto gosto o escutara. Em ambos vejo muy grande a razão de ser inuejosa, nella alem de tantas partes de fermosura achar quem afsi saiba amallas & conhecellas, em ty alem das q̃ tens ser tam bom amante, que entre tais descõhanças mostras mayor fé. Porem nem ella sera tão mal aconselhada, que a não estime, nem tu tão desfaourecido, que sejas engeitado, mas ha huns maos de contentar (ou quasi todos os homês o faõ) que por se não satisfazerem com o que o tem polhe dá de seus amores, se mostraõ nelles desesperados, & isto se pode crer mais, que o que tu pregoas. Folgo (repliou o vaqueiro) que me tenhas por mau de cõtentar, & bom cubicofo, que ja se o for do que vejo peccarei por minha condiçãõ sem te fazer offensa. D'esse peccado (tornou ella) estas seguro, que quem estã tambem empregado, não escolhe tão mal, & se o dizes com engano tambem sey os que correm, & o que tenho em mim, & afsi per ambas as vias perdes o fãitio. De perder sey eu (disse elle) porque nunca me aventurei, que ganhasse, mas nem o emprego, q̃ ja fiz me podia tirar este, nem posso fazer engano a quem sabe o muito que se lhe deue, antes pode servir de merecimento onde os outros faltãõ dizer, que soube amar bem, porque vendo a differença, que tens de todas, julgarã a que farei em te querer, se me aceitares por teu vaqueiro. Tanto dirás disso (lhe respondeo Enalia sorrindo) que me arrependa de te gabar de bom amante, & não me pareces tão mal, q̃ te deseje fazer este, pello que te rogo, q̃ mudemos
o propo-

o propósito, & me digas aonde leuas ella vacua & nouilho, que tam fermosos sam, Deostos guarde. Estes (disse elle) leuo de presente a hús noyvos, que se hão de receber o dia da festa, que he à manhã, se esses te contentão, ou os mais da boyada, como do seu guardador te podes servir. A tua vontade estimo eu muyto (respondeo ella) mas a offerta está melhor em pregada, & pois te has de achar a manhã nos folgares, lá me verás: com isto se apartou, & o vaqueiro continuando com a musica de sua samfonina, foy seguindo o caminho, que leuaua, & Enalia a tras do seu gado, foy cantando esta cantiga.

*Pus a vida na vontade,
E ambas pus noutro querer
Temo, que se hão de perder.*



*Com razão viuo em receo
Deste mal que busco, & quero,
Porque me nace o que espero
Do que sem tempo me veyo,
Fiz o meu querer alheo
Perdio, & deuo temer,
Que a vida se ha de perder.*

*Que esperança serà a minha
De ter noutram liberdade
Perdendo a propria vontade
Quando em meu poder a tinha*

*Dei a a quem lhe não conuinha,
Porque está noutro poder
Temo, que se ha de perder.*

*Eu tras ella ando perdida,
E ella perdida a tras quem
Nenhũa lembrança tem
De ver que vay nella a vida,
Ambas leua de vencida
Quem noutram poem seu querer,
E ambas neste ey de perder.*

Ainda tinha pouco andado do valle, quando encontrou Lisea, a qual do penedo donde estava a diuisou, & parecen dolhe tempo pera a por em odio com Lereno, confiando

Primavera de

dos meyoys, que pera isso tomava, & da pouca firmeza, que a idade de Enalia prometia, que faria mudança em seu intento, com a dissimulação, que lhe conuinha chegando a ella a saudou, & disse: Melhor me succedeo a vinda do que cuidaua: pois na vêtura venci o desejo, que acudindo a musica do vaqueiro, cheguei a ouir a tua, que em extremo de sejava, & foy ella tal, que me deixou entre mil inuejas. As que tu fazes (disse ella) a quem te vê, dão a cenhecer esses lanços de confiada, maseu o quero ser do que cantei, com quanto me pesou não ouires o vaqueiro, que por estremo he engraçado. Tinhas arte (respondeo Lisea não pouco maliciosa) de lhe estares afeiçãoada, segundo o ouuias a teu sabor: valeote ter raizes noutro lugar. Raizes não (disse a outra) porque as não consente minha opinião em sinal da liberdade de que me prezo: Que fora (tornou Lisea) se eu não soubera, quem he senhor della, & em que parte prendê as tuas raizes. Parece-me a mim (replicou Enalia) que nunca dei folhas por onde alguém mas achasse: deve ser essa tua sospeita enganada, pois eu, que sei melhor os meus segredos, não sei esse: folgarei que te defenganes, ou me digas o que presumes. Antes (disse a outra muyto segura) quero que vejas clara a certeza, que tês por encuberta, & pode ser, que da tua letra a conheças. A isto ficou a pastora sem cor, receando o que podia ser, & tirando Lisea do çurrão a carta, que tirara da mão a Lereno, & conhecendo a Enalia ficou muda. Não me negaras (disse a outra) que da tua mão deste esta carta na de Lereno. Não (respondeo ella) nem merece menos que fazer esta confissam, quem empregá tão mal sua vontade, q̃a poem em hũ descortes & ingrato pastor. Nessa conta o não deues ter (replicou ella) pois o que te obrigou a fiar delle esta carta, o forçou a que ma desse,

desse , antes auias de estimar muyto occasiã, que ao menos te seruirea de auiso & de engano pera o que delle esperauas. Tanto te quer Lereno (disse Enalia) & em tam pouca conta me tem a mim , que poem em tuas mãos o que eu fô da sua confieçã? Não querera o Ceo ainda q̃ eu tenha o que mereci , que elle não pague o que me fez . A ty por agora rogo, que como mulher me guardes o segredo , que elle me deuia, e me tornes essa carta, pois he minha , & em mão alhea corre perigo . Obrigote minha fê (respondeo ella) que ainda a quem tu queiras que a veja , o não saiba de mim, a catta te não posso eu dar sem licença de quem ma deu , mas te asseguro de que outrem a veja, atê tornar a tua mão. Com estas palauras se aquietou a enganada pastora , & cõ as lagrimas nos olhos deixou a Lisca contente do successo, cuidando, que nelle estaua o de seus amotes : mas considerando depois o que lhe faltaua pera o acabar , & as mudanças que a vêtura te m, se assentou ao pé de hum salgueiro junto do rio, & ao som das agoas , que nelle quebrauam, cantou o signintê.

Venci por arte hum perigo,
 Duuidoso,
 Mas outro mais perigoso
 Busco & sigo:
 Pera poupar o inimigo,
 Que me mata
 Offendo a quem o maltrata
 Quem rio tal,
 Que eu busco forças ao mal
 Com que amor me disbarata.

Permita elle que não seja
 Esta victoria
 Dar a quem me vence a gloria
 Da pelleja,
 E que me não faça inueja
 Conhecida:
 A que leuo de vencida
 Neste engano,
 E que não busque em meu dano
 Armas pera ser ferida.

Primavera de

Mas amor tu me defendes ,
E me aprazes ,
Porque sò do que não fazes
Te arrependes ,
Se eu te offendo, a ty te offendes ,
Que este enleo ,
Con que meus males grangeo
He sem temor,
Porque nas obras de amor
Vence a vontade o receo .

E pois guias o começo
Como quero :
Faze que veja o que espero
Do successo :
A vida te dou por preço
Se ma deres,
E se de meus bês quizeres
Sò ser Rey
Em teu nome gofarei
As merces que me fizeres .

Atalháram ao seu cantar os pegureiros, que andauam ao longo do rio colhendo ramos & canas verdes pera ao outro dia enramarem as cabanas, & porque em vespéras de festa os guardadores recolhiam mais cedo o gado, leuou Lisea o seu aos currais, não perdendo a lembrança de seu cuidado, que aonde os de amor tem lugar, sempre occupam o melhor. E como este, & o feruor da idade não consentião a Enalia deliberação, foy logo a buscar a Lerenno, & encontrandoo perto da cabana, lhe fallou, & vendo que elle mostraua sembrante ledo, disse. Ha no mundo Lerenno, que te sebes fingir pera mostrar bom rosto a quem tens tam mâ vontade: ao que elle respondeo muyto rizonho: se tu sabes a verdade da minha, pera que a tratas mal, que ainda em zombaria he ingrátidaõ: sò hum queixume podés ter della, é he não mostrar no rosto o lugar, que te dá no coração. O que me tu das como inimigo (respondeo ella) te não mereci eu pelo que te quis, mas ficime de ty, & ainda se não conhecera as tuas palauras, com essas me enganaras por quam bem me pareciam. Agora (disse elle qua-
si tur-

fiturbado) fofpeito que fallas de fiſo, & ſe tal he, não me tenhas ſuſpenſo. Como tu diſſimulas (reſpondeo Enalia) aſſi me veja eu vingada, pois com hum engano queres reſtituir o deſcredito em que me poſeſte. Se a minha carta te aborrecia, não baſtaua conheceres a cauſa donde naceo, pera a não entregares em mãos de Liſea? ſe moſtrar que te amava, era erro, não baſtaua por caſtigo, que me deſenganalles? que ley? que fe? que amor consente? que grangees a cuſta de minha honra a vontade alhea. Enalia (diſſe o paſtor bradando) eſpera, dizeme o com que me condenas, & de que te queixas, que te juro que o não ſei. Se queres (proſeguiu ella) que te conte a hiſtoria, pera te renouar o goſto della, até illo farei, porque eſpero ter em tudo vingança, q̄ nunca ingratos perderão caſtigo: dormias, & eu vigiaua pera te buſcar, não cuidando que niſſo buſcaua minha morte: pus hũa carta na tua mão de que ſoltaste o cajado, & eſta achei agora na mão de hũa inimiga a quem a deſte, & ſem ração lhe chamo eſte nome, pois tu ſô o mereces, que diſculpa me das? pera que com diferentes eſtremos não moſtre ao mundo, que eſ hum traídor deſconhecido? Não pode a ração ter valia (diſſe o paſtor) onde a paixão eſtâ tam poderoſa, mas quero Enalia, que com ella vejas o pouco fundamento de teus queixumes, & moſtrarte eſta carta, ſe he hũa que acordando eſtoutro dia ao longo do rio me cahio ſobre o peito, a qual, nem eu tenho por tua, nem atégora ſahio do meu çurrão, & dizendo eſtas palauras, que ella ja ouuia mais quieta, tirou a carta, & lendo a a paſtora conheceo a letra de Liſea, & julgou das palauras o que com a ſua podia acontecer. Porem neste tempo appareceram por cima do outeiro outros paſtores, & Enalia ſem deſpedirſe, tomou o caminho do valle, deſpedindoſe cõ os olhos de Le-

reno, leuando consigo a carta sobre que ja hia fundando suas vinganças, lendoa muytas vezes, & achando mais clara a innocencia do pastor, & a malicia de quem a trocara, queixandose de si por quam mal tratara a quem tanto queria, cousa natural de quem ama: mas porque o dia era acabado se recolheo, & Lereo com os mais pastores ficou praticando nis festas da Aldeia, que em bés, que chegando passam, o melhor são as esperanças.

FLORESTA NONA.



SAHIO a rosada Aurora a descobrir o dia, & tras ella veyo o Sol tã fermoso, q̄ Thetis desejava a vinda da noite, pera cõ inueja das estrellas, gozar nas agoas lua fermosura. Vestiaõse os pastores de festa: afinauão os instrumentos: coroauãse de flores as pastoras, & cõ vestidos de varias cores, & diuisas eomeçauão a celebrar a gloria do dia: estauam as cabanas enramadas, & cõ namoradas tenções sobre as portas: as ruas cubertas de verdes & floridas espadanas, onde se ouuiã ja as frautas, & tamboris das danças dos pegureiros, as folias da alorada. & entre tudo obalardado, que os pastores trazião, cõsertaua tal harmonia em os corações presentes, que ainda os que eram a cuidados de amor sugeitos os sentiam menos, & com este meyo dissimulou Enalia os seus: assi que tomando delles a licença, se ornou pera a obrigaçãodos folgares, que se faziam em hum espaçoso valle, que alem da fermosa verdura cõ que a natureza o auentajou de todos os da quella ribeira: estaua cercado de muytas aruores verdes, que postas em muro por hũa parte o rodcauam, & da outra o rio, que cõ
 faudo-

faudosa volta o vay cercando por entre os seus altos aru-
redos: & assi d'entre elles, como na espeflura, que defronte
faziaõ os trasplantados ramos; auia muytas fontes de arte-
ficio, & muytas figuras pastoris, que em vulto representa-
uam memorias antigas em honra dos pastores. No meyo
de todas, sobre hum penedo cuberto de verde era ao pè de
vn freixo, de cuja altura cahia hũa vide, que com a verde
latada de suas folhas fazia no alto hum gracioso guarda
pó: estava leuantado o satyro Pam, deos dos pastores, co-
mo os antigos o pintaram, com a sua frauta de canas co-
roado de suas folhas, d'entre as quais sahiam muytas flo-
res, que em ramalhetes se juntauão sobre os cornos: dos al-
tos ramos cahião pendurados todos os instrumentos ne-
cessarios a pastura dos gados, & a musica dos pastores: &
junto a raiz do penedo sobre dous rasciros, q̃ muyto ao na-
tural reprasentauam, auia hum quartel, no qual scitilmente
estaua entalhado este soneto.

NImphas as que fugis de quem vos ama,
E a morte a muytos dais mal merecida,
E tendo por vitoria tal fugida
Cabis nas mãos do fado, que vos chama.
De hũa Nympha cruel vos lembre a fama
Que do syluestre Pam foy tam querida,
E por ingrata & dura conuertida
Se vio en cana vã, & em verde rama.
Aquelle peito bello, ingrato, & duro
Ia transformado em cana; a frauta amada
Tem della o vencedor pera diuisa,

Não

Primavera de

*Não ha contra o amor poder seguro,
Emayor pena a sorte tem guardada
A quem de albeos males não se auisa.*

Não muyto longe desta estancia sobre o arco de hũa fonte, que com estranho arteficio sahia de hum remanço do rio; estauam sentadas Ceres coroada de louras espigas cõ hũa fouce na mão direita, & na outra hum arado; Pomona com hũa capella de verdes fruitas, facodindo hũa aruore, que com o peso dellas se vinha e terra; & Flora com hum vaqueiro de primavera, & hũa grinalda de flores sobre os cabellos, & na mão hũa poma de cristal laurada de laçaria d'ouro, de que estaua soltando cheirosos borrifos, que cahiam sobre a natural verdura do deleitoso prado. De frõte dellas estaua sentado sobre hum penedo o pastor Paris, & diante d'elle cubertas de sotil veo as tres deusas, q̃ pretendiam a maçam d'ouro, q̃ elle tinha na mão, mais duuidoso na escolha da peita, que na verdade da justiça, & sobre hũa faya a que Venus estaua encostada, se via este letreiro,

*Foy o juyzo de amor
De belleza a differença
Entre Deusas, & a sentença
Foy dada por hum pastor,*

Abaixo desta estancia ao pè de hũ loureiro (de cujo tronco sahia hum esguicho de agoa, que em hum tanque de erva murta com estranha ordem se escondia) estaua Apollo em trajo de pastor corcado de suas folhas escreuendo no tronco este letreiro.

Do amor, que a Daphne tinha.

Este teve a mór ventura,

Que em si esconde a figura

Deixando a sombra por minhã.

FRonteiro desta estancia á sombra de dous copados salgueiros, estava Mercurio vestido de pastor, tangendo diante o vaqueiro Argos a sua frauta, o qual dos seus cem olhos adormecia, descuidando se com a suauidade da musica da vaqua, que guardava, & dizia hũa letra, que estava sobre hum salgueiro.

Mal se defendem os olhos

Do que os sentidos engana.

A Qui se aiuntarão todos os pastores daquella ribeira, & de todos os montes vezinhos, & com grande alegria & aluoroço occuparão o terreiro: mas não tardou muito, que de hũa lapa, que ao longo do rio estava encuberta entre hũas aueleiras, sahio hum satyro cuberto de folhas de era, & na cabeça sobre os cornos hũa capella das mesmas folhas tecidas com muytas flores sylvestres, & tras elle sahio hũa dança de pastoras com capirotos de verde claro com viuos & borlas brancas, pellicas crespas, & aluas debruadas da cor dos capirotos, e em lugar de cajados canas verdes nas mãos, & estas tomando do terreiro, dançarão com estranha graça & galantaria ao som de hũ salteiro, que o satyro lhe tocava, & fazendo suas ordenadas mudanças, forão offerecer ao semicapro Pão as verdes canas, em memoria da sua Nímpha nellas conuertida. E acabadas as continencias de cada huã, duas ao som de nonos instrumentos cantaraõ o Soneto, que no quartel estava escrito,

Primavera de

escripto, & acabado, fefahiraõ daquelle cerco, & logo por outra parte delle entraraõ dous vaqueiros anciãos vestidos de festa, dos quais hum tangendo hũa saõfonina, & outro hum arrabil, que com ella confertaua, tomaraõ lugar no campo, & depois delles hũa dança de pastoras com vaqueiros quarteados, & com grinaldas de flores tambem tecidas, que mais parecião ter nacido aly naturalmente, que serem obradas pela mão da arte, mostrarão ellas tanta em aparecendo, que quasi todos se descuydauão das que com tanto sabor tinham visto, & ouvido. Lisea, que as guiava, vestia hum vaqueiro de quaitos laranjaõ & pombinho com franjas de prata, hũa grinalda de lasmins, & crauelhinas, entremetidas com algũas rosas brancas, que entre verdes folhas da roseira tinham mais graça, hũas alparcas abertas tomadas com algũs botões de bem me queres entre fitas laranjaõ, com hum arco sotilmente laurado, em cuja volta ficaua a todas hum lugar capas pera comprender as tenções de seus amores, que algũs por serem conhecidos, & outros pela galantaria com que encobriaõ o que mostrauão eraõ de todos celebradas as diuisas, a de Lisea era em campo de ouro hum Pelicano, ferindo o peito sobre os tenros filhos, & ao pé dizia esta letra.

*A custa da minha vida
Sustento a de meus cuidados.*

A Primeira da banda direita, que todas vestião de encarnado, & branco, com as mais guarnições, que a guia leuaua. Era Timbrea não menos namorada, que fermosa, tinha no arco pintada hũa cadea ferrada em duas voltas, & no campo que deixaua, em letras esmaltadas de ouro este mote.

Sentirei

*Sentirei a occasião
Deite mal que amor me ordena
Se com o tormento da pena
Me tirarem da prisão.*

A Segunda era Nise, que isenta das penas de Alceo, não conhecia nada das de amor, antes desprezava seus poderes, imaginando, que o de sua fermosura apodia liar de fugeiões alheas, & leuava no arco em campo de prata hũa rosa metida entre altos espinhos, & ao pé esta letra muyto confiada.

Mais fermosa, & mais segura.

D E pois desta vinha a namorada Ardelia menos confiada no emprego de seus cuydados, do que lhe merecia quem na alma os guardava, tendo por mais facil encobrir amor, que descontentala, & trazia no arco em campo branco hum Fenix, fazendo o minho ao olho do Sol com esta letra.

*Noutro me abraço & consumo,
E he justo que o sefra & tenha
Pois nos olhos trago a lenha.*

T Ras ella vinha a linda Florisa, a quem o perigo de hum segredo tirou o bem de sua afeição, & leuava no arco hũa seta atrauelada com o sangue tè as penas, & dizia a letra.

*Desta, que amor me tirou
Na alma a farpa se escondeo,
Mas o mal se conheceo
Pela pena que ficon.*

A Ultima das de encarnado & branco era Pinea tão livre como bella, & leuava no arco em campo de ouro,
Cupido

Primavera de

Cupido com as mãos atadas atrás, & o arco quebrado sobre a aljava, & dizia nella esta letra.

Comigo não val amor.

E sem mim não tem valia.

A Primeira das da outra parte, que vestião de azul claró, & amarelo costado, era a fermosa, & descontente Oliua, e pelo que esperaua de sua afeição, leuaua no arco em campo amarelo a roda da Fortuna tirada do eixo, & ao pe este mote.

Não darà corte a mudança

Neste mal em que me vejo

Porque creceo no desejo

O que faltou na esperança.

A Segunda era Risarda em extremo discreta & engraçada, que posto que liure, sentia bem dos cuidados de amor, & por mostrar esta vontade, leuaua em campo verde hum melro, olhando para o laço, que lhe armarão sem cair nelle, & dizia a letra.

Nem lhe fujo, nem me enlaço.

A Que atrás ella vinha era Learda, a qual tendo o seu pastor muyto tempo ausente, se mostrou sempre firme sugeitando os impossiveis com que o tempo lhe impedia guardar a fê de seus amores, desprezando os de Albano irmão de Lisea, que era pastor muy rico daquella montanha, & alem dos bens do seu gado, tinha outros muytos da natureza, que não bastauão pera a obrigar, leuaua no arco hũa fonte, que impedida com hũa mão a corrente, lançaua a aguoá por cima com mayor furia & dizia a letra.

Pello

*Pello lugar donde nace
Crece mais minha afeição
Contra o poder da razão.*

A Que logo depois della se seguia, era a linda pastora Enalia, não pouco offendida de quem a guiava, & tinha no arco em campo de Ceo hum Açor voando, & dizia letra.

*Tambem o ousado recea,
E ambos temos por guarida
Sustentar a propria vida
A custa da morte alhea.*

NO derradeiro lugar vinha Clara, que em premio de seu amor mal empregado sofria os disfaoures de Albano, & trazia no arco em campo branco hũa borboleta, que se acendia em o lume de hũa vella enganada na fermo sura de sua vista, & dizia a letra.

Quero bem a quem me mata.

FOy esta mostra tam fermosa, que todos julgauam, que na vista dos trajos, & diuisas se gastasse o dia, que ainda pera tantas galantarias era pequeno: mas muyto melhor pareceram, quando cada hũa dançando mostrou sua graça & defemuoltura, leuando fugitas tras si as vountades dos pastores, que as olhauam, & com estas se sayram do terreiro, onde logo se começou a ordenar a luta, cujo preço era hum nouilho branco, mächado de negro com o pé, & mão direira calçado, o topete louro, & crespo, donde lhe decia hũa sylua branca, os cornos de meya volta, raiz negra, & ponta aguda: estaua atado a hum alto amieiro com hũa ca-

F pella

rella de muytas folhas : & em quanto os cubiçofos luta-
 dores se confertauão pera a contenda, entrou hũa folia
 dos guardadores da ribeira, com vaqueiros verdes semea-
 dos de malmequeres brancos, & amarelos, & os da outra
 parte de leonado semeado de flores de borragem : o tam-
 bor trazia hum vaqueiro quarteado de ambas as cores, &
 guarnições, & alsí elle como os mais trazião capellas de syl-
 ua, & crua cidreira, entremetidos algũs crauos miscrados :
 estes cantando graciosas chacotas, rodearam com muyto
 aluoroço o terreiro, até que ao som das trombetas & sam-
 foninas sayram ao campo os que nelle auiam de lutar, dos
 quais o primeiro foy Clorino, nomeado na montanha por
 pastor de muytas forças, & marauilhosa destreza (como
 logo aly mostrou a custa de Penalio) que não lhe valendo
 a arte dos pes em que tinha mayor sotileza, depois de
 grande espaço veyo a terra, onde se elle quísera ver so-
 terrado por não padecer tal vergonha diante de Oliuia a
 quem era afeiçãoado, & até a sua presença lhe valeo pou-
 co & menos a Faiardo, que ainda que era em forças a-
 uentajado, & duas vezes leuaua o contrario de vencida,
 ouuefe elle com tanta arte, que falsandolhe hũa trauesa, o
 reuirtou por cima do hombro esquerdo deixando esten-
 dido no campo, aonde ficou por hum espaço sem sentido,
 até que seus companheiros o leuaram, & os de Clorino
 o cobriam de ramos verdes como a vencedor : & todos
 os mais pastores vendo, que ja nenhum se aprestaua pe-
 ra lhe sayr, tinhão por sua a vitoria da luta, mas não no
 imaginaua Lucelio (hum pastor estrangeiro natural do
 Leça) que ainda determinaua prouar a ventura, & de su-
 bito pareceo no terreiro com tanto animo, que Clorino
 com sua vista perdeo parte do que tinha cobrado, mas ain-
 da cõ mostras delle, remeteo a ganharlhe os braços, porem
 acho-

achou os tam duros, que pretendia ja igualar com a arteas forças, que a Lucelio auentajauam, mas nesta era elle tam destre, que arcando, ambos vieraõ a terra, trazendo Lucelio o contrario diant: si, como peso de suas forças sojugado, & elle se liurou ainda de maneira na pancada, que ficou a queda duuidosa, & mandando-lhe os juyzes contender de nouo, ainda que Clorino andaua affaz cansado, animosamente se defendia: cõ tudo enfadado o outro de elle lhe durar tanto, procurou soltalo do ar com muyta furia, & o contrario vendose em aperto, lhe lançou as mãos ao peçoço, mas falsandolhas Lucelio com a cabeça, elle cahio em terra com grande desmayo de seus companheiros. Logo aly começaram as festas, & grita dos pastores: tornatão as danças & as folias, & com as cerimoniaes acostumadas deram ao vencedor Lucelio o preço da luta, & acabada ella (porque ja se fazia tarde) sahiraõ quatro pastoras muy ricamente vestidas com seus vaqueiros roxos franjados de branco, & grinaldas de flores sobre os dourados cabellos, & ao som de quatro violas d'arco, que tangiam, cantaram à seguinte Ode.

Ia vay fogindo o dia

Por entre os altos montes,

O Sol se vay nas ondas escondendo

Ia como antes feria

Não toca as claras fontes

Antes em suas agoas se está vendo

Deixando o verde louro

Pera yr mostrar ao mar seus rayos d'ouro:

Primavera de

La o vento enmudece

Que andaua na verdura

Fazendo entre as boninas noua inueja

Com sombras se entristece

Dos ramos a espessura

Onde nada se ve, que alegre seja

Os passarinhos ledos

Mudos descancam ja nos aruoredos.

O Ceo se mostra escuro,

Escurecesse o prado

Esperando outra cor da luz albea,

Sò se ouue o murmuro

Do Lis, que ja cansado

Com as ondas abraça a loura areia,

E junto a relua verde

A fermosura a cor a graça perde.

No extremo Occidente

As nuuês rotilantes

De roxo escuro ja se vam fazendo,

E do claro Oriente:

Estrellas de diamantes

Por entre as pardas sombras vem röpendo,

E ausente a luz Phebea

Diana sobre as agoas alomea.

Deixe-

Deixemos a floresta

A triste Philomena

Que ao longe ja de nos se vay queixando

Acabe a nossa festa

Comece a sua pena

A memoria dos males renouando

Que para hũa alegria

Sempre cortou o Sol horas ao dia .

Viua em nos a memoria

Deste contentamento

Em quanto o prado der pasto aos carneiros,

E creça sempre a gloria

Do nouo vencimento

Afsi nos naturais, como estrangeiros

Celebrem os pastores

O deuido louuor de seus amores .

A Cabando de cantar, & sahindo do terreiro as quatro pastoras (porque a festa era acabada) cada hum guiou para sua cabana, enchendo de musicos accents todo o valle, que com o mudo da noite concertaua estranha harmonia, tẽ que em breue espaço ficou o pradoso, & a noite escura: offerecendo doce repouso aos trabalhos do dia, que ainda que os de gosto se não sentem, depois pelo costume todos cansam.

FLORESTA DECIMA.



O PASSATEMPO das festas, & a alegria dos pastores, não tirauam a Lereño o sentido de seus cuidados pera quem guardaua o melhor do dia, & ainda que no passado não pode fugir ao ajuntamento dos outros pastores, pretendia recuperar esta perda, que tinha por grande em entregar os outros á tristeza da saudade, & ao receo de lhe faltar a gloria prometida, que era ver a sua senhora ao outro dia no valle desconhecido, & gastando as horas na esperança desta, foy com as ouelhas decendo hum outeiro sobre o valle onde pastaua: & desuiado hum pouco dos rafeiros, foy ter a hũa fonte, que ficaua entre duas sobidas, que naquelle baixo se cruzauam: & estaua ella tão escondida entre huns penedos cubertos de lingua ceruina, que escaçamente se conhecia pela queda das lagrimas que cahiaõ do alto estilladas pela verde auenca, que sem se molhar as despedia sobre o claro remanço. Chegãdo o pastor a vista della, se deteu no estreito caminho, por não estrouar a hum roixinol, que de hum ramo de aueleira com saudosos assouios, fazia hum sonoro Ecoho entre os montes, & depois de redobrar com mil queixumes a cantiga: de hum voo se passou pera hũas aruores altas, que da outra parte ficauãõ: entã foy o pastor a diante, & ficou muyto mais confuso vendo a Lisea, que sentada sobre hũa pedra da fonte tinha em o chaõ escritas estas palauras.

*Tive enganoso por ventura
 Para sentir mais meu dano
 Se he mal viver de hum engano.
 Como hum mal tam pouco dura.*

AO movimento dos ramos , que ferrauão o estreito caminho, virou Lisea o rosto , & vio a Lereno : & ainda que magoada delle , pelo que Enalia lhe contara , não pode o amor que lhe tinha negar seus effeitos, mas dissimulando o mais que lhe foy possível o gosto de ver , lhe disse. Como vês Lereno a buscar o castigo que mereces, se eu fora tal , q̄ soubera tomar vingança de tuas sem razões & satisfação de minha magoa : porem tanto me fugitou amor ao que te quis , que em lugar de queixume, te offereço lagrimas com queme contento, pois nace[m] da causa que busquei pera ellas : & dizendo isto inclinou a cabeça sobre a fonte, & com nouas gotas de cristal a renoluiua . O pastor , cujo coração não negava a paixões amorosas piedade, se vio enleado , & conhecendo a causa , pelo que ja Enalia lhe dissera , tomandoa pelo cajado lhe dizia. A essas lagrimas injustas, bem he , que pague com a vida o ser causa dellas, mas ainda que por ty seja voluntaria a morte, se executara em hum innocente , que te offendeo sem saber o que fazia : levanta o rosto de sobre a fonte , & com os olhos no meu te assegura, que te não offendí, nem me falta sentimento de teus queixumes: declarame os que tens, que se com a vida puder darlhe remedio, a entregarei a tua vontade . A isto se levantou a pastora , & virando os olhos a Lereno, vio os seus , que com a mesma dor se encherão de lagrimas , & pesarosa daquella tristeza , que

Primavera de

le pareceo mayor mal (por ser experimentado em quem tanto amava) lhe disse com hum suspiro. Se effes finais Lereno sam verdadeiros (como eu quisera crer) porque tem ouros te acho meu inimigo, & se as minhas lagrimas te magoaraõ em fé que te pesou de meu desgosto, porq̃ de duas cartas minhas partiste pelo meyo com Enalia, dandolhe aquella, cujo segredo mais me importava: Que pena merece (tornou Lereno) quem dormindo fazia erros contra ty, porque lhos ordenava sua ventura, que sem força do fado, de crer he que não te offendesse nem por sonhos. Veyo Enalia a my muyto queixosa, que te dera hũa carta sua, de q̃ eu não sabia: & perguntandolhe o modo porque viera ter a minha mão, me contou como nella a deixara estando eu repoulando junto do rio: mostrelhe então hũa, que da mesma maneira achara quando acordei, não imaginando que era tua, como depois soube, confessandome Serrano, que o era outra, que antes me tinha dada da mesma letra, & com o pesar deste successo ando tam triste, que se a culpa fora minha estauas bem vingada. Não no quero eu ser tanto a minha custa (tornou ella) antes me dou por satisfeita da tua descarga: & indo a diante lhe cortou as palauras hũa voz, que perto daly ouviram, como que vinha endireitando pera a fonte: & escutando de perto o que seria, conheceram que cantana esta grossa.

*Todos conhecem meu mal
E ninguem a causa delle
Eu sei que morro por elle
Contra elle nada me val.*

Hum

Hum cuidado bñ nacido
 Que amor n' alma me tem posto
 No peito o trago escondido,
 Mas elle de mal sofrido
 Logo se mostra no rosto :
 Que farei pera escondelo ?
 Se encubrillo me nõa val
 Que por mais que me desuello
 Sem tentallo , & sem dizello
 Todos conhecem meu mal,

O mal nunca faz engano
 Por ser mais claro que o bem
 Não se encobre em peito humano
 Logo se conhece o dano
 Sem se saber donde vem.
 Ande o meu n' alma enferrado
 Por mais que o rosto o reuelle
 Conheção pois he forçado
 Nacer de amor meu cuidado ,
 Mas ninguem a causa delle.

N'uma pena tam comprida
 De hũa sã magoa me temo
 Que he perdendo nella a vida
 Não ser na morte entendida
 A causa de hum tal extremo.
 Se inda este mal me conuzem
 Quero ter segredo nelle ,
 E ser sofrega no bem ,
 Não no saiba mais ninguem
 Eu sei que morro por elle.

E sem segredo me enleo
 He porque quer minha sorte
 Induzirme este recco
 Pois que vindo donde veyo
 Me achava a vida na morte :
 Mas no tormento a que vim
 Tudo faz sã por meu mal,
 E elle por me não dar fim
 Tudo lhe val contra mi m
 Contra ella nada me val.

A Inda não acabava o derradeiro verso da sua cantiga
 Learda , que era a que sobre a fonte vinha decendo ,
 quando vio a Albano, que conhecendoa ao longe pela voz,
 a veyo seguindo por entre o mato , & ella por lhe fogir ,
 como cultumava , saltou sem tino sobre a riba da fonte ,
 aonde Lisa estava enleuada nas palauras do seu pastor,
 em cujos braaos cahio com o sobrefalto esmorecida , ao
 tempo que Albano chegou, o qual vendo a irmã encoستا-
 da

Primavera de

da no peito de Lereno, ficou sem cor, & abrazado em ciu-
mes & ira, a lem da que tinha da fogida da pastora, come-
çou a chamar, a irmã de fe mentida, & desleal: ella, que
ao tom destas palauras acordou, dando lugar a Lereno
que se levantasse, lhe contou como elle fora a causa de
hum accidente, que naquelle lugar a inclinara, & o mes-
mo lhe disse Learda, com cuja vista ouue de perder par-
te da colera com que vinha, & dissimulando a que fica-
ua de sua sospeita, pedio perdã a Lereno, que até entã a
rogo das pastoras esteue callado, & voltando depois pa-
ra a sua fermosa inimiga a quem seguia, disse: da qui juiga-
ras Learda os males que causa tua ingratição, que não só
agrauas ao que te quero, mas fazes, que offenda a quem
sempre desejei contentar: porem pera Lereno baste por
disculpa a razão com que me enganei, & a Lisa a causa
que me deu pera esta sospeita. Comigo (respondeo Lere-
no) estas bem disculpado, que sô de Learda terei queixu-
mes, pois das semrazões que contigo vsa, naceram as com
que trataste mal a Lisa, & em pena do mal, que a ambos
fez padecer injustamente, pedimos em satisfação, q' d'hoje
em diante prometa galardoar melhor a affeição, que te de-
ue. com isto não quis consentir a pastora, porem com me-
nos esquiuança se disculpou, do que Albano se ouue por fa-
risfeito, & todos en companhia se forão pera o valle can-
tando o seguinte.

Olhos em cuja conquista

Se perde a vista, & se alcança

Quem vos vê, vê a esperança,

Que perde perdendo a vista.

Corã

Coração não receeis
 Este mal que vou buscando ,
 Que vos tam mal conheceis ,
 Que perdendo ganbareis
 O que perdeis não ganhando,
 Meus olhos, que a vista terdes
 Auenturais nesta vista
 Não vos pese de a perderdes
 Que perdendoa basta verdes
 Olhos em cuja conquista .

E vos causa principal
 Desta ousadia, & receo ,
 E deste atreuido mal
 Olhos ante quem o cristal
 Fica escuro & fica feo:
 O que em vossa cor se alcança,
 E o que eu quero o mesmo he
 Se o não trocara a mudança ,
 Que se vira quem vos vê
 Quem vos vê, vê a esperança .

E inda que tudo percais
 Em nada podeis perder,
 Pois no que perdeis , ganhais ,
 Que se a vista he pera ver
 Vos não tendes que ver mais:
 Se este bem vos assegura
 Olhos mostra confiança
 Para tanta fermosura,
 Que onde a vista se aventura
 Se perde a vista, & se alcança.

Como soe acontecer
 Dura tam pouco essa gloria
 Acabando de vos ver ,
 Que so fica na memoria
 A vista para a perder :
 Que essa cor fermosa & bella
 A quem nada ha que resista
 Quem à ve perde se em vella ,
 Pois vê a esperança nella
 Que perde perdendo a vista .

DEpois de cantarem, se apartaram os pastores para seus rebanhos, & ficou Lisea com Learda ao longo do rio (aonde os salgueiros, que a turva corrente do inuerno arrebatará deixauam sobre a vea da agoa os verdes ramos) junto de hũa espessa sylueria, que pelo areal se metia dentro do rio, sustentada dos antigos troncos, que ali ficaram, & dentro nella estaua o pastor Alceo dormindo a sesta, de modo que com a espessura do mato se não podia diuisar. Ali tomou Lisea pela mão a pastora Learda, & com palauras d'amor, que tẽ nos olhos lhe mostraua, lhe dizia :
 foigara

folgara não ser parte em teus amores, por não fazer sospeitosa a verdade do meu conselho, & assi te diria com menos receo o que sinto, & deixando o respeito de Albano (a que por natureza estou obrigada) não consentirei, que sendo tão fermosa sejas ingrata a quem te ama, por não ver algũa hora mal empregados os castigos de amor, em os quais nem val a desculpa da innocencia, nem o poder de tua fermosura: & bem creio eu, que se conheceras quanto custa querer bem, o não pagaras mal a Albano, nem ouueras por interessada a minha razão. Não lhe sejas esquiuua em paga de te ser afeiçoado, que he fazer contra o muyto q̄ mereces. A isto respondeo Learda com os olhos baixos, & a cor alterada. Cada hũa de nos Lisea julgando pela experiêcia que tem de amor, seguimos nelle estremos muy differentes: tu pelo que conheces de quem amas, ou pelo que de ty tens alcançado julgas quanto custe amar, & eu tenho conhecido quam pouco val pela verdade que experimêtei, & se te não for pesada serei breue.

NO principio de minha terna idade
 Quando liure d' amor menos sentia
 Os enganos, que trata a quem conhece
 De sua sojeição mal entendida:
 Quando da liberdade, que gosaua
 O preço não sabia, despresando
 Bês, que so pela ausencia se conhecem:
 Com hum pastor me criei desta ribeira
 Do meu paterno sangue procedido,
 Com tam liure querer, que não sabia
 Mais que querer lbe em singelamente:

Com elle apacentava o manso gado ,
 Com elle as leues feras perseguia ,
 Com elle a tarde a festa, a malrugada
 Recolhia, & tirava o meu rebanho,
 Mas como amor espreita sempre o tempo,
 E vio que neste estado se criava
 Fora de seu respeito tanto amor :
 Foy elle com a idade grangeando
 Poderse descobrir seu senhorio :
 Neste crescendo foy nossa affeição
 Atè chegar a hum conhecido extremo
 Que mal se esconde o que nos olhos mora :
 Eu viuia de vello : elle de verme ,
 Cada qual em seus olhos tinha a vida :
 Todo o nosso desejo,
 Toda a nossa esperança
 Era ser elle meu, eu sua esposa ,
 Nião a fé era igual, & a segurança
 Da vontade do Ceo so dependia :
 Não quis elle (ay de mim) tanta vëtura ,
 Ou amor a inuejou como tiranno.
 Aconteceo hum dia
 Passar por esta valle hũa pastora
 Peregrina no trajo & fermosura ?
 Que nas prayas do Tejo se criara ,
 E della se passava para o Douro ,

Onde

Primavera de

Onde grandes rebanhos, grandes pastos
Herdara de hũa tia, ou da fortuna,
Que se quis melhorar da natureza:
Vio a estaõ meu pastor (q̃ nunca a vira,
Ou o Ceo em a vendo me acabara,
Tambem lhe pareceo, tanto vio nella,
Que eu nos seus olhos via o seu cuidado
Sendo o mayor que tinha defendermo:
Comecei a sentir
Diferenças de amor,
E enganos que cobriam hũa offensa
Mal merecida, & bem dissimulada.
Ia quando me fallaua
Mostraua hũa frieza,
Hum desejo, hum receo, outra vontade
Diferente daquella, que antes tinha,
Mao he de sustentar amor fingido
A quem ja de verdade teue amores:
Eu que a causa dos seus não conbecia
Sò com minhas sospettas me enganaua
Te que os mesmos ciumes descobriram
Minha justa razão, & a culpa sua:
Soube mais em meu dano,
Que aquella mesma noite
Com trajos diferentes

Ania

Auia de yr fallar a esta pastora:
 Entam me deu amor noua ousadia,
 Porque não pode dar-me paciencia
 Que não desespêraste em tanto aperto:
 Mudo o trajo tambem, mudo o toucado
 Afalla, o modo, o termo, o passo, o rizo,
 Em tudo natural ao da estrangeira
 Por ver se com fingidas apparencias
 A graça da ventura lhe ganhaua,
 Mas ay q̃em vão se muda o trato, a vida,
 E a sorte por mudauel sempre he firme
 Quando nos males fixa a roda ingrata
 Com o escuro da noite poderosa
 Iunto aquella cabana onde pousa
 Me sobi no lugar mais alto della
 Esperando o successo não cuidado.
 Eis quando o meu pastor
 Na volta de hūs vallados apparece
 Guiando pera o posto com cautella:
 Como quem ja de amor vinha insinado
 Evendo me de frente
 Cuidando, que outrem via
 Com mimosas palauras me obrigaua
 A crer o que dizia:
 E eu por melhor fingir via & callaua,
 Representou-me aly sua afeição,

Primavera de

Obrigoume a que cresse o seu cuidado
Sem procurar de amor outro interesse:
Que faria coitada
Quem pelo seu somente aly viera?
Em mil desconfianças
Lbe pus a propria vida:
Deilbe mil defenganos
Com aspereza ingrata
Tè velo aly ficar desesperado,
Mas não no consentia de vontade
Este meu coração, que hia temendo
Por em risco hũa vida
Porquem mil vidas dera
Se tantas possuira,
Ou se quem lba tirou tantas quisera,
Que mal fingir sabia crueldades
Contra quem tanto amaua?
Mal me desobrigaua das palauras,
Que sempre me venciam.
Em fin cortando as suas me apartei
Por lbe não dar mais forças contra mim:
Foy seguindo a pastora o seu caminho
Partiose para o Douro descuidada
Do que em sua figura acontecera,
A ausencia certa mãy do esquecimento
Mostrou no meu pastor o mesmo effeito

Tor-

Tor nou ao mesmo estado,
 De lhe não lembrar mais, q̃os meus amores :
 Mas eu não soube ter hum bem tamanho
 Se não para per dello,
 Hũa manbã dourada
 Para mim triste escura,
 Que nunca amanbecera,
 Deciamos com o gado para o valle
 Ambos em companhia
 Em praticas de amor exercitando
 O juyzo sogeito a seus poderes.
 Não sei como assi foy, que eu descuidada,
 Ou tentada da sorte minba imiga
 Lbe chamei desleal & fementido
 Mudauel, & incapaz de meus extremos :
 Elle tendo a razão por encuberta
 Se ouue por offendido,
 E com rigor sobejo me culpaua
 Obrigoume a contarlhe a triste historia
 Como me acontecera :
 Seruiolhe a minba queixa de lembrança ;
 E a mi minba vingança de castigo :
 Apartouse de mi & vindo a noite
 Se despedio tambem destes outeiros
 Sem dizer mais, que a elles tal mudança :
 Estes meus tristes olhos, que o perderam

Primavera de

Choram de dia, & noite a culpa minha:

Hora julga Lisea do que ouuiste

Em quem terei amor firme & seguro

Se neste fez o tempo tal mudança

Em quem poderei ter firme esperança

O Vui a tua historia (disse Lisea) com o pesar que deuia à desgraça de teus amores, de que com razão deus sentir o successo, poreim não te desobriga nelle o engano de hum pastor, para que offendas outro, que de verdade te quer. E que segurança (tornou ella) terei de não ser engano? se aonde auia tanto mayores razões de confiança faltou a fê, que ey de crer de quem ainda não tiue experiencia? Nã eu te aconselho (respondeo Lisea) que sem fazer proua clara da fê de Albano te fies delle antes que o experimentes muy de vagar em teus amores, & como nelles o achares, afi o trata, que doutra maneira sera executar em hum innocente o castigo do culpado. Não te cances (disse Learda) que não ey de prouar de nouo o que hũa vez me custou tão caro, nem ey de empregar minha affeição mais que nos teus olhos, que me parecem fermosos, & sem engano, a ty quererei, a ty vellatei o gado, é por teu amor desprefarei a vida, & pois he tua não na procures para quem a destruirea em pouco espaço: & com estas palauras lançou os braços a Lisea, que entre os seus por hum pouco a teue apertada: Nestas palauras estauam quando para ellas vinha hũa pastora com hum brial branco, semeado pela guarnição de meudas boninas, hum volante deitado ao desdê sobre os cabellos, cõ hum cajado de aueleira na mão guian-do hum fato de cabras para o rio, & tras ellas cantaua estas endechas.

<i>Pastora que a amor</i>	<i>Compra tudo caro</i>
<i>Descobre a vontade</i>	<i>Por vender barato.</i>
<i>Fia a liberdade</i>	
<i>De amigo traidor .</i>	<i>Corre vn mar mudauel</i>
	<i>Sempre perigoso</i>
<i>Foge do perigo</i>	<i>Quieto enganoso</i>
<i>Cae na cilada</i>	<i>Reuolto intratuel.</i>
<i>Vai meter a espada</i>	
<i>Na mão do inimigo .</i>	<i>Amor não conhece</i>
	<i>Nem guarda respeito</i>
<i>Dà a guardar reccos</i>	<i>Por não ser sujeito</i>
<i>A quem se quebranta,</i>	<i>A quem lhe obedece .</i>
<i>E a quem se leuanta</i>	
<i>Sò com bês albeos.</i>	<i>Sem vista, & sem se</i>
	<i>Nos quer conquistar</i>
<i>Toma por leal</i>	<i>Vè pera atirar</i>
<i>Hum ingrato a quem</i>	<i>Pera o mais não vê.</i>
<i>Nunca se fez bem</i>	
<i>Que não faça mal .</i>	<i>Minha liberdade</i>
	<i>Guarda uos d'amor</i>
<i>Fia de hum contrato</i>	<i>Viuireis melhor</i>
<i>Com que o mais auaro</i>	<i>A vossa vontade .</i>

CHegando mais ao perto, conheceram as pastoras, que aquella era Nise, que vinha de proposito mais fermosa, pera obrigar de nouo a Alceo, o qual acordando do sono ao tempo que Lisea entrou na sua demanda, callado esteue escutando o effeito que fazia na fermosa Lear-da, & vendo diante seus olhos que sempre com rigoroso desdem delles fogia, estaua contente: porem ao tempo que Nise se entregou nos braços das duas pastoras, lhe cahio ao fundo do rio hua cabra cilhada a mais fermosa

d'entre as suas, porque enganada de hum mal seguro torraõ, deu na corrente da agoa, & as pastoras sem lhe poderem valer chorauam a perda della: mas Alceo que a vio se lançou'ao rio como estaua vestido, de cujo impetu ellas foram tam salteadas, que com estranho temor defemparrando o gado, fogiram pera o largo do valle, imaginando que era algum Fauno daquella ribeira, & não se ouueram por seguras até o ver sayr dentre as ondas com a cabra sobre os hombros, & o vestido deitando de si húa nuuem d'agoa: em tam chegando todas a elle lhe deram graças do trabalho, em especial Nise de quem a cabra era muyto estimada lhe disse: Nunca me esquecera Alceo o a que te auenturaste por meu respeito, tendo por menor perigo o da tua vida, que a perda da minha res. Quisera eu (respondeo o pastor) que fora este hum golfo muy perigoso, & que me mostaras da outra parte teu desejo, a ver se despresaua o poder das ondas, & o bem da vida por te dar gosto. & se (como ategora me mostraste) o tês de meu dano dizemo em galardão do q̃ te quero, & padecerei por minha vontade: & peço isto neste lugar, porque não sei se me dara eutro minha ventura: Nise que ouuia as palauras do pastor, & que nos olhos lhe conhecia a verdade dellas, & o via qual sayra d'entre as agoas por seu seruiço, não lhe pode negar compaixão, & obrigada das companheiras lhe respondeo: Sempre me pesara de teus males, & não permíta o Ceo, que por minha causa padeças algum, que ja agora seria ingrata ao que te deuo se não procurasse teus bês com muyto desejo, & ao tempo deixo por agora o mais: com isto ficou Alceo tam satisfeito, que o contentamento lhe tirou o poder lhe responder, mas com os olhos lhe mostrou o que a lingua não dizia: & porque era ja noite se foram com o gado, & no caminho souberam de Alceo o como aly viera pera merecer

certal ventura, que como esta se não guia por razão, vay buscar a hum descuidado que dorme, & foge de hum cuida-
dofo, que sempre vel la.

FLORESTA VNDECIMA.



E POIS destes enleos de mudança, que Lereno passaua fna esperança de ver a sua senhora: cõtemporizando com Enalia, & Lisea, que cada hũa com enganada cõfiança o procuraua: veyo aquelle dia em que tinha aua tãto o desejo, & porque nenhũ descuido lhe encurtasse as horas, se leuanteu antes de amanhecer cuidando que hia seguro de ser visto, quem atè do Sol se encobria, & tomou o caminho junto a ribeira do Lis: mas como quem a amor entrega sus cuidados sempre vigia, conheceo o Lisea, que aquella madrugada se leuãtara por ouuir hum roixinol, que de sobre hum loureiro lhe cantaua ao pé da cabana, & vendo que Lereno sahia da sua aquellas horas, temendose de algũa nouidade, porqne sempre amor viue entre receos, vestindose foy ao longe escondida seguindo tras elle ao longo dos matos, té que o vio entrar por aquelle desuio, sem diuisar mais, que hũa pequena abertura dos penedos, & aly não comprehendendo cõ a imaginação a causa que o leuaua, o esperou: porem o pastor alheo disto com o desejo em que tinha a vida, tomou o caminho em que sua senhora o guiara, & sobio ao monte por hum carreiro tam estreito entre os matos, que cuberto cõ os viçosos ramos de aruores syluestres, não dauam lugar a que caminhasse sem ruido: & sahindo por elle a hum alto, donde escondido descobria todo o valle, ouiuo que no baixo delle cantauam vozes concertadas ao som de instru-

Primavera de

mentos diferentes, que com suaue armonia se cōfertauão, & entendendo que eram Nymphas daquella fonte, porque aly entraõ as suas agoas na correnre do rio com os olhos & ouvidos pera aquella parte as escutaua: era o lugar (alem do que entãõ o melhoraua) muy apasiuel & deleitoso, porque depois de estar entre muytas aruores de boa sombra, que tinhaõ semeada a relua das flores, que por entre os ramos andaua sacudindo obrando vento. entrauam com muyto ruido as aguas da fonte em hum remanço do claro Lis, que debaixo dos altos freixos, que o cobriam estaua tremendo, & daly com saudoso mouimento se hiaõ despedindo as agoas daquella rocha, com cujo som faziam os musaicos accentos mais saudade, & dizia a cantiga.

Fermoso rio Lis, que entre aruores dos
Ydes detendo as agoas vagarosas
Atè que hūas sobre outras de inuejosas
Ficam cobrindo o vam destes penedos.
Verdes lapas, que ao pè de altos rochedos
Sois moradas das Nymphas mais fermosas
Fontes, aruores, eruas, lirtos, rosas
Em quem esconde amor tantos segredos.
Se vos liures de humano sentimento
Em quem nãõ cabe escolha nem vontade,
Tambem as leis d' amor guardais respeito:
Como se ha de liurar meu pensamento
De render alma, vida, & liberdade
Se conhece a razam de estar sūgeito.

Acaba

A Cabado o seu canto, que era a tempo, que ja o Sol dourava os montes, com a fermosura da clara luz, que derramava, vio que sahiam de hũa espessa mata sete Nimphas cubertas de hum veo roxo franjado de prata com alparcas fameadas de flores de prata, & sobre a cabeça capellas de acipreste, & rosas brancas murchas, & com tranças de azul & prata tinham en laços os cabellos: & quatro deitas trazendo nas mãos hum tumulo cuberto de branco por quatro braços de purpureo coral, pondo em hum alto, que aly estava feito de diuerfas flores, o cobrição de outras muytas, & daly a pouco espaço vio hũa Nimpha vestida com largas roupas de cetim roxo com bordadura de aljofar, & deitada sobre o tumulo tangendo as Nimphas sonoros instrumentos, cantou o seguinte.

Reliquias saudosas, que em memoria
 Ficastes de meu bem tam mal perdido
 De q̄ boje conuerteis em pena a gloria.
 Se pode auer nas cousas sem sentido
 Pela parte de amor hum sentimento,
 Que os poderes da morte tem vencido.
 Ouui de minha voz o triste accento,
 Que suspindendo está nesta espessura
 O rio vagaroso, o surdo vento.
 E vos alma fermosa bella & pura,
 Que estais gosan' lo agora liuremente
 Eternos bês de vossa fermosura.

Primavera de

Vos alma bella, & corpo trasparente,
Que pera contentar a todo o Ceo
Deixastes toda a terra descontente.

Vos em cujos extremos se venceo
A arte, & o saber da natureza,
Que com tantas inuejas vos perdeo.

Se lá nesse alto cume de grandeza
Onde tudo são bês de hũa alegria
Podem sobir sospiros de tristeza.

Ouui a rouca voz desta Elegia
Meffageira fiel da saudade
De vossa alegre, & doce companhia.

Ab enganofos bês da leue idade!
Quam mal em vos emprega aconfiança
Quê cuida achar razão, tẽpo, verdade.

Sò he larga na vida hũa esperança,
Sò a pena nos males he comprida,
E o mal sempre he mayor quando mais cansa.

Sò encurtam os fados a hũa vida
Por quem mil de vontade se perderam
Se esta pudera ser restituída.

Mas não he ella não a que offenderam
Pois de entre escuras treuas a tirar am,
E entre claras estrellas a poseram.

O mundo escurò offendem, que deixar am
Sem a luz dos seus olhos tam fermosos,
Que

Que a morte em vãõ serrandose abrandaram.
 Offendem sò meus ays tristes queixosos
 Conhecendo no mal a differença
 Doutros dias que foram venturosos.
 Em quanto a dor permite esta licença
 Choray meus olhos sèpre a triste magoa,
 E sinta toda a terra a vossa offensa.
 Pois perdestes a luz encheiuos d'agoa,
 Que saya destilada deste peito,
 Que a dor tẽ cõuertido em viua fragoa
 Fazei agoas do Lis o vosso effeito,
 E com doce murmuro suspirando
 Buscai ao mar pagailhe seu direito.
 E se tambem por sorte acompanhando
 Vos forem minbas lagrimas cansadas
 Com q̃ estou de memorias descansando.
 Entre nuuẽs espessas enserradas
 As fazei là sobir nesse Orifonte
 Onde sijão da causa respeitadas.
 Vos aruores sombrias, que defronte
 Deste tumulo sacro estais mouendo
 Os altos ramos sobre o verde monte.
 Como nome de Amarili y de crescendo
 Pera que do mais alto das estrellas
 Ella o esteja em vossos ramos vendo.
 E vos lume do Sol, e inueja dellas

Primauera de

*Voltaí hum pouco o parecer diuino
A quem se vos não vir pode offendellas
Logo fareis, que o Ceo claro & benigno
Defenda este lugar sereno, & santo,
Que esconde o vosso corpo doutro dino.
Fareis sobir ao Ceo meu baixo canto,
E as nuuês penetrar con voz interna,
Que com força da dor chegara a tanto.
Sobre esta Gerarchia alta, & superna
Leuara esta offerta que offerece.
Que pode ser no mundo quasi eterna,
Por quanto dura a vida que aborrece.*

A Cabado isto cobrio de repente húa escura nuuem todo o valle, & como se o Sol se ecclypfara, faltou a Leno a vista por grande espaço, perdendo naquella cõfusam o sentido, até que diante lhe appareceo a noua luz de seus olhos, & vio a sua pastora vestida em hum vaqueiro de monte encarnado guarnecido de frocos brancos, & verdes, os cabellos entrançados da mesma cor, feitos em húa serpe. a que ficauam por olhos dous contrafeitos bem mequeres, & as alparcas cubertas delles, hum arco no braço, & húa aljaua de fetas, & tomando ao pastor pela mão lhe disse. Desperta Lereno, que para cuidados tam altos, não conuem animo enleado: & pois te trouxe aqui a ventura não na desconheças: ao que o pastor respondeo ja menos turbado: pode desconhecer o bem, que em vossa vista se alcança quem de todo perder o juyzo, mas o que me deixou amor para contemplaruos, nem o

vencem

vencem receos nem pode desejar outro mayor bem , que
 teruos presente, & com este me ey pelo mais venturoso pa
 stor, que naceo nas montanhas, & prometo en gloria desta
 fazer lembrada no mundo vossa fermosura, & levantar nas
 azas da fama minha estrella com vossio nome : fette vos
 peço, que me digais para saber nomear o senhor de minha
 vida. O tempo to descubrira (respondeo ella) & agora ba
 ste, que te sustentas no que ves , que nem eu faço cõfianças
 sem experiencia, nem quero q̃ esta seja a primeira, & quan
 do sayres deste valle, & te vires nos da tua ribeira, lembra
 te que segredo, fé, & conhecimento satisfazem para com
 amor a falta de merecimentos humanos, não descõfies dos
 teus, & encomenda os pensamentos a ventura , que nunca
 nega fauor aos mais ousados, & cõ estas esperanças te tor
 na ao teu rebanho, antes q̃ neste lugar sejas sentido, & di
 zendo isto voltaua o passo para o bosque, mas o pastor a prẽ
 deo do arco com estas palauras . Não atalhe is senhora tão
 depressa a minha vida: se quereis que me fique para esperar
 tantas venturas, que fora de vos ver , até os animais desta
 montanha se levantaram contra mim : não me façais de
 cer de estado tam venturoso a outro tam desesperado : &
 dizendo isto, foram saltados pelo mato de duas pastoras
 de estranho parecer, vestidas com vaqueiros de apauona
 do , os arcos no braço, & as voltas dos vaqueiros cheas de
 frutas do bosque : & porque com a sua chegada Lere
 no se escondo de subito entre os ramos , disse hũa del
 las Não sei pastor , que te obrigou a fogir de nossa ví
 sta, que não he cada hũa de nos tam desconfiada do que pa
 rece que faça espanto. Tanto pode causar (tornou elle) a es
 tranheza das cousas sobrenaturais, como das muyto disfor
 mes: porem o meu receo foy doutra causa, q̃ eu temia ser ví
 sto, & não receaua yeruos, pois doutro modo quem fogisse
 de

Primavera de

de vossa fermosura, mostraua quam pouco era pera a conhecer. Com essa desculpa (tornou ella) sofreremos melhor nossa desconfiança, & saltando as pontas dos vaqueiros, espalharão as saborosas fruytas que trazião entre muytas flores sobre a relua, & sentadas comeram todos, porem Lerenno mais sofrego na vista de sua pastora, que na offerta das outras estaua suspenso, & cõ mil galantarias a cada passo o despertauão, & acabando de comer tirando hũa dellas, hũa dourada rabeça, & a outra pedindo a cytara a Lerenno, cantaram o seguinte.

DEscobre nouo mundo o pensamento
Estende as azas, não respeita a vida,
E em fantasticos bẽ sem fundamento
Tras a leue esperauça repartida.
O tempo he leue, & corre mais q̃o vento
A fortuna mudauel fementida
O desejo a omor risco se offerece
Amor com falsas mostras apparece .

*Hora hũa cor hora outra cor varia
(Quem vio cego tambẽ julgar de cores)
E em cada hũa enleua a fantasia
Dos seus, mais que elle cegos, amadores.
Mostra sempre por sonhos a alegria
Quando os olhos de si não sam senhores.
Naquella sombra vã da noite escura
Tudo possiuel faz tudo assegura .*

Contra

*Contra o fingido bem da gloria humana
 Tudo se arma, s'esforça, & se conjura
 O tempo, & a esperança sempre engana
 Poem o desejo a vida na ventura:
 Amor que a sua força fez tyranna
 N'uma imaginação, que se affigura
 Faz venturoso o mal que se padece,
 Mas logo no melhor desaparece.*

EM quanto ellas cantauam com vozes soberanas, o pastor com os olhos nos de quem o senhoreaua, imaginando em sua fermosura descuidado das palauras da cantiga, escreueo estas em o tronco de hum alamo, que junto a elle estaua.

*Mudas plantas quem não cre,
 Que estais vendo minha gloria,
 Eys de seruir de memoria
 Na lembrança desta fê.*

*Fique em vossa fermosura
 Este final não pequeno
 Lugar aonde vio Lereno
 Posta a seus pes a ventura.*

E Como os bês não podem durar tanto, despediraõse logo, & a pastora, que nas lagrimas que nacião nos olhos a Lereno conheceo a dor, com que se apartaua, lhas enxugou com a mão, & tomando pela outra guiou para o valle aonde elle sabio tam triste, como se aduinhara o mal que sua ventura lhe ordenaua, & foy que aquella pastora Lisa, que em favor de seus males lhe quis tanto, & o ficou esperando junto ao rio Lis entre os penedos, vendo que passada grande parte do dia, o seu pastor não tornaua, perdendo com amor o receo, entrou naquella coua, & sabendo

Primavera de

hindo ao valle pellas pisadas que achaua, foy ter a fonte, & foy pello caminho que Lereno seguira até se emboscar no mato, & aly a assombrou tam grande temor vendo hum ceruo, que pelos syluados vinha pulando para onde a vira, que gritando em alta voz, começou a bradar pelo seu Lereno, que lhe valesse, imaginando que não estaria muy desuiado: & ouuindo este brado a pastora que entam delle se apartara cuidando que algum grande mal lhe succedia, veyo correndo para aquella parte, & achando a Lisea naquella sobrefalto, liure ja do ceruo que atraueßara o caminho, lhe perguntou como aly viera, & a razão porque bradava, & por quem: ao que ella respondeo . Ainda que o perigo em que me vi, & o desuiado caminho em que me vejo me fizera perder a confiança, & a vida, bastaua teruos por valedora pera me auer por contente de mayores males : que me fez este: que ja não tenho por tal , foy hum pastor a que chemaõ Lereno nacido nesta mesma ribeira, & bem conhecido entre os guardadores della , pello qual bradava , que me socorresse : & a este permitio meu fado amasse tanto , que de tudo o mais por seu respeito viuesse esquecida : esta manhã vim com elle da sua cabana te as fraldas do rio, onde juntos passauamos outras vezes a festa , & deixandome aly entrou por hũs penedos a buscar hũa ouelha que me tinha dito, que naquelle lugar desaparecera, & assi o fez elle, té que eu desesperada tomando o mesmo caminho o vim a buscar neste lugar tam estranho, onde metendome entre os matos fora de tino vi hum forioso ceruo , que pera mim vinha correndo , & atraueßando o caminho passou ao tempo que accudistes pera me valer . Mais estimo eu (respondeo a pastora) chegar a tempo , que o meu socorro não fazia falta, que lutaruos de grande perigo ainda que isso fosse de mayor merecimento, & creio que muytos deue ter es-

se

se pastor a quem buscais, pois a tanto vos obriga: mas ja fera culpado no dano que vos fez, dado que não quiselle ser a eaula d'elle: ao que Lisea lhe respondeo: quẽ sabe querer de verdade, ainda que culpe a quem ama, em si executa a pena, & a que me fera mayor he não achar o meu Lerno pera me queixar das horas em que me faltou. & não dô risco em que me pos a vida que era sua. Muyto amor vos deue (tornou ella) pois quando mais queixosa, vos mostrais taõ rendida, & ja lhe quereria ma l, ou de vos o estranharia, se não sabe merecer essa fé. Na sua confio en tanto (repliou Lisea) que tudo o mais me esquecera se a falta de sua vista com outra cousa se pudera aluiar. Folgo estranhamente (disse a da montanha) de verobem de vosso estado, & ei compaixão de algũa pastora, que do vosso Lerno pretendera a mesma firmeza, como soe acontecer. Não falta (disse Lisea) quem cõ elle se engane, que poucos dias ha, que hũa do nosso valle se achou com a mesma confiança, q̃ eu agora tenho, & auendo sempre da vontade do meu pastor o desengano tinha a sua perfia por bem galardoada. Graciosa pastora (disse a outra) Deos vos dê vêtura em vossos amores, & gozeis o fruto delles liute de receo, & mudãças: & pois o Sol a vay fazendo nestes montes, & me he forçado dar ainda hũa volta ao fim da montanha, querouos acõpanhar te a sahida della, & fora achareis o vosso pastor, q̃ por estranho caso aq̃iveyo perdido, a elle dizei como me vistes, & o q̃ me contaftes, q̃ lhe encomendo muyto quanto vos deue, que se esqueça de tudo o que não for seruir-vos, & assi o faça do que em outra parte podia ter alcançado, que bem he pera quem so com amor pretende merecimento ser seguro em a fe, que promete, por onde lhe conuẽ ter todos os respetos á vossa: que se guarde de entrar mais neste bosque, & assi o fazei vos, porque d'hoje em

diante

Primavera de

diante he este passo muyto perigoso , & poucos entram ; que sayão com a vida . Ia de agora (respondeo Lisca, que a seguia pera o valle) vos deverei sempre a que me dais , & pois me não fica esperança de poder veruos cedo, o tempo me dara algũa de feruiruos, & agora no que me mandais o farei: chegando aos penedos , ambas cõ hum abraço se despediram, Lisca cuidando no seu perigo passado alhea d'outro que seguia, porque nunca vem sos pera tomarem hum coraçã o sem resistencia.

FLORESTA DVODECIMA.



A Parre por onde vem decendo o rio Lis antes de chegar aos espaçofos valles, que cõ sua corrente vai regando, toma hum estreito caminho entre altos aruoredos , onde cõ profundo silêcio se detem até chegar a queda de hũa alta penedia , é aly repartidas as agoas, medrosas vaõ fogindo por entre as raizes de amargosas noguciras, outras offerecendose aos penedos cõ saudoso som estam; nelles quebrando, & depois ficam derramadas em hum largo seixal, no fim do qual recolhidas em dous ribeiros, o mayor depois de muytas voltas se vay a encontrar primeiro com as agoas de que se apartou entre altos ciprestes & loureiros . O outro ao voltar de hum valle se vay encostando a hũa alta rocha por baixo de espessas aueleitas, & esperando as agoas hũas pelas ontras descobrẽ a boca de hũa lapa encuberta entre hũs ramos, que vai por baixo do chãõ hũa legoa, & nesta auita fama, que viuia hum fabio de muyta idade, que por encantamento a fabricara, o qual naquelle lugar era buscado de muytos pastores naturais,

turais, & estrangeiros a que daua remedio em muytos males, particularmente nos de amor, de quem elle ja fora na mocidade atormetado, & neste tempo corria mais a fama das maravilhas que obrava, quando Lereno sahio do valle desconhecido, triste pella ausencia de sua pastora, que a tã ditosa esperança o leuantara, & antes de recolher o gado encntrou a Lisea, a qual incerta de seu dano, não imaginando o que cõtra si fazia lhe disse o que passara indo tras elle & o mais que lhe acontecera com a pastora da montanha, cujo recado lhe deu. O pastor quando isto ouiu, como se aquella hora lhe arrancaram a alma, ficou sem cor, & sem falla, & virando as costas a pastora foy sospirando pelo valle acina. & ella ficou tam desesperada cahindo no que fezera, que depois de muytas & lastimosas palauras q̄ disse se quisera deitar no alto do rio, & pagar com a vida seu descuido: mas a isto atalhou Nise, que perto andava cõ o seu gado, & todo aquelle dia com amorosas razões a aliviou em o mal, cuja causa lhe encobria, & depois de muytos em que o pastor andou entre os matos embosecado, comendo o fruto das aruores sem dono, aborrecendo a cõuerfação dos naturais pastores, dizendo as feras, as aruores, & penedos seus queixumes: foy por aquelle caminho a buscar o valle, por ver ao menos as reliquias de sua passada gloria, representada no lugar aonde a gosara, mas achou serrados os penedos da coua, como se nunca aly ouuera tal caminho. & tendo então por impossivel o remedio de seu mal, fazendo mil discursos, que na imaginação vinhão a parar em defatinos, se foy hũa manhã bulcar ao sabio Menalcas, que habitava na quella estranha morada. que dissemos junto do rio, & entrando pela coua, aonde com a escuridão não atinaua, foy ter aonde corria hum ribeiro, cujas agoas vinhão tam frias que tocando a mão nellas, perdia

Primavera de

de improuifo o sentimento, & chegando aly ouuia dentro grande armonia de musica de aues, & entre vozes humanas: mouer de arueredos, & murmurar de fontes, & dahi a pouco espaço se veyo para elle o sabio velho, & lhe perguntou o que buscava. Aty (respondeo elle) pera remedio de meu cuidado. ou desengano delle, que posto que conheça não ter cura minha desgraça, o desejo de me ver liure, faz que procure cousa tão duuidosa, ou pera melhor dizer impossuel. O velho o tomou pela mão, & leuandoo a hũa quadra, que com arteficiofa luz se alumiaua, & sentandoo perto de si, lhe mandou com mostras de brandura, que cõtasse a sua historia: & Lereno, que com a lembrança renouaua a dor della, com lagrimas. que nos olhos lhe naciã contou do principio de sua vida: te o estado em que estauas, que tinha pelo fim della: ao que o sabio com hum maduro sossego respondeo. Posto que os males causão ao sofrimento, & os teus sejam de calidade, que te ponhão a risco de o perder vendote sem culpa. Não desesperes de ser curado, que tudo ha no tempo, que em casos semelhantes com a longa experiencia me insinou: & pera que de mim nas obras conheças a vontade cõ procurar teu remedio: esperame neste lugar, que logo nelle liberas a causa de teu dano, & em tanto (porque não fiques sem companhia) te mandarei quem te entretenha. Dito isto foy por meyo de seus encãtos a saber o successo dos amores de Lereno, & elle ficou na quadra, onde não tardou muyto, que vieram duas pastoras por extremo fermosas, vestidas de verde claro com samarras de pellica manchada, & violas d'arco nas mãos & chegando a Lereno, o saudaram, & elle muyto contente de sua visita as recebeo, & depois de passadas algũas saborosas praticas, lhe pediram que quisesse cantar com ellas pelo modo, que o costumaua fazer na sua aldeia: elle que não sabia ne-
gar

gar boa vontade a quem merecia o prego della, aceitou o cargo, & tocando as violas cantava o pastor, & ellas respondiam na maneira seguinte.

Quem nouas me quiser dar
De hũa esperança perdida
Darlhe ey por ellas a vida.

He paga muy desigual
A que offerces a quem
Te der a sombra de hum bem,
Que he sogeto a tanto mal.

E se a vida menos val,
Que hũa esperança perdida
Não he menos darlhe a vida?
Com os desejos de auella
Prometes muyto em teu dano.
Mas cuydo, que faço engano.
Em dar tam pouco por ella.

Se à vida te importa tella,
Porque dás por ella à vida?
Porque hũa, & outra he perdida.

Onde achaste em casos tais
Menos à tua esperança?
Perdeose em hũa mudança
Nunca della sonbe mais.
Se deres della os finais
Te serà restituída.
Vay ferrada, & ray sediga.

DEspediraõse as pastoras acabando a musica, porque sentiram, que vinha o velho Menalcas, & elle com ledo rosto afsi falou para o pastor, que entre temor, & desejo o esperaua. Põsto que o estado de teus cuidados seja perigoso, è te pareça que tês nelle a vida auenturada não desesperes de grãdes bês que os fados te prometem por elles estaua ordenado, q̃ o primeiro, que descobrisse a historia de Syleno, q̃ em hũ penedo foy encantada pelos Faunos desta montanha padeceffe em castigo de tal ousadia, que todos seus segredos fossem manifestos, & por esta razão se discourres pelos successos de tua vida depois que aos pastores do Lis, & Lena a descobriste, acharas que por estranha

mancira, sem culpa tua foram descubertos os amores de Lisea a carta de Enalia, & o que te aconteceu no valle desconhecido. O remedio que tês pera melhorar tua sorte, & vencer a força desta desgraça, he hum desterro que logo feras desta montanha em castigo da culpa que tiueste, & depois de larga ausencia, que fera atalhada por permissam de tua estrella, te poderas chamar neste valle venturoso pastor. Espantado ficou Lereno de ouir o que o sabio lhe dizia, & à razão de seus males tam encuberta, vendo que nesta verdade não podia auer engano pelo que ja lhe acontecera, & em recompensado trabalho, se lançou aos pes do pastor, que com hum estreito abraço o leuanteo, & veio com elle até a sayda da coua, representandolhe sempre o que conuinha pera sayr dos ameaços de sua ventura: & elle a quem tudo o mais aborrecia, faltandolhe o bem que ella lhe negaua, determinou partirse ao outro dia sem a ninguem dar conta de seu apartamento, & deixando cabana, & rebanho, leuando sô consigo rabil, çurrão, & cajado, tomou o caminho dos campos do Mondego, porementes de se apartar do Lis, & Lena sobido de hum alto penedro, que descobria aquelles saudosos valles & mōtes, os effios & sombrios aruoredos, as cristalinas correntes, que hiam com ordenados rodeos cortando a verdura; tirando o pastoril instrumento com rouca voz començou a celebrar desta maneira a triste despedida.

F Ermoso rio Lis, que de contente
 Estais detendo as agoas vagorosas
 Por não passar daqui vossa corrente.
 Entre essas ondas claras duuidosas
 Leuai ao largo mar com turua vea

Tristes queixumes, lagrimas queixosas.
 Em quanto descançais na branca areia
 Ouvi hum pastor triste, & magoado
 Que vay perder la vida em terra albea.
 Sua ventura o manda desterrado
 Não se pode saber que culpasteue,
 Que amor que foy juiz era o culpado.
 Se a tanta sem razão magoa se deue
 Ouvi a voz de Cisne derradeira,
 Que inda que he grande a dor ha de ser breue.
 Vos Ninfas, que morais nesta ribeira
 Nessas lapas cubertas, & escondida
 Do mirtho, fayas, freixos, & aueleira.
 Se ja de amor sentistes as feridas,
 E quanto custa hũ triste apartamento,
 Que pera dar mil mortes dà mil vidas.
 Agora que se calla o surdo vento,
 E o rio enternecido com meu pranto
 Detem seu vagaroso mouimento.
 Vinde a gosar da terra o verde mato
 Vereis da natureza o mor thesouro
 E ouuireis as tristezas de meu canto.
 Em tanto Apolo com seus rayos d'ouro
 Enxugando estará com noua inueja
 Vosso brando capello crespo, & louro.

Primavera de

Antes que o descontente espirito seja
Apartado da doce companhia
Consenti Ninfas bellas, que vos veja;
Não vos verei porem como vos via
Hora seguindo as feras na montanha
Hora prendẽdo os peixes na agoa fria.
Chorando vos verei pois dor tamanha
Não ba como deixar a propria terra
Por yr buscar a morte em terra estranha
Penedos, que pendeis desta alta ferra
De verde erua, & de musgo reuestidos
A q̃ os ventos emvão moueram guerra.
Vos decliues outeiros repartidos
Con longes amorosos, ledos pertos
So pela saudade conbecidos.
Valles, que de mil aruores cubertos
Abris caminbo as cristalinas fontes;
Que os aluos seixos deixão descubertos.
Vos ladeiras incultas, & altos montes,
Que coroados sois de altos pinheiros,
E a cor tomando estais aos Orizontes.
Pastos, cabanas, gados, pegureiros,
Pastores deste valle verde ameno
Doces amigos, doces companheiros.
Apartase de vos triste Lereno

For-

Forçado dos poderes da ventura;
 Contra quẽ seu poder foy tão pequeno
 A Deos o monte, o prado, a espessura,
 A Deos o rio & fonte cristalina,
 A Deos as plátas, flores, & a verdura.
 Ia no valle, no monte, & na campina
 Os pastores tanger não me ouviram
 A minha desejada samfonina.
 Ia nas ardentes festas do veram
 As ouelhas a sombra do aruoredo
 O pasto por me ouvir não deixaram.
 Ia debaixo do vaõ deste penedo
 Olhando os cordeirinhos q̃ pastauam
 Não cãtarei de amor cõtente & ledo.
 E as pastoras q̃ a ouvir me se ajuntauam
 Ia me não teceram verdes capellas
 Com que por vencedor me coroauão.
 Ia nem na noite a vista das estrellas
 Nẽ quando o bello Sol claro apparece
 Louvores me ouvirã das Ninfas bellas
 Ia o vento, que ouvindome emmudece
 Entre os Ecchos da doce Filomena
 Não leuara meus ays onde os offrece.
 Tornay o curso a tras agoas do Lena
 A pesar dessa rocha, que ameaça

Primavera de

Vossa clara corrente tam serena.
Que não vos tirará da vossa graça
A sombra desse outeiro tam temido
Como me tira a vida a sorte escaça.
De vos serenas agoas me despido
De vos não perderei nunca a lembrança
Fazendo desmentir nesta mudança
Quien dixo que l'ausencia causa oluido.

L A V S D E O .

A PRIMAVERA
 DE FRANCISCO
 RODRIGUEZ LOBO.

Campos do Mondego.

FLORESTA PRIMEIRA.



I N D A a rosada Aurora não desengana-
 rarâ de todo as estrellas, que com alhea
 luz se queriam meter em posse do dia,
 quando Lerenô com os olhos em sua de-
 sejada patria, que deixaua, tomou o cami-
 nho pera os campos do Mõdego, para on-
 de o hia guiando o seu destino por entre
 incultras charneças, q̃ ja lhe mostrauã em sua aspereza a dif-
 ferença dos valles & montes em q̃ se criara, & cõ a fauda-
 de, q̃ aquelles outeiros lhe representauã ao longe, sospiran-
 do a cada passo, voltaua os olhos atras, como q̃ o chamaua
 seu cuidado: até q̃ perdeo de vista os altos edificios, q̃ estão
 situades em a soberba penha, q̃ os rios vão cercãdo: & fazê
 do daly com os olhos de nouo despedida, foy caminhando,
 & chegou a ribeira do Arunca, pequeno rio (que em gracio-
 sas voltas rodea hũa comprida varzea, & depois se mistura
 nas agoas do Mondego) dino de eterna memoria pelos pa-
 stores & pastoras, que naquelle tempo o habitauam: aquí
 chegou o pastor assaz cansado mais de suas lembranças, q̃
 do caminho, & em hũa enseada, que o rio faz debaixo de
 hũs verdes salgueiros, que o assombraõ se assentou, & de-
 pois

Primavera de

pois de descansar, imaginando a causa de seu desterro (que este he o aliuio que os males consentem) tomando a samfonha, cantou o seguinte.

Relua vestida de flores
Salgueiros verdes copados,
Que sois pastura dos gados,
E descanso dos pastores:
Agoas que tomais as cores
Da sombra desta verdura,
Seeba vossa fermosura
De continuo ver quizerdes
Sustentai seus ramos verdes
Sem olhar minha figura.

Doces passarinhos ledos,
Que fazeis vossos regramos
Saltando dos verdes ramos
Por cima destes penedos:
Se de amor tratais segredos
De mim não nos confieis,
Que he certo no que canteis
(Porque em tudo amor me offenda)
Ainda que não vos entenda
Que publique o que dizeis,

Gados, que assi liurementemente
Sem inueja ou differença
Gozais com tanta licença
O prado rei de, & contente:
Por não verdes diferente
O gesto com que comeis

Nessas flores que colheis,
Se à vida queris achar
Guardai nos das que eu tocar,
Porque logo morrereis.

Liures peixes, que na vea
Os rayos do Sol tomais,
E nestes puros cristais
Estais vendo à luz alba,
Quando sobre à loura area
Buscáis doce mantimento
Olhai não bebais sem teuto
Esta agoa que me consume,
Que vos fará por costume
Perder o contentamento.

E vos Nymphas que pisais
Estas eruas, & estas flores
Se sabeis sentir de amores
Como não me acompanhais,
Porque hum aliuio negais,
Que em vos não pode ser erro
A quem mata à fogo, & ferro,
A força da mesma dor,
Mas ah sentistes amor,
E não sentistes desterro.

Qualquer amante agrauado

Por engano, ou per mudança
 Inda lhe fica esperança
 Daquelle primeiro estado:
 Ay de hum triste desterrado
 A quem mais não se consente;
 Que conhecer claramente
 Pelo que em seu mal consiste,
 Que ha de viver para triste
 Pera não morrer contente.

Perdi a gloria que tinha
 Bem guardada, & mal segura
 Perdi por minha ventura,
 Que não foy por culpa minha.
 Era força: que conuinha
 Pera seu fatal intento,

Que eu padega meu tormento
 Adorando a femração
 Dando a hum falso pregam
 Verdadeiro sofrimento.

Voume do meu natural
 Por mal estranho a que vim
 Bem descontente de mim
 Não da causa de meu mal,
 E se ante amor tambem val
 O padecer por vontade,
 Agois que com liberdade
 Buscais o fim desejado
 Testimunhai meu cuidado
 Sois claras, falai verdade.

NO fim destes versos, que Lerno dizia com a lembrança em outras horas, que naquella ribeira gastara com mais contentamento, tomava o currão pera seguir seu caminho, quando o atalhou Pireo hum nobre guardador, que naquellas partes apacentava, & depois de lhe offerecer repouso & galhado em sua cabana lhe perguntou a causa de seu apartamento: mas elle, que com tanto cuidado a encobria, & não podedissimular queixumes, os lançava todos a ventura que o perseguia, & a quam mal lhe respondia o fruto do seu rebanho nas ribeiras do Lis, auendo por desgraciada sorte a de quem tinha por madrastra a natureza. Pireo o consolava, pondo em o tempo a esperança, & remedio de sua vida: facilitando lhe a mudança de todas as cousas della: a estas razões daua Lerno outras de magoado, & com ellas se despedio do pastor,
 que

Primavera de

que contra sua vontade lhe deu licença: elle se recolheu ao lugar, & Lereno tomou o caminho por fora d'elle, & não tinha andado muyto, quando vio, que diante hia cantando hum estrangeiro com o cajado ao hombro, & parecia tabem a sua voz, que Lereno apressou o passo pera ouuir de mais perto a cantiga, que era esta.

Trabalho por esquecer

Hum cuidado que me mata,
E quando pior me trata
Então menos pode ser.

Este mal, que afsi me cansa
Por quem tanto me desuello
Sem nunca lbe achar mudança
Como viue da lembrança
He o remedio esquecello:
Porque he parte da saude
O trabalhar pella ter,
Inda que ninguem me ajude,
Per ver se isto tem virtude
Trabalho por esquecer.

Não me ajudo da razam,
Porque vejo que não val,
Que amor tem de condição
Pera males de afeiçãõ
No dar razão para o mal.
Depois que me fez catiuo
Nenhũ respeito me cata
Sõ quer que em tormento esquiuo

Morra sustentando viuo
Hum cuidado que me mata.

Este mesmo se defende
Do remedio que lhe dà
O desejo que o pretende,
Porque mal s'esquecera
O que de contino offende
Effeitos tam desiguais
Não nos sofre a dor que mata.
Que entam m'atormenta mais
Quando dà mores sinais,
E quando pior me trata.

Fizme ja tam diferente,
Que nem de mim sou lembrado,
Quando me tenbo presente,
Tudo a sorte em mim consente,
Nada contra meu cuidado.

O tempo nem a ventura
 Contra amor não tem poder
 Cuidado que elle assegura,

Quando esquecerse procura
 Então menos pode ser.

A Cabando de cantar o que caminhava voltou os olhos para tras ao pisar dos passos vagarosos que soauão, & vio o pastor, que pera o ouuir se-hia detendo: esperou o, & depois que se saudaram lhe disse Lereno: Com o gosto da tua cantiga me esqueci do trabalho do caminho, & com a lembrança que me fazia n'alma me dobrou a dor de hũa saudade com que parti esta madrugada, por tua vida, q̃ vas por diante, se não he differente teu caminho, que não sei eu quem não rodee muytos por te ouuir. Certo (respondeo elle) que ou tu deues trazer o juyzo affeiçãoado a tristezas ou me queres persuadir algum engano. Saberas que eu canto (& pera melhor dizer) choro por costume, & não faço das palauras mais accento, que como os sospiros as leuam por esse ar desordenadas: o meu camião he pera o Mõdego, se pera lá he o teu poder: seguirte, que grãde aliuio he pera os trabalhos a companhia, quando elles não sam tais, que chegam a fazer aborecella, & a propria vida: & posto que eu da minha sou pouco contente, terei por grãde interresse ser teu companheiro. Por certo (respondeo Lereno) que mo pareces no cuidado mais, que na jornada & se tal he deuo a ventura achar o que buscaua, não lhe tẽdo nunca outra igual obrigação, & pera a verdade do que sospeito, dizeme quem es, & pera oude ou porque caminhas. Ia não posso (tornou elle) negar o que me pedes, a mim me chamão Menandro, & naci na ribeira do Tejo donde me apartei ha poucos dias, por fogir a hũa razão que tinha para viuer desesperado, vou a o Mondego, & dahi determino passar a diante a buscar hum pastor meu conhecido, q̃ por
 hum

hum caso estranho se apartou da nossa ribeira, & pois o tẽ po, & o caminho da licença pera tudo, & a tua inclinação não parece defaifeioada, contarte ey hũa historia dina de eterna lembrança.

Nas ribeiras aonde naci, que a nenbũa das do mundo dam ventagem nas graças com que as outras se engrandecem: auia duas irmans, & tẽ nascidas pastoras, que tanto no grao da fermosura era miguais, como no do parentesco, & entre ellas fazia mayor amizade alem da obrigação do sangue, a semelhança do parecer, & partes sobrenaturais q̃ cada hũa tinha: & porq̃ era esta afeição justa & verdadeira colhião igualmẽte o fruito della: mas amor que a ninguem consente segura liberdade, fez que a menor dellas, que Dorisa se chamaua, com tam sobeja afeição amase a Linceo, que em seus olhos perdeuse a lembrança de tudo o mais que não era gosalos, & porque o pastor não tinha nella os seus por mal enpregados, pagaualhe igualmente o seu desejo, & trataua os seus amores com Montea, que era outra irmã de mais idade, & comigo que en tam a seruia, & não mal galardoado de sua vontade. Foy o tempo apurando estas afeições, & era o amor entre todes perigofo, & o meu, & de Montea muy favorecido: porque com este alento to-ma elle ousadias: entre ellas, & a esperança de alcançar fim ao que deseja-ua, me foy forçado apartarme daquelle lugar por algum tempo. & parte do que durou o meu deslerro (que eu tinha por tal em ausencia de quem se- nhoreaua meu cuidado) trataua Linceo de meus amores, daua as minhas cartas a Montea, & a mim mandaua as suas, com a fẽ, que em tão igual amor era deuida: porem como elle he hum enleo, & sò delles se satisfaz mo- strando em semrazões seu poder, & tyrannia, ordenou que este Linceo se afeiçãoasse a minha pastora, esquecendo o muyto que a Dorisa queria: & procurando meyzos com que se lhe descobri-se, achou nella muy pouca resi- stencia, que alem de ser natural em molheres folgarem de ser queridas: pa- rece que he entre irmãs mais natural hũa cubiça de se melhorarem cada hũa da outra, fora de tudo eu estava ausente, & montauã pouco minhas lêbran- ças: seguiam seus amores, & não foy com tanto segredo, que logo Dorisa

os não entendesse, buscou o remedio em suas lagrimas, representou a Lincco o que lhe deuia, & a irmã a creição que contra mim, & contra ella ordenaua: valeolhe este pouco, & auendose nelle por desesperada, tratou de buscar nas eruas o que em suas lagrimas lhe saltará: aconselhouse com Alcina, que era a que mais dellas entendia nas montanhas d'alem do Tejo, buscou algũas pera o fazer esquecer de Montea, e deitou o gũmo dellas em hũa fonte aonde costumaua beber, leu indo o gado: & o dano que lhe auia de fazer na memoria foy no juyzo: endoudeceo Lincco, andaua pelos montes fazendo desatinos, suspiraua pela morte, despenhauase dos outeiros, reyo em pouco tempo a mudar a figura de sorte, que pelo que fora o não conbeciam. Dorisa vendo o que fizera com o mesmo amor com que o possiyo, ou mayor, porque com os ciumes da irmã se acrecentara, reyo tambem de paixam a endoudecer: Montea que ja sabia a causa deste estranho successo, & vio a paga, que ambos tinhão de sua cubiça, vestida em habito de pastor desapareceo: hũs dizem que com temor de que minha presença accusasse ante todos sua maldade: outros que pera buscar remedio ao perido Lincco. Eu triste que de tudo viua ausente, & descuidado vinha pera lograr o fruito de minhas esperanças assaz cõtente, achei estas nouas, roume a tras meu destino, ou a buscar Montea, ou a riuer desesperado mais perto da morte, engeitando a vida sem gosto, & com tantos desenganos.

E Sta historia acabou Menandro com muytos sospiros & algũas lagrimas, que descuidadas lhe cahiaõ pelo rosto: & o companheiro ficou mudo vendo a differença dos males, que a sorte ordena, & não lhe parecendo ja os seus tam rigurosos, começou a consolar com algũas razões o pastor estrangeiro: & porque nisto se gastou a may or parte do dia, & se lhe cerrou a noite entre hũs casais, a passaram nelles, & em amanhecendo, vieram alcançar o Sol a hum fermoso lugar o mais celebrado em frescura, & graças da natureza, que todos os que estão ao longo do Mondego, & sentandose entre muy espessas roseiras

Primavera de

roseiras, que estauam tecidas ao pé de altissimas fayas, & alamos brancos, defronte donde hum copioso ribeiro, cahindo de hũa rocha abaixo, com hum faudoso estrondo vem encrespando em escuma as cristalinas agoas, de que o ar esta espalhando perpetuamente hum meudo borriço, que como nuuem, na mayor força do Sol esta orualhando as flores de todo o valle, aly depois de descangarem tirou Menandro hũa temperada lyra, a cuyo som cantou Lercno o seguinte.

A Goas, que penduradas desta altura
Cabis sobre os penedos descuidadas
Aonde em branca escuma leuantadas
Offendidas mostrais mais fermosura:
Se achais essa dureza tam segura
Pera que porfiais agoas cansadas
Ha tantos annos ja desenganadas,
Esta rocha mais aspera, & mais dura.
Voltay atras por entre os aruoredos
Aonde caminhareis com liberdade.
Atè chegar ao fim tam desejado,
Mas ay que sam de amor estes segredos,
Que vos não valera propria vontade
Como a mim não valeo no meu cuidado.

Mvyto bem pareceo a Menandro o soneto, cujos accentos, com o som das agoas, que aly quebrauam, faziam hũa saudade cubiçosa a animos affeiçoados: & querendo-lhe dar as graças de quam bem o cantara elle as não confentio,

sentio, antes se aleuantau pera seguirẽ seu caminho, o qual fezeram por entre graciolos pumares, & verdes larágeiras, aonde entre as nouas folhas aleuantau seus tenros fruitos a natureza semeando o chaõ das varias flores, que dos mais altos ramos se despediram, fazendo com isto mais fermoso o deleitoso tempo da primavera: & porque a verdura daquellas aruores, o cheiro das flores, o murmuro das fontes de cristal, que em cada riba brotauam d'entre as eruas, & aluas pedras, a harmonia dos passarinhos, que dos ramos se pendurauam: hiaõ detendo os olhos a cada passo, foraõ perto daly passar a força da calma ao pé de hũa pequena ermida, leuantada sobre dous penedos, em cuja roda pera a parte do campo nacé tres fontes de agoa fermosissima, & ajuntandose em hum gracioso ribeiro, vam pelo pé de muytos freixos, & salgueiros em companhia até entrar no rio em hum quieto remanso, aonde parece que as espera. Assentaraõse os dous pastores a vista da primeira fonte, que de ce da rayz de hũa figueira braua, que faz tahir as agoas em espelho, cobrindo no alto por onde passa hũa concauidade do penedo, chea de verde auenca, & douradinha, que com aquellas vidrassas do liquido cristal fazem sua verdura tã fermosa, que nunca ricas esmeraldas, & preciosos diamãtes tiueram pera os olhos tanto preço: acrescentando a este lugar a graça com que as agoas cayndo do alto, se esprayaõ em hum largo seo de branca area, aonde as aldeãs dos montes vezinhos custumaõ lauar as talhas, & encrespar os tocaudos: & não passou muyto, que viram quatro serranas, que vinham pera a fonte com as beatilhas dobradas sobre os cabellos, como naquelles montes he costume, & nellas os cantarinhos pedrados, & cantauam ao seu modo estas cantigas.

Primauera de

Mancebo do pardo
Não tragais espada ,
Porque onde ha tais olhos
Para que sam armas.

Mancebinho louro
Andai descuberto
Tomareis mil almas
No vosso cabelo.

Tornaime os meus olhos
Mancebo do verde,
Que andam tras de vos
E não sabeis delles.

Tornaime os meus olhos
Mancebo do roxo ,
Que vão da minh' alma
Pera o rosso rosto,

Não quero ser dama
Do dos olhos brancos.
Que tem mil amores ,
E nenhũ cuidado .

Não quero ser dama
Do dos olhos negros ,
Que tem mil amores ,
E nenhũ segredo .

Vindeuos meus olhos
Vindeuos da serra
Não vos queime o Sol
Que vos tem inueja .

Pois fiquei na serra
Vindeuos do campo ,
Que quem ama muyto
Não espera tanto .

Forase o meu damo
A laurar no monte
Querome yr com elle
Não venha de noite .

Forase o meu damo
A gradar no valle
Quero m'yr tras elle
Que outrẽ não lh' agrade .

Lume dos meus olhos
Se fordes à villa
Leuaimo nos vossos
Vireis mais asinha.

Pois ydes à villa
Ninguem vos contente ,
Que os rostos toucados
Muytas vezes mentem.



ERa tam alegre o cantar das ferranas, & pareciam tam-
bem com aquelle rustico trajo afrõtadas do Sol, & def-
scalças

calças pela agoa do ribeiro, que posto que os dous caminhantes gastauiam os sentidos em outra lembrança, não poderam negar naquella vista contentamento, & hũa dellas na cor preta, nos olhos engraçada, & nas palauras mais liure: disse para elles quando os vio defronte. Por amor de mim pastores, que deixeis o lugar, porque he de quem nelle me parece melhor que vos: ao que Lereno respondeo. Não podeis vos logo dar esse e outra, que melhor pareça, & se eu deixar este por voffo gosto, sera por outro donde mais ao meu vos veja, que sem isto obedeceruos, fora agruauuos. Bofé pastor, que errastes na escolha (disse hũa das outras) que em qualquer de nos a tinheis melhor, porque esta ferrana fez ja a sua aonde está bem empregada, vejoues pera os amores boas palauras, & ruim partido. Por essa razão o tenho eu melhor (disse Menandro) que ainda não escolhi. & porque não aconteça o que a elle, delenganaime qual de vos está sem affeição. Eu que nunca a tũe a quem me quis bem (respondeo a primeira) fallai comigo, que sou pera tudo, & vos pelos finais meu namorado. Não sejais tam sofrega (disse elle) que roubeis o alheo: contentaiuos cõ meu companheiro, que o não podemos ser nos amores, mas se a pastora do brãço viue sem elles, & quiser os meus, ficarei nesta terra por soldada a sua conta, inda que vejo, que faz pouca desta vontade. Nenhũa tenho (respondeo ella) de accitar amores tam apressados, porque nunca pago seruicos dantemão, & pois esta pastora me ganhou por ella, & vos quer por seruidor, não sejais ingrato. Bẽ podereis (disse elle) engeitarme sem me aconselhar, que vos não queria pera terceiro: porem o pouco espaço, que aqui me detenho, farã, que aceite o conselho. O meu he (disse a outra) que em quanto lauamos as talhas canteis algũa cantiga, pois ao parecer sois do Tejo, aonde sam as melhores. Eu

Primavera de

disse Lereno nada farei sem interesse, & posto que não sei cantar me offereço, se me ajudar meu companheiro, & porque elle se não negou, cantaram ambos.

*Mal pelos meus olhos
No que amor ordena
Que elles tem a pena.*

*Meu desejo vão
Tenha tod'a culpa
E quem nelle culpa
A meu coração,
Que sò pagaram
Meus olhos a pena
Do que amor ordena*

*Deste meu querer
Amor foy seu fim,
E sem verme a mim
Vos quiseram ver
S'he contra o poder
Do que amor ordena
Elles tem a pena.*

IA me arrependo (disse a ferrana do branco) de memó-
strar esquiua a tua boa vontade, quiçais se ma offerece-
ras cantando que obrigaras a minha com mayor força
pois ateue agora a tua cantiga pera te olhar cõ mais bran-
dura, que he cousa affaz alhea de minha condição: não no
parece ella logo do teu rosto (tornou Menãdro) porem ja
que te soube contentar, ainda estás em tempo de me resti-
tuir o pouco que te has de gozar deste engano (disse ella)
mefata mais liberal. Não consinto (atalhou a primeira)
que entreis tanto pella terra dentro nos fauores, & obriga-
ções. Pastores defenganaiuos que nenhũa de nos sabe que-
rer bem se não assi, viuemos de dar em que entender a to-
dos, & de não entender a nenhum. Leuamos boa vida de
a dar mã a quem nos serue, nada nos contenta se não o que
nos não custa, ha mais enganados nesta serra com nossas
pala-

palavras, do que ha galardoados de nossa affeição eu sou hum pouco de melhor natureza que minhas companheiras não quero que desta graça se vos pegue algũa imaginação cõ que a adoexais de sião, que conheço muytos que com menor causa o perderão, ajudainos aleuantar os cantaros, ja que aqui vos achastes, que sempre a conta deste fauor direis hum par de trocidos. Hora (disse Lereno) nunca encontrei com gente que tanta pudeffe leuar apos si, digouos que fallais tambem como pareceis, & que o que sobre defenganado vos não seruir defacerta em tudo, não nos deixeis tam de pressa por vossa vida, & vos (respondeo ella) não vos affeioeis tam deuagar que defacreditais o nosso costume, que no primeiro encontro ferimos, matamos, & roubamos como falteadores, & não ha liberdade que pare ante nossos olhos, que com elles temos feito a Amor hum esfolacaras, & vos a cabo de tempo, & com muyta freima caystes na razão, por vos não esperar outras, ficai embora, & tomando o cantaro, fizerão as cutras o mesmo, & com grande risada forão pello valle acima deixandoos na borda da fonte, daly forão continuando seu caminho. pella sobida de hum valle affaz pedegrosso te chegarem ao cume de hum monte, donde começaram com os olhos a descobrir a vagarosa corrente do Mondego, que em curiosas voltas se detinha por não chegar ao mar aonde perde o nome & o sabor de suas doces agoas, & porque se detiueraõ em contemplar os sumptuosos edificios & altos templos da famosa cidade de Coimbra, honra & gloria da Lusitania, & os aprasiueis lugares & quintas de que está rodeada, & era ja tarde disse Menandro para o companheiro, com muyto sentimento: Nem o bem de tua conuersação me consente a ventura, porque aqui se aparta o nosso caminho, que o meu he por fora do lugar,

Primavera de

& ey de passar hoje da outra parte do rio. Vay embora pastor tua viagem: guiere boa estrella. que a minha he tal, que até elle bem me tira: se algũa hora tiuer descansa, que ja não espero, & te vir com elle faremos lembrança destas horas magoadas. Dê te o Ceo (dille Lerenó) o que desejas, & nos torne a encôtrar menos queixosos, se algũa hora ouuieres nomear a Lerenó natural do Lis, sabe que tês nelle esta vontade, & nisto com hum abraço se despedirão cada hũ pera sua via, & seu cuidado, iguais na pena, & desigual a causa della.

FLORESTA SEGUNDA.



POR entre hũs altos amieiros, que entam com mais elcura sombra se retratauam no Mondego, caminhaua Lerenó ao longo delle, pouco espaço de hũa aldeia, aonde o dia dantes se lhe acabara: & porque era tam logoito as lembranças, & tristeza de seus cuidados, que não perdia tẽpo & lugar, que lhe renouasse nelas o sentimento, asentouse ao pé de hum antigo tronco junto da riba aonde os passaros, que madrugaram mais por esperar o Sol, com sua melodia acordauam pensamentos de saudade, & aonde a vista das agoas que passauam, a fermosura do Ceo, que a manhã variaua de mil cores, & o movimento dos ramos, que o cobriam, estauam representando ao sentido hum saudoso queixume, tomou elle para os seus o instrumento, & em quanto os passaros para ounillo se callaram, así dizia.

Sae o Sol desejado

Dà aos campos a cor, o ser ao dia

O pasto ao manso gado:
 Correndo vem tras elle a noite fria
 Onde ja sua luz não resplandece
 E aly quando amanhece
 Nos deixa conhecer
 Que para apparecer desaparece .

Hum dia vay fogindo ,
 E o que corre tras elle nos alcança,
 E todos se vam rindo
 De meu engano vão minba esperança,
 Que por mais que a ventura ma desuia
 Viuo nesta porfia
 Seguindo meus enganos
 Esperando em mil annos hum só dia.

Com tam cego desejo ,
 Que melhor lhe chamara desatino
 No Lis, Mondego, & Tejo,
 Hora vaqueiro, & hora peregrino:
 Espero hũa mudança da ventura
 Mas está tam segura
 No mal em que a busquei
 Que ja por meu mal sei que este só dura:

Por fogir o perigo
 Busco deixãdo a minba a terra estranha

Primavera de

Mas como vou comigo
E ainda este perigo me acompanha
Tanto mais crece o mal, que me desterra
Nãõ val mudar a terra,
Que a tal estado vim
Que eu a mim aonde vou me faço a guerra

Fermosa minha imiga
Em cujas mãos ventura tanto pos ,
Bem he que eu me persiga
E seja contra mim por ser por vos
Mas não tenhais tam dura opinião,
Que se este coraçam
Ambos tam mal tratamos
Ambos com elle vsamos, sem razam

Que culpa teue mór
Que amar sem conhecer o que fazia
A culpa teue amor,
Que me não deixou ver mais, q̃ o q̃ via;
Assi foy temerario meu emprego,
Que em tal desasocego
Nãõ via meus defeitos
Que amor pera respeitos se fez cego .

E se isto me condena
E para amaruos erra quem s'atreue
Baste

Baste ja tanta pena
 Para hũa culpa pois que foy tam leue:
 Somay senhora o mal que me ficou
 Vereis no que vos dou,
 Que ainda m'estais deuendo
 Não fique padecendo quem pagou.

Mas ah que este desbenho
 He chamar mal ao mal que me causais
 Quando pelo que tenho
 Vos fico inda deuendo muyto mais:
 Ia me rendi ao pouco que mereço,
 E afsi pastora peço
 Por m'entregar no mal
 Que sejais liberal do que padeço.

La vos desejo dura,
 Esquiua, ingrata, varia, fementida,
 E a mim mais sem ventura
 Sem esperança, liberdade, & vida,
 Mas não sejais ingrata, & enganosa
 Nem inconstante irosa
 Não o digo por mim,
 Mas não podeis afsi ser tam fermosa.

Na força de meu fado

Vos

Primavera de

Vos dessa natureza tam albea,
Por mal do meu cuidado
Temo que ingratitude vos torne fea,
E s'isto me tirara o pretenderuos,
E perdera o quereruos,
Ab nunca seja tal,
Que o meyo de meu mal seja offenderuos.

Se me sois homicida

De minha vida, & minha liberdade,
Que quero eu mais da vida
Que perdella por vos com saudade,
Que quero mais, q̄ as lagrimas q̄ choro
Ou no valle aonde moro,
Ou por este em que ando
Aonde a amor vou pagãdo o mesmo foro.

Se là aonde ficastes

A semrazão vos vier a memoria
Com que me desterrastes
Nãõ quero nesta guerra outra vittoria
De tudo o meu desejo desaposso,
E do que esperar posso
Ey por melhor partido
Este de andar perdido por ser vosso.

A Cabou o pastor ausente este seu canto , a que as aues magoadas parece que respondião: quando ja o Sol apparecia no cume dos altos montes , & virando o rosto por entre os ramos, viu vir pera elle hũa fei mofa pastora guando as ouelhas, cujo rosto & trajo representauam a tristeza, que n'alma tinha , & com palauras em que a mostraua depois de o saudar lhe disse . Não julgues mal pastor esta licença, que teue tanta força o sentimento de teu canto , que me fez perder o respeito a meu estado pera te buscar. Ouvi a tua cantiga, & pareceome a voz estranha , mas os versos tão naturais ao que na alma sinto, que sospitei, que auia em ty amor, o que de homés ha muyto que não creio, & se agora contigo m'engano, ainda sabes melhor fingir do que eu sei duuidar, porem se teu cuidado he verdadeiro, sey por bê empregado este atreuimento. Ferosa pastora (respondeo Lereno) ainda que te conuinha mais outro nome, não té poder dar culpas quem com tua presença se liura de tanta pena: & não em balde quero bê a meu mal , pois de seus effectos me nacco esta gloria: delle podes crer, que he verdadeiro, & de meu canto , que não he fingido quando te descontentasse, de ty quiser a eu perguntar muyto, mas nem o lugar he d'ambos, nem eu estou seguro em tua vontade . Esta (disse a pastora) he tal , que nem quero , que a sospita do lugar me tire de ouuir, & pera que essa razão te não escuse, sayamos ao prado, que o publico nos dará mais liberdade. Logo Lereno tomando o curram, que nos ramos tinha pendurado se sahio d'entre elles, & pondo sobre huma penedo, que no valle estaua encostado a elle , & a pastora ao seu cajado lhe pediu ella , que lhe dissesse o seu nome , a terra donde era, & o que naquella buscaua ao que o estrangeiro com estas palauras respondeo. Ha tam pouco que saber em mim, que a tudo responde com o que ves ,
porque

Primavera de

porque o nome, se elle declara o ser de quem o tem , a tristeza mo deu, terra não na tenho, porque nenhũa me consente, o que busco nesta, he o que mais desejo perder, & formado isto sou hum triste , & peregrino , que busca a vida, que aborrece : porem se esta verdade sô te não satisfaz , o meu nome he Lereno, naci entre as frescas ribeiras do Lis, & Lena, terra fauorecida do Ceo, celebrada de pastores, rica de fermosas pastoras , é porque era tal a minha patria, não quis a sorte, que com as pcucas ouelhas, que me deu nella viuesse, nem que sô aos males, que a meu estado conformes tinha bastalle o sofrimêto: busco os campos do Mõdego pera guardar outras cabras, ter outra vida, não outro cuidado, mas viuer ausente da causa deste até que o tempo desengane minha esperança : isto só me perguntaste , & o mais q̄ eu pudera dizer, pois sam males, não quero ser sobejo, & nenhũ delles consentirei, q̄ tenha lugar antes de saber de ty, porq̄ nisto tenho eu por acerto ser importuno , peço q̄ me digas o nome, & algũs sinais de teu cuidado. que bém conheço no rosto dino de dar muytos , que não deuem faltar no coração. O meu nome (disse a pastora) he Althea o que me pedes de meu cuidado. o mayor que tenho, he encobrillo, que pois do remedio tenho pouca esperança , quero pera mim só o tormento d'elle : com tudo folgarei de sabera causa que te obriga a preguntallo . A companhia no mal (tornou Lereno) muytas vezes he remedio & quem padece folga de ver que não he só, & hum enfermo deseja de alcançar os remedios , que o outro vsa pera mitigar a mesma dor , que sente , & fora esta razão me obriga a mim saber se no dano de teus males sou tambem culpado , porque he de crer se algũ pastor te offende, que a todos os outros deixou com culpa . Tanto podem estas razões (disse Althea) contra meu segredo, como o teu canto pera me trazer a este

a este lugar, porem temo, que em me vendo leue em cômu-
nicar meus danos perca a boa opiniam em que me tinhas.
De mim a terei eu boa (replicou elle) se merecer a cõfian-
ça de teu cuidado, pera o qual offereço hum coração leal,
& hũa fé muyto verdadeira: porem se isto não he tua von-
tade, & receas perigo em a que te mostro, antes quero offen-
der a meu desejo, que a teu gosto. A estas palauras não res-
põdeo Altea, antes obrigada dellas, & suspensa no que que-
ria dizer, mudou mil vezes a cor, fazendose com cada hũa
dellas mais fermosa, & depois de pouco espaço a tras de
hum sentido ay, que de dentro d'alma vinha, nestas pala-
uras começou o seguinte.

Pois se melhora o mal comunicado

Pois dà aliuiio o sentimento albeo,
E hũ tormento de amor mal empregado
Sò a lingua deixou tam triste meyo.
Ouue a causa pastor de meu cuidado,
Que contar ja não posso sem receo
Porque se em ty de amor vejo sinais
Não tinha menos quem me leuou mais.

Mas effes olhos teus, que antes chorauão

Quando com mil suspiros me chamaſte
Não sam hũs, q̄ cõ mostras m'enganauão
Differentes tambẽ das que mostraſte:
E se com razão juſta se queixauão
Aquelles brandos versos que cantaste
Em ty espero achar consolação,
Porque buscar remedio fera vãõ.

Primavera de

Liure fuy no principio de meus annos
As leys d'amor isenta, & fugitiua
Mil vezes me offereceo doces enganos
Quando me vio pera elles mais esquiua,
Mas como isentaram peitos humanos
Hũa vantade sò de amor catiua
Tanto este em fim venceo minba perfia,
Que vim a amar a quem me não queria.

Era no tempo quando a nossa Aldea
De lusidos pastores florecia
Quando era campo, valle, & serra chea
De musicas, de festas, de alegria.
Viua Elisa, Phisis, Galatea
Syluia, Learda, & eu tambem viua,
Que agora neste estado tam catiuo
Melhor posso dizer, que ja não viuo.

Pastana neste valle (Ab sorte dura
Quam pouco dura hum bẽ, q̃ custa tanto)
Hum pastor natural de Estremadura,
Que em tudo estremo foy em tudo espãto
No juyzo, no rosto, na figura,
Na graça, no lutar, no doce canto,
E porque diga tudo mais barato
Tudo tinba, mas teue ser ingrato.

Aini-

A inimiga sorte, o cego amor
 Por se vingar de minha terra idade
 Trouxe ao nosso valle este pastor
 A quem dei pela vista a liberdade:
 Logo que o vi de mim fizez senbor,
 E ainda este não quis selo por vontade
 Ouviros & vio, & nelle tanto vi,
 Que ainda agora acho pouco o que perdi.

Em quanto encubrir pude a chama ardente
 (Pouco se dissimula esta doença)
 Julgara quem me vira facilmente
 Sem conhecer a causa, a differença:
 Buscavao entre as feras, & entre a gente
 (Que este desejo a tudo dá licença)
 Entre o gado, entre as feras, entre abrolhos
 Sempre era mais fermoso nos meus olhos.

Hum dia assi vencida do desejo
 Determinei mostrarlhe meu tormento
 Eis a vergonha em vão, eis o despejo
 Cada qual ja vencia o sofrimento:
 E em quanto entre contrarios tais pellejo
 Sem se determinar meu pensamento
 Hũa manbã, que em tantas esperava
 O fuy buscar ao valle onde pastava.

Era

Primauera de

Era no mes quando esse pastor louro
Que ja guardou de Admeto o manso gado,
E abraçou conuertida em verde louro
A causa principal de seu cuidado:
Buscaua os cornos ja do branco touro
Que de Phasiphae foy gram tempo amado
O tempo, o prado, o valle, o meu pastor
Tudo mostraua estar cheo de amor.

Estana elle lançado na verdura
(Ab que inda meu chamarlhe não podia)
E daly daua graça, & fermosura
A tudo o que do valle descobria:
Lauando o rosto em hũa fonte pura,
Que entre as verdes eruas se escondia
Deixando com seu curso desigual
Borrifadas as folbas de cristal.

Ouuia aly da linda Filomena
Por entre o aruoredo o doce canto,
Que assi contar sabia o mal da pena,
Que enleuaua os sentidos no seu canto:
A purpurea rosa, & Açucena
Esmaltavam da terra o verde manto,
E zephyro encrespaua brandamente
As crystalinas agoas da corrente.

(Cheguêi

Cheguei com o rosto pallido & sem cor,
 Que o coraçam do sangue s'ajudava,
 Mas o que me tirava este temor
 A vergonha do brado me tornava
 Disſelbe o que por mim lhe diſſe amor,
 Que eu não creio de mim, q'então fallava
 Porque quando fallar lhe pretendia
 Lagrimas por palauras lhe dizia.

Elle mouido a dor, & a ſentimento,
 Que tudo começou logo em meu dano
 Facilitou tam grande atreuimento
 Moſtrando a tudo o roſto mais humano:
 De receos liurou meu pensamento,
 Ou foſſe por amor, ou por engano
 Moſtrando, que eu lhe fora offerecer
 O que elle não ouſava a pretender.

Isto dizia, & começava, quando
 Pera o valle decia hum guardador,
 Que a tras do ſeu rebanho vê bradando
 Negras ouelhas tras da propria cor:
 Fuy-me ex por me não ver lóge apartado
 Foyſe pera outra parte o meu paſtor,
 Ab quem entam olhâra eſte ſinal
 Pera ſer profetiza de ſeu mal.

Primavera de

Mil effeitos de amor d'elle ordenados
Aly vi nos seus olhos enganosos
Do peito mil suspiros namorados
Da lingua mil queixumes amorosos:
Iguais mostraua amor nossos cuidados,
Mas sô foram os meus os perigosos
Igaloume nas mostras como amante.
Vencio por meu mal em ser constante.

Passou tam breuemente esta alegria,
Que a tinha o coraçam por falsidade
Deste sonbo porem, que o parecia
Passei a larga noite em saudade:
E ainda bem a manhã não trouxe o dia,
Porque madrugou mais minha vontade
Quando no valle aonde nos apartamos
Ambos a hũ mesmo tempo nos achamos.

Veio, que ainda amim me pareceo,
Que temer que o buscava mo detinha,
E n'um amoroso abraço recebeo
Por entre os braços seus esta alma minha
(Ab quem aly romperá o mortal veio
Pera a alma ficar com quem a tinha.)
E porque neste sô me fora escaço
Tornei de nouo a darlhe hũ nouo abraço
Passei

Passei dias, & meses neste engano
 (Triste, quem nunca delle fora isenta)
 Passou bñ anno assim, passou outro anno
 E esta minba affeição mais se acreceta:
 Não temi nas bonanças este dano
 Nem em tam doce tempo tal tormenta:
 Quem julga o que ha de ser pello começo
 Bem merece, que tenbat al successo.

Quantas vezes ao valle onde pastava
 O seugado leuava por fallarme.
 Aonde mil brandos versos me cantava
 Ao som do seu rabel por contentarme.
 As arvores, & às auos insinaua
 Com amoroso accento o nomearme,
 E agora tal estou no que padeço,
 Que pelo nome à mim me desconheço.

Quantas vezes dos Faunos estorvados
 Fogindo o mais espesso da floresta
 Ao longo deste rio reconstados
 Tinhamos o rigor da ardente festa:
 Debaixo destes freixos levantados
 Que faziam a estancia mais honesta,
 E aly a relua, & folhas que cabiam
 Desaboroso leito nos seruiam.

Primavera de

Quantas vezes correndo a seca praya,
O seu nome escreui na branca area
Quantas vezes no pè desta alta faya,
Que com trofeos tais ainda s'arrea
O coração, & a vista me desfaya,
Que quando a saudade diz que o lea
Com elle sobe ao Ceo contente a planta,
E fugindo o meus olhos o leuanta.

Mas porque vou fazendo larga historia
Do bem que hum breue espaço se detene
Para que conto da passada gloria
O que ao mal presente sò se deue:
Fica o bem pera males na memoria,
E por ficar melhor sèpre he mais breue,
Amei, gozei, viui leda & contente
Amo, padeço, & morro, triste, ausente.

Não sey que estrella foy contraria minha,
Que este trance cruel me destinou
Que quando meu pastor mas firme tinha
En tam d'ante meus olhos o apartou:
Força de estrellas foy, que assi cõuinha
Eu a senti tambem, elle a mostrou
Quando me disse ab não me ponhas culpa
Que o fado que me obriga me desculpa.

Ara-

A razão nunca soube da partida,
 E pretendi sabella delle em vão
 Mil vezes lha pedi, & arrependida
 De importuno accusava o coração,
 Té que me disse ja na despedida,
 Não me aparta de ty noua razão
 A semrazão me aparta de meu fado,
 Mas não me apartara de meu cuidado.

Que se a mesma fortuna, que me guia
 A quem meu poder fraco não resiste
 Ao cabo levar sua porfia
 Sem levar juntamente a vida triste;
 Eu tornarei a verte onde te via
 Pois em te ver meu bem todo consiste
 Não queiras saber mais de meu segredo,
 Que ou cedo morrerei, ou virei cedo.

E nisto com hum abraço mais estreito
 Amor os nossos rostos ajuntava
 Tirando a cada hum do ardente peito
 Lagrimas que nos olhos misturava,
 Os que apartou ventura a seu direito
 Tam juntos tinha amor tanto apertava,
 Que nem o ar da tarde fresca & fria
 As palauras, & os rostos diuidia.

Primavera de

Foize, & não sei quando se apartou,
Que os meus olhos cō lagrimas não vião
A voz cansada, a lingua se apegou,
Mas os suspiros tudo lhe dizião
Elle de longe o rosto me voltou,
E em o vendo estes olhos, que o seguião
Sobre as eruas cabi triste de bruços
Em lagrimas, suspiros, & soluços.

Fiquei sem vida aly por grande espaço
Sinal, que quem a tinha era partido
Acordei reuoluendo o corpo lasso
Sobre a meuda relua amortecido:
Depois com saudoso, & lento passo
E enganando de nouo meu sentido
Pera triste cabana fuy cuydando
S' o meu pastor viria, donde, & quando.

Hum anno ha que sustento esta esperança,
Que elle em lugar da vida me deixou
Esperaua da sorte bũa mudança,
A que para meu mal ja se mudou.
Ia troquei nesta vida a confiança
Ia o cuidado o meu pastor trocou
Ia tenbo certo o mal que duuidaua
Ia achei na ventura o que buscava.

Hum

Hum guardador de cabras là do Minbo,
 Que foy do Tejo a ver a praya rica
 Hum mes ha, q̄ encontrei neste caminbo
 Que a mão esquerda a tras da mōte fica:
 E como o vi passar de mim vezinbo
 E quem cuidados tem tudo lbe applica
 Detiueo, pergunteilhe donde vinha.
 Que amor pera o seu fim logo encaminha.

A caso (e não vi caso mais estranho)
 No meu pastor fallei (que não fallara)
 Quando suspenso o vi, e hū ay tamanko
 Lbe ouui, q̄ hū duro monte traspassar a,
 Eu suspensa fiquei, e o meu rebanho
 O saboroso pasto desampara
 Os olhos nelle, o gado eu os meus viro
 Por ver em q̄ parava o seu suspiro.

Elle por não determe em mais perigo
 Assi quasi chorando me dizia
 Althea quem achara aqui contigo
 Quem tam longe te tras na fantasia
 A ty esposo, a mim hum charo amigo
 A sorte de inuejosa nos desuia
 Não ja guardando gado noutra serra,
 Mas buscando perigos noutra guerra.

Primavera de

Eu o vi, & de ty nunca esquecido
Mas da força dos fados obrigado
Não d' amorosas pelles bem vestido,
Mas de pesadas armas carregado
Cõ o duro arcabuz ao hombro erguido
Em lugar do nudoso & bom cajado
Seguindo bñã bandeira mal segura
Pois era dos soldados da ventura.

Pera remotas partes caminhaua
Alem das largas agoas do Oceano
Fuy velo, ab triste quando s'embarcaua
Que atè ly nunca crera o desengano:
Estreito aly comigo s'abraçaua,
E chorando me disse, meu Syluano
Fica com Deos, & se te não vir mais
Ia da alma sem que vou te dei sinais .

Tinhame ja contado o que passara
Nesta verde ribeira entre estas flores,
E quanto ante teus olhos alcançara
Com inueja de tantos tais pastores.
Contoume o que partindo te ficara
Contoume em fim de todos teus amores,
E guardando a fè sempre a teu respeito
Eu sò fuy secretario de sen peito .

Pouco antes de partirse começaua
 Hũa carta a escreuer pera mandarte,
 Mas logo o tambor bellico o chamaua
 Com o rigor, que pede o fero Marte:
 Disseme em fim, que a alma te mandaua
 De que melhor pudesses informar-te
 Que o que ante ty ficou quando se fora
 Te mandaua afirmar de nouo agora.



Não pode de zír mais o aventureiro,
 Que o vento & o tambor nos despedia
 Foyse, & perdi de vista hũ companheiro
 De que nunca terei tal companhia.
 Te qui tambem ouuia o estrangeiro,
 E como o peito ia tanto encobria
 Aos pes delle cabi com hum accidente
 O de mais julgue quẽ de amor mais sête.

Com lagrimas Syluano me acordou,
 E depois nos seus olhos as deteu
 Por consolarme, aly me assegurou
 Da tornada do meu pastor ser breue
 Delle mil cousas outras me contou
 Tres dias sos que neste valle esteue
 Foyse deixoume em lagrimas, & dores,
 Este he Lereno o fim de meus amores.

Aqui

Primavera de

A Quí acabou Althea o discurso de seus cuidados, & a tras das vltimas palauras começaram a cayr lhe muytas lagrimas, que tinha nos fermosos olhos represadas, & não faltara a Lereo acompanhalla nestes effectos amorosos, que como entrado do mesmo mal conhecia a pena d'elle, mas por não esforçar o sentimento da pastora, com allegres mostras lhe dizia estas palauras. Ferosa Althea, conheço teu mal, & tenho d'elle experiencia. & pois pelos finais, que em mim viste me contaste teus amores, pagaite ey com hum conselho do que experimentey. Não nego, quo a causa de teu sentimento deues estas lagrimas, nem que lhe justâ a dor que mostram, mas reprovou os extremos, que fazes, porque sam desconfianças sem razam. Que laudades te cancem amor o pede: que a ausencia te ponha em receos, o tempo o aconselha: mas não sabendo outra mudança do teu pastor, condenallo sem culpa he fiar pouco de sua fé: Os fados tração nossa vida, & a quem elles obrigam pouca necessidade tem doutra desculpa, & tu pouca razão de desconfiar neste estado de teus amores, que ainda-o tempo não venceo a fé do teu pastor, posto que a combatesse: espera & não desconfies, viue segura em o que mereces, & verás cedo fim ao que desejas. A isto voltou a pastora os olhos magoados mostrando nelles hū animo agradecido a dor de quem a consolaua, & porque ja os pastores com os gados atrauesauam o valle pera terem a festa junto do rio, ambos se despediram, porque cuidados tristes não soffrem lugar acompanhado, posto que os males pera remedio busquem companhia.

FLORESTA TERCEIRA.



ASSOVLereno o rio aonde elle assombrado dos altos montes corre com mayor furia, deixando as altas arvores tremendo os ramos da arrebatada corrente com que passa, na fralda da montanha aonde se fazia hũa verde espessura de fayas, freixos, alamos, & salgueiros fora muytas arvores de espinho tam ser-radas, que achauam os rayos do Sol resistencia em seus agudos ramos, que com o peso do dourado fruito se vinham a terra regadas de saudosas fontes, que do pé da ladeira por entre tolcas pedras vem caminhando, & todas se recolhião em hum gracioso ribeiro. O pastor por não perder a occasião de tam aprasiuel lugar, sentado ao pé de hũa faya tirou o humilde mantimento ordinario entre pastores, & come-sou a comer com muyto gosto: & pera mayor mimo da natureza, não bẽ tinha acabado, quando do meyo de hum alto canaueal, que ate a arca da praya se estendia, ouuiu, que ao ruido que mouidas do vento as verdes canas faziam duas estranhas vozes, cantauam o seguinte.

Quem fia da occasiam

Com razam perde a que tem

E se tarda quando vem

Venba arreprenderse em vam.

Pera ficar mais segura

A que do tempo se alcança

Ninguem tenha confiança

No tempo nem na ventura.

Alcance da occasiam

Hum sò penhor que ella tem

Lance mão, que se a detem

Verseba sem nada na mão.

Nunca

Primavera de

Nunca espere da ventura

Quê por sua culpa a perde

Nê guarde esperança verde

Pera colbella em madura

Faça por ganhar de mão,

Quê tam mal, & tarde vê

Como a idade do bem,

E o tempo da occasiam.

Quê se descuida em seu dano

Toma o q̃o rēpo lhe deixa

Arrependimento, & queixa

Saudade, & defengano.

Causa de nosa affeição

Não creais quem vos detem

Vinde, q̃ que tarda, & vem

Vem arreponderse em vão.

E Nleuado estaua Lereno no doce canto, & não menos satisfeito dos versos d'elle, que cubiçoso de ver o donde naciã aquellas vozes, que dellas julgaua ser coufa divina, & cedo lhe pareceo, que não se enganara, porque ainda os senoros accents no ar se suspendiam em faudoso Eco, quando vio yr correndo por entre as tremulas canas, duas Ninfas com os louros cabellos soltos sobre os hombros. Estas de hum ligeiro salto se lançaram ao rio, ao tempo que dous pescadores, que vinhão no alcance appareceram na praya, & se foram defatar a barca, que estaua entre hūs penedos, deixando a Lereno tam magoado do que lhe estoruaram como contente do que vira & atrauefando o canaueal vio pera hũa parte d'elle a coua donde antes cantauam as offendidas semideas, fameada de rofas & boninas, entré as quais estauam enlaçados algũs fios d'ouro, que as flores de inueja tinham roubado. Leuou o pastor no çurrão destes despojos por estranheza, & começando a subir a ladeira acima, vio perto de si hum tiro de pedra hum pastor vestido em hum vaqueiro de pardo escuro, & ao lado esquerdo hum manchado çurrão da pelle d'hum abortiuo nouilho, & sobre os cabellos mais louros, que o rayo do Sol, que em aneis lhe cobriam as fontes, & as orelhas, hũa monteira de pelle de lobo. Este

en-

encostado a hum grosso cajado de enzinha escreuia em o tronco de hum alamo com muyta sutileza. E porque Lereno pelo caminho auia de passar por junto a elle: duuidou se o faria: porem vendo que não era segredo, o que d'hũa carta tam aberta se fiaua, indo por junto a elle: osaudou, & o do pardo o deteue pera saber de que terra caminhaua, que bem conhecia no mais ser estrangeiro: ao que elle tornou, que era do Lis, & que auia tres dias, que partira de suas ribeiras pera aquellas do Mondego. Folgo (tornou elle) de te encontrar, que te acompanharei até o fim da ladeira, porque sou muyto affeioado aos pastores do teu lugar pela fama que tem nesta nossa campina: & neste tempo lançou Lereno os olhos ao tronco, & vio que deixaua nelle estas palauras.

Cuidado sem esperança

Iusto he que tenhois asento

N' alma pera sentimento

Neste ala no por lembrança:

Leam todos os pastores

Que em meu dano se consente

Auer sê pera hum ausente

Por saltar em meus amores.

Saibam, que por perseguirme

Ouue contra meu cuidado

Humã ausente, & lembrado,

E mulher ausente & firme.

Começando a caminhar lhe perguntou o do pardo, que lhe parecia da verdura, & graças dos campos, que dally se descobriam, & as focegadas agoas do Mondego, que em saudosas voltas se despedia do pé daquella montanha. Tudo (disse Lereno) mostra na terra hum parayso, & só viuira nelle em pena quem tiuer a alma descontente, que os olhos sem o coração mal podem ter alegria: digo isto, porque essa fermosura, que aos naturais he gloria me da minha ventura por desterro, & como este he forçado nunca contenta.

Primavera de

renta. Grande bem he a liberdade (tornou o outro) & grande mal viuer sem ella: peça he, que todos perdem por sua vontade, & perda que se mais sente, mas se a tua ficou bem empregada, não te queixes. Que val (tornou elle) estar bem empregada. se he mal agradecida, & se os males, que homé busca custão mais a sentir, porque nunca se chora a culpa, se não a dor: porem deixando esta, que agora não tem lugar, te confello. que não vi outro tam fermoso de agoas, & aruoredos como este he: sempre foram celebrados os campos do Mondego, & muyto mais os seus pastores: & bem se mostra no que em ty apparece. Não quisera (disse cile) de-facreditar a tantos comigo, mas se hoje ficas nesta Aldea, farei que vejas em muytos o que em mim falta. Nestas razões tinham ja atraueffado o monte, & decendo contra o penedo das saudades, ja os guardadores com as reucas bo-sinas, & diligentes rafeitos ajuntauam o gado, & conhecendo a Floricio (que este era o nome do pastor a quem Lere-no acompanhaua) se vieram a elle, dizendo que não era bé, que passassem o valle das oliueiras sem algũa cantiga, que sem elle não prestaua: & depois de descansar, aceitou o encargo, dizendo a Lerenno, que a seu respeito o fazia, & cantou o seguinte:

*Não sei pera que vos quero
Pois d'olhos me não seruis
Olhos a que eu tanto quis.*

<i>Noutro tempo mal peccado</i>	<i>Mas esta antiga alegria</i>
<i>Quando eu via o que buscava</i>	<i>Nem a tenho, nem a espero,</i>
<i>Era tam acautellado,</i>	<i>E pois não vejo o que via</i>
<i>Que sendo pastor de gado</i>	<i>Senão for por companhia</i>
<i>Te do gado vos guardava,</i>	<i>Não sei pera que vos quero.</i>

Eu

Eu vos quis perã chorar
 (Mas quem ha q̃ a dor resistia)
 Que se eu pudera aturar
 Em tanto perder de vista
 Vos ouueres de cegar,
 Poupei uos como inimigo
 Pois pera o pranto vos quis
 Tendoo por menor perigo,
 Mas seruir meeis de castigo
 Pois d'olhos me não seruis.

Muytas vezes aind' agora
 Quando à lembranças m'entrego
 Desejo por meu socoço
 De arrancar os olhos fora,
 E ficar de todo cego.
 Mas torno a cuidar em quanto
 Me lembra o mal que vos fiz,
 E que agora vos leuanto
 Como posso offender tanto
 Olhos a quem tanto quis.

A Cabou Floricio, & não so aos pastores, q̃ jutos o ouuião, deixou cõtentes, & a Lereno mais seu affeiçoado, mas as pastoras que do valle vinham subindo cõ seus rebanhos, encostadas aos cajados se detinham. Logo pediram todos a Menalio que cantasse, & elle sem muytos, rogos tomando a Floricio a samfonha, começou.

Mandaisme que vos não veja
 Dos olhos, que ey de fazer?
 Pois lhe não fica que ver.

Tal a vista me ficou
 Quando vi vossa figura,
 Que pera o mais me cegou
 Como quem ao Sol olhou,
 E ent rou n'uma casa escura
 Vi quanto a vida deseja,
 E fiz della alegre emprego
 Apezar da mesma inueja
 Vos porque me eu veja cego
 Mandaisme, q̃ vos não veja.

Hum remedio me conuinha
 Contra a semrazão que vsais,
 Que era veruos na alma minha,
 Mas essa alma aonde vos tinha
 Nem de vista ma deixais:
 Da alma, & de seu poder
 Dos sentidos, & da vida
 Ordenou voço querer,
 E pois sò não fois seruida
 Dos olhos que ey de fazer?

Pois

Primavera de

Oois tudo o welhor leuastes ,	Pois me souberam ganhar
E deixais os olhos fos	Quando me soube perder
Tam cegos como os deixastes	Com o gosto de vos olhar
Pois leuallos lhe negastes	Não lhe deixeis que chorar
Deixatos yr tras de vos.	Pois lhe não fica que ver.

BEm mostraua Menalio na graça do seu cantar, & na differença do que costumaua, que queria contentar aos companheiros, & competir cõ Floricio, & posto que muytos, que o entendiam se callassem, não o pode dissimular Theonio, que sorrindo disse: tambem a Floricio deuemos a tua cantiga, como a sua, que bem se mostrou nellas, que era competencia. Antes te digo (respondeo Menalio) que mais canto por obedecer a quem mo mandou, que por me parecer, que podia fazello diante Floricio, & de ty, q̃ sempre me vencestes. Se tu comigo o as de zombaria (lhe replicou Theonio) sou tam confiado, que se tomo o arrabil, ambos me auéis de rogar, que vos queira por vencidos. Como eu ja estou (disse Menalio) escusas contenda, lá te auem com Flericio sobre cuja sera a vitoria, mas elle cruzando os braços, disse, que se não atreuia a procuralla. Não cui-deis (tornou entam Theonio) que com essa humildade me fareis decer desta opiniam, nem que a essa côta, não queira a vitoria, mais pelo juyzo de todos, que por vossa vontade: & tomando o arrabil com muyto aluorosso, & riso dos pastores começou com hũa voz muyto engraçada a cantar o seguinte.

*Fartaiuos de ver meus olhos
Os olhos de Guiomar
Não nos pode mos farta r:*

Andais de dia apos ella
 Pelo monte, & pelo prado
 S'entra a mendar ao serrado
 Sempre lhe estais a cancella
 Se anoite tornais a vella
 Nunca vos fartais d'olhar
 Não nos podemos faltar.


Tem o seu rosto tal ser,
 E os seus olhos tais estremos,
 Que quãto nelles mais vemos
 Tanto mais temos que ver
 Quem os sabe conhecer
 Nunca se fartad'olhar
 Não nos podemos faltar.

Inda bem se não enfeitã
 Com a fraldilha louçã
 Ao Domingo de manhã
 Quãdo o vos tẽdes d'espreitã
 E nada disto aprousita
 Pera vos faltar de olhar
 Não nos podemos faltar.

Não ha força que resista
 Ao que com seus olhos trata,
 Que estando a rêdo nos mata
 De fome com sua vista
 Ou se vista, ou se não vista,
 Ou no monte, ou no lugar
 Não nos podemos faltar.

CAntou Teonio tam confiado, & com tanta graça, que a todos persuadia a razão de sua arrogancia, & não passava guardador, que não parasse com os olhos nelle, mas juntamente o dia, & o caminho com a cãtiga se acabaram, & dandolhe os pastores o louuor costumado, comessaram a apartar os rebanhos, & Lereno se apartou com Egerio amigo seu, que ja das ribeiras do Lena o conhecia, o qual com muyto aluorosso o recebeo, & levou a sua cabana, aonde cada hum relatando os successos de sua vida, & deffenhos della passaram a noite que este he o fruto da verdadeira amisaade, o aliuio dos males, & a gloria dos bẽs. communicando sem inueja. & com affeição.

FLORESTA QVARTA.


ER A Floricio hum pastor natural do Tejo, em quem os daquella ribeira tinham muyta confiança por ter elle muytas graças, que ainda repartidas se achão difficultosamente entre os pastores com a samphonha na mão não auia naquelles campos que o igualasse, né na luta que lhe leuasse a fogaça, nem no baylo que cõ mais ar saylle ao terreiro, finalmente cõ hũ cajado na mão, não auia pastora, q̃ de graça lhe não deuesse a liberdade, & sobre ter esta melhoria de muytos outros, era tam afeiçoado a tristeza de hum suspiro, & ao apartamento de hum lugar saudoso, q̃ lhe não parecia bẽ coufa que o não fosse, nem pastor, q̃ não sentisse paixões amorosas semelhantes as que na alma trazia tam fogueitas ao segredo de sua fe, q̃ nem Lereno lhe entẽdera o pensamento, se o proprio mal o não tiuera tam insinado a conhecer seus effeitos: & como de inclinações tam semelhantes se faz a boa amizade a cada hũ destes dous pastores ficou secreto o desejo de se tratarem, & comunicarem por amigos, em especial Lereno. que muyto em particular soube de seu amigo Egerio, que era, & como viera ter aquella ribeira. Passados porem algũs dias, q̃ Lereno viuia em a conuersação dos pastores daquelle lugar, aonde tomou sua cabana hũ dia antes, q̃ amanhecesse, acordando d'hum doce sonho em que a imaginação o tinha enleuado, ouuio hũa suaue voz, que cantaua do pe de hum castanheiro, que com suas ramas cubria a porta da cabana de Egerio, & por não perturbar a gloria, que na alma lhe causaua aquella saudade te o folego reprimia por não suspirar, & ouuir a cantiga, que eram estas endechas.

Quem do rme descansa
 Quem ama não oufa
 Porque não repousa
 Mais que na lembrança.

Acorday cuidados,
 Que me despertastes
 Pois não madrugastes
 Pera descuidados.

Lembrauius de quem
 So de vos s'esquece
 Desque o Sol parece
 Tè que a noite vem.

Que eu tomei perfia
 De cuidar sò nella
 De noite de vella
 Por vella de dia,

Meus olhos diram
 Estes desconcertos
 Que de andar abertos
 Ia não vem nem vam.

Quando vou com o gado
 Pelas sementeiras
 Sempre trago olheiras
 Como tresnoitado.

E como em deserto
 Sem saber onde ando
 Nella ando sonhando
 Dormindo & desperto.

Que com grande aballo
 Depois m'enuegonho,
 Porque como en sonho
 Mil verdades fallo.

Temo neste emprego
 Vencido da dor
 Que de puro amor
 Me ey de tornar cego.

Mil vezes ditoso
 Quem sem tal cuidado
 Dorme descansado
 Sono saboroso.

E pella ventura
 Não sente hum sò dia
 Nem a manhã fria
 Nem a noite escura.

Durma quem descansa
 Em tão bom remanso
 Que eu qua não descanso
 Busco a quem me cansa.

Com o silencio da madrugada, & o vagaroso mouimen-
 to das ramas, fazia a voz tam laudosos accents pelo
 vam daquelles outeiros, q̄ Lereno q̄ o ouuia não pode deter

Primavera de

algũs suspiros da saudade, que mil lembranças lhe despertaram, & por saber qué seria o da cantiga se vestio de pressa, & tomando o cajado, sahio fora da cabana, & daly vio a Floricio, que hia decendo pelo valle abaixo, pera as fraldas do rio: & dobrando tras elle hũa trasposta bradando-lhe de cima o fez voltar o rosto, que conhendeo a Lerenno mostrou cheo de alegria, & depois que chegou a elle, & o saudou lhe disse: não cuidei que tomaras ao rouxinol mais, que a saudade, & as horas de seu queixume, que ainda no voar o parecias, pois não me valeram os pesse com os abraços te não alcançara. Quem cuidaria (disse Floricio) que tinha eu forças pera te trazer apos mim, deixandote dormindo na tua cabana. Mais me espanto (respondeo Lerenno) não se virem a trasty as arvores, & os rios (como contam do musico de Thracia) porem a razam he, que só coufas sem entendimento te não sigam, mas porque venho muyto suado da pressa com que deci a ladeira te rogo, que nos sentemos hum pouco em quanto não sam horas de tirar o gado. Sentemonos (tornou elle) que ainda que fossen horas mais quero ao teu descanso, que ao meu rebanho, quanto mais a tal companhia. E eu (disse o outro) pela tua sofrerei perder tudo o mais. como não seja ouvirte cantar, que te affirmo que o fazes com tanta ventagem dos que tenho ouuido, que o melhor do mundo te pode ter inueja. Túdo consentirei (respondeo Floricio) como me não enuergonhes com os louvores, que não mereço. Antes me calarei por não te saber dar os que deuo (tornou elle) & pondooos ja que assi queres, de parte te affirmo, q̃ tês ja tanta no meu ceração, que me não ficaram palauras pera to offerrecer. Menos asterei eu (disse Floricio) pera responder, mas pois a teu entendimento nada se esconde, bem deues ter sabido de meus olhos, que te trago nelles, do primeiro dia,

que

que me encontraste, & não pello mais a ventura depois dos males, que me tem feitos, se não que me faça companhia na tua peregrinação, ou a ty morador neste lugar, pera que te não perca algum tẽpo do em que te trago. mas por não se vsarem entre nos palauras, que a outros ser uem de comprimento, te rogo que não vamos a diante: & porque o Sol vinha ja enxugando sobre as flores o meudo orvalho, que a aurora nelas derramata, & eram horas de tirar as ouelhas ao pasto, se foram os dous pastores te os currais, & daly leuaram o gado pera alem do rio, que era o lugar donde Floricio apascentaua, & asentaraõse em hũa verde riba ao pẽ de dous salgueiros, que estão vendo os ramos em hum quieto remanto do Mondego, cujas rayzes tecidas pela mão da natureza hiam fazer sobre a agoa hũa debuxada sombra daly vendo Lereno as ouelhas, que com hũa liberdade tam contente hiam tofando a miuda relua, disse: guarde Deos ao teu rebanho amigo Floricio, & o liure de maos lobos & de maos olhado, como anda contente por esta relua seguro no teu cajado, engordando na tua vista, ditoso elle, que tem tal pastor, & tu venturoso, que com elle gofas vida tam descansada. Ah Lereno (disse elle) Deos te guarde de males, que trazem contigo obrigação de segredo, que fazem sustentar a vida mil hypocreziã, que se seubelles os descontos com que possuõ este a que chamaсте descanso, ouueras por muyto melhor o teu desafogo, & não deues pouco a ventura por te negar experiencia tam trabalhosa. Não te respondo (tornou Lereno) porque não sei o mal de que te queixas, nem pergunto qual he por quanto as vezes custa lembrallo & muyto mais descubrillo: a quem o sustenta com tanta fẽ: Melhor fera

les, que em despertar o sentimento delles: por tua vida, que cantes hũa cantiga das tuas, porque tendo ellas em toda a parte tam gabadas, ainda te não ouui. Grande sem razam feria (disse elle) negar cousa tam facil a quem com outras de tanto preço me obrigou: só te digo, que ando tam costumado a chorar, que me não lembra o como cantaua, & aonde perdi o gosto do meu canto deixei por despedida o arrabi: porem, porque esta razão me não escuse, tempera esse teu, & veras que te enganaua, ou se engana quem me gabou. Com muyto desejo temperaua Floricio o instrumento, quando pera elles viram vir dous pastores em companhia de duas pastoras, não mal parecidas, coroadas de fermosas flores da campina, & todos vendo a Floricio, & ao companheiro (que ainda não conheciam) se alegraram. & com amorosas palauras mostrauão o gosto de o achar, & centaraõ lhe logo a razão, porque o queriam pera juyz de hũa contenda, a qual não auia na montanha quem com melhor saber, & menos sospeita a podesse julgar, & assi lhe pediram Cisneo, & Rosardo (que erão os competidores) que quisessem elle, & o estrangeiro assistir a hũa musica en louuor dos olhos de Felisa, & Marilia, que eram as pastoras: & em premio da victoria, ficaua por preço ao que melhor cantasse, duas bem tecidas capellas, que os pastores traziam tam sotilmente enlaçadas, que por muyto espaço dêram que olhar aos juyzes, & a muytos outros pastores, & pastoras. que no mesmo lugar se ajuntaram a ouuir a contenda, & Floricio accitou o encargo com Lereno, que por lhe obedecer se não escusou, & logo Cisneo tirando a samfonha, começou, & tras elle Rosardo, ambos com os olhos nos das pastoras, que os escutauam.

cis. **P**ois Felisa os teus olhos tem diante
 Quê t'ama, mal será q̄ em seus louvores
 Quem doutros olhos canta s'adiante
 Pois elles sam de todos vencedores :
 A mim me manda amor , q̄ delles cante,
 Evença os leues faunos, & os pastores,
 Que pera esta ditosa confiança
 Sempre os vejo vestidos d'esperança.

ros. Se os teus olhos Marilia ver pudera
 Quem ja na vista d'outros ficou cego
 Nunca a cantar comigo se atrevera
 Senão pera fazer o mesmo emprego :
 E ainda pastora entam todos vencera
 Quãtos pastam no Tejo, & no Mondego
 Tendo presente a luz desses dos lumes
 Vestido da cor bella dos ciumes .

cis. Mal julgara da cor do Sol dourado
 Quê de outra menor luz fica offendido
 Sempre se igualla a causa do cuidado
 Por aquelle sujeito do sentido :
 Cante de seu amor mal empregado
 Quem o não mereceo ter mais subido,
 Que eu forçado do amor, & do desejo
 Canto de hũs olhos cuja cor não vejo.

Primavera de

Rof. Se os olhos cor tiueram, q̃a não tem,
Que bella cor a dos teus olhos fora?
Nem tal fora da rosa ou da cefsem
Nẽ tal do Sol, nem tal da bella aurora
Tomãõ a cor os olhos do que vem,
Que em sua clara luz mais se melhora
Aos teus dei logo a cor, q̃lhes conuinha
Nacida de bũa dor, que n'alma tinha.

cif. Que dor? que mal? que pena se consente
Em vendo de Feliza os olhos bellos?
S'outra nenbũa cousa he mais presente,
Que a gloria de gozallos, & de vellos:
Vios, & deilhe a vida tam contente
Que nem vida ja tenho pera tellos
Mas deixame pastora bella oibarte
Que eu buscarei mil vidas pera darte.

Rof. Se essa gloria Marilia, que eu mereço
Com hum sincero amor, & bũa fẽ pura
Teus olhos hãõ de dar por outro preço
Ou que seja da vida, ou da ventura:
Que não na mereci tambem confesso;
Mas dar por preço a alma m'a segura,
E esta de ty não pode ser negada,
Que ainda a trazes nos olhos pẽdurada.

Fiquem

cis. Fiquem sempre Felicia vencedores
Teus olhos ca na terra como estrellas
Vença (cantando delles) aos pastores
Atè que os faça iguais ao curso dellas,
E pois no campo delles nace[m] flores
Destas cantando alcance mil capellas,
Que com temor & inueja as Nymphas teçam
Esobre os teus cabellos s'em murcheção.

Ros. Corrido se me mostra o pensamento
Quando cuido Marilia, que offereço
A teus olhos tam baixo vencimento
Pois q[ue]m mores cõtendas tenbo o preço:
Mas resaluando o seu merecimento
Nem os versos, nem flores lhe offereço
Sejam dos teus cabellos as capellas
Pois os olhos as tem muyto mais bellas.

A Cabaram de cantar os dous ouelheiros, & como o lugar da musica era no meyo do valle, os mais pastores, & pastoras, que aly traziam o gado, se ajuntaram a os ouvir & entre todos ficou a vitoria tam duuidosa, que não se atreuiam a julgar entre elles differença, porem Lereno, em que Floricio deixou a sentença, lhes disse. Cantastes tambem (gentis pastores) que suspendestes o entendimento de que vos ouuia pera não poder julgar a ventagem, & fazer differença em extremos tam iguais: quando esta razão não bastasse pera vos igualar a inueja de tam bõs versos, & decuidados tam bem empregados fizera qualquer outra sentença

ça sospeitosa pelo que a minha he, que tenha cada hũa destas pastoras a sua capella, auendo que pera quem pode enuergonhar tantas flores, poucas sobejam: & fiquem os seus olhos conhecendo, que ha no Mundo quem por os saber dinamente louuar, os pode merecer, sendo cada hũa destas cousas assaz difficultosa: & se este iuyzo vos não contenta, pedi o de Floricio como melhor, que nem eu creio auer outro, que de vos ter ouuido não fique sospeito. Todos os presentes confirmaram a sentença de Lereno, & a alguns contentaram tanto as palauras della, que aos outros perguntaram donde era aquelle estrangeiro, acrescentando a isto alguns lououres, não tam secretos, que a elle não rendessem muyta vergonha, particularmente quando entre as pastoras, que aly se ajuntaraõ vio a namorada Althea, que não tiraua os olhos dos seus, fogindo aos de Floricio, que com antiga afeição a olhaua: não podendo acautelar-se tanto, que o amigo o não achasse com o furto nas mãos: porem Ríseo, que liure destes cuidados ouuia o canto dos ouelheiros, & lhe não parecera mal a contenda das cores, por dar outra differente do que tinha por opintam, moueo de nouo a questam entre todos com tam engraçadas razões, & futil entendimento como tinha a custa da inueja de muytos do valle, porem atalhando todos, que só cantando lhe consentiriam o parecer, ao som de hũa temperada Lyra cantou o seguinte soneto.

Fermosos olhos quem veruos pretende
 A vista dera em preço se vos vira,
 Que ainda que por perderuos a sentira
 A perda de não veruos não s'entende:
 A graça dessa luz não na comprende,

Quem

*Quem qual ao Sol a vòs seus olhos vira
Que o cego amor, que cego delles tira
Com vossos proprios rayos a defende .*

Não pode a vista humana conhecer

Qual seja a vossa cor, que a luz forçosa

Não consente mostrar tanta belleza :

Seu que em vendoa ceguei pude ainda ver

Hũa cor vi: porem cor tam fermosa ,

Que me não pareceo da natureza .

Q Vando os pastores em lounor da cantiga de Rifeo se empregauam, ouviram de improuiso muytos brados de pastores, & grande ladrar de rateiros ao pé do monte, & conhecendo pelo custume, que era lobo, todos desemparraram aquelle lugar, & as pastoras de longe osforam seguindo, & no alcance de huns & outros, se consumio a mayor parte de dia, ficando espalhadas por aquelles outeiros, das quais Tirsea porque leuaua mais o sentido nos amores de Floricio, que em perseguir o roubador do seu rebanho, se apartou tanto de caminho, que se lhe acabou o dia entre huns espellos matos, aonde com a noite escura, & com a carregada sombra dos aruoredos estaua todo o valle medonho, & no silencio daquella escuridão, não se ouuia mais, que o ruydo, que ao longe o rio hia fazendo por entre as pedras, & alguns brados dos boyeiros, que dalem do valle hião fazer Eccho naquellas concauas pednias, que entre a musica dos grilos, que das caladuras da terra estauam cantando, cautauam hum frio temor em o brando coração da namorada Tirsea: a qual cahindo no descuido com que aquelle lugar viera a tais horas ficou

Primavera de

cou sem fangue: & começando a caminhar sem saber aonde, o tom das passadas que hia dando, lhe representauam, que alguém a seguia, & detendose a cada passo, fallar nem suspirar oufaua, parecendo-lhe, que nisto saluaua seu perigo. Assim andou hum grande espaço até chegar ao pé de hum piqueno outeiro, em o cume do qual auia huas ruynas de casas, que noutro tempo o foram & a quem a antiguidade, ajudada dos ventos derribara, cujas paredes estauam cercadas de mato espesso, & cubertas de antiga era, que sostinha aquellas vltimas pedras: chegando aly julgando pelo vulto, que seria algum casal, ouuio que feriam lume, & com as faiscas delle descobrindo o lugar ficou tam temerosa, que tornou a tras o passo, & encoftada ao cajado, escutaua de quando em quando hũa voz, que se lhe representaua nos ouuides, & depois que o temor lhe deu determinação foy sobindo o outeiro até conhecer, que eram pastores, que andauam na caça, & se recolheram ao amparo daquellas paredes pera passarem a noite: & porque aly corria mayor risco o seu receo, ficou por algum espaço imaginando o que faria, até que de improuisto se lhe offerreceo remedio bem perigoso. E foy que hum daquelles pastores se sabio da companhia & tomando o caminho por onde estaua Tirisca fiandose ella no escuro da noite, cobrie com o capirote o branco toucado, & contrafazendo a voz o mais que lhe foy possiuvel, o saudou, e lhe perguntou o caminho com que fosse tér a algum casal aonde passasse aquella noite, ao que o pastor respondeo com palauras de boa cortesia: Bofe pastor, que he tam grande o escuro, que te não saberei mostrar o caminho, nem atinar este por onde vou, posto que o costume cada dia: com tudo se por elle quizeres, que te acompanhe, aquí a diante detras desta portella fica hũ casal, aonde eu vou buscar hu-

mas

mas redes , que meus companheiros ficam esperando em quanto tarda a Lua : & fio eu da gente, que nelle mora, que te dem de boa vontade gasalhado . He tam grande bem esse (respondeo Tirsea) que não sey como te dé as graças delle, & pois assi he, anda diante , que eu te yrei seguindo: & caminhando tras elle com muyto trabalho, porque o caminho era fragoso, chegaram a passada de hum ribeiro, aonde o pastor lhe offereceo a mão pera que desse o salto mais seguro, o que ella engeitou, dizendo que saltava bem sobre o cajado , mas então o não fez com tanta ligeireza, que não cayisse da outra parte sobre hūas sylvas , & aly de necessidade aceitou a ajuda do pastor , o qual tocando a mão, ficou com allaz sospeita do que poderia ser, & nã oufando de descobrilla, por ser tam leue o fundamento, com desejo de achar outro , foy polo caminho a diante perguntando lhe donde era, & como viera ter aquelle desuio a tais horas, ao que com muyta cautelia respondeo que era hum moço estrangeiro que passava pera os campos do Douro, & que tomara errado hum atalho que atras lhe infinarão , para que com sol podesse chegar a Aldea , & que por não passar descuberto ao frio da noite fora ventura de achallo em aquelle lugar. Por certo (lhe disse o pastor) que tomara eu verte em outro aonde te conhecera cõ menos escuro, porque so de te ouuir te tenho ja boa vontade. Não sei eu outro (tornou ella) aonde mais me aproueitasse teu fauer, que ja pode ser se me viras, que me guiaras com menos vontade (tal he o meu parecer) & então não merecera por conhecido o que alcancei por desencaminhado . Nestas palauras & outras chegarão ao casal aonde era forçado que o pastor soubesse a companhia, que ately trouxera : & abrindo a porta com a luz da candeay, vio a Tirsea, que com

o tra-

Primavera de

o trabalho do caminho afrontada, & com o lume que lhe fazia no rosto fermosas sombras, o ficou tanto que podia vencer as que em o valle mais presunção de gentileza. O pastor que a conheceo, ficou tam alheo de sim, que nem fallar pode, antes como defatinado do que sentia, tomou as redes que d'antes buscava, & saindo fora dando mil desesperados suspiros, se meteo por entre os matos tomando diferente caminho do que o aly guiara, de cuja novidade ficou bem alterado, & suspenso o dono do casal, que era hũ pastor de muyta idade que com sua amada consorte vivia na foidam daquelle môte, cujos filhos eram os que ficauam esperando as redes. Então lhe contou Tirsea a ventura por onde viera ter ao seu casal, & como se encobrira com o nome de pastor, por salvar sua honestidade: elle com muyto amor, & mostras de honrada bondade a recolheo, & a encomendou a velha que não menos que elle era bem acondicionada, & delles soube como aquelle pastor era Montano o mais conhecido pastor daquella ferra, & rico de ouelhas: o qual não sem causa fez tam estranha mudança, porque auia muyto tempo que tinha a Tirsea secreta affeição, de hum dia, que entre muytas a vira na campina, em hũa festa de Pales deusa dos pastores. E era ella dina de obrigar a tais extremos, porque alem de ser muyto fermosa, tinha igual descripção, & honestidade, mas nem com estas partes, & outras muytas obrigaua Floricio a quererlhe bem, que este he o mayor mal que tem quem faz emprego em coração affeioado, que não só mente lhe he necessario côquistar hũa vontade, mas desapossala da affeição, que as vezes tem nalma poderosas rayzes.

FLORESTA QVINTA.



ASSADA a noite deixou Tirsea o casal ,
& ficaram os velhos tam obrigados de suas
partes, & cortesia, que alsi sentiram a despe-
dida , como se fora de mais tempo o conhe-
címêto, & vindo ella acudir ao seu rebanho,
que eram horas de tirar dos curtais , quis
saber o que acontecera a Floricio a tarde passada , porque
dos seus bõs successos dependia o viuer contente , & do-
brando o valle , o vio estar com Lereno de quem elle se
apartara na montaria , è naquella hora tratauam do lobo,
que os despartira , & como a pastora não se atreua
mais , que a vello por entre hũas aruores, se desuiu, mas
não tam longe , que deixasse de ouir cantar a Lereno ,
o qual se não pode desobrigar dos rogos de Floricio, é tem-
perando hũa Lyra sentado ao pe de hum salgueiro , can-
tou este soneto.

Fogeme a luz do Sol quando amanhece
Vejo estrellas no Ceo ao meyo dia,
E entam sinto do inuerno a mór perfia
Quando o veram mas arde, & mais florece,
Quanto aos outros alegre m'entristece,
Porque tenho o pesar por alagria,
Que milagres sam estes fantasia,
Porque os não saberà quem os padece ?
Sospeito, que em meu dano conjurada
Como mudou a sortô a condiçãõ

Primavera de

*Vay trocando o custume a natureza,
E assi não vejo a luz tam desejada,
E em lugar da alegria, & do verão
Não tenbo mais, que inuerno de tristeza.*

Depois que Lereno cantou, suspiraua Floricio, mostrando com este nouo encarecimento, a quanto o obrigara o sentimento do que ouira, & perguntandolhe o amigo a causa dellê, respondeo . Foy a tua cantiga tam cortada pera minha pena, & a tua voz tam natural pera a publicar, que faz em mim estes effeitos fora outros de inueja, que esconde o coração : & este lugar quisera eu agora pera te descobrir muytas cousas delle, em que conheceras esta semelhança, mas vejo vir ao longo do rio Menalio, Riseo, & Theonio com outros pastores, & sospeito que ao Eccho da tua voz acodiram, & vem direitos pera nos, mas se a minha ventura não he a que custuma, algũ dia terei em que a nossa vontade pratiquemos, & agora ouiras a Riseo, que he gabado de todas as pastoras da mōtanha, pelas muytas graças, & partes de seu entendimento . A este tẽpo chegaram a elles os pastores, & Riseo em nome dos outros pedio a Lereno, que tornasse a temperar o instrumento, que tinha deixado, & quisesse profeguir seu canto, pois elle os guiara ate aly, & que não era razão que Floricio tiuesse tudo o mais, & elles só a inueja. E como o pastor conhecia, que a cousas semelhantes a facilidade lhes dobra o preço, & as muyto rogadas, custão a vezes mais do que vale, tomando hua samfonha de Floricio, lhes disse . Não quero liurarme com as escusas que tenho, do que me mandais, nem acautelarme do pouco que sey : sò quero obedeceruos com tal condição, que por facil, me não tenhais por confiado, que

o sou,

o sou, porque não respeito a mais, que a vontade de vos servir, a estas palavras se deram todos por muyto obrigados, & disseram, que estauam por estas condições, com tal, que lhe não dilataste mais a musica, a qual elle começou desta maneira.

A Treuido pensamento
 Não me ponhais em perigo
 Que pera ser venturoso
 Não basta ser atreuido :
 Se sobis por leuantarme
 Vede quauto a tras vos fico,
 Que pera quem não descansa
 He muyto largo o caminho:
 Leuais tras vos o desejo,
 E eu a ambos busco & sigo
 Pera tornar a cabir
 Como a pedra de Sizopho :
 Vos tendes culpa d'ousado,
 E eu de todas o castigo,
 Que naci sò pera penas
 Que das vossas azas tiro:
 Perfiais com a esperança
 E eu com a razão porfio
 Tè que vencida de todo
 Fiquemos ambos vencidos :
 Se ante as aras da fortuna
 Quereis yr ao sacrificio,
 E acabar tam mal logrados
 Como fostes bem nascidos:
 Pouco aventura a perder
 Quem se tem ja tam perdido

Sòmente temo em meu dano
 Que me auéis de deixar viuo:
 Encolhei hum pouco as azas,
 E estai a conta comigo
 Que de muyto experimentado
 Ia nos males aduinbo :
 Fiauos do desengano
 Vereis s'he melhor partido
 De hum ccuarde acautellado
 Que de ousado arrependido:
 Vede no triste successo
 Do que deu o nome ao rio
 Quam pouco contra ventura
 Podem valer artificios :
 Sam vossas azas albeas,
 E correis o mesmo risco
 Deixaias aos venturosos
 Pois que por mim fois mofo :
 Bastaua ao filho do Sol
 Conhecer que era seu filho
 Sem querer ter hum seguro
 Sogeito a tantos perigos :
 Contentaiuos pensamento
 Ser de hũa parte diuino
 Conhecei minha esperança
 Deixareis de ser altiuo:

Primavera de

*Mas em vossa semrazão
Sam meus conselhos baldios*

*Que pouco valem contrella
Conselhos, rogos, nem gritos.*

E Sperauam os pastores o mais atreuído, que desse a Lereno as graças do que cantara, mas Theonío, cuja confiança escufaua padrinhos, rompeo este silencio, & disse: Tenho tanta inueja ao teu canto, que se não temera o parecer de tantos, ouuera o de desgabar, porque tambem isso fora mais facil, que darlhe deuidos lououres, mas ja que me ey de callar com minha magoa, te rogo que me contes donde ouueste tam boa, & estranha cãtiga. que ja neste valle ouuimos a hum pastor estrangeiro, versos do mesmo teor, mas tinham os nossos guardadores por muyto difficultoso fazerse em a lingua Portuguesa, porque a tem por menos engraçada pera os romances (que assi creio que se chamam) & veinos em ty isto tanto ao contrario, quam grande he a vètagem, com que em tudo o excedeste a elle: & a esta pergunta de Theonío, todos mostraram muyto desejo da resposta de Lereno, & porque elle desejava satisfazello, em especial a Rifeo, que o obrigaua, começou.

Em hum valle aonde mais contente dà ventura apacentei, que he deste algũas legoas apartado, auia hum pastor meu grande amigo, que todos por suas muytas partes estimauam, & queriam: este em sua tenra idade, deseioso de ver muytas marauilhas, que ouuia contar das terras estranhas, deixou a patria, & o rebanho de seu pay, que era o mais rico, & nobre pastor daquella Aldea, & peregrinando muytas partes do Mundo, viu em Archadia as celebradas ribeiras do Erimanto aonde o famoso pastor Accio Sincero apacentaua: cantou nas ricas prayas do Pado, & do Tibre, cujas penedias & aruoredos estão repetindo ainda agora o nome da fermosa Laura, gozou as sombras dos bosques do

do claro Mincio, aonde o antigo Titero celebraua o nome de Amarilis: vio a origẽ do sagrado Tejo, & as ricas areas de Guadalquivir, aonde o celebrado Lasso, entre as ouelhas mostrou aos pastores seu illustre ingenho, & aonde o namorado Syreno deu a lingua, & aos valles estrangeiros o q̃ deuia ao Mondego aonde naceo. Este pastor vindo depois ao nosso lugar, tinhamos amizade cada hora mais estreita, & entre muytas cousas que dizia das que vira por aquellas partes, contou que estando em hũa Aldea junto ao Tejo, aonde se fazião hũas festas de pastores ao benzer do gado, depois de muytos jogos, & folgares, resoauam todos os mōtes vezinhos, com instrumentos & musicas dos pastores, entre os quais elle (que não deuia ter o menor lugar) deu honrada mostra do que merecem os ingenhos da nossa Lusitania, & vejo tão affeioado a muytas cantigas, que entre elles ouuio, que ambos em o nosso lugar não cantauamos mais, que a imitaçam das que la ouuira, & eu como mais affeioado a nossa lingua Portuguesa fuy o primeiro, que nella cantei romances. Ainda Lereno, queria yr com a pratica a diante, quando viram vir muytas pastoras cō grande grita fogindo pera onde todos estauam sentados, & cō isto o ladrar dos rafeiros, & bradar dos guardadores atroauam todo o valle, & leuantandose, viram hum pastor furioso coroadado de Era, & de louro, com hum pesado salgueiro ac hũbro, o qual em ligeiros saltos andaua atrauesando as reluas, não deixando lugar as quietas ouelhas, pera pastarem a miuda crua, q̃ perdendo o tino amedrentadas, hũas entravam pelos vedados trigos, outras balando cō os alheos gados, se misturauam. Leuantados os pastores, correram tras elle pera o prender, mas Tirsea esmorecida cō medo, se abraçou a Floricio, que entam lhe não podia negar aquelle amparo, & obrigado de seus piadosos rogos, a leuou

Primavera de

até a cabana do honrado velho Salício de quem era unica filha, & pello caminho lhe contou como aquelle pastor doudo era Montano, & a estranha aventura, que com elle lhe acontecera a noite passada, do que Floricio não ficou pouco espantado no principio, mas considerando a força, que a amor tem em peitos humanos, & a fermosura de Tir-sea, que aly ao perto se lhe representaua sem sospeita, não teue o acontecimento por estranho, julgando juntamente o que deuia á pastora, que por su respeito tudo desprezaua, tendo da sua parte tam grandes merecimentos, & com este conhecimento a tratou entam com tanta differença do costume, q̃ ella teue por ventura o mau successo da q̃lle dia, & chegando a cabana aonde se ouue por segura do receo passado, não despedia os olhos de Floricio, que nos seus lhe leuaua a alma, tornou elle aos pastores, que com muyto trabalho tinham preso a Montano, cuja historia de muytos foy sabida, & quasi todos pelo conhecimento, que d'elle tinham, & Lereno por affeioado ao mal de que endoudece-ra, o leuarão ao seu casal, posto que desuiado estaua: porem Althea apartada das outras pastoras, se foy assentar ao longo do rio entre algũas aruores, que crecem com as rayzes nelle, pera ouuir os roixinois, que naquella hora começauam aly seu saudoso canto: & porque uo alto dos ramos de hum loureiro viu entalhado hum nome, que com a mesma planta fora sobindo, & se podia ler mal por ficar tam alto, curiosa de saber cujo seria, leu Althea, & apar outro nome, que com a mudança do tronco, & sombra dos ramos se não lia, como que o seu pastor ausente o escreuera, & fazendolhe esta lembrança na alma saudade tirando della algũs suspiros, & do gurram hũa dourada samfonha, cantou o seguinte.

Nome

Nome que amor nas azas leuantou,
 E depois abateo tanto à ventura
 Como não cabis ja de tanta altura
 Se quem vos sustentana se trocou:
 Pois ja com o largo tempo se apartou
 Fazei nesta cortiça a sepultura
 Não renoueis agora na memoria
 Tristes lembranças da passada gloria.

Quando contente aqui vos escreuia
 Quem nalma fielmente vos guardaua
 Nas pedras, & nas aruores pintaua
 Por mais firmeza o bem, que me queria
 Pois me falta esta fè de que eu vinia,
 Evôs dais vida ao mal, que tão agrava
 Leue em despojo amor desta vitoria
 Tristes lembranças da passada gloria.

De que seruia a Amor tam grande engano
 Esperança tam grande, & tam fingida,
 E aleuantar a hum bem pera a cayda
 Vir a tamanha pena. & tanto dano?
 O sem tempo cbegado desengano
 Na lembrança da gloria ja perdida
 No fim de tam alegre, & doce historia
 Tristes lembranças da passada gloria.

E vòs o testemunha verdadeira
 De hũa deuida fê tam mal guardada
 Escritura d'amor falsificada
 Fiança de vontade tam ligeira:
 Não valeis ja por fé pois que a primeira
 Tambem de vosso dono foy quebrada
 Pois não valem, não fiquem por memoria
 Tristes lembranças da passada gloria.

NAõ fomite a musica de Althea, mas a dos roixinois,
 que ao som da sua samfonha com amorosa perfia a
 ajudauam, fazia hũa fermosa laudade nas fraldas do rio,
 que com hum concertado ruydo parece que cantaua: cal-
 lou ella pera ouuir os passarinhos a tempo que os pastores
 que leuaram a Montano deciam do monte cantando, ella
 de os ouuir deixou o lugar, & a tras elles escutou a cantiga,
 que era esta.

Quem v iue en descudo
 S'yba deste auiso,
 Que Amor, que he de siso
 Não deixa sesudo.

Quem faz nelle emprego
 Vencido da dor
 S'olha por amor
 Tambem fica cego:
 Quem ama sesudo
 Tenha disto auiso
 Que assi rouba o siso
 Como rouba tudo.

Quem se lhe offerece
 Tudo nisto iguala,
 Que se d'amor falla
 D'amor emmudece
 Quem no mesmo estudo
 Emprega o iuyzo
 Amando de siso
 Perde o ser sesudo.

FLORESTA SEXTA.



NTRE todos os pastores da montanha, & da campina, se fallaua a doudice de Montano, seruindo de motiuo, & galantaria em os amores de muytos, que com aquelle exemplo os encarecião, porem de fiso o temia Floricio, receando hum castigo semelhante a femrazam com que trataua a Tirsea, & só a vista & conuerção de Lereno o aliuiaua nestes cuidados, porem não tanto, que de todo os encubrisse. Hum dia, que com a sobeja quentura do Sol não podiam os gados esperar o campo, apartandose ambos de entre os outros, foram a passar a festa da outra parte do rio, naquelle lugar aonde Lereno vira as Ninfas, que os pescadores saltaram: & aly no mais secreto do aruoredo, sentado sobre hum barranco, que as agoas do Inverno aly cortaram, em o qual auia muytas pedras toscas cubettas de verde musgo, & d'entre ellas pelo meyo de agudas espadas fahião muytos lirios roxos, & amarelos, que estauam mais viçosos com a vezinhança d'hum ribeiro, que por entre as pedras vinha decendo a sombra de altas sereigeyras, & castanheiros, que os passaros escolhiam naquella hora pera se defender do ardor do Sol, & cantauam de seus floridos ramos, como no romper da alua a madrugada. Em quanto as cabras de Floricio hũas no alto da ladeira se pendurauam daq̃lles rochedos, pera aleçar os floridos espinhos, outras ao longo do rio, pera chegar aos verdes ramos dos salgueiros sobre os pes se aleuantauam, outras buscando as claras fontes, deixauam de gostar as eruas saborosas por verem

Primavera de

nas agoas sua figura. Vendo Lereno ao companheiro penfatiuo, & mais triste do que em sua presença o parecia, lhe disse. Pois que eu Floricio não mereci atégora saber de teus cuidados, não estranhes esta pergunta, a que me moue a differença, que em ty vejo ha poucos dias. Succedeote de nouo algum desgosto? perderãose algumas rezes do teu rebanho? que he o porque andas triste? Ou ha cousa que muda em teus olhos as cores com que me vião, ou tu me não ves com o amor que me mostrauas. Não ha cousa (respondeo elle) que em mim faça menor o gosto de tua vista, & se o rosto por força do sentimento de meus males, nega a alegria com que te vejo, esta mostrara a si só o coração, que não tem mayor aliuio, que descobrir a pena que sente a tal amigo. E pois que a saudade deste lugar, & a tua discreta companhia he tam natural a hum, queixoso, quero te dar conta de minha vida pera que julgues a razão com que ha tanto que delejo a morte, & temperando hũa cornamusa que trazia em quanto Lereno, inclinado sobre o braço o escutaua, assi dizia.

DEidades da espessura
Nimfas que n'agoa uiueis
Chegay juntas, & ouuireis
Desconcertos da vencura.

Fontes, & arnuores vezinhas
Flores varias heruas verdes
Se vossos bens ver quiserdes
Ouui desuenturas minhas.

Cabras, que a vosso sabor
Vos pendurais dos rochedos

Ouui d'entre esses penedos
Queixar ao vosso pastor.

Sabereis de meu tormento
Vosso bem mal conbecido
Vereis, que não ter sentido
Escusa ter sentimento.

Ouue me amigo Lereno
Com que sei, que não m'engano
Pode ser vendo meu dano,
Que aches teu mal mais pequeno.

Veras os males, que vem
De hũa force desigual,
E quam mal conhece o mal
Quem não teve nunca bem.

Naci pera esta fadiga,
E pera a que inda me espera
No Tejo, & não sei se diga
Que oxalá, que não nacera.

N'um lugar, que agora inuejo
Fresco de valles, & montes
Que tem d'hum cabo mil fontes,
E doutro as agoas do Tejo.

Aly viui descuidado
Da vida que me esperava
Aonde nunca me lembrava
Nem d'amores nem do gado.

Nada entam mais tinba em graça
Veram, Inuerno, & Estio,
Que andar com as nassas no rio
Ou com os podengos na caça.

Em trabalhos tam suaves
Gastei doces Primaveraes
Hora catiuando as feras
Hora perseguindo as aues.

Em tudo andava diante
Aos moços do meu lugar
Ou no baylo, ou no cantar
Ou no vestir mais galante.

Andava a chuua, & ao Sol
Com capote pespontado
D'aluas carneiras serrado
Com riucs de Catasol.

Fuy perdendo a liberdade,
Que o bem nunca foy de dura,
Foy-me saltando em ventura
O que crecia na idade.

Seguio-me a desdita minha
Desterrou-me dos meus valles
Começo a sentir nos males
A falta dos bens que tinba.

Vim viuer a esta montanha
O porque hoſe não sei,
Acho nella o que busquei
Que era verme em terra estranha.

Mas como pera mdr mal
Se guardava este primeiro
As condições de estrangeiro
Me tornaram natural.

Guardei aqui gado alheo
Muyto tempo por soldada
Não me guardava de nada
Não temia o que me veo.

Serui juntei meus jornais
Ũim a ter cabras de meu
Dou graças a quem mas deu
Não pastão no monte tais.

Primavera de

Eis-me assim nesta bonança
Sem cubiga, & sem cuidado
Farto, rico, & descansado
Sem curar doutra esperança .

Quando a este estado vim ,
Que nunca tal sospitei ,
E tanto outro me tornei
Que ando ja fora de mim .

Era hum dia de janeiro ,
S'eu na conta não m'engano
Que assi como o foy do anno
Foy de meu mal o primeiro .

Como era de festa o dia
Madruguei mais do costume
Que do que homem não presume
Poucas vezes se desuia .

Decia pera a ribeira
Loução, contente, & brioso
Com meu capote arenoso
Men cajado de auleira .

Encontrei junto a leuada
Outros cantando em disputa
Hião tambem ver a luta
Fomos todos de manada .

Chegando perto do rio
Ouuímos delle cantar
Hũa voz, que d'a escutar
Qualquer de nós ficou frio .

Eu como mais atreuido
Sem saber o que intentava
Cheguei por ver quem cantava
D'entre os ramos escondido .

Vi, & logo aly ceguei,
Que oxalà que dantes fora,
Hũa tam bella pastora
Que então por Anjo a julguey .

Brial tinha leonado
Capiroze azul pombinho
C,urram de pelles d'arminho
E de sanguinho o cajado .

Tinha fora de curram
Muytas flores no regaço
A cabeça sobre o braço
E os claros olhos no cham .

Daly mil suspiros dava
Como a compassos cantando ,
E entr'elles de quando em quando
Fermosas perlas chorava .

Do tormento que sentia
Mil queixumes publicou,
E este so pè de me ficou
Da cantiga que diziz .

Os olhos, que vos não rem
Pagaram sempre este foro
Descantando em triste choro
Aquella sombra do bem,
Que este aliuio sò conuem .

A quem

A quem tal ventura alcança,
Mas doutra noua mudança
Estarà meu peito albeo
Por mais que possa o receo
Destruyr minha esperança.

Eu aly como enleado
Do que via, & no que ouuia
Nem apartar me sabia,
Nem a fallar lhe era oufado.

Tanto o temor me venceo
Que quando aos outros me viro
Soltei sem tento hum suspiro,
Que ella ouuindo estremecco.

Ergueose assi temerosa
Vionos não fez diso estima
Foy subindo o valle acima.
Da mudança mais fermeza:

Os outros, que a conheceram
Muyto menos se espantaram,
E quanto mais a louuaram
Menos della me disseram.

O nome sò me ficou,
E aonde moraua n' Aldea
Scube, que o nome era Althea
(Triste, & quanto me aoustou.)

Chegamos nòs ao lugar
Vimos as festas do dia
Qual cantaua, & qual tangia
Qual se despia a lutar.

Muytos que me conbeciam
Que era eu nisto o mais gabado
A conta do meu cuidado
Quantas cousas presumiam?

Acabarãose os folgares,
E a luta ja noite escura
Soauam pela espeesura
Os arrabis, & os cantares

Eu que por nada attentei
Com o meu cuidado primeiro
Com elle por companheiro
A cabana me tornei.

E passando pela porta
A minha bella inimiga
Fuy dizendo esta cantiga,
Que inda o lembralla me corta.

Cantiga.

Minha antiga liberdade,
Que a pesar de amor poupei
Ia por bũa vista a dey.

Volta.

Em quanto não conbecia
Este bem que me esperaua
Do mesmo amor a guardaua,
Mas pera quem não sabia
Negauamo a fantezia
Mas ja dos meus olhos sey,
Que pera vòs a guardei.

Primavera de

Afomou ella a hum postigo
Que sobre o valle ficava
Eu que vi que se tornava
Estas palauras lhe digo.

Não me tire esse receo
O bem que me offrece Amor,
Que he, quem ouues hum pastor
Cuja alma a tras ty se veo.

E assim mal pode offenderte
Quem te entregou seu poder,
Que nada podes temer
Com razam se não for verte.

Ab (disse ella, & sospirou)
Não fora cousa muy fea
Seruirse de bũa alma albea
Quem a propria catinou .

Porem viue em teu socego ,
Pago com defenganarte
Faze emprego noutra parte ,
Porque eu noutra fiz emprego.

Deixoume ttas isto assi ,
E tal me deixou sem vella,
Que com o sentido em perdella
O das palauras perdi.

Fuy-me atè a cabana entam
Cubiçoso de meus danos
Sem curar de defenganos
Mais que de minha afeição .

Mudei o pasto a meu gado
Pera onde ella o seu trazia
Aly mais vezes a via ,
E ouuia ella o meu chulado,

E nunca outro fruto deu
Isto em seus olhos serenos
Mais que ouirme , & verme menos
E eu ficar sempre mais seu .

Veio ella a sospeitar
Ou soube d'outros pastores
Que ja nestes meus amores
Se fallava no lugar ,

Hum dia: andava eu tornando
As cabras d'hum semeado
Pegoume aly do cajado
Disseme quasi chorando.

Floricio que amor pretendes
De quem tem noutro as rayzes,
E se me amas como dizes
Porque nesse amor m'offendes ?

Que esperança, ou que final
Queres pastor' que te dê ?
Se a outrem deus esta fê
De que ja presumem mal.

Pois ja minha liberdade
Senhorio, & jugo tem
Não des causa a que ninguem
Falle em minha honestidade .

Outra pastora acharas
Mais discreta, & mais fermosa
Com amor mais venturosa
Do que a triste com que estás.

Accita por prego agora
Dessas mostras de afeição
Que te dera o coração
Se d'outro pastor não fora.

Ella julgara milhor
Que me vio qual eu fiquei
E assim da ly me tornei
Sem voz, sem vida, & sem cor.

Ficou sem pastor meu gado
Eoxala a sorte ordenara
Que sem vida ali ficara
Quem ficou desesperado .

Neste tempo hũa pastora
Entre muytas principal
Porquem Montano anda tal
Qual tu ves andar agora .

No meu pasto appacentava
Nelle tratava, & viuia
E o que della não queria
Me offercia, & mostrava.

Viome andar que escaçamente
No cajado me detinha
Das forças da cor que tinha
De tudo em fim diferente.

Pelo que nella imprimira
A força da mesma dor,
Mas não sabendo que amor
Nem s'aparta nem se tira.

Decia eu daquellê monte
Quando o Sol ardia en fragoa
Fuy a fonte a beber agoa,
E quasi secava a fonte .

Topoume & disse, esa cede
Floricio não vem da calma
Não(disse eu)que naceo d'alma,
Que agoa dos olhos me pede.

Tornouella, & justamente
Essa pena te conuen
Pois procurando outro bem
Engeita o que tês presente.

Deixa males tam sem cura,
Que o tempo os não remedeia,
Que não he Tirse tam fea
Como encontrar a ventura.

Dise isto, & como corrida
Se tornou para o seu gado
E eu estive de indinado
Por lhe chamar de atreuida,

E fizme em fim tam ingrato
Despois disto acontecer,
Que tam sò pella não ver
Trago as cabras neste mato.

E agora

Primavera de

E agora vendo a mudança
E os enleos da ventura
E que he tam pouco segura
Como a vida a esperança.

Vendo Altea firme so
Tirsea em meu dano firme

Em buscar-me outra em fogirme
D'ũa hei queixas d'outra do.

E de minha triste sorte
Ja não tenho outra guarida
Mais que sustentar a vida,
Nas esperanças da morte.

TAl ficou o namorado Florício no fim da historia, que com muytas lagrimas acabou, que o sentimento de o ver emmudeceo a Lereo de maneira que nem para o consolar se lhe offereciam palauras, & porque tinha entendida a firmeza de Altea, & não se atreuia a remeter as mudanças do tẽpo o remedio de seu mal entre esperança & desengano buscou este meo de aliuviar sua pena. Ha tantos dias que tenho entendido teu coração pella experiencia do que padeço que me não moue a nouidade do que agora te ouui, antes julgo q̃ tens melhor estado do que sospeitaua. Deixas Tirsea pastora fermosa discreta, & rica a quem todos pretendem, & a mas Altea que ainda outrẽ não possui, posto que ella te desengane, & de quem não tens conhecido que te aborresce, & pois amigo Florício ninguem ha tam senhor da ventura que a sojeite a sua vontade viue cõtente da ventura, que te ns a muytos & não te trates como o mais triste da Aldea. Esse conselho Lereo (tornou elle) he de verdadeiro amigo, mas este meu mal não sofre consolação, que importa querer-me quem a todo o mundo despreza se ordenou a forte que eu amasse a quem por outrem me deixa? & que me val, que a esta ninguem possui, se pode tanto cõ ella a firmeza em ausencia doutrem, como em mim a presença de sua vista? & que mayores mostras pode dar de que me aborresce quem foge de me ouuir, & de me ver, & busca todos

dos os meos de defenganarme, & pois (como tu dices) ninguém item a fortuna tanto a seu mandado que lhe faltem queixumes della, quero antes estes que o mais que Tirisca me oferece deixame ser triste que para isto naci. Fases tuas contas tanto contra ti (respondeo Lereno) que tendo o remedio de teu mal por impossivel o não procuraras da fortuna, & as vezes a esta conta por sem muytas esperanças mal logradas. Tentei ja tantas vezes os meos de minha cura (replicou Floricio) que a não espero do tempo que a tantos apromete, & pois o he ja de recolhermos o gado deixemos meus males para outro dia que como sam largos para o padecer, tambem ao contar serão cõpridos. E com isto deixarão o valle à saudade da noite, & forão buscar o descanco de suas cabanas se nestas o acha, quem em nenhum lugar esquece à ventura.

FLORESTA SETIMA.



ESPOIS que a noite se despedio das estrelas, & a fermosa Aurora em seu rosado carro, começou a campear os orizontes, leuantados os pastores de seu repouso, se repartirão da Aldea nos costumados exercicios de seu gado. Risco, Lereno, & Floricio se ajuntarão perto do rio a vista dos rebanhos aonde para q̄ gastassem a manham em saborosa pratica dissé aos companheiros, ainda que os pênslamentos que de noite representa a fantasia não costumê parecer ao outro dia: mereceter ante vos hoje lugar hũa duvida que esta madrugada se me representou no entendimento q̄ me deixou hũ grande desejo de saber della a verdade, & he. Qual terá mayor pena, & razão para viuer sem esperança: quem ama hũa pastora

Primavera de

pastora que nunca soube de Amor nem delle se obrigou: ou quem ama a outra que de sua vontade tem feito emprego em hum pastor de que viue ausente. Duuidosa he (disse Rifeo) a questão, & cada hum desses estados perigoso porê nenhum delles me obrigara a desesperar. Con tudo antes me atreuera a obrigar a quem ya das paixois de Amor tem conhecimento, que a conquistar de nouo hũa vontade rebelde a seu senhorio, porque a primeira impreta he induzir hũa vontade afeiçoada aos mesmos effeitos de que ya se obrigou. E a segunda he obra, do poder, & força de Amor a quem os antigos attribuirão este senhorio. Boa era essa razão (respondeo Floricio) se essa vontade afeiçoada de que fallamos, não tiuera feito emprego cõ quem ausente occupa o mesmo lugar no coração & assim menos força se faz induzindo Amor em hum peito humano cousa tão natural nelle: que destruir o que ja na alma tem feito affento. Em uerdade tornou Rifeo que muyto confias da firmeza das molheres pois nellas fazes differença entre ausente & esquecido: & eu oufarei a afirmar que ainda presente, não ha nenhũa em quem o amor esteia seguro, que sam tam inclinadas a nouidades, & mudanças, que des conhecem afeição, & merecimentos, se tu as conheces a todas (tornou elle) por tam inclinadas a nouidades, porque se não obrigara tanto dellas a que tem Amor como a q̄ nunca oteue? Porque (replicou Rifeo) aque tem afeição não tem firmeza, & a que viue isenta viue de pertinacia para q̄ sua natureza siga sempre extremos, & se hũa molher se não obriga de sua vontade, ou appetite he impossivel conquistaralla ninguem com seruiços que por ficarem sempre se horas de sua liberdade, & da alheia so de sim aceitão a sujeição. Não cuidei (disse Floricio) que com muyta attenção os escutaua) que eras tam enemigo das pastoras, que com

sua
ma
tes
cu
te
ve
co
ap
ma
fin
no
ça
he
fla
o
te
co
o
ce
ta

Q

V
sua

sua infâmia abonastes tua opinião, que essas ralois seruem mais de as offender que de confirmarem o teu parecer antes te conhecia por homem afeiçoado, & que sentia bẽ de cuidados amorosos. Não te enganas (disse elle) porque mais tempo gastei ya em as servir do que agora em diser esta verdade, & diras que como quis ya bem a quem conhecia com tanto mal, pois não somente a afeiçoão mas tambem o appetite nasce das coufas que melhor nos parecem: poreim mayor disculpa disto he a falsidade de suas palauras, & o fingimento de seus afeitos do que a culpa do meu engano. Esse (disse Lereno) he o mayor, & mais pareceo vingança de agravo que praga de homem defaifeçoado, & se assim he eu por sua parte appello, & te rogo que deixemos aquestão para outro tempo, que agora melhor sera para escular o arrependimento que despois te pode custar muyto, q̃ cantas algũa cantiga de seus louvores, & ficando com ellas reconciliado, daras aliũo a malenconia do nosso Floricio. Se o seu mal com outro se apaga (tornou elle) quero te obedecer, & cantarei louvores das pastoras de quem cantando tam mal fico vingado, & tomãdo a Lira cantou o seguinte.

*Quem fermosas pastoras vos offende
 Erra, endoudece cega, & desatina
 Quem a vossos poderes não se inclina
 Não deseja, não viue, não se entende.
 Quem mais que vosso Amor busca, & pretende
 Em seu dano se esforça, & determina
 Quem mais que em vos servir sempre imagina
 Nem vos sabe querer, nem vos comprende.
 Vos dais o ser & a graça a fermosura*

A vida gosto, à Amor, o senborio
 As almas fogueição, força a vontade
 Sem vos que presta Amor? que val ventura?
 O juyzo, o querer a liberdade
 He engano, doudice, & desuario.

Offensas que rendem tam boa fatisfação (disse Lereno) não somente consentiremos nellas, mas aindaviremos a deseiallas, logo me pareceo que quem desia os males também, nos bens diria melhor. Ati deuem ellas a cantiga (disse Rifeo) & a mim outra tenção, & pois em seus lououres se gastou tam mal o tempo, passimos da outra parte do rio auer a festa que hojé fazem as Nímfas & pastoras dedicadas a Diana que he lá toda a Aldea, & não se podê perder os folgares deste dia & pegando pello cajado a Fioricio o fez levantar, & a Lereno tras elle: & todas tres guiarão para o lugar da festa que era junto ao templo de Diana no mais fundo do valle entre os aruoredos que cercam o rio, & por onde hum gracioso ribeíro lhe entrega as cristallinas agoas, que traz do pee da montanha: & porque toda a relua q̃ a sombra das bolicosas ramas florescia estaua chea de pastores: pararão os companheiros ao pee de huns salgueiros aonde ouuirão cãtar duas pastoras vestidas de verde em companhia de Menalio que não estaua pouco loução entre ellas, & emgraça dos ouuintes forão adiante cõ mais cõfiança, & a cantiga era esta.

Desejo o que no mereço
 E o q̃ não passo esperar
 Mas não sei nãc desejar

De quanto pede a vontade
 Nada a sorte me assegura
 Mas nem saltando a ventura
 Se lhe nega a liberdade,
 Ponho em desejos o prego
 Do que não posso alcançar
 Em mim proprio me coubeço
 Mas não sei não desejar.

Do que desejo em meu dano
 So naceu males que vejo
 Que logo a tras do desejo
 Se me encontra o defengano

B Em cantauão as pastoras, & mereciam a sua confiança, & outros começaram a leuallas, quando se lhe ajuntarão muytos dos pastores que estauão derramados pello valle, pella fama que delles tinhão, cõ a esperança de os ouuirem cantar: porem não o esperaua hum percariso montanhês que aly veu, & se offereceo logo para cantar em porfia, pondo por pieço a quem o vencesse hũa frauta de corniolo, no som, & no feitio tam estranha q̃ tocando a montanhês ficarão todos espantados, & muyto cubiçosos, & nella estaua laurada com muyta sotileza a historia de Argos, & Mercurio com a vaqua & posto que o preço fez inueja não ouue quem lhe saise, mas todos lhe pedirão que cantasse o que elle fez muy facilmente com os olhos em hũa das pastoras que o ali trouxera.

Pastora do verde
 Das duas mais bella
 Tem ditosa estrella
 Quem por vos seperde,

Em fim desejo, & não peço
 O que Amer não me ha de dar
 Bem vejo que o não n ereço
 Mas não sei não desejar.

Muyto pode a confiança
 Na fê do muyto que quero
 Mas não viuo do que espero
 Porque acabou a esperança
 Cançome em desesperar
 Bens que sei que não mereço
 Porem cada hora começo
 A querer, & a desejar.

Vossa fermosura
 Tam mal conhecida
 Como me deu vida
 Me dara ventura.

Primavera de

Ditoso partido
Para meu desejo
Ganhar no que vejo
O ficar perdido .

P que conheceo
Bem vossos primores
Percase de amores
Que em nada perdeu .

Liure vos offrego
Este coração ,
E os olhos diram ,
Que querem por preço .

Não no desprezeis
Por quem vollo dà
Porque nelle està
O que mereceis .

Vereis n'bum porqueiro
Fè muyto mayor
Porque o fez Amor
Firme & verdadeiro .

Baixa natureza
Por vosso a mudei
Que se Amor he rey
Pode dar nobreza .

Não perca a coroa
Sò por meu respeito
Pois que amor perfeito
Não guarda a pessoa .

A afeição ditosa ,
Que de amar vos trata
Não sejais ingrata
Sereis mais fermosa .

CAntou o da montanha com hũa voz tam rouca, & de-
léntoada, que entre todos ficou em graça a sua confian-
ça, posto que a letra não pareceo mal, & Menalio se não po-
de ter, que com muyto riso não dissesse aos outros. Bofe,
que esta tão mal empregada aquella frauta, que ja me arre-
pendo de não sayr ao desafio, porem se elle agora o quizer
aceitar, falloey eu de boa vontade pela pouca que ella te-
rà de estar em seu poder. A isto respondeo o Monthanes
que o ouuia) Enganate a tua cubiça, que isso he o que ella
custuma, mas se puseres outro premio, que iguale ao meu,
não torno a tras com a palaura que disse, que bem sei, que os
cabreiros deste monte, não tem mais que inueja do bem
alheo

alheo quando o menos merecem alcançar : & porque não cuidés, que receo a contenda. te desafio de nouo a cantar, & me atreuo a vencer, se essa pastora a quem offereci a primeira cantiga ouuer esta por sua. Qualquer que tu disseres (respondeo ella) folgarei muyto de te ouuir, que não cantas tam mal, que me não pareças bem: não durou muyto tépo este engano ao porcariso, porque viram correr todos os pastores pera a porta do templo, & foram os da companhia até ver o que era, & no friso do portal appareceo hũa taboaz dourada, que entre muytos debuxos tinha entalhadas estas perguntas, & sobre ella os premios deputados pera quem melhor lhe respondesse.

Pr. 1.

*Quem ama sem esperança**Se ama mais porfeitamente?*

Pr. 2.

*Se pode auer puro amor**Aonde saltar a razão?*

Pr. 3.

*Que parentesco chegou.**Tem o amor, & o ciume?*

Pr. 4.

*Se dara perfeita gloria**Bem goçado com receo..*

Pr. 5.

*Se se pode achar belleza:**Aonde falta entendimento.*

FOy tam grande o aluoroço dos pastores com as questões, & era tam geral o desejo de logo ouirem as diferentes opiniões que auia no ajuntamento, & alguns de darem os pareceres a que se inclinauam, q̃ semverem as folias, & danças, que rodeauam ovalle, todos occorriam as razões: com os que lhe ficauão de mais perto. Mas subítaméte emmudeceo esta borborinha, & tumulto, quando correndose: hũa cortina, dentre o choro das Nimphas de Diana, começou a cantar Syluia suspendendo de improviso os animos de todos, não só com os acentos de sua voz, mas com

Primavera de

o estranho parecer de sua fermosura . a vista da qual pagou Ríseo as culpas da isenção passada , ficando tão obrigado de sua gentileza , como arrependido do tempo em que não feruira as perfeições , que nella contemplaua em quanto a ouuia , & com ella a discreta Midalia menos confiada no parecer do rosto , que na futiliza & graça de seu entendimento , & diziam desta maneira .

Syl. *Nimfas deste alto rio*
Driades, Faunos, Satyros, Syluanos,
Que aqui neste desuio
Gofais da longa idade eternos anos
Ouui todos meu canto
Dino de tanta inueja como espanto.

Mid. *Vos feras da montanha*
Vós lasciuas manadas deste prado ,
E qualquer aue estranha
Que fere o ar com voo leuantado
No fundo deste valle
Ouindo a minha voz de espanto cale :

Syl. *Os cauallos lustrosos*
Detenba o louro Sol nos Orizontes ,
E os ventos furiosos
Dem comprido silencio nestes montes ,
As ondas se detenham ,
E as aguas por me ouuir seu curso tenham:
Mid.

Mid. As mimosas abelhas

Deixem brando suçurro, & teuras flores,

E a guarda das ouelhas

Os rudos pegureiros, & os pastores,

E por me ouuir attentos

Suspendam sua força os elementos.

Syl. Aonde for ouuida

A minha voz d'entre estas aruoredos

Daquella rocha erguida

Meu nome se ouuira d'entre os penedos

E com sonoro accento

Silvia delles dira fallando o vento.

Mid. Os ledos passarinhos

Mudos sobre estas aruores sombrias

Dos pendentés raminhos

Retratando se estão nas agoas frias

E o meu verso acabando

Midalia com saudade estão chamando.

Syl. De Amor liure, & isenta

Vino seguindo as feras na espeçura

Nada mais me contenta

Que não pagar direitos a ventura

Seruindo por senhora

Aquella casta bella caçadora.

Mid. Os peixes deste pego
 Prendendo astutamente em seu remanço
 Zombando de Amor cego
 Somente em meu querer viuo, & descãço
 De Amor o senborio
 Tenbo por graça. engano, & desuario.

Sil. Fogi de Amor tyranno
 Pastoras deste valle ameno, & verde
 Fogi seu cego engano
 Que o que nelle mais ganba mais se perde
 Porque so nosso estado
 He ditoso, contente, & inuejado.

Mid. Os bens que Amor na terra
 Promete em sombras vaãs ao pensamento
 Na conquista sam guerra
 No fim sam todos sombra, & todos vento
 So nossa vida amada
 He ditosa, segura, & bem fundada.

A Cabada a musica que a todos deixou suspenfos, ouue
 hũa trauada luta no fim da qual como não duraua o lo
 cego nos pastores para verem o successo das celebradas
 perguntas, & era mayor o reboliço, com o furioso Monta-
 no que andaua fazendo delatinos, & vendo a taboa acrecen-
 tou, esta as mais perguntas, que não deu a festa menor gra-
 ça que as cinco primeiras.

Se quem perdeu a ventura
Que Amor pôs em seu poder
Tem razão de endoucer?

E Logo em hum lugar alto appareceo hũa Ninfa cuberta de hum veo roxo, & na cabeça hũa grinalda de flores, & esta recebendo de todos os pareceres, os leo despois em alta voz com muyto gosto, & aplauso dos pastores, que em quieto silencio estiueram ouuindo o seguinte.

Resposta de Ardenio a pergunta primeira.

Quem ama sem esperança
Se ama mais perfeitamente?

Ninguem ama sem querer,
Ninguem quer sem esperar
O que ama espera, & quer
Poderà nunca alcançar
Mas sempre ha de pretender.

E se Amor lhe faltara
E speranza que o sustente
Na rayz propria secara
E inda não sei se brotara
Ou se afogara a semente.

Se a era lhe falta a planta
Em cujo tronco se arrime
Nem crece nem se aleuanta
Que em sim não tem força tanta
Que se aleuante, & sublime.

De sorte que em qualquer peito
Sem esperança ou fauor
De seu desejado objeito
Não so falta Amor perfeito
Mas falta de todo Amor.

Resposta da pastora Dinarcã a mesma pergunta.

Amo que a proprio respeito
Todo o desejo offerece
So por seu gosto ou proueito
Não se chame Amor perfeito

Antes perfeito interesse.
Amor he samente amar
Este he seu mco, & seu fim

E o que

Primavera de

E o que o pretende alcançar
Nem se ha de lembrar de sim
Nem do que pode esperar .
O que he verdadeiro amante
Não se funda na esperança
So seu querer poem diante
E se por ventura alcança
Sem ventura he mais constante
Quando na alma hũa belleza

Mostra seu raio inuisuel
E a mor seu preço, & grandeza
Não fas diferente impreza
Entre facil, & impossivel.
E he ja cousa aueriguada
Que sòmente este rigor
Merece ante a cousa amada
E o que quizer mais de Amor
Nem quer nem merece nada .

Resposta de Rifeo a segunda pergunta .

Se pode auer puro Amor
A onde saltar a razão?

Porque Copido e senhor
Aquem nada ha q̃ resista
Como forte, & vencedor
Na alma q̃ a força cõquista
Tudo conuerte em Amor .
Naquelle que se lhe entrega
Fiqua igual a sojeição
Nada a seu braço se nega

E cega logo a razão
Que a onde Amor he grande e cega.
Daqui podem conbecer
Que delle está bem seguro
Quem a razão não perder
Que Amor verdadeiro, & puro
Puro, & sem ella ha de ser .

Resposta de Floricio a mesma pergunta.

Afrontese o pensamento
Que duuida en tal clareza
Poie não pode auer pureza
A onde falta entendimento.

Amor desejo afeição
Na razão tem seu limite
Vontade, gosto, appetite
Não se regem por razão .

A rasam obriga a amar
 A rasam sustenta Amor
 E aquelle q̃ amar melhor
 Por rasam se ha de guiar.

Por iso vira seguro
 O que sem rasam se emprega :
 Que em quanto a rasam forcega
 Nunca Amor pode ser puro.

Resposta de Risco a terceira pergunta.

Que parentes co chegado
 Tem o Amor, & o ciuime ?

Amor como se presume
 Ouue por certa affeição
 Hum filho da occasião
 A que chamarão ciuime .

He igual ao pay, & mdr
 Que a may com muyta grandeza
 Palreiro por natureza
 Que em fim he filho de Amor.

Vè muyto aonde quer que vai
 Não voa antes he pesado

E em qualquer parte tocado
 Tem o topete da mai.

Vive de enganos que faz
 E anda nelles de contino
 E como Amor he menino
 Tambem o filho he rapas.

Da ao pay sempre mà vida
 E assim não me maravilho
 Que o desconheção por filho
 Porque Amor mesmo duuida.

Resposta de Egerio a mesma pergunta.

Estes irmãos desiguais
 Ambos de Venus nacerão
 E tirennos se fizeram
 De imperio de seus pais .

Naceo de Vulcauo cego
 O ciuime, & logo en tão

Tomou a cargo este irmão
 A quem nunca deu socego .

E parecia acertado
 Que hũ filho q̃ tal parece
 Da fermesura nascece
 E de hũ pay desconfiado.

Ambos

Primavera de

Ambos nace[m] juntamente
E viuem fazendo dano
Hũ com redes de Vulcano
Outro cõ seu fogo ardẽte.

Seguem diferente fim
E viuem sempre em perigo

Cada hum do outroõ enemigo,
E a companhã sempre a[s]sin.

Mostre por proua melhor
Qu'eo contrario presume
Se vio Amor sem ciuime
Ou ciuime sem Amor?

Resposta de Lerenõ a mesma pergunta.

Nestes dous não ha liança
Nem pode auer amidade
Que hũ he filho da vôtade
Outro da descoi fiança.

Hum he nobre, ainda que agora
De genere do em que estaua,
Ciuime he filho de escraua
E Amor filho de senhora.

E claramente se apura
Ser o outro escrauo seu

Porque em dote se lhe deu
Casando com a fermosura?

Serueo de guia, e dà fee
Miluezes falsa, e errada
E porque Amor não vè nada
Lhe mostra mais do que vee.

Da senhora, e do senhor
Quem ya conbece o costume
Sirua se bem de ciuime
Porque he escrauo de Amor.

Resposta de hum pastor que calou o nome a quarta pergunta.

Se dura perfeita gloria
Bem goçado com receo.

Bem em descanso alcançado
Ya se não tem por alheo
Mas bem goçado em receo
Da gloria e gosto do brado.

No bem e gosto que alcanço
O receo o faz mayor
E não ha glorias de Amor
Sem receo, e com descanso.

O que

O que a vontade se tem
 Gozase, & não se conhece
 O que na gloria esmorece
 Goza o verdadeiro bem .

Não ha gosto sem contenda
 Nem ha bem sem custar muyto
 Nem gloria que dê mais fructo
 Que a que melhor se defenda,

Resposta de Tirsea a mesma pergunta .

Não podem chamar ventura
 A que he sojeita a mudança
 Nem ao bem quando se alcança
 Em gloria pouco segura .

Hum ao outro contraposto
 Pelleião no coração.

E como contrarios sam
 O receo, & mais o gosto

Viuem sempre neste enleio
 E nenhum leua a victoria
 E se as vezes vêce a gloria
 Mil vezes vence o receo.

Resposta de Menalio a quinta pergunta, & vltima.

Se se pode achar belleza
 Aonde falta entendimento.

O que à vista representa
 Hũa viua imagem bella
 O briga moue, & contenta
 A qualquer vontade senta
 Que está contemplando nella.

Sò o que aos olhos se offrece
 He o bem que Amor pretende
 E a belleza que conhece
 Pois he bello o que parece
 Sem respeitar o que entende .

Resposta de hũa pastora sem nome a mesma pergunta.

Não he muda a natureza
 Nas graças que communica
 E em hũa estranha belleza
 Por lingoas mudas publica

Perfeiçõis de gentileza.
 O olhar po mouimento
 O riso, o passo a cautella

Primavera de

Faz que crea o pensamento
Que aonde falta entendimento
Não pode auer cousa bella.

A belleza principal
No juizo se assegura
Noutro modo esta tão mal
Como a fermosa figura
Tirada em baixo metal.
Este falso sobreescrito

So de nescios eslimado
He retrato bem pintado
Que como lhe falta espirito
Não pode ser conuerfado.

Na graça consiste a palma
E o ser da cousa fermosa
O parecer fica em calma
Saiba quem sô a elle gofa
Que gofa hum corpo sem alma?

NO fim destes pareceres o teue o dia apartarantê os pa-
fitores ficando para o outro o juyzo de quẽ melhor res-
pondera, & eu o remeto ao do discreto, & corioso leitor, por
que para perguntas amorosas, bastão rusticos pastores, por-
em o responder a ellas, com a verdadeira satisfação so a au-
sadas damas, & amantes cortelãos he concedido.

FLORESTA OVTAVA.



In'balma quam
receosa
Das forças do so
frimento
Prometeis se tão
custosa

Ah não sejas animosa
Que he muyto grande o tormento.
E se seguis vosso engano
Vede quanto vos importa
Atreuerdos a este dano

Mostrando no desingano
Fè riuua, esperança morta?

Bem sei que guardar a fee
Da fee do muyto que amais
Mas temo que vos percais
Que Amor respeita hum porque
Que vos ya não respeitais.
Se a sorte corta a esperança
A Amor juntamente corta
Pella estreita resinhança

Muy poucas vezes se alcança
Fce viua, esperança morta.

Porem não façais mudança
Por mais que o tempo a persiga
Que Amor por pacto me obriga
A riuier sem esperança
E a tella gor enemiga .
Esta esperança perdida
Com magoa a alma me corta
Que me deu gran tempo a vida
D, enganos, mas quem duuida ?

Fce viua, esperança morta .
Mas companheira tam bella
Do que não pude alcançar
Pois o pede minha estrella
Ainda que morta ei de tella
Para ter com quem chorar .

Olhos que por occasião
Para meu mal fostes porta
Sustentay rossa paixão ,
E sustente o coração
Fce viua , esperança morta .

I Sto hia cantando o pastor Lereno por entre muytas ar-
uores, que enlaçadas de verdes parreiras, fazião ao lógo
do rio hum gracioso labarinto: quando pella borda do cam-
po, vio vir hu pastor, q̄ encaminhaua para a Aldea, & a es-
paços de quando em quando cantaua, & pondo a caso os
olhos em Lereno q̄ o escutou: chegando a elle despois q̄ se
saluarão lhe disse: hũ estrangeiro tem desculpa para pregun-
tar, & porque eu o sou nestas ribeiras, & venho a saber de
hũ pastor q̄ nellas habita do qual não sei mais que o nome
como tambem da terra, tepeço que me encaminhes: fallo
ei disse a outro de tam boa vontade como a cõ que te esta-
ua ouuindo: asentate neste estrada que a natureza fez tam
fermoso: & pergunta o que te aprouer. Sentado o outro
lhe disse, o meu nome he Filenio sou natural de junto ao
Tejo, & de pouco tempo a esta parte appacento em os
frescos valles do Lis, & Lena donde por fazer a vontade
aquem me nega a sua. venho a esta Aldea a buscar hum pa-
stor que daquellas ribeiras se apartou a q̄ chamão Lereno,
que

Primavera de

que nestas dizem que he assas celebrado no seu canto, & porque o desejo conhecer prin.eiro que elle saiba que eu o busco, te peço que me digas aonde o encontrarei, & em q lugar desta campina tras o seu gado. Não tardara muyto espaço (respondeo elle) que para aqui não atraefse o seu rebanho, & daqui o poderas ver a elle, & fallarlhe a teu gosto & não o tiuera eu pequeno de saber o pera que o querias, porque depois que entre nos habita, não sabemos mais que do seu canto, que todos julgam por estremado, ainda que a minha opiniam nisto he mais fraca. Tudo te eu contarei facilmente (disse o outro) se me prometeres o segredo, que a meu intento cõuem, de modo que de ty nem por outré o sayba Lereno. Prometo te (tornou elle) que se de ty o não souber primeiro, que nem por mim nem por outro descubra o que me disseres. Com este seguro de Lereno, que desejava ver o fim que o pastor pretendia, começou elle a cõtarlhe desta maneira.

Nas ribeiras do Lis aonde pera viuer sem liberdade me trouxe do Tejo minha ventura, entre muytas fermosas & engraçadas pastoras, que habitão aquelles graciosos valles, & verdes outeiros, guarda hũ fato de brancas & manchadas cabras a fermosa Lisea, que a meus olhos he a mais discreta & fermosa pastora daquellas montanhas, & das que no Tejo appacêtao: a esta me inclinou Amor, ou minha estrela, & fez me a suas perfeições tam sogeito, que sem ousar descobrirlhe esse pensamento, não trataua de mais, que de com seruiços grangearlhe a ventade, veo me ella a mostrar a que tinha a este Lereno, a quem ama tam de verdade como eu a sua gentileza, o qual por seu respeito se apartara pera estes campos do Mondego, mostrando hum animo assaz ingrato a seu amor, mas como este não attenta a femração de quem o despreza, & não consente socego em quem

quem ama, veyome a pedir com lagrimas a desconfiada pastora fiando de mim o que eu só temia, que quisesse passara estas Aldeas, & dar hũa carta ao seu Lereno. Eu a quem amor fizera seu fogeito menos cubiçoso de lhe obedecer, q̃ de algũa occasiam pera melhorar minha esperãça, venho a buscallo, desejavao leuar em resposta a sua mesma carta, cõ algum engano, em que nos amores de Lereno a torne desconfiada, fingindo com astutas apparencias meu intento: que posto, que nisto commeta fazer engano a quem amo tanto, he o melhor remedio que posso dar a seu amor mal agradecido, & o vltimo que tem minhas esperanças: pera este desejo andar alguns dias encuberto nesta ribeira pera ver as pastoras com que trata os amigos, que acompanha, & o gado que traz. E pois te eu descobri esta determinação, razão serã, que me não negues os meyoys com que lhe posso alcançar o fim. Não me parece bem (respondeo elle) esse que tu cometes, porque sera semente por essa pastora em ciumes, & como estes dão forças ao amor, esse a trará facilmente a viuer na nossa Aldea, porem se finais verdadeiros lhe poderem tirar de todo as esperãças, & se eu não me engano: pastora, ha nella a quem elle ja deu cartas ou d'essa, ou de outra pastora, que no Lis o fauorecia, & se lhe eu conhecera a letra, bem me atreuera a furtalla sem grande perigo. Pois sabe (tornou o pastor) que tenho aventura na tua mão, & a Lereno omisiado com Lisea, & se por ty alcanço fim a minha empresa, ficateey obrigado com a vida, & quanto a carta, pelo sobrescrito desta congecerãs a letra da outra facilmente: & com isto a deu a Lereno, que logo pela letra a conheceo, & por não consentir naquelle engano feito a Lisea, tratava o seu com muytã dissimulação. Se tu desejas (disse elle) que isto se não saiba, conuem, que a ninguem mais descubras o que pretendes, nem ainda nomees

Primavera de

a Lereno, porque tem muytos amigos no lugar, & podes en
contrar com quem deseje mais darlhe essas nouas; que a ty
remedio, apartate o mais que puderes do trato dos pegurei-
ros, & a manhã mais cedo, que a esta hora ao tirar do gado
me acharas neste lugar. O pastor o leuou nos braços bem
alheo de imaginar, que tinha nelles a Lereno, o qual despe-
dido d'elle, se escôdeu entre huns penedos, & abrindo a car-
ta com muyta sutileza, vio que dizia.

A Ty Lereno ausente em cuja vida
Esta a de Lisea, que te escreue
Com semrazões tam mal agradecida:
Roga esta triste a vida que não deue
Pois o termo que pede meu cuidado
He n'huu compriido mal vida mais breue.
Tu por vontade ausente & desterrado
Eu preza, & condenada a meu tormento
Padecendo innocente, & tu culpado.
Vence pastor cruel teu duro intento,
E baste, se esta esperas por vingança
Nenhũa culpa, & tanto sentimento.
Tyranna condição, tyranna vsança,
Que castigues de amor hum leue engano
Com tam pesado mal, tanta esquiuança.
Se eu tiue culpa foy de amor tyranno
Que me leuou tras ty por força sua,
E de nouo receo o mesmo dano.

E ainda

E ainda não foy de amor foy culpa tua,
 Que me leuaste a alma que eu seguia,
 E não quero que amor ma restituua.
 Buscaua tua ingrata companhia,
 E como me guiava o amor cego
 Fez me errar o caminho que fazia.
 Mas se he castigo, em fim ja me não nego
 Lisea esta a teus pes não te resiste
 Torna pastor ao Lis deixa o Mondego:
 Depois que desta Aldea te partiste
 Tambem della fogi como culpada,
 Mas ha cruel tu sò de mim fogiste.
 Estou entre as pastoras enleada,
 E de ouuir meus suspiros, & meus ais
 Cada qual foge ja de importunada.
 As arvores, as aues, & animais
 Ouindo meus queixumes, & tristeza
 Com não terem razão se abrandam mais.
 Perdem estes penedos a dureza
 Tu mais brando que as agoas desta fonte
 Sò contra mim mudaste a natureza.
 Nem viram mais meus olhos verde o monte
 Nem claro o Sol depois que te não vejo
 Nem as estrellas vi neste Orizonte.
 Nem do mongido leite o branco queijo
 Fiz nem a nata doce, & saborosa

Primavera de

Teu he sò meu cuidado, & meu desejo.
Nem colhi mais no valle a fresca rosa
Nem a roxa viola & o Iacinto
Nem a branca cessem pura & fermosa.
Em nenbum gosto meu nem bem consinto
Depois que me deixou minba ventura
Naquelle estranbo, & cego labarinto,
Sò busco no lugar, & na espessura
A ty Lereno em brados, & responde
Eccho no vão temor da noite escura.
Nomeate outra vez, logo se esconde,
E se me vou tras ella por buscarte,
E lbe pergunto aonde, diz me: aonde:
Se de nouo outra vez torno a chamarte,
E pergunto em que parte? enternecida
De longe me responde tambem parte.
Partirei triste enfim, mas quem duuida,
Que ache outra fera, & outra caçadora
Que queira cada qual tirar me a vida.
Tornarmeey peregrina de pastora
Pois o não sou depois que te não vi,
Que em meu gado se mostra cada hora.
As cabras sem pascer chamam por mi
Como perdidas ja nestes outeiros,
Mas percaõse tambem, pois te eu perdi.
Os tenros cabritinhos chocalheiros

Não



Não parecem saltando sobre as flores
 Nem as mães se pēduram dos salgueiros:
 Tem compaixão de vellos os pastores
 Que os virão ja (quiçais cō muyta inveja)
 Tu sò nenhũa tès de meus amores.
 Torna ingrato Lereno aonde te veja,
 E aonde pera te ouuir cantar mais ledo
 O valle, orio, o monte te dezeia.
 Sentado aqui ao pè deste penedo
 A lyra tocaras tam docemente,
 Que emmudeças as aues do aruoredo;
 Faràs deter do Lis claro a corrente
 Tornar a trrs o vento furioso,
 E florecer o valle de contente:
 E depois de cansado, ou de mimoso
 Inclinando a cabeça no meu braço
 Passaras doce o sono saboroso:
 E deste altiuo myrtho pouco escaço
 As desejadas flores cubriram
 O teu rosto pastor & o meu regaço,
 Mas pera que te chamo triste em vão
 Se sò pera não veres a Lisea
 Deixaste natureza & condição.
 Se esta minba affeição he que te enlea
 Vejate eu, seja tua esta vontade,
 E a minba ou seja tua, ou seja alhea.

Primavera de

Se outrem possue a tua liberdade
Tambem sera seubora de que eu tinba
Seia ao menos amor para amisade.
Eu sou tua Lereno, & não sou minba
Guardarei como escrava o teu rebanho,
Que o grande amor a tudo me encaminba;
Seruirei quem te amar pois que mór ganho
He de quem por humilde te mereça,
Que esperar menor paga a bem tamanho:
Mas sò não seruirei quem te aborreça,
Que isto não no consente o que te quero
Nem o fado permita que aconteça
Vem esquiuo pastor ingrato, & fero
Alcance este querer deuido fruyto
Olba com quanta fê, & amor te espero,
E o que custa querer, & esperar muyto.

Tinham as palauras de Lisea tanta força pella affeição que as formara. que não pode o pastor negar lhe sentimento. & com alguns suspiros magoados se queixava da ventura, attribuindo a elle o descôcerto de seus amores. Ah triste (dizia elle) quam grande culpa cometo contra amor em negar affeição a quem com tanta fê me offerece a sua, & quanta mayor força tem. & fermosura: quem tira a valia a esta razão? faça amor o que quiser de minha vida, & pois elle sugiteou a vontade, tire de seus poderes a desculpa de meu erro. Se sou ingrato é desconhecido a quê me ama, não fora elle tyranno & cego pera vsar mal de quem o leuanto por senhor da liberdade. Que pena merece? quê alheo

de fi

de si comete a culpa : eu só padeço sem ella o desterro de
minha ausencia, & as saudosas lagrimas de Lisea. A verda-
de he, que amor viue de seu querer , & não de obrigação a-
lhea, & com o desejo tyranniza a razão: & porque em ma-
les, que a não tem, se confunde o juyzo a cada passo : vinde
ca minha rustica samfonha , cātaremos de meu mal , darei
louvores ao sofrimento, que o sustenta, pois he verdade, que
não mereço a pena d'elle.

Que labarinto he este de cuidados ?

Tam desiguais na vida, & na ventura,

Que maranha d'enganos sempre escura ?

Que caminhos de hum fim tam desuiados?

Se com dauos, & bens tam encontrados

Cuida amor, que me vence, então me appura

Que está minha firmeza tam segura

Como meus pensamentos leuantados.

Males ja d'ante-mão bem merecidos

Não cuideis que achais ao sofrimento,

Que nem elle nem eu não vos eſtranho.

Esforcemse na causa os meus sentidos,

Que tudo caberá n'hum sentimento

Aonde teue lugar hum bem tamanho.

Acabando de cantar, ajuntou o rebanho, q̃ andaua espa-
lhado pelo valle, & cõ a vinda da noite o recolheo, fогindo
dos pastores, & bulcando a tristeza só por companhia, q̃
esta he a de quem se fião os cuidados da alma, & a inimiga,
que mais contenta a quem sabe conuersalla.

Primavera de

FLORESTA NONA.



M quanto a noite occupaua a terra, & aos
animais sono, & os pastores repoufauam pe-
ra os trabalhos do dia, imaginaua Lereno
em a obrigação q̄ tinha aos cuidados de Li-
sea: & buscando maneira de responder a sua
carta de sorte que quem a leuaua ficasse se-
guro: a tornou a ler de nouo, & cortando della a capa do
sobrescrito, pos em lugar do que tirara o papel em que re-
spondeo, & ferrandoa com tanta cautella, que se não podese
entender aquelle engano: junto com a outra carta de Li-
sea, que ainda tinha, se foy em amanhecendo ao lugar aon-
de ja o pastor o esperaua, & depois de o saudar, lhe dis-
se: Bem merece o teu cuidado & diligencia o galardam
que pretendes deste seruiço: & posto que me déues a pria-
cipal parte delle alem do gofsto, que terei de te ver conten-
te, tambem Lisea me fica obrigada, por lhe cuitar hum mal
que tanto custa, como empregar affeição em quem tem a
sua penhorada em outra parte. Ves aqui a carta, que me de-
ste, & outra que te prometi, tenhas com ellas tanta ventu-
ra, como Lisea tem de merecimentos: a ella podés dizer,
que achaste esta carta na mão de hũa pastora fermosa, &
dina de muyto grandes estremos, & podés affirmar que a
tinha em tam pouco, porque lha dera Lereno, como a elle
estimaua, pois que lha deu: os meyoos por onde a alcançaste
singiras a teu labor, & não te digo quam custosos foram os
com que a ouue a mão, & o risco em que fico de ser acha-
do com o furto nellas: porqué he mayor o que eu faço, que
o engano que tu trata: se algũa hora tornares a esta ribei-
ra,

ra, & quizeres de mim algũa couſa de teu goſto, pergunta por Lereno, & dizelhe, que te leue a cabana de Floricio, q̄ eſte he o meu nome, & aſſi conhoceras a elle, & veras a mim: agora te guie boa eſtrela, que eu vou acudir as obrigações da minha. Deuo tanto a tua vontade (diſſe o outro) & a eſta obra, que era bem, que deixando o fim della, fique toda a vida por teu catiuo neſta ribeira: eſta teras nas do Lis em quanto eu nellas tiuer vida, & ſe neſta que agora me deſte, na peſſoa ou no rebanho quizeres por hum ſinal de como tudo he teu, niſto o daras de homẽ agradecido, & lâçandolhe os braços ao peſcoço, Lereno o leuou nos ſeus com a meſma cortesia, & o foy acompanhando até paſſar o valle. Seguiu daly o outro o ſeu caminho aſſaz contente, & Lereno ſe veyo aſſentar perto do rio, aonde bem não tinha ſoçegado, quando conheceo Althea, que vinha pelos ſalgueiros cantando o ſeguinte .

Sofrei coraçam
 Voſſo ſentimento
 Vingaiuos dos olhos
 Que a culpa tiueram
 Quanto melhor fora
 Enganar ao tempo
 Que buscar ventura
 Em goſtos alheos?
 Pera que ſam bens
 Que acabam tam preſto?
 Pera que he buſcallos
 Quem ſabe perdellos?
 Cuidados de longe
 Matam de muy perto

Que acorda a lembrança
 Contino a deſejo
 Amor tam conſtante
 Tam mal ſatisfeito
 Fê tam mal pagada
 Ia agora quebremos
 Seca a eſperança
 Cauſa o ſofrimento
 Fiz força atêgora,
 Mas ja não me atreuo,
 Qualquer ſombra vã
 Engana o deſejo,
 E tudo ſam ſombras
 Porque Amor he cego:

Primavera de

*Ab que nunca vira
Por não ver tam cedo
Quantos defenganos
Vem sobre hum receo:
Ay triste que canso,
E não me arrependo
Nem deixo meu mal
Com quanto o praguejo,
Gostos, alegrias,
Glorias, passatempos*

*Se vos não possuo
Tambem vos engeito:
Mais quero meu mal
Pelo bem que quero,
Que a vossos enganos
Porque vos conheço
Quero de meus bens
O mal que me reo
Deixame sentillo
Pois tambem vos deixo.*

NAõ esperou o pastor, que Althea chegasse junto a elle, antes a foy encontrar perto do rio, porque era tam affeiçãoado as partes & parecer que nella via, que nenhũa daquelles campos parecia tam bem nos seus olhos, & pondoos nella lhe disse: Quando Althea em hum coração sem descânço fazem os teus olhos tanta differença, & a tua vista, & voz tanta affeição, que fariam em quẽ merecesse a ventura viuer contente, & ter obrigada a tua vontade. Tens a minha tam segura da tua parte (respondeo a pastora) que bem me deuias fazer o engano verdadeiro. Ah Lereño, quero bem, & deuo a fé a quem me fogio com a que me deuia, canto os males de sua ausencia, & não choro os q̃ de nouo me naceo quando te vejo: fez o Ceo tam conforme o teu proceder com a minha affeição, que se a que tenho obrigada a outrem não perdera o merecimento com a mudança, nas tuas mãos a fizera: a troco deste desejo não me negues hum bem que podem ter meus males, que he veresme, & ouvirte muytas vezes, que pera cuídado em ty ha outra cosa que m'alembre, mas pera te ouvir de tudo me esqueço. Nunca hum coração leal engana a seu dono (disse o pastor) sempre o meu me dizia, depois que te vi quam bem me

me empregava no que te quero, faze conta da pureza deste amor sem offensa do que outrem possui: deues querer bem a minha vontade, que eu nem mereço ser querido, nem esperara alcançallo encontrando a affeição de Floricio de quem eu dissera quanto te merece, & quam grande obrigação tens a seus cuidados; se não soubera os teus do primeiro dia que entrei nesta ribeira, porem te peço, que o não desperdes na satisfação de seu amor, ainda que a tenhas por impossivel, porque ha no tempo tantas mudanças, & em amor tam differentes fins de seu começo, que ja pode ser, q̄ lhe pagues com hum engano, ou que aches na sua fo merecimento. Quam pouco me estimas (replicou Althea) que ainda agora me entreguei por tua, & ja me das a outrem? que escravo ha tam engeitado, q̄ não dure hũa hora em poder de seu senhor? não viras primeiro em meus serviços se te contentaão, & em minha fê se te mereciam logo m'engeitas? negas me hum engano, & queres que sustente com elles a Floricio? tiras me a vida, & queres que lha dê por teu respeito? Ah Lereno, Lereno, a cada qual desuia o seu cuidado: dame essa mão, & promete, que em quanto não faltarem enganos, & esperanças a Floricio, tenha Althea parte em teus pensamentos, & veras a quanto me obriga o que te quero: Lereno mudada a cor, mostrando, que com receos o consentia, lhe deu a mão, & apertando a sua com hũ faldoso suspiro lhe dizia.

*Nestas mãos juro Altea de quererte
Sem offensa porem de meu cuidado.
Porque de hum coração que tenbo dado
Não ficam mais que os olhos pera verte,*

Amor

Primavera de

A Mer que sempre espreita o tempo pera fazer dano, & com o ciúme que o acompanha anda correndo as telhas, que deixou armadas, trouxe pera aquella parte a Floricio, que decia do monte, & conhecendo a Lereno no tom da voz antes que o diuisasse; veyo manso pela parte do mato, pera ver com quem fallaua, & ouiu as palauras com que elle juraua nas mãos de Althea aquella condição, que amor não consente, & não sabendo da causa mais que o que via, julgando por infiel ao caro amigo, como desesperado, atraueisou por diante delles, & virando có ira os olhos a Lereno, lhe disse ao passar. De hum fementido baste o conhecimento por vingança: & por mais que o amigo bradou tras elle, espera, espera, Floricio não voltou o rosto: & vendo isto, Lereno se apartou de Althea, & foy a buscallo, por em cada hum seguio differéte caminho: Floricio tomou pera a montanha suspirando, & metido entre huns castaheiros depois que cansou, de suspirar adormeceu, em quanto Tirsea com o pensamêto nelle vinha pela fralda do rio cantando esta glosa.

*Cuidados asfi vos quero
Que seiais desesperados
Querouos pera cuidados.*

*Quando mdr força mostrais
Mdr dureza, & mdr rigor
Na dor com que me tratais
Entam vos estimo mais,
E me pareceis melhor
Sd vos podeis verme a mim
Pelo triste fim que espero*

*Numa tristeza sem fim,
Mas se me quereis asfi
Cuidados asfi vos quero.*

*Em qualquer menor tormento
Não tirará de vos fruto,
Que o que custa ao sofrimento*

Menos,

Menos, que o meu sentimento
 Nunca pode valer muyto.
 De sorte, que na affeição
 Em que vos tenho empregados
 Pera serdes estimados
 He de força e de razão
 Que sejais desesperados.

Quando eu de vós pretendera

Hum bem, que a muytos engana
 D'outra sorte vos tiuera
 Amara a quem me quisera,
 E não quê me dosengana:
 Quando vos vejo arriscados
 A mais males more danos
 Então vos quero dobrados
 Não vos quero para enganos
 Querouos pera cuidados.

PAssando a diante, encontrou no meyo do valle a Altea suspenſa & triste pelo que aos dous pastores acontecera; & tornando a cuidar, que lhe podia succeder algum dano em quanto a razão estaua tam escura, disse a Tirſea, que lhe pedia, que fosse pelo valle acima, pois o ella não podia fazer por hum respeito, & que ouuiria cantar a Floricio, que em estremo cantara bem ao tempo que ella decia pera o rio: a outra que só nisto rinha o desejo lho agradecco muyto, & encaminhada de hum pegureiro, que andaua no mato, foy ter aonde o seu pastor dormia, & sentandose junto a elle, não quis quebrar lhe o repouſo do sono, antes com a vista curioſa, no pensamento o estaua adormentando. Mas como o pastor adormecera sem descanso, acordou logo, & com hum grande ay estendeo os braços, & cayndo hum nos braços a namorada Tirſea, ella o recolheo entre os seus, dizendo para elle (que não ficou pouco espantado de a ver aly) ja Floricio, que os descuidos do teu sono me pagão meus cuidados: dexame este braço pera entregar esta alma do que lhe deues. Ah Tirſea (respondéo elle) bem se vinga amor da vontade que te deuo, como a traição que outrem vsa comigo, não te quero dar o braço, pois te não satisfaço com o coração, outro dia te descubrirei este

Primavera de

este segredo, & agora se deces pera o gado, acompanharte
ey. Disto ficou a pastora mais contente, & não quis pedir-
lhe que não dilataste pera outro tempo o que lhe descobria
naquelles finais, mas pelos que vio da sua tristeza, dissimu-
lou, & deceram ambos pera o rio. Mas Lereno depois que
correo toda a montanha sem achar quem buscava, encon-
trou ao pé de hum carvalho o doudo Montano, que estaua
affeçoando hum cajado, & chegando a elle, o saudou, per-
guntando se vira a Floricio. Logo to mostrarei (respon-
deo elle) que muy perto esta de nós, & leuandoo a hum pe-
nedo, que cahia sobre huns syluados, que estão no desuio
do caminho, o fez subir nelle, & mostrandolhe o vulto de
hum tronco metido entre os ramos, o lançou daly a baixo,
onde ficou bê espinhado das syluas, & magoado da queda,
dizendolhe: Isso te fique em castigo de perguntas por ou-
trem a quem não sabe de si, & com grande riso se foy
daly appupando pela montanha; Lereno se tornou ao pé
do penedo, aonde entre si fazia estas contas com a voz
baixa, como que entam a não fiaua mais, que do senti-
mento.

Que amor sigo? que busco? que desejo?
Que enleo he este vão da fantasia?
Que tiue? que perdi? quẽ me queria?
Quẽ me faz guerra? contra quẽ pellejo?
Foy por encantamento o meu desejo,
E por sombra passou minha alegria,
Mostroume Amor dormindo o q̃ não via
E eu ceguei do que vi, pois ja não vejo.
Fez a sua medida o pensamento

Aquella

*Aquella estranha, & noua fermosura,
E aquella parecer quasi diuino :
Ou imaginação, sombra, ou figura
He certo, & verdadeiro meu tormento
Eu morro do que vi, do que immagino.*

DAly se foy Lercno ao gado, & o recolheo buscãdo a tristeza da noite pera mais largo queixume de sua estrella, que não lhe daua hum mal sem companhia, nem lhe soffria ter outra, que fizesse menor o sentimento delles.

FLORESTA DECIMA.



SENTIA tanto Floricio a falsidade, que imaginaua do amigo, como elle a semrazão de seu engano: cada hum se queixaua de males não mercedos: hum entre si representaua quebrada a fe da amizade que tinham, & offendido o respeito do amor com que se tratauam, outro via desagradeçido seu desejo, descredita da sua verdade, & sobre tudo perdido tam bom amigo. Lercno buscava meynos de descobrir seu intento, & Floricio modos de se esconder a sua desculpa, & fez isto com tanta perfia, que passaram muytos dias em que o amigo seguindo com os passos, & com a voz o não alcançaua ate que desconfiado de lhe poder dar a conhecer a fidelidade de seu coração, determinou partirse dos campos de Mondego, & buscar outro lugar a seu desterro, mas como lhe não consentia o coração deixar a Floricio magoado, tornou a buscar Altea, que auendo ja por descuidado da promessa que lhe fizera, negaua tambem os ouvidos a suas razões: porem

porem como ja fora testemunha de tam perto da descõfiança de Floricio, não pode durar muyto esta esquiuança, Aly lhe disse o pastor con muyto sentimento a determinação de sua partida, renouando a memoria da desgraça, que o trazia desterrado, & lhe pediu que quisesse em sua ausencia descobrir ao amigo enganado o que a seu respeito entre elles passara, & que depois que tiuesse verdadeiro conhecimento de sua fé, tornaria a habitar os campos do Mondego, pois por entam os deixaua com muyta laudade: ella que ja sentia este apartamento, & muyto mais ser por sua causa, lhe pedia, que se não determinasse tam depressa, & com estas & outras palauras o aconselhaua. Pois eu Lerenno fuy o principio deste mal, não he muyto que elle seja causa de minha morte, & eu só culpada nella, mas se tu a podes escusar sem perder muyto, lembrete, que me deues a vida pelo que te quero: se Floricio foge de te ouuir razão, não fujas daque eu tenho pera te obrigar. Deixame por em o meyo do perigo, saluarei a tua fé & a sua desconfiança a custa de minha vergonha: se elle he teu amigo conhecerá facilmente, que o trata sem engano, se pelo contrario pouco perdes em sua amizade: & eu muyto em tua partida, considera de vagar, escolhe o menor perigo, arriscame a todos, como não seja deixaresme. Tudo fizera (respondeo elle) pera obedecerte, querome apartar desta ribeira que com o lugar muytas vezes se muda a ventura, ainda que eu em nenhum a tenho, & o tempo defenganara em ausencia a falsa presunção de Floricio: & a de meus males se effes imaginação, que poderam algũa hora vencer o sofrimêto: por em se primeiro o queres desimmaginar aqui me tens, com tanto, que não dilates o remedio. Como quem (tornou ella) tem nelle o de sua vida ficate embora, que eu vou buscar

car a hum pastor de quem fujo ha tantos dias , pera deter a outro que me foge dos olhos , leuando nos seus penhores muy custosos de minha afeição. Com isto deixou a Lereno dando mil suspiros , ao tẽpo que Rifeo vinha pera elle, & ouindoo & vendoo tam triste, lhe preguntou: *Que ais taõ effes Lereno? a quem buscão, & que pretendem? A morte*(respondeo elle)pera fim de muytos danos. *Queixume he de muytos*(replicou o outro) & desejo de nenhũ. Deixa agora a paixão se algũa te obriga, & vamos cantando atẽ os loureiros daquella fonte, que està pera fazer inueja a qualquer sentimento com a melodia dos passarinhos. que a esta hora suspendem os ares com musicos accents: & parece que a natureza lhe està aly modulando as vozes, concertando a baixa do saudoso melro, com o tiple do musico royxinol, & sobreleuando em meudos accents o pinta-sirgo, seruindo de instrumento sonorofo o continuo zonido das abelhas, que andauão tirando o mel das tenras flores, & o som das agoas, que por entre aluos feixos, & ruyua area vão murmurando. A isto se não quis negar Lereno, por não descobrír mayores sinais de sua paixãõ, & foy cantando com o amigo esta cantiga.

*Com dar de contino ais
Deu à vida algum descanso,
Mas com os ais, que da alma lanço
Descanço por cantar mais.*

*A se. & a razão me obriga
Nesta pena que padeço
Por mais que a dor me persiga,
Que nunca o que sinto diga,
Porque nisso a desmereço.*

*Eu que nunca perco o tino
Em males tam desiguais
Desabafo por sinais,
Com dar suspiros contino
Com dar de contino ais.*

P Tenbo

Primavera de

Tenho os ares perseguidos,
E a voz rouca suspirando,
E sentindo os meus gemidos
Os penedos sem ouvidos
Ficão comigo bradando.
D: hũa dor tam bem sentida
Este he o fruto que alcanço
Mas pois num mal sem medida
Fim não posso dar à vida
Dou à vida algum descanso.

Renovo o meu sentimento
Pois pera a morte não val
E em gloria deste tormêto
Vou ceuando o sofrimento
Porque dure sempre o mal.

Sayão sospiros do peito
Dem ao coração descanso.
Que eu ja viuo satisfeito
Não com os prazeres que engetto
Mas com os ais que d' alma lanço.

Prazeres que me negastes
Quanto por vos trabalhei
Tanto a correr me infinaastes,
Como em mim não descansastes,
Que nunca mais descancei.
Vou correndo sem parar
Pera o fim que me negais,
E neste vão trabalhar
Não canço por descansar
Descanço por cançar mais.

Pouco espaço depois de se assentarem ao pee da fonte;
& beberem da agoa saborosa que della manaua, ouuindo
aperfiola musica dos passarinhos virão pendurada em hum
gancho de hum loureiro hũa samfonha que nas costas ti-
nha este letreiro.

Instrumento contente que algũ dia Ficai prezo nesta aruore sombria,
Fostes aliuo de meu sentimento Aonde vos toque agora o surdo vento
A cuiu som suau, e mellodia Que eu q̃ parto chorando desta Aldea
Ouuio a causa delle o meu tormêto, Mal poderei cantar na terra albea.

Logo os dous pastores conhecerão ser aquelle o instru-
mento de Floricio, & Lereno aquem elle na alma tocava
deu hum grande sospiro, & com outros muytos pedio a Ri-
seo que o fosse buscar por hũa parte da montanha que elle
pella outra faria o mesmo, porque algũ grande mal lhe fa-
zia perder a ambos tal amigo. Riseo o fez assim, & junto
da

da noite achou a Altea que tambem andaua nos alcances de Floricio. Deixemos o que entre elles passou, & o q̄ succedeo a Floricio. E tornemos a Lereno que não esperou mais conselho para sua desgraça pois contra ella lhe não valia entendimento, & logo em se apartando de Risco tomou o caminho para a ferra, rio acima, & de hũ outeiro q̄ descobre todo o valle q̄cõ a entrada da noite estaua mais faudoso así cantaua a sua magoada despedida.

A Deos agoas cristalinas

A Deos fermosos outeiros

Faias, choupos, & salgueiros

Lirios, flores, & boninas.

A Deos fermosa lembrança

Com que em meus males viuia

A Deos vales de alegria

A Deos montes de esperança.

A Deos fermoso penedo

De quem con tantas verdades

Fici minhas faudades,

Que me pagastes tan cedo.

A Deos prado, a Deos pastores

Vassallos deste Amor cego,

A Deos agoas do Mondego,

A Deos fonte dos amores.

Apartdme desta aldea,

Voume fogindo a ventura,

Que nem a minha he segura.

Nem esta parece alhea.

Pode ser que cance a sorte

De andar en tanta mudança,

E se a sorte nunca cança

Quçais que descance a morte.

Voume como a res perdida

Nos matos da terra estranha,

Te que os lobos da montanha

Venhão a tirarme a vida.

Mas he ja tam desigual

O mal de meu coração,

Que os animais sem razão

Sabem fogir de meu mal.

E bem deue ser assi,

Fois em mim se considera

Que se delle não viuera,

Andara a fogir de mim.

Faça se o que amor ordena,

Com direito, ou sem direito,

Te que as brazas deste peito

Faça em cinza a minha pena.

Vamos meus olhos, que he certo

Não estranhardes mudança,

Pois sem a vossa esperança

Tudo parece hum deserto.

Primavera de

Paguemos culpas de hum erro,
De que à Amor as culpas punba,
Que hũa falsa testemunha
Nos condenou ao desterro.

Pois mostrar a differença
Ja agora nada aproueita,
E valeo sendo sospeita,
Vamos cûprir a sentença:

Vos chorareis de contino,
E eu com suspiros em vam
Irei lançando o pregam
De hũ castigo tam indino,

Direi chorando sem fim
Iustiça que manda o fado
Fazer n'ũ triste culpado
Que deu armas cõtra sim.

De que serue outro socego
Se falta o de meu desejo
Vamos meus olbos ao Tejo
Fareis como no Mondego.

Fica a Deos ficate embor a
Floricio tenbas ventura
E achês fee tam firme & pura
Como a que perdes agora.

Liurete o Ceo de perigo
Pois que fizeste em teu dano
De hum amigo sem engano
Por hum engano, & nemigo.

A Deos Alteca que ausencia
Defengana teu cuidado
Nãõ queiras de hum desterrado
Fazer noua experiencia.

Eu vou aonde perca a vida
Logra a tua a teu sabor
E nunca seias de Amor
Com falsidade offendida.

Pastores que ya me ouuistes
Deuos a sorte alegria,
Pois que a minha companhia
Nãõ he mais que para os tristes.

Agoas em que ya me olhei
Que com os olbos inturuaua
Quando cantando choraua
Hum mal que tanto estimei.

Sempre corrais cõ descanço
A sombra de aruores bellas
E vetais claras estrellas
De noite em vosso remanço,

Fiquai a Deos aruoredos
Fontes & aruores, sombrias
Que em tempo de tantos dias
Nãõ vistes meus olhos ledos.

Lagrimas que aqui ficais
Derramadas com razão
A Deos q' outras nacerão
No lugar donde brotaes,

PRIMAVERA
 DE FRANCISCO
 RODRIGUEZ LOBO.

Prayas do Tejo

FLORESTA PRIMEIRA.



VEIXOSO da ventura que o deſterra, cansado de caminhar por terra eſtranha deſconfiado das eſperanças em que ſuſtentava a vida: buscaua o paſtor Lere no lugar aonde acaballa, parecendo-lhe que cada hora ſe alargava com as ſaudades do Lis aonde nacera, & da liberdade que nellas lhe ficara, magoado das deſconfianças de Floricio, que o apartavam do Mondego. Chegou a hũa montanha das prayas do Tejo em hũa tarde gracioſa quando o Sol dos Orizotes ſe deſpedia, deixando as roſadas nuuês emuoltas com ſeus rayos: & em quanto dos altos montes não cahia a ſombra eſcura aſſentado em hũ penedo, de cujas entranhas Eccho os ſaudoſos accentos repetia, no ſom do yagarolo Tejo, que paſſava cantou o ſeguinte.

P 3

O tarde

Primauera de

O Tarde saudosa
Que ides aposentando a noite fria
Neste noſſo Orizonte
Maudame Amor q̄ conte
Agora em voz chorosa
Magôas que não fei do claro dia
Oução minba perfia
Eſas nuuês escuras,
Que o Ceo mostraua ha pouco prateadas
Que não estão seguras
Por estarem da terra leuantadas
De padecer mudança
Que mais alta tiue eu minba esperança.

Ouime ò aruoredos
Que vestidos de triste verde escuro
Assombraís este rio
Em quanto o vento frio
Aos passarinhos ledos
Nos ramos lbe não da lugar seguro,
E se o inuerno duro
Com fronte turua & fera
Vos despojon d'estado tam contente
Da doce primauera
Ouui agora a voz d'hum triste ausente
Que em espaço tam breue

Lbe descontou fortuna hũ bem q̃ teue. .

E voe agoas cançadas
 Desse largo caminho que trazeis
 Por serras por area
 Detende a pura vea,
 E aqui mais socegadas
 Pode ser q̃ em meus males desfanceis
 Em meus olhos vereis
 A vossa saudade,
 Que se pera tornar aonde nascestes
 Desejais liberdade
 E rompeis os penedos que temeistes
 Em mim vereis a pena
 De não poder seguir a quẽ a ordena.

E vòs fermosa ingrata
 Em cujo rosto, & olhos escondida
 Ficou minha ventura
 Por quem Amor procura
 No mal em que me mata
 Fazer que inda mereça a minha vida
 Nesse bosque escondida:
 Ouvi meus versos tristes,
 Que descobrem desta alma a saudade,
 E pelo que ja viestes

Primavera de

Nos meus olhos vereis que he de verdade
Este meu sentimento
Com tanta pena, & sem merecimento .

De sterro tam comprido
E de hum pera outro mal tanta mudança
Onde a fé se melhora
Se ha de ter algũa bora
Num mal tam bẽ sofrido
Pelo menos enganos da esperança
Este que assi me cança
Fora doce & suaue
Como he aspero, esquiuo, & insofriuel,
E a pena dura & graue,
Mas parece estè bem quasi impossinuel,
E esta duuida solta
Ver q̃ a ventura em males no faz volta.

Vou chorando meu dano
(Nãõ perder o socego & vida chara
Por q̃ isso he cousa justa)
Que ainda que tãto custa
Me parecer a humano :
O mal se em vossa vista me matara,
Mas quer a sorte auara
Que o meu tormento seja

Viner

*Viuer a meu pesar ausente, & firme
 A onde vos não veja
 Nem deixe Amor cruel de perseguirme
 Faça-se o seu mandado
 Ausente, firme, sò, desesperado.*

E Staua o lugar com a saudade da noite, & com os accen-
 tos da cantiga de Lerenó tam triste que so lhe faltaua
 para o igualar o sentimento, & como so este bem lho pare-
 cia, esqueceose da jornada que lhe faltaua, & de tudo o mais
 que não erão seus sospires: mas como este repouso não po-
 de dar descanso nem sua forte lho consentia, leuantou se,
 tomou o çurrão, & foi por hum vâlle abaixo bem accompa-
 nhado d'arvores que o faziam mais escuro, ate chegar aque-
 da de hũa ribeira aonde entre muytos alamos, & freixos ap-
 pareciam cabanas de pastores: da li sairão os rafeitos alhe-
 ladrar, & em quanto elle com o cajado os desuioua sahio
 hum pastor da porta, & preguntou, sois esse que tantas ho-
 rasha que vos espero? Não deuo ser eu (respondeo Lerenó)
 que esperais, porque não sou desta ribeira, antes pella não
 saber errei o caminho que leuaua, peçouos que me enca-
 minheis para a Aldea: se tu não sabes o atalho (tornou o ou-
 tro) não tens horas para passar da qui, aonde se quiseres ga-
 salhado to darão de boa vontade, essa vos pague Deos (tor-
 nou elle) & a mi por agora he forçado aproveitar me della.
 O do casal o fez entrar para a cabana a onde logo t.rou o
 çurrão, & assentado lhe preguntou donde era & para don-
 de hia: Bofe (disse elle) que te não saberei dizer donde sou
 nem ainda cujo, porem naci perto destas serras de riba Te-
 jo, & vou para aquella famosa Aldea aonde elle se acaba,
 para viuer ali por soldada entre os guardadores a onde me
 não

Primavera de

não faltará amo, porque sei da pastura dos gados da cura delles, do monier, & queijar do leite, & do mais que ca se estima dos pegureiros. Por certo (tornou o velho) que buscas forte trabalho, que he tam ma vida tella sojeita a vontade doutrem, & sobre tudo viuer no labarinto, & confundam dessa Aldea que não te aconselhara tal engano, & não tratando de mim, a quem a idade insinou a fogir della, todos os caseiros desta montanha, que costumão leuar la de venda os cabritos, & o fructo do seu gado, outra cousa, não contão se não as maranhas, & enlecos que lhe tratão esabegois: porem as vezes he força, o que não he gosto dos homens: fiscais que te sera necessario. Assi he (disse Lerenó) que ninguem ya agora viue a seu sabor, & este meo que eu busco he mais para entreter a vida que para remedeala cõ esperanças de algum descanso. Nesta pratica estauam os pastores quando dous que o velho esperaua afluamão a porta dos quais logo Lerenó conheceo seu amigo Risco a quem a ventura ali trouxera auia poucos dias, foi o aluorço estranho entre os dous pastores, & o contentamento do velho de empregar tambem o gafalhado, & despois que descansarão em saborosa conuersação entre as saudades do Mondego, & o velho lhe offereceo os saborosos manjares da natureza & comerão com a vontade que lhe offercia, o cansaço do caminho, & o gosto da companhia, sobre mesa pedio Risco ao amigo que ao som da sua fãfõha lhe cantase o que passara despois se apartarem dos campos do Mondego, Lerenó por lhe obedecer tomou logo o instrumento, & foi seguindo sua historia desta maneira.

POr onde entre penedos & aspereza
Passa o Mondego claro & sandoso

Rompendo os mōtes seus que a natureza
 Fez por muro da terra poderoso
 Aonde estreitādo as prajas, & a grādeza
 Corre por entre as serras forioso
 Perto donde o rio Alua se derrama,
 Entregandolhe as agoas perde a fama.

Onde as alpestres serras penduradas
 Que ameaçāo as agoas cristalinas
 Nāo sam da loura Ceres cultiuadas
 Nē guarda Flora, & Zephiro as boninas
 Nem aruores fermosas, & copadas
 Dam fruitas saborosas peregrinas
 Tudo he Steril, seco inhabitado
 Sem flores, eruas, aruores, nem gado.

Se alevanta hũa pena graciosa
 Rodeada de flores, & verdura
 Tam verde, tam florida, & tam fermosa
 Como a mais serra seca, aspera & dura
 Na decida entre as aruores fragosa
 Com alegres penedos de mestura
 Hũa profunda coua se descobre
 Que faz cōo nome, & graça o sitio nõbre.

Ali entre a pacifica oulineira
 Nos declives outeiros transplantada

As

Primavera de

As matas se verão de berua cidreira
A fermosa Dione dedicada
O junquilho, a viola, & a roseira
Tem a relua de flores marchetada
E as boninas que a Lua fez mais bellas
Azuis, brâcas, vermelhas, & amarellhas.

Ali acha no matto o caminhante
A Artemisa em flores graciosas
E o maluaisco alegre que diante
Do Sol abre as boninas cobiçosas
A madre Sylua, & o Iacinto amante
Que inda sustenta as letras amorosas
Como que se esmerara a natureza
Em fazer tal jardim nhua aspreza.

Não faltam fontes: & arvores crecidas
Loureiros, freixos, choupos, & aueleiras
Castanheiros em matas muy compridas
Compridas & copadas serreyeiras
Por onde em doce voo entremetidas
As aues se verão de mil maneiras
Que dos ramos contino estão cantando
E as agoas dẽtre as pedras murmurando.

Aqui despois que os Fados ordenarão
Que o nosso Lis correse em turua vea
Despois

Despois que em sombra escura se trocarão
 As ondas de cristal, na branca areia
 As Ninfas dos seus valles se iuntarão
 Seguindo a sua chara semidea
 A quem em sorte coube esta montanha
 Que o Mondego rodea, illustra, & banha.

Deu a esta Nimfa o Ceo tan grande parte
 Dos soberanos dões que estima & preza
 Que nas graças q̃ agora em mil reparte
 Ia parece que vence a natureza
 Cança o estilo, atreuimento & arte
 Que commette louuar sua grandezza
 Assim que em tais lououres imagino
 Igual a obrigação eo defatino.

Ali como Diana a caçadora
 Com outras da montanha que a feruião
 Que com o auiso, & graça da senhora
 Tambem de Amor, senhoras parecião:
 Na caça exercitanão cada hora
 As armas cõ que o mesmo Amor vencião
 As feras sujeitando, & os pastores
 Vencidos do valor de seus amores.

Cada qual no juyzo & na figura
 Não tem parte que a Amor não satisfaça
 A gra-

Primavera de

A graça faz inueja a fermosura
Que os poderes tomou da mesma graça
Se a algũa foy escaça ja a ventura
Não foy a natureza em nada escaça
Nem a varento Amor que em tal desuiuo
Lbe deu de toda a serra o senborio .

Guardana ali Marilia manso gado
Dionisa, & Cimea juntamente
Aulisa faz mais bello o verde prado
Bellisa liure ali leda, & contente
Qualquer das outras segue a seu cuidado
Ama, deseja, alcauça, espera, & sente
Que sem Amor sem sua companhia
Não ha belleza, graça, & cortesia .

Tinha Cimea a cor que a natureza
Deu a branca Cessem, pura, & fermosa
Olhos-cheos de graça, & delindeza
Boca rasgada em alto graciosa
Modesta, graue, firme, & por impreza
Tras a fee cõtra Amor sempre queixosa,
Eauendo que o seu foy mal empregado
A qualquer sujeição nega o cuidado.

Bellisaliure, & sem conbecimento
Dos effeitos de Amor a quem se nega
Com

Com seu honesto, & brando mouimento
 A liberdade sô a vida entrêga
 Mas não merece em fim merecimento
 Quem tambem neste golfo não nauega
 Tirando o preço as partes naturais
 Que ande vir por Amor a valer mais.

Aulisa seu querer gosa em receo
 Do que pode cortar nelle a ventura
 Que nenhum grande bem tam serto veo
 Que fizesse a vontade estar segura
 Mas gosa neste bem ou neste enleo.
 Estranhos bens de sua fermosura
 De que viuer pudera assaz contente
 Se o Amor de Narciso se consente.

Dionisa em cujos olhos graciosos
 Amor faz ao desejo noua inueja
 Tam lindos, tam senhores, tam fermosos
 Que a alma por seus olhos os deseja
 Tambem viue em sospiros saudosos
 D'algũ bem q̃ passou, & este qual seja
 Seus olhos o dirão com saudade
 Se aquelles olhos tais falam verdade.

Marilia que o cabello crespo, & louro
 Mostra qual o Sol claro na aluorada
 Vencem

Primauera de

Vencendo nos cabellos a cor douro
Eno rosto de neuve a cor rosada
Faça de seus cuidados vão thesouro
Se por Amor se pode esconder nada
Neste lugar esconda os seus amores .
Que não he mais humilde nos lououres.

Muytas outras pastoras na montanha
Passauam vida ali doce & contente
Cada qual seus cuidados acompanha
Cada qual segue hum gosto differente
Luntas em fim naquella terra estranha
Que escondeo a ventura a tanta gente
Estam as gentis graças que perderam
As ribeiras do Lis aonde naceram .

Leuoume a sorte a terra tam ditosa
Porem não era assim quem me leuaua
A onde em companhia tam fermosa
Meu cuidado tambem me acompanhaua
De quanto a luz do Sol, & a vista gosa
Com os olbos, mas não liures, eu gosaua
Porem ventura tal, vista tam bella
Não se alcança se não para perdella.

Ali nos frescos matos escondido
Toquei o doce frauta aos pastores

Aonde

Aonde tambem cantara o velho Alcido
 Abrandura sem fim de seus amores .
 Da senhora das outras era ouuido
 Cujos olbos de tudo erão senhores
 Porem ja cantar delles não me atreuo
 Sem que lhe roube o mais do que lhe deuo.

Durou como custuma esta alegria
 Em quanto o permitio ventura ingrata
 Porque ja aquelle tempo parecia
 Deuida a sem razão com que me trata
 Deixei a bella, & illustre companhia
 Cuya lembrança a pena me dilata
 Representando o gosto na memoria
 Mas pede a causa mais comprida historia .

COM o fim destas outauas o deu Lereno a musica da sua
 Samfonha, & os pastores a conuersação da noite , por-
 que não eram tam compridas que sofressem durar muyto
 o serão entre pastores que aproucitão a madrugada, & des-
 pois de louuarem a sua cantiga cõ muyto espanto do velho
 q̄ ya em mocidade fora celebrado naquellas aldeas. Repar-
 tidos cada hũ a seu repouso, Riseo o escolheo cõ o compa-
 nheiro q̄ gastou a mayor parte da noite que ficava em lhe
 perguntar nouas do Mondego: Bẽ sabes, amigo Riseo, (de-
 zia elle) quanto a meu pesar, pello que me faziam os enga-
 nos de Florício, me aparteí delle. despresando a minha que-
 tação por desejar a sua, procurando menos o credito a mi-
 nha verdade que o fim a sua desconfiança, & para q̄ aja este
 Q meu

Primavera de

meu mal por bẽ empregado, dizeme como elle se ouue em seus amores? E Altea em suas esperanças: como estam os pastores, & pastoras q̃ guardauão no valle, se respõdem as novidades dos gados, & das terras a esperança de que ficarão vestidas quãdo me parti? Floricio (dise o outro) viue sem ti, & sem contentamento porq̃ te perdeo por engano, & não por culpa, Altea por esta causa o aborrece, & lo spira por tua cõpanhia, todos os mais te desejam, & eu q̃ entre elles não tinha menor lugar, & rafaõ, como tu conheces', mal cuida-ua acertar a caso esta ventura da que por esta ribeira me trouxe, & dos mais te darey largas nouas, que agora he tẽpo que repouzes, cõ isto deixarão a pratica, que de todo os descuidaua do sono: & Rifeo determinou ao outro dia partirse cõ Lereno, porque a verdadeira amisade todos os respeitos afeiçoa a seu fim, & sò a companhia de hum amigo faz esquecer a iaudade de hum lugar quieto,

FLORESTA SEGUNDA.



O outro dia em q̃ amanheceo mais fermoso o Sol sobre a verdura, q̃ do puro orualho da Aurora estaua berrifada: leuantados os pastores tratou Rifeo com o do casal, partir aquella manhaã para a aldeia, pois alem do interesse da cõpanhia de Lereno, lhe era forçado não dilatar o caminho: & posto que o bom velho sentia muyto seu apartamento, como ja o pastor o tinha de lãje determinado custoulhe menos a licença q̃ pedia, com as razões do amigo q̃ o ajudaua, feita a despedida dos do casal, dados as graças do galalhado, tomarão ós çurrois, & o caminho ao longo das prayas do Tejo, & indo a vista delle por entre altas enzinhas, & souereiros, lhe disse Rifeo, si-
quei

quei hontem tam afeiçãoado as graças daquelle lugar de q̄ cantaste, fora o principal que ya tinha ouvido das pastoras que nelle habitam, que por extremo desejo que vas pordiãte, se cõ isso o caminho te não for pesado . Fica tanto para dizer (replicou elle) que nem o dia, nem a jornada dará lugar a tudo porem da menor parte te direi algũa do que acõ teceó hum dia despois que cheguei aquella montanha : no qual cõ estas lindas pastoras de que ouuiste fazia a senhora dellas hũa pescaria no Mòdego, aonde cõ elle se enõctra o rio Alua , & para isto em duas barcas toldadas de graciosa verdura, & floridos ramos, se embarcou em hũa a fermosa cõpanhia da quella Semidea, & na outra o seu pastor , com muytos dos que o feruião, que para tam saborosa recreação forão escolhidos: forão deste modo nauegando encostados a terra a vista dos sombrios bosques , & fermosos valles; cheos de aruores que com desigual altura, & diferentes ramas, recolhiam os pintados passarinhos que de hũa, & outra parte do rio hião cantando , ao som de muytos instrumentos que nas barcas se tocauão. E porque esta doce melodia com a vista, & mouer dos ramos & o murmuro de alguns ribeiros que ali entrauão no Mondego, & os sobrefaltos da Naiades que habitauão as fontes daquelle ribeira, occupauão a todos os sentidos, passaram assi ate entrar na aspereza das altas, & fragosas penedias que assombrião o rio, a onde por ordem daquelle soberana pastora , começaram as outras à cantar à espaços, como à cada hũa acontecia à tenção dé seus cuidados, das quais à primeira começou em quanto as outras descantauão.

Cuidados desesperados

Não nos tenha mais ninguém

Que be so meu ramambo bem.

Primavera de

Depois que sei quanto val
Hum mal de q̃ me temia
Por sua parte estou tal
Que não soffro cōpanhia
Nem mudança neste mal.
Os bens, & os gostos buscados
De quem os tem por seu fim
Delhos ventura dobrados
E s̃d siquem para mim
Cuidados desesperados.

Quem seus prazeres procura
Alcanceos para perdellos:
Que eu tenho por mor ventura
Não nos ter, & merecellos
Que ter o que ella assegura.

Atras esta cantiga que de todos foi, como merecia, celebra em competencia da tenção della cantou Dionisa,

Tanto estimo meus cuidados
Como quero à causa delles.

Entesfourei no meu peito
Cuidados que Amor me deu
Guardoos com tanto respeito
Que perco tudo o que he meu
Por lhe guardar seu direito.
E por quem me forão dados
Tenho por tam grande a fronta
Ter outros mal empregados
Que nem de mim faço conta
Tanto estimo meus cuidados.

Se alguma cuidados tem
E nelles desesperou
Saiba que ami s̃d conuem:
Tornemos quem mos robou
Não nos tenha mas ninguem.

Que he tam soffrego meu peito
Deste mal que Amor me deu
Vencido por meu direito,
Que inda me parece meu
Qualquer mal d'outro respeito.
Mas os finais que os meus tem
Sam glorias que nacez delles
Sam gostos que não se vem
Nem Amor tem parte nelles
Que he s̃d meu tamanho bem.

O gosto o desejo a vida
Darei por nunca offendellos
E he razão justa, & deuvida
Que antes eu fique perdida
Por elles que com perdellos.
Que se a vida me ficara
Para me matar sem elles
Eu por elles me matara
Porque nisto os estimara
Como quero à causa delles.

A esta

A esta cantiga, responderão os pastores da sua barca, & ajudado dos bem tocados instrumentos cantou Franco.

De inueja de meu cuidado
Me encontra nelle a ventura.

Minha alma que conhecia
De meus males o interesse
O grande preço, & valia
Não quis q̃ o corpo tiuesse
Glorias que ella merecia
Mas o corpo magoado
Na vingança se desuella
E com o q̃ tinha alcançado
Anda por se apartar della
De inueja de meu cuidado.

Nas inuejas deste bem
Que nenhũ delles alcança
Contino se desfauem
E esta batalha que tem
Não tem nenhũa esperança
Outrem contra elles pelleja,
Que em mi victoria procura,
Que he cousa certa & segura,
Que tambem de pura inueja
Me encontra nelle a ventura.

Logo da outra barca cantou Cimea que ao rogo das pastoras se não pode escusar.

Que esperança pode ter
Quem de tudo desespera.

De ter ja muyto esperado
Canço porque esperar cança
E não tendo meu cuidado
Outro bem mais que este estado
Nada quero da esperança
Destes desconcertos rem
A vida a me aborrecer
Porque quem nella não quer
Hũa esperança que tem
Que esperança pode ter.

Não posso negar que a tinha
E nella a mayor perigo
Mas de sorte vsou comigo
Que não mostrou que era minha
Se não que era meu castigo.
Se outra agora me viera,
Com receo deste dano,
Com mais vontade a perdera:
Porque estima o desfengano,
Quem de tudo desespera.

Primavera de

Da outra barca cantou Almeno, que com a graça ; & ar
de sua gentileza a daua dobrada a cantiga, que todos gaba-
rão por estremo.

Ando perdido entre a gente
Nem morro nem tenho vida.

Depois que ando transformado
Num cuidado que me obriga

A viuer sempre en'cado

Não posso achar quem me diga

Se sou perdido ou ganhado .

Nem por fee se me consente

Que suba parte de mim

Quem me tem nega , & não mente,

Que depois que me perdi

Ando perdido entre a gente .

A alma que buscou lugar

Que Amer por seu fim lhe ordena

Be se querta empregar

Mas ficou presa no ar

A onde anima , & onde pena.

Nem ganhada nem perdida

Posso della saber nada

Nem de mim, se alguém duvida

Quem me dá vida emprestada

Nem morro, nem tenho vida.

Da outra parte cantou Aulisa posto que se valia de escu-
sas para o não fazer por estarem perto do fim do caminho,
& antes que elle se acabase disse o seguinte.

Temo que a sorte desuie
O fim que a fee me promete.

Fora meu cuidado isento

Dos males que lhe procura ,

Amor tam sem fundamento,

Se com elle , & com ventura

Valera merecimento

Einda que razão condena

Quem me diz que desconfie ,

Quanto Amor por ella ordena

Em favor de minha pena,

Temo que a sorte desuie.

Sigo a lei mais rigurosa

De hũa fee firme, & constante

Tam firme quam perigosa ,

Mas o ser melhor amante

Nunca fez mais venturosa.

Tudo se arma contra mim

Em tudo a sorte se mette

Etudo leua a seu fim

So por estirouarme a mim

O fim que a fee me promete .

Nesta

Nesta amorosa perfia sobirão o rio que por entre as feras se appressaua, ou com medo dos ameaços de sua altura, ou por cobiça de esprayar-se em crespas ondas nos largos areais que adiante via. E chegando ao Alua estauão ja os rusticos pescadores com as redes atrauessadas no rio, armando ciladas, aos peixes innocentes para com a chegada das pastoras os leuantarem com a pressa as quais saltaram na praya tam fermosas, que bem era necessario, amigo Risco, para quem as visse trazer os olhos mais contêtes, & menos affeioados a chorar, que te direi do trajo, & policia de suas roupas? do ar, desdem, & galâtaria de seus toucados? da graça & mouimento dos passos que dauam pella area? se fo em a figura, & perfeição dos rostos auia tanto em que em pregar os sentidos, que se podiam perder os de todos, em os olhos de cada hũa. Começou-se em fim a pescaria, mas os rusticos que a faziam, assim se descuidaram de tudo por não tirarem os olhos dellas, que perdiam o cuidado dos peixes & afloxandolhe as redes os soltauão, & cõ tudo isso se enlaçarão mais, se as pastoras trouxerão os olhos nas redes, que esta era a prizam que elles de sua vontade procurauão, & por esta razão buscauão o fundo das barcas, & não aguarida de suas colheitas. Os que vieram presos a praya, posto que perderão a vida, tiuerão a morte bem festejada, saltando da area nas roupas das Ninfas, que ainda que cõtra ella lhe não valião, era lugar aonde ficaua a vida por vontade. Logo se começarão muytos jogos, & cantigas que durarão ate que a tarde se acabou, & tornarão pello rio abaixo com dobrada alegria, ali cantei eu o que entre os nossos pastores custumaua, & não o que a tantos merecimẽtos se deuia fui gabado, mas muyto mayor razão tinha para o merecer q̄ para o ser, pois a causa era tam desigual ao meu ingenho, & elle tinha tantos lououres em q̄ elcolhe-se.

Primavera de

Com isto, & com a noite se recolherão pello valle acima, com ramos verdes nas mãos, & fermosas flores envergoadas entre os cabellos: porem fazme tam grande laudade esta lembrança, & tanta mayor a magoa de perder a ventura que aly tinha que me não atreuo ja a hir adiante. Por certo (disse o companheiro) que sô com a representação do que hias dizendo sentia na alma hũa alegria tam contente, que se auia a vontade nella como enleada, & bem folgara eu de ouuir o que tu ahi cantaste mas ainda terei outro tempo em que te não valha escusa, nesta pratica chegarão a hūs penedos aonde batiam as ondas do Tejo, & decendo junto ao rio, para a sombra de muytas aruores altas, que allombrauão o lugar da penedia, virão que arrebertaua nella hũa fonte muyto copiosa de agoa que mansamente, & sem roido tomaua o caminho por entre a area: & em hum seo que nella fazia a sombra de hũa faia, estaua hum pastor, rustico ao parecer no trajo, & na figura: & com os olhos n'agoa estaua imaginando sem se lhe ouuir couza que disesse, mas tanto o enleuauão as em que tinha o pensamento, que não via os pastores, que ja eltauão com elle, os quais tomandoo pello cajado sobre que estaua inclinado lhe disserão: tam empregado estas no que imaginas, que me parece que te fazemos bem, em te despertar de algum sonho q̄ te deue representar a fantasia. Em verdade pastores disse o da fonte, bem sonho he o que eu imagino: pois passou como se o fora, porem se não quereis algũa couza de mim deixaimo nelle, que ainda nestas agoas, busco quem noutras se escondeo com minha liberdade: Os companheiros ouuindo isto, o quizerão deixar na sua persia mas Ríseo lhe tornou: liberdade debaixo da agoa, so os peixes a tem, & alcançalla com os olhos não he maá pescaria. Enganaste (disse o cutro) que tambem com

os olhos ma leuarão , & se esta minha teima te parece defu-
 uario, mayor o feia a conselhar a quem não conheces, vaite
 embora, & não me tires esta, q̄ não quero nella companhia
 fazes bem replicou Ruseo que nem a tua he muyto para co-
 biçar, ao menos na cura desse mal que logo meu cõpanhei-
 ro conheceo Olhate deuagar nessa fonte que ainda que o
 rosto não he para Narciso, o que elle fez cobiçoso de sua fi-
 gura faras tu por desesperado. As razões que eu tenho para
 o ser (respondeo elle) me insinarão o que farey, em tanto fo-
 rão andando por diante, & sentados aonde com os penedos
 se encobriam, ouvirão dali a pouco espaço ao pastor que
 cantaua este soneto ajudando o roido da fonte , com o som
 do caiado que nas pedras tocaua.

IMportunos queixumes se algum dia
 Cançara de me ouvir esta aspereza
 Se a morte acabara minha tristeza
 Ou tera fim na vida esta perfia:
 Mas se a morte não vence a fantasia
 Desesperado viuo nesta impreza
 Porque nem o mal muda a natureza
 Nem pode auer nos males alegria.
 Ab quem vira este fim que nunca alcança,
 Quem per dera esta vida que aborrece
 Sò para a ver na morte arrependida
 Porem isento estou desta esperança,
 Que não pode doer perder a vida
 A quẽ quanto mais vine mais padece.

Cantou

Primavera de

CAntou o pastor cõ tanta suauidade, & sentimento: que entristeceu aos dous companheiros, & magoados de quam mal o tratarão, estauam em tornar atras a remedear sua culpa. Mas a este tempo virão duas pastoras que a seus accentos acodirão, & achando o desacordado sobre a relua, com agoa da fonte o despertarão, & despois de tornar em seu acordo, leuantandoo pellos braços, lhe disse hũa del las, que bem podia com os olhos dar nouo espirito a quem o tiuera para conhecer sua fermosura: he em ti tão mal em pregado qualquer mal, que aceitara grande parte desse so por te ver sem elle: a troco desta vontade, que por ser minha não dara fruto, te rogõ que venhas em nossa companhia para a Aldea aonde descangaras, que nem o tempo nẽ o teu cuidado he para este lugar. Ah fermosa pastora, (disse elle) quem pudera pagar essa cortesia, com a liberdade que me ficou nas mãos de hũa ingrata, mas porque o eu não pareça a olhos tam fermosos, guaiame para onde quizerdes q̃ perca a vida, & não ma deixeis para mayores tormentos, q̃ sera crueldade, que nem de vosso parecer se espera, nem em mim achara ja sofrimento. E se aqui vos manda a ventura para que detenhais o cutello que minha desesperação, me pôs na garganta, não sejais menistra de quem tam mal paga seruiços, contra quem desejava vida para vos fazer muytos, se poder sustentalla não fora impossuiel. Não faças tam poderosa a tua tristeza (respondeo ella) com as forças q̃ lhe das tirando a tí as esperanças de viuet sem ella, & a mim de me ver paga deste desejo: vem comigo, & com esta pastora, & despois ordenaras a teu parecer: Ouue em fim o pastor de obedecerlho: & com ellas atraueffou para o monte affaz quebrantado. Os dous caminhantes com muyto sentimento do que virão forão pella borda do valle, caminhando, & junto da noite se recolherão em hũ lugar para a passar que
muytas

muytas vezes offerece repouso, quando o dia nega descancão: com a cõdição com que os males costumão dar aliuio ao soffrimento.

FLORESTA TERCERA.

Meteome Amor em seu tratto
 Posme os seus gostos na praça
 Quanto quiz me deu de graça
 Mas he caro o seu barato.

Amor que quiz que tiuesse
 Os males por seu querer
 Deu me nos bens que escolheffe
 Para que quando os perdesse
 Tiuesse mais que perder.
 Depois que em minha esperança
 Me vio contra o tempo ingrato
 Viuer liure de mudança
 Por tam grande confiança
 Meteome Amor em seu tratto.
 Vi eu logo o que conuinha
 Dar melhor conta do seu
 Do que dei da vida minha,
 Deixei perder quanto cinha,
 Por guardar o que me deu.
 O desejo, & o temor,
 A fee, a vontade, a graça,
 Tudo pus nas mãos de Amor.
 Elle que he mais mercador
 Posme seus gostos na praça.

Entendeo que não sabia
 A valia do interesse,
 Que eu delle então pretendia;
 Preguntoume o que queria
 Antes que nada me desse.
 Eu que não soube o que fiz
 Quiz hum desprezo, & negação
 Quiz huns desdens senhoris
 E por ser graça o que quiz
 Quanto quiz me deu de graça.
 Triste do que então cuidaua,
 Que era tudo o que ganhou
 O mal com que se enganaua
 E vendo a vontade escrava
 Conhece o que lhe custou.
 Amor vende como auaro,
 E faz seguro contracto,
 Com cautellas sem reparo
 Vende o barato & o caro
 Mas he caro o seu barato.

Primavera de

Isto hiam cantando os deus companheiros ao outro dia antes de amanhecer ao longo das prayas do Tejo, & cada hum mostraua na sua voz tanta graça cõ a faudade da madrugada, que ate as areas surdas, & as aruores sem sentido, fazião mouimento com as mudanças da sua cantiga. Ah (disse Rifeo, acabada ella) como entristecem as alegrias a hum coração ausente? & como he certo que Amor senhora todos os passatempos da vida, que mayor o pudera eu ter agora, que a tua companhia, ouuirte cantar tam suaue-mente, ver como obrigam teus versos as cousas sem sentido, se os meus não andarão prezos ao pensamento, q̄ me torna ao Mondego, donde em penhor da alma q̄ deixei foesta faudade veo comigo. Tudo (respondeo o outro) esta na mão de Amor não ha vida sem elle, posto que a que dà seja traba- lhosã, nem ha bem que d'elle não naça, nem mal que cõ ser passado a sua cõta não fique leue ao padecer, & pois te queixas dos teus, & ha tanto que me escondes a causa delles, & queres que alcance com a sospeita o que te merecia, por confiança & amisade, queixar me hei de ti. Tenho eu nella tanta fee (respondeo Rifeo) que ainda que este segredo fora de mayor perigo to descobrirã: mas o não ser arriscado em o publicar não tira sello em o sentimento. Saberas amigo Lerenõ, q̄ aquelle dia das festas de Diana quãdo cõtigo me achei no valle dos aruores, foi o primeiro em que Amor tomou vingança de minhas liberdades vêdo a fermosa Siluia a quem o Ceo fez em tudo tam acabada, que se lhe deu o parecer diuino não quiz que a voz parecesse humana, nẽ o entendimento, sujeito a nosso juyzo, & porque comecei a prouar o senhorio desta affeição, quando ella da causa tomãua mayores forças, busquei logo meos para mostrar com a lingua o coração, & como ambos temião igualmente, o seu merecimento, & o seu juyzo, vécia sempre o receo,
a ou-

a oufadia, ate que ella ma deu em hũa tarde em que eú cõta
ua a Bellisa queixumes de hũa affeição secreta, & entre al-
guns sóspiros em que me queixaua de meu cuidado como
se não tiuera diante a causa d'elle, dizia muytas palauras
magoadas de minha pena, culpando a quẽ me mataua, não
querer conhecer em os meus olhos o mal que me fazia, es-
perando que alem de o sustentar o descobrisse. Ou fosse q̃ o
quiz então a ventura, ou que eu a tinha sem saber della, q̃
disse Siluia, que em estremo desejava conhecer meus pensa-
mentos, & perguntou me lhe disesse aquẽ queria bem, não
crendo aos meus olhos, que o mostrauão, & como os tinha
nella, & em hũa coroa de boninas do monte, q̃ a fazia mais
fermosa, ensinado de Amor lhe perguntei, o nome de hũas
boninas brancas que melhor entre as outras parecião. E re-
spondendo ella que erão bê me queres lhe disse, se tu Siluia
conheces essa verdade, & entendes a minha affeição, para
que esperas, que com testemunhas sospeitas a publique. &
se as que sam mudas confessam diante teus olhos, o que te
quero, não sejas ingrata. A isto me respondeo ella, & não
tam isenta que me tirase as esperanças, cõ que comeei a
me declarar em seus amores alcançando por fruito delles
o cõ que pudera viuer satisfeito de minha estrella: mas es-
ta cõ forçada ausencia atalhou a gloria que possuia de mi-
nha affeição: viuirei no Tejo cõ as saudades, receos, & des-
confianças de hum ausente ate que o tempo acabe este de-
stérro. Festejo muyto (disse o amigo) ja que em fim auias de
ser sujeito ao senhorio de Amor, teres nella ventura tam in-
uejada, & pello que importa conseruar estado tam ditoso
faz que Amor té não ache descuidado nas ribeiras do Te-
jo. Não me consentirá descanzo (tornou elle) a saudade da
minha pastora ainda que a sua firmeza me possa fazer segu-
ro de mudanças. Nestas palauras chegarão a vista de hũa
Aldea

Primavera de

Aldea que esta perto do Tejo, & pouco desviados do caminho virão que sobre hũs penedos a sombra de hũas altas amendoeiras cantauão duas pastoras de rasoado parecer ao som de hũa frauta que hum velho tangia, o qual a tocava com muyta graça, & dous pastores com as mãos na face encostados sobre a do penedo as ouuião. Pareceo aos companheiros que era o canto dino de lhe impedir o caminho, & sentados de frente lhe ouuirão esta cantiga.

*Quis bem quando não sabia
E agora que sei querer
Mal quero a quem bem me quer.*

*Tive singella afeição
Leal, & firme amisade
Despois que a pus na ventade
Nunca ni mais a razão,
Tudo me parecẽão
Es o firme meu querer
Mal quero a quem bem me quer.*

*Quem outros cuidados tem
Pode imaginar que seja
Querer mal de pura inueja
A quem sabe querer bem*

*Não me tenha Amor ninguém
Para obrigar meu querer
Que aborreço a quem me quer,*

*Molher não sobre respeito
Mais que amar aonde se inclina
Quem lhe poem lei desatina
Que a ninguém guardão direito
Despois que entrou no meu peito
Despois que soube querer
Mal quero a quem bem me quer.*

Despois que os pastores do penedo ouuirão a cantiga que ellas cantarão melhor do que vsauão com quem as seruiua, pedirão ao velho que fosse com a musica da frauta por diante, & elles começarão a cantar não menos concertados.

*Coração, olha o que queres,
Que mulheres, sam mulheres.*

Tam tiranna, & desigual
 Sustentão sempre a vontade
 Que a quem lhes quer de verdade
 Confessão que querem mal.
 Se Amor para ellas não val,
 Coração olha o que queres
 Que mulheres, sãam mulheres.

Se alguma tem afeição
 Ha de ser a quem lha nega,
 Porque nenhũa se entrega
 Fora desta condição,

Não lbe queir as coração.
 E se não olha o que queres
 Que mulheres, sam mulheres.

Sam tais que he melhor partido
 Para obrigallas, & tellas
 Hir sempre fogindo dellas
 Que andar por ellas perdido
 E pois o tens conhecido
 Coração que mais lbe queres?
 Que em fim todas sam mulheres.

OS dous companheiros a quem não pareceo mal a mi-
 ca nem a contenda, vêdo a de ambas as partes tam tra-
 uada, chegarão a elles. Por certo lindas pastoras disse Ri-
 seio, que errais em desacreditar o vosso parecer, cõ hũa tam
 injusta sem razão, fazendo cõ ella, que estes pastores caiam
 no mesmo engano. Meu cõpanheiro, & eu estuemos ouuin-
 do a vossa perfia, & dão podemos dissimular este queixume,
 por vida vossa que nos liureis delle: & confesses que não a-
 prouais agora o que cantastes. Bofe (disse hũa dellas que pa-
 recia de menos idade) que vos deve hir pouco em a nossa
 determinação, & foi erro desuiaruos do vosso caminho pa-
 ra nos meter no de Amor, se sois dos seus vencidos, menhũ
 delles soube ja mais dar conselho a outro, & assim por to-
 das as rasoins he o vosso escutado. A minha tenção fermo-
 sa, & desagradescida pastora (disse Riseio) não era a conse-
 lharuos em fauor destes pastores, nem abrandaruos, para q̃
 me fizesseis algum, era sò compaixão do enganoso estado,
 em que sustentais a vida pore m arrependome, & digo que
 a passais a vossa vontade, que não faltara quem vingue
 della

Primavera de

della a effes pastores, se os tratais mal, que nunca al vimos se não estas esquiuanças quebrarem em Amor, quando não ha quem lance mão delle. Então fallou o velho que ate lios ouuia, & pèdio aos dous amigos, que se assentassem, o que elles fizeram pello ouuir. Nenhũa couza ha mais certa na mocidade (disse o velho) que enganos, assi como tambem na velhice he o mayoi ganho a experiencia delles. Estas pastoras porque a não tem fiadas na gentileza de seu parecer, & no defasocego de quem as ama, tudo engeitam. Os pastores da mesma idade leuados de seu desejo affeiçoado, não soffrem esperanças nem obedecem ao tempo, & qualquer que tarda a seu appetite despèdem em o dar a conhecer a todo o mundo: ellas por altiuas vem a fazerse ingratas: elles por defasocegados importunos, assi q̄ de nenhũa parte se pode atalhar o dano. A idade quanto mais sobe descobre mais: namorado fuy eu nesta ribeira & erão tão bem cantados os meus amores, & tal fim ouue nelles qual era o saber com que os grangeaua, vim a perder a minha Aldea, & a quietação da vida, & por fim de tudo perdi a quem queria, & ella buscou outro pastor: que em pouco tempo lhe encurtou a vida, que me tinha tirada, vi depois tanto de que aprender, que pudera amar de nouo sò por vingança. Esta pastora que vos respondeo chamase Darcia, & melhor lhe està o nome, que a fermosura, he assaz discreta, mas nunca foy auifada dos casos de amor: teuelho nesta ribeira muyto grãde hum pastor a que chamauam Mendino, montanhes no trajo, & no parecer, mas no entendimento, nenhum dos da villa lhe fazia ventagem, & não lhe faltaua gado com que viuesse como lhe faltou ventura pera a obrigar: em pouco tempo pos ella em estado suas esperanças, que quasi sem juyzo se partio deste lugar não sabemos pera onde, despedindose della em hũa fonte
aonde

aonde inda agora entre as suas lagrimas estão éseritas estas palauras.

*Ingrata, & tam cruel quanto fermosa
 Ficate embora, & guarte da ventura
 Que bũa alma tam cruel tam rigurosa
 Da terra, nem do Ceo viue segura.
 Eu vou morrer por ti, tu viue & gosa
 De tua condiçãõ peruersa & dura
 Atè que vença Amor tua esquiuança,
 E eu tenha de meu mal noutro vingança.*

Tam contente ficou deste successo, como quẽ tinha por gloria fazer males, acrecentando cada hora mais em sua dureza, & pelo que sei de amor, & quero a ella, que a crici, pesame de ver a sua liberdade tam isenta. Vos pastores estrangeiros não estranheis a aspereza da repostã, conhecendo o vso de sua condiçãõ. Essa (disse Lereno) a ella farã e mayor dano, que a nõs ja foy proueitosa, pois della nãcco experimentarmos a tua cortesia, bem dina da autoridade deffas cãs: & porque pelos sinais daquelle pastor imagino, que o encontramos neste caminho, te peço, que mos des da figura do rosto. O velho lhos disse, & conhecendo que sem duuida era aquelle, lhe contou o que a Risco acontecera com elle quando se estaua vendo sobre a fonte, de que Duricia nenhum pesar mostrou, antes festejou a sua doudice, porem a outra, que Minarda se chamaua, não pode dissimular o sentimento daquella noua, mostrando com algũas lagrimas, q̃ tinha parte na desgraça de Mendino, a quem amaua de verdade. Com isto se des-

R pediam

Primavera de

pediam os dous caminhanes, mas o velho com os da sua companhia, lhe pediram, que passassem aly a festa, & depois yriam juntos até o lugar, & pedindolhe as pastoras, que cantassem, Lerenó ao som da lyra de Rifeo o fez desta maneira.

Romance.

DE cima deste penedo
Aonde combatendo as ondas
Mostram sempre mais segura
A firmeza desta rocha.
Com os olhos tras de hũa barca,
Que o vento leua por força,
Vendo que tem força o vento
Pera atalhar muytas obras.
Me representa a ventura
Quam pouco contra ella menta
Firmeza, vontade, & sê,
Desejo, esperança & forças:
Por hum mar tam sem caminho
Merada tam perigosa,
Pera as mudanças do tempo
Dando sempre a vella toda;
O leme na mão de hum cego,
Que quando vay vento a popa
Da sempre em baixos d'area
Aonde em viuas pedras toca,
Que farei pera valerme?
Pois a terra venturosa:
Aonde aspira meu desejo
He cabo, que não se dobra,
Se quero voltar ao porto
Não ha vento pera a volta

Em fim, que o fim da jornada
He dar no fundo, ou na costa:
Pensamentos, & esperanças
Iulgay quanto melhor fora
Não vos ter pera perderuos,
Que sustentaruos agora:
Pois não custa tanto a pena
Como doi perder a gloria,
E he mais sustentar cuydados
Do que he conquistar victorias:
Sò males sam verdadeiros:
Porque os bês todos sam sombras
Representadas na terra
Que a barcadas não se tomão:
Mar empegado & reuolto
Nauegação perigosa
Porto que nunca se alcança
Agoa que sempre gosobra:
Estreitos não nauegados
Baixos, ilhas, syrtes, rocas,
Sereas que em meus ouvidos
Sempre achastes liures portas
A Deos, que aqui lanço ferro
E por mais que os ventos corraõ
Para saber da ventura
Não quero fazer mais prouas.

Tam-

TAm bem pareceo aos da companhia o que Lereno cantara, que a Duricia lhe pesou de responder tam isenta ao companheiro, & pera remedear o agrauo passado, lhes disse a elles; Agora me pareceo melhor que nunca a liberdade em que viuo, porque he acerto poupar a vontade, & o juyzo pera o tempo em que se deseja liure: quem auerá, que não estime ouuir cantar a este estrangeiro, sem que outra fugeição desuie este bem? & quem não quererá mal a amor; & a ventura de quem elle se queixa? & porque este seu companheiro não deue ter menor merecimento, desejo, q̄ queira de meu erro algũa justa satisfação. Nunca (disse Risco) deixei de estimar agrauos de pastoras tam fermosas, que como naci pera a seruir, tenho suas offensas por vangloria: da razão destes pastores naceo a minha, & se nesta pode auer satisfação eu me dou por contente com vos lêbrardes de quem se esqueceo de si por vossos amores, porque em outros não conheçais a vossa custa o mal, que he sofrer hum desamor mal merecido: Pode ser (respondeo ella) que o mal proprio me fara ter cópaixão dos alheos. Atras isto se levantaram todos pera a Aldea, & os dous pastores passaram a diante, deixando na despedida magoados os da companhia, que nenhũa cousa faz mayor o desejo da outra, q̄ a breuidade do tempo que dura.

FLORESTA QVARTA.



HEGARAM os dous companheiros a hum porto do Tejo, aonde ja enuolto com as agoas do Oceano, combate com furiosas ondas as areas, & penedias, q̄ de ambas as partes o vam cercado, & assentados na praya cõtemplauam a differença de seu nascimento, vendo que a todas as cousas o mayor poder fazia mais te-

Primavera de

merofas como aquelle rio, que com as agoas de tantos se
enriquecera, & não tardou muyto, que viram em hũa pe-
quena barca hum pescador lauando as redes, que entre o fu-
rioso fom das ondas vinha cantando: fezerão lhe elles final
da borda da agoa, pedíndolhe, que aportasse nella, o que el-
le fez dahi a pouco espaço, & saudandoo lhe disse Lereno:
Assi o Ceo te dê ventura sobre as agoas, & nellas os vëtos,
& os peixes te favoreção, se vas pera o fim do Tejo, nos qíras
leuar em tua companhia. Isso farey eu de boa vótade (disse
o pescador) se a vós não tendes de yr com muyta pressa, por
que a minha barca he pequena, a vela rota, & eu só, & ven-
cido ja do trabalho dos remos, & não poderei chegar tam
breuemente como as outras, que continuão esta viagem:
& sobre tudo vou pescando. Esse encargo (tornou elle) he
de mais gosto, & pelo de tua companhia (que deve ser qual
a vontade com que a offereces) se podiam aceitar outras
condições mais pesadas. A estas palauras chegou o pesca-
dor a borda da area, & entrando os pastores, os agasalhou
com o rosto cheo de alegria na sua barca, em que os ja cati-
uos peixes andauam saltando, & com a vela ao vento, fo-
ram o rio abaixo, até o dobrar de hum cabo, aonde as agoas
andauam mais empoladas & reuoltas: & temendo os pasto-
res pelo descustume de nauegação, aquelle passio, immagi-
nando nelle hum grande perigo, preguntaram ao pesca-
dor a razão porque aly andaua o mar tam differente, ao
que elle respondeo. Neste lugar, que em outro tempo, foy
o que as Nímfas do Tejo escolhião pera sua morada, os
Faunos pera seus roubos, & os pescadores pera descanso
de sua nauegação: quando com as faiscas do ouro das al-
tas ferras se esmaltaua esta praya: quando sò nella os
ventos eufreauam sua furia, & os passaros cantauam doce-
mente destes penedos. Moraua nesta ribeira o pescador
Palemo

Palemo, que do interesse de hũa barca pobre se sustentaua: mas como nem este estado he seguro da vëtura, nem amor o respeita. Hũa Nimfa, que Dinopea se chamaua, que do alto sangue de Neptuno descendia, veyo a empregar nelle sua afeição de maneira, que hũa hora lhe não daua descanso seu cuidado, sem que fosse nos seus olhos. Aqui o buscava & ferua, com elle leuantava as redes, & passava a festa entre estes penedos: & como tam grande bem não pode durar muyto sem inuejas: Izo filho de Eolo senhor dos ventos, que a namorava, desenganado ja da vontade da Nimfa, véyo a desconfianças tam desesperadas com a gloria do pescador, que ajudado das forças de seu pay com a sua barca o afogou entre as ondas, sem que a fermosa Nimfa lhe podesse valer, a qual vendo a desastrada sorte da Palemo, depois de grandes sentimentos de lagrimas em sua morte, alcançou dos fados, que fosse neste cabo conuertido, aonde Eolo perpetuamente o combatesse, sem vencer em nenhum tempo sua firmeza: & porque entre os pescadores deste rio he a sua historia muyto labida, & celebrada, & cantão muytas vezes o triste successo do sem ventura. Palemo pera q̃ sintais menos o caminho, quero ir cantando hũs versos de seus amores: & porque ja a este tempo tinhão passado o perigo do cabo, & deixauam atras as crespas ondas branquejando inclinados sobre o bordo, & o pescador regendo o leme: começou a cantar desta maneira.

Colbendo ruyuas conchas d'entre a areia,
 Aonde o Sol mostra estrellas prateadas
 Andava a bella Nimfa Dinopea:
 E as ondas de seus olhos namoradas,

Primavera de

Pera tocarlbe os pés sobem depressa
Por cima dos penedos entrespadas :
De inueja o brando vento se atravesa ,
E as finastranças d'ouro derramando
Lbe vay roubando os laços da cabeça:
O Sol, que de mais alto fica olhando
Do caminbo que faz tambem s'esquece
E as cõchinbas azuis lbe està mostrãdo:
O mar, o Sol, & o vento se adormece
Emquanto moue a voz ao doce canto
Que mais que encantamento lbe parece:
Palemo diz pera que tardas tanto ?
Se sò pera te achar neste penedo
Do cristal destas ondas m'aleuanto:
Pera me ver o Sol se ergueo mais cedo ,
E por mouer Fauonio os meus cabellos
Deixou as verdes ramas do aruoredo:
Os Delfins namorados pera vellos
Andão saltando a praya alegremente
E vão d'inueja os Faunos por prêdellos:
Tu te mostras Palemo diferente
Tu despresas o amor que te offereço
De quem o mesmo amor fora contente:
Como sò nos teus olbes não pareço
Dina de sugeitar hum coração
Ludino de outro meu que te offereço :
Ingrato

Ingrato pescador que chamo em vão
 Obrigada das forças da ventura
 A bñã cega, injusta sujeição .
 Olba a desigualdade deste emprego
 Tu pobre pescador, vil desprezado,
 Tu senhor de bñã barca, eu deste pego:
 Eu filha de Tritam no mar sagrado
 Feita escrava por ty de meu desejo
 Tu tyranno senhor de meu cuidado.
 Tu queimado do Sol que doura o Tejo,
 Dos ventos, das areas offendido,
 Que engano he este meu com que te vejo?
 O cabelo empeçado, negro, erguido,
 As mãos das redes, & agoas encrespadas
 De burel grosso o corpo mal vestido:
 Eu inueja das Ninfas mais gabadas
 Não sei o que te achei nessa figura,
 Que inda dou de vötade estas passadas?
 Porem não nace amor da fermosura
 Nace de hum parecer que não s'entède,
 Que foy engano em mim, & em ty ventura:
 Quem te detem Palemo? Quem me offende?
 Vem a deitar as redes nesta praya,
 Que ja o Sol seus rayos nella estende?
 Antes que a sua luz com força caya,
 Nesta enseada estâ fermoso lanço

Primauera de

Onde a agoa de quieta não s'espraya:
Os peixes chamarei deſte remaño
Tiraràs logo as redes carregadas
Repouſaras a feſta com deſcanſo:
As lapas, que no fundo eſtam guardadas
Ouuindo a minba voz ficaram logo
Dos moradores ſeus deſemparradas:
Tu desprezas Palemo ſo meu rogo
Os peixes lhe obedecem, tu mais frio,
E eu nas agoas por ty me abraço em fogo:
Se não vês por amor, por ſenhorio
Vem a ver eſta Nimfa que desprezas
Seras ſenhor dos peixes deſte rio:
Por mim teras Palemo as ondas preſas
Por mim ſogeitaras o vento eſquino,
E mais liure ſeras do que te prezas:
Ab deſhumano, ingrato, fugitiuo,
Onde eſtàs? que não vês? que não reſpõdes?
Algũa ſogeição te tem catiua
Tras de algũa corres, pois de mim te eſcondes.

PAreia tambem a voz de peſcador ainda que rouca com o ſom das ondas, que quebrauã na barca, & o zunido do vento mouendo a vella, & fazia iſto tam fermoſo a viſta dos jãrdins, fontes, & edificios, que de ámbas as partes cercauam o rio, que os dous paſtores não ſabiam em qual dos ſentidos ſe empregallem com mais afeição, mas de pois, que o peſcador acabou a Elegia, & elles de lhe dar os lououres

Jouuores deuídos, chegaram a hũa enseada ja pertô da Aldea, pera a qual decia hum caminho do miente, que ao longe se mostraua cheo de aruoredos & verdure: em que a arte com as graças da natureza se esmerára, aly pediram ao da barca os companheiros, que os posesie em terra, offerecendolhe alem da satisfação do trabalho hũa boa amisade pera se algum dia em outro lugar se encontrassem. Elle o fez com muyta saudade de sua companhia, & seguindo o seu caminho, tomarão por junto de hũa cerca entre hūs alamos enlaçados de verdes parreiras até chegarem a hũa fonte, que sahia das ventas de hum cauallo de marmore, & diuidindose em dous ribeiros hia regando hum artificiozo jardim de varias flores, & eruas cheirosas, aonde estaua hum pastor ao pè de hum freixo, coroado de folhas de era, & louro, tangendo hũa lyra, com hũa meada de cabellos diante os olhos, como que nelles tinha a letra, que cantaua, & dizia desta maneira.

L Embrança saudosa

Charo penhor de minha liberdade,
 Que com tanta razão ficou cativa,
 Lembrai uos da dourada nossa idade
 Tam breue & tam ditosa:
 Se desejaís, que nesta idade viua,
 Porque se o mal se auia
 Na memoria dos bês, que ja passaram
 E vos se salua a pena que sustento,
 Que se nesta dureza,
 Que os males me ordenaram

Tam-

Primavera de

Tambem me ha de vencer o sentimento,
Sem nunca alcãçar fim minha tristeza,
He merce bem pequena
Mostrar-me o bẽ pera deixarme a pena:

Mostrai a meu cuidado

Passadas alegrias, que algum tempo
Me deu de amor hũa enganosa estrella,
Daime a perda dos bẽs por passatempo
Se no que he ja passado:

Não vẽce a gloria a magoa de per della:

Ab Natercia mais bella

Do que cruel inda que o foste tanto

Tudo como esquecida despresaste

Por quem de ty se esquece,

E não te lembra quanto

Neste lugar comigo ja passaste

Como de hum caso albeo que acontece

Triste quam pouco dura

Firmeza de molher sombra, & ventura:

Não temes, que te acuse

Este bosque, este freixo, que inda agora

Sustenta as verdes ramas, q̃ entam teue,

Quem auer à falsissima pastora

No mundo que te escuse

De

De hũa mudança tam injusta & leue?
 Cuidas, que não se deue,
 Credito algum? as insensiveis plantas?
 Que tu por testimunhas escolheste
 Ia quando me enganauas:
 Se niisso te alevantas
 Lembrarte deue ao menos que me deste
 Posse das armas com que me matauas
 Digaõno estes cabellos,
 Que ainda q̃ te eu perdi não sei perdellos

Inunto deste ribeiro

Reclinada a cabeça no teu braço
 Hũa tarde me lembra, que mos deste,
 Não me era amor então de bẽs escaço,
 Que c'os braços primeiro
 Que com ella este colo me prendeste:
 Este engano teceste,
 E se podera ser viuer contente
 Delle por teu querer me contentara,
 E fora satisfeito,
 Mas a sorte consente,
 Que pera meu querer foy sempre auara,
 Que atè nelles perdesse este direito
 Com quanto manda amor,
 Que fique pela diuida o penhor.

Primavera de

Cabellos d'ouro fino

Tecidos pela mão que vos cortou,
E enriqueceo de bens esta alna minba,
Esquecei nos de quem ca vos deixou
Seguindo hum desatino
Cõ q̃ noutrem buscou quãto em vos tinha
E se en por vòs sostinha
Tégora neste mal hũa esperança
Que em voſſas ſeguranças me predeo
Secou ſua verdura
Numa leue mudança
Com que quem vos cortou vos esqueceo
Que em fim não pode auer couſa ſegura,
E fez tal tyrannia
Por não pagarme a ſè, que me denia.

Canção vaite a ventura,

E diſe a occaſiam deſtes cabellos,
Que a quem nos corta não lhe dà perdellos.

COnhecerão logo os pastores a este, que era Pauanio, amigo de ambos, & celebrado de todos naquellas ribeiras, pelas partes de seu entendimento, gentileza, & condição, que a pastora Natercia senhoreara dous annos, & no fim (esquecida do que nestes lhe merecia) veyo a trocallo por Melineo, que primeiro a ſeruiſſa, porque a principal afecção ſua era mudança, & antes que os dous pastores chegassem a elle, muytos outros, que pelo valle andauam,
ſe



se ajuntaram naquelle lugar, mas Pauanio vendo os estrangeiros os leuou nos braços, & sentados entre os outros, dâ-dolhe todos as graças de quão bê cantara, disse: Posto que eu não queria tantas testemunhas pera meus queixumes, não estranho convidarêse muytos a elles, & a favorecellos, pois o que não deuem a graça do meu cantar, merece a verdade da minha cantiga, que toca a tantos: & pois em cãtando comecei a fallar em mudanças, bom sera que alguê siga esta empresa com melhores palauras, que nas razões a ninguem quis Natercia, que eu desse a ventagem: & se Lereno me não parecera, que vem cansado, oufara a rogarlhe, que a minha conta tomasse este encargo. Por certo (disse Lereno) que o não fizera eu com boa vontade, ainda que a tenho de te obedecer em tudo, porq̃ mal saberà fallar em mudanças quem em si as não experimentou, nem tem mayor queixume, que não fazer algũa sua ventura. Espantome (tornou Pauanio) de auer ventura constante: por mudauel a ouui sempre nomear, & dizer, que por isso teue o nome de mulher, saluo se por sustentar hũa semrazão, muda a natureza, como ellas o fazem muytas vezes. Não me parece mal (disse Corinto) pois entramos em fallar de mudanças, buscarlhe o principio, como em todas as cousas de que se trata he costume: & pergunto. Donde nasce a mudança nas molheres? Donde não sey eu (respondeo Pauanio) mas que he a primeira cousa, que nasce com ellas, & pera que ellas nadem, isso si. O meu parecer he (disse Vmbrano) que nasce de o seu querer não ter socego, donde cada hora aprouam, & condenão hũa mesma affeição, & nenhũa cousa nellas he mais certa, que esta variedade: pela qual razão deuia hum homem estimar dellas tanto os faoures como as esquiúanças. Eu dante mão (disse Rifeo) me dou por suspeito, porque ey de fallar em fauor de hũa mudança, que em o meu se fez

ha

Primavera de

ha pouco tempo , & parece-me que nasce em as pastoras de não acharem em nenhum pastor leguro o emprego de sua afeição : & variando (pera na escolha melhorarem a forte) tanto as vezes se mudam , que encontram quem merece feruillas. Bofe (disse Pauanio) que foy desgraça não te ouir algũa, quiçais te valerà esta razão , mas ella me descobrio outra , que deue ser a verdadeira : que como a firmeza he hũa virtude varonil, & hum bem fundado no entendimento, não podem molheres sustentallo, como incapazes de perfeição. & tanto he afsi , que quanto mais merece quem as serue tanto menos alcança de sua fê , que como lobas escolhem sempre o pior, & por esta razão achão as vezes o que merecem. Fallas (dixerão elles) como te infina a paixão, antes te digo que como ellas me infinarão (tornou elle) podem pois neste sou sospeito por hũa parte , & Rifeo por outra: mudemos o proposito. não me pesara (disse Lereno) ver o fim a este, mas pergunto a que tempo tem hum homem difficulpa de se mudar em os amores de hũa mulher? & porque causas? Eu digo (respondeo Pauanio) que a todo tempo: & a causa he saber que o não ham ellas de escholer para se mudarem: mais que como asguiar o appetite. Se a firmeza como tu difeste (replicou Vmbrano) he virtude de varão em nenhum tempo deue hum homem fazer mudança, se não quando sentir hũa mulher afeiçãoada a outrem, que então por não hir cótra a lei da natureza que he buscar Amor forçado em vontade alhea, podera mudar-se. Ainda assim (disse Rifeo) o não desobriga a razão , & só a tera para se mudar quando despois de hũa mulher o amar muyto tempo o deixa por outrem, a quem ella antes tinha deixado: por não conquistar de nouo com poucas esperanças o que outro tempo possuia sem receo, & trocar o estado com quem lhe teue ja inueja. Por esta razão (respondeo Corinto) & pella

pella de Pauanio, se hum pastor não espera mais que ser
 querido, o certo he nunca fazer mudança que ellas faram
 tantas até que venhão a seu querer, mas atalhemos estas
 razões que vem para nos Mirtea, & Florisa, as quais não
 merecem esta culpa antes muytos lououres, & sera bem
 que os cantemos, para que Florisa aliue o sentimento
 da pouca ventura que tem suas esperanças, a este tempo
 chegarão ás pastoras: & porque Florisa trasia os olhos
 agrauados em final que chorara: & elleserão verdes, &
 tam fermosos que se lhe fazia o agrauo mayor, logo en-
 tre os pastores se murmurou a causa, & por atalharem o
 tratar nella, tomou Lereno a samponha, & pedindo a el-
 las a licença cantou hũa groza que todos ouuirão com
 muyta atenção.

*Claros olhos que mostrais
 Offensas que a Amor fazeis
 Não he justo que as pagueis
 Por isso vos aggrauais.*

*Dessa luz fermosa & pura
 Amor vencido cegou,
 E a rasam ficou escura,
 E ate a mesma ventura
 Fogio, quando vos olhou.
 Com inueja, & com temor
 Não parei em aonde estais:
 Com temor porque cegais,
 Com inueja dessa cor
 Claros olhos, que mostrais.*

*A ventura que não cança
 De nos mostrar quanto possa
 Mostra em quanto vos alcança
 Que so a vossa esperança
 Era bem que fosse a vossa.
 Se d'outra vos agrauastes
 Bellos olhos não choreis,
 Que as lagrimas que verteis
 Sam (se por elle as chorastes)
 Offensas que a Amor fazeis.*

Vos

Primavera de

Vos mostrais luz poderosa,
E a vista nossa fraqueza
Que he com razão venturosa
Se quando se perde goza
A gloria dessa belleza.
As que deste engano cheas
Vam prouar quanto podeis,
Sendo tais, não nas culpeis,
Mas tambem culpas albeas
Não he justo que as pagueis.

Quem veruos busca & pretende
Sem respeitar mais porque
He final que vos entende
Mais erra, & mais vos offende
Aquella que vos não vee.
E se podem conhecer
Os meus dos vossos sinais
Bem entendidos estais,
Porque vos não sabem ver
Por isso vos agrauais.

POR estremo gabarão todos a cantiga, & bem quizerão q̃ se não acabara tam depressa, por em o merecimento de Mirtea não daua lugar de dilatar se o que a seus lououres se deuia. E porque ja os seus olhos que erão da cor do Ceo, & desta os mais fermosos tinham razão de estar agrauados disse Vmbrano ao pastor que cantara, que pois a samponha, parecia tambem na sua mão, que nenhum da companhia se atreuia a tomalla, que lhe pedia pellos liurar a todos desta afronta, que louuasse os olhos de Florisa: ao que elle respondeo, ainda que eu tenho por grãde afronta a que faço a tais olhos, em os louuar, & muyto mayor a vossas partes, em ter esta confiança, he o interesse tanto mais poderoso que me não sei negar, & tornando a tocar o instrumento disse o seguinte.

*Olhos com que Amor venceo
Corações em justa guerra
Quem vos vee morre na terra
Por sobir ao vosso Ceo.*

*Quem auera tam perdido
Estrellas nunca entendidas,*

*Que queirá melhor partido,
Que ser dessa luz vencido*

E dar

E dar a prego mil vidas .
 Quando Amor me combateo
 Vos so podereis tirarmas .
 Nem sei quẽ se defendeo
 Sabendo que ereis as armas
 Olhos com que Amor venceo :
 Vos sois a força, & castello
 Donde Amor ao mundo offende
 Vos sos fazcis conbecello
 Vos sos podereis vencello
 A vos se homilda, & se rende
 Em vos seu poder s'enserra
 E de vossos raios faz
 As setas com que não erra
 Almas em tyranna paz
 Corações em justa guerra.
 A cor que do Ceo tomais
 Aonde escuro o Sol se põs

Tam fermosa lba mostrais
 Que se aclara, & moue mais
 Quando se ha de ver em ros ,
 Se sabis a fazer guerra
 Quando o raio poderoso
 Por mão de Amor se abre, & serra
 Vendo hum Ceo que he tam fermoso
 Quem ros vè morre na terra .

Mas que Morte desigual
 Ou que vida tam ditosa
 Ha que apreço d'outro mal
 Possa gozar gloria tal
 Qual em vossos olhos gosa
 S'este bem se concedeo
 A humano merecimento
 Qual ha que não pretendeo
 Ter na terra esse tormento
 Por sobir ao vosso Ceo?

Não deu o dia lugar a que a musica fosse adiãte cõ os lo-
 uoures de Lereno: leuantarãse os pastores a recolher o ga-
 do, & elle se apartou de Rifeó até o outro dia. E foi cõ Paua-
 nio até a sua cabana aonde ficou por hospede, tão contente
 da cõpanhia de tal amigo, q̃ o ficara de sua vêtura, se Amor
 lhe não tiuera em outra parte a liberdade, que sem esta
 não pode algum bem da vida dar contentamento.

FLORESTA QUINTA.

PAssaua Lereno os dias em a conuerlação dos pastores,
 bem recebido entre elles, & estimado das ferranas da
 montanha, mimoso de Pauanio, pore in nunca esqueci-
 do de seus cuidados, daua a estes muytas horas de lembrã-

Primavera de

ça, gastava as outras enganando o sentimento, por não parecer pesado a seus amigos, que hora lhe mostrauão as grãdezas notaveis daquella ribeira, hora as pastoras afamadas em fermosura q̄ nella auia, hora hião espreitar as Nymphas q̄ naquellas prayas habitauão, gastando o tẽpo em musicas, & laborosos exercicios namorados. Hũa noite em q̄ elle vellava seus pensamentos descuidado d'outra cousa q̄ lhe podesse trazer alegria, tam cheo de lagrimas & sospiros q̄ do peito a boca mil vezes se encõtrauão em quanto Pauanio dormia cantava ao som de sua Lyra este soneto.

Que estado es este meu tam diferente?
Aonde a força dos males mais insiste
Que porque fui contente de ser triste
Nem de ser triste pude ser contente.
As lagrimas que choro docemente
Porque este triste bem nellas consiste
A força do silencio lhe resiste
Porque o gosto do mal não s'acrescente.
Viuo de hum impossivel soffrimento,
E guarda o pensamento contra a morte
O coração, & os olhos nesta magoa.
Sustenta a cada hum seu elemento,
Ao pensamento o ar, a terra a sorte
O fogo ao coração, aos olhos agoa.

Como o lugar era sò, a noite escura, & passada grande parte della, a voz quebrada dos sospiros, imaginava o pastor que fazia, seguro de ser ouuido este queixume, porẽ outrem que a guardava aquelle mesmo tempo, pera os fazer a ventura, o escuitava, que era hũa pastora, a qual pareceo tão bem a tristeza do Soneto, & o sentimento do pastor, que por conhecer quem seria se sahio da cahana, & den

tre hũs loureiros que estauão ao pè de Pauanio , lhe falou desta maneira. Obriga a tanto o roubo de hũa coufa q̃ muy to se estima, que me não pareceo defatino este que faço, por te pedir essa tristeza que me roubaste , porque Soneto tam descontente, sò he pera meu cuidado, & eu pera sentillo: se me não promettes : que nem a lembrança delle te fique na memoria. accusartehei de hum furto tão conhecido. Esse q̃ tu querias fazer, discreta pastora (respondeo elle) consentira eu por vontade se não fora dar hum mal grande a quem nenhum merece, & tirallo a hum descontente, que naceo pera padecer todos por seu gosto : se de outra coufa o achares em minha vida, nenhũa te saberei negar. Chamas mal a tristeza (tornou ella) & he coufa conhecida que te não está bem: a vontade com que me negas este te agradeço, mas o teu bom intento não tira ser obra muy diferente: outra affaz leue quero de ti: que me digas quem: & donde es? Eu (disse elle) sou hum pastor do rio Lis, a que chamão Lerenno, que tu estás bem alhea de conhecer: ha muyto que viuo desterrado do meu natural, & dos campos do Mõdego vim esta Primavera aos do Tejo, por ver as graças, & gentileza dos seus pastores, que sam por todas as partes celebrados, & com razão, pello que ja tenho alcançado dos que vi. Só em hum (disse a pastora) podias ver nesta ribeira quanto a fama podia acreditar, & dar a natureza. & quantos o Tejo tem sem este nem merecem nome. E porque a pastora dizendo isto deu hum suspiro, que Lerenno entendeu lhe disse, nem a natureza pinta as coufas com mais perfeição que o amor, & assi sera melhor ouvirte que vello, pello que te peço me digas seu nome, & o que mais delle se pode saber, fora de teu segredo. Esse (tornou ella) sò em meus cuidados o tenho, que em suas perfeições he impossuiel, o seu nome he Auliso. As partes ainda com a vista se não sabem

Primavera de

contar, porque estão nelle juntas todas as que o Ceo pellos outros repartio: o parecer do rosto tão fermoso, que se acaba nelle a vista: a graça repartida nos olhos, & na boca tão igualmente, que elles fallão, & ella ve, o corpo tão airoso, & proporcionado, cada membro com a figura, que parece q̃ o formou a natureza para exemplo do que sabia: sobre tudo no juyzo, brandura, & condição a todos excede. Eu a todas as pastoras do Tejo em quererlhe. Mas quanto tenho de Amor me faltou de ventura, que nem elle me desfavorece, nem me engeita, se outrem me não possuir a quem viuo sujeita por força como ao meu Auliso obrigada por Amor: & pois este tudo faz parecer mais bello a quem ama, rogote que o veias, & saberas quanto cortei do que merece, & se a caso chegares diante os seus olhos aonde esta pendurada a minha vida, contahe que a passo tam triste, que ainda te vinha pedir para ella o sentimento de teus males, auendo que todos os que não soffro por sua causa fico de uendo ao que merece. E no mais pello que me vai guarda segredo, que agora te quero pagar a tua cantiga, & tocando hũa frauta que trazia, cantou a espaços o seguinte.

Vida que he contra a vontade

Bem fora melhor perdida

Ay quem trocara esta vida

So por hũa liberdade.

Ay enganado querer

Engano bem empregado,

Quem dera o que tem tomado

Pello que não pode ser.

Quanto melhor fora a morte

Que este tormento maior

A vida nas mãos de Amor

E o gosto nas mãos de sorte.

Viuido sempre em receos

Quando triste os olhos viro

Soltando d'alma o sospiro

Por entre braços albeos

Outrem goza o doce fruto

Eu so padego o cuidado

Porem gosto tam forçado

Nunca pode durar muyto.

Acabte

Acabe esta vida em fim
 Deme a morte algum descanso
 Que bem sei que não na alcanço
 Porque ja fuge de mim.

Coração mostra teu mal
 Custeme a vida de fello
 E se este mal pode fello
 Morra que muito me val.

Descubrase minha pena
 Que maior tormento custa
 Encobrir pena tam justa
 Que a em que o mundo condena.

Morte he menos perjuizo
 E melhor satisfação
 Se for dizendo o pregão
 Morre Elisa, por Auliso.

A Este canto da pastora cuya voz podia enfrear a furia das ondas, & mouer os montes com sua brandura acordou Pauanio, & achando menos ao companheiro se veo para onde elle estaua, tam esquecido de fim com a suauidade da musica, que lhe faltarão palauras para louuar a pastora aqual conhecendo, o outro que chegará se traspos por entre as aruores, do que ambos ficaram bem magoados, & Pauanio pesaroso de ser a causa, a quem Lereno não descobrio mais que o modo com que aly viera aquella pastora. E porque ja o dia vinha rompendo por entre as pardas nuuês, & as estrellas se despedião das agoas do Tejo disse Lereno ao amigo que determinaua hir a praya adiante te a cabana de Ruseo para com elle ver alguns pastores que do Mondego conhecia, & que a tarde tornaria ao buscar ao pasto conhecido: o que elle consentio com pouca vontade obrigando a que tornasse cedo, & partise despois de tirarem a gado, o que ambos fizeram com a vinda do Sol. Perem Lereno que leuaua o desejo em saber do pastor Auliso, pello que com Elisa lhe acontecera foi andando ao longo do rio, & a sombra de hum penedo que na praya estaua aonde nacia hũa fonte d'entre a area, vio hũa cõpanhia de pastores dos quais conheceo Umbrano, & indose a elles o receberão com muyta alegria, que ja tñhão conhecimento

Primavera de

delle, & fazendo assentar forão com o seu passatempo adia:
te, & rangendo o velho Alcido hũa frauta, outro hum sal-
teiro, & descantando Ergasto com o arrabil cantauão a tres
vozes estas endechas

E Sperança minha
Nacida a vontade
Como erua d'inoza
Que entre os trigos nace.
Crecestes de pressa
De pressa secastes
Mas em pouco tempo
Destes nouidades.
Cegueiuous sem tempo,
E ateiuous muy tarde,
E ao tirar do grão
Grão de mal deixastes
I vos, & deixai-me .
Lagrimas colhi
Que a terra onde caem
Tambem fica ardendo
Como os olhos ardem .
Colhi pensamentos
Colhidos de balde
Que como sam ventõ
Fazem tempestades:
Colhi presunçois
Que inda que lenantem
Hũa alma da terra
Sobre a terra caem
I vos & deixai-me .

Não vos quero não
Que as vossas verdades
Quasi sempre mentem
E nunca se sabem
Este meu Amor
Se creceo com males
Para outros enganos
He ja muyto grande
Bastem lbe mil annos
E se não bastassem
Não ha sofrimento
Que para elle baste
I vos, & deixai-me.
Se entre os meus desejos
E em mi vos criastes
E a custa da minha
Vos dei liberdade
He quasi impossiuvel
Que de vos me aparte
Sem que a minha vida
Primeiro se acabe.
Qual bibora ingrata
Fostes em meu sangue
Que a quem lbe da vida
He força que matte
I vos, & deixai-me.

EM quanto elles cantarão que o fazião com muyto con-
 ferto, chegandose Vmbrano ao estrangeiro a quem ti-
 nha muy inclinada a vontade, que elle com igual affeição
 de longe merecia lhe disse ao ouuido . Parecẽme tambem
 tuas cosas que tenho em grande opinião quem sabe buscal-
 las. & ainda que lhe tenha inueja não quero em cobrirete de
 sejos alheos sabe que estando ha poucos dias em hũa com-
 panhia de pastoras as mais fermosas desta ribeira , aquem
 derão Amor, ventura, & natureza todos seus poderes , tra-
 tandose de questois , motes , & galantarias na moradas,
 empresa dina de teu entendimento , ouue quem não quíz
 roubarte este lugar, & fospirou com o teu nome, que todas
 sabiam, da qual lembrança naceo em ellas hum desejo de
 te terem presente , & porque este não podia ter effeito na-
 quella horã, escreuerão essa carta que te eu desse, & prome-
 ti a ver logo a resposta , que te peço que não dilates muyto.
 Não deuo eu estimar menos (respondeo Lereo , tomando
 a carta, muyto encuberta) este bem pella valia de quem me
 dà o lugar que eu não mereço , como por ser fruto da tua
 affeição, que nelles fez nacer estes enganos, aos quais eu o-
 bedecerei como deuo a minha custa . E porque a este tem-
 po se acabaua o canto dos pastores , & muytas pastoras, &
 pegureiros do valle se ajuntarão , cessaram com a pratica
 por ver Auliso que aly veo ter, & em sua vista achou Lereo
 no tudo o que a namorada Elisa lhe dissera , sentados em
 roda, pedirão a Lereo , que cantasse ao concerto dos in-
 strumentos que os tres pastores tocauão. O que elle fez cõ
 igual recco, & desejo por contentar com a voz, & cõ a can-
 tiga a quem com o parecer de sua gentileza a todos cõten-
 taua, & com os olhos nelle começou esta groza.

Primavera de

SE fois horas da mesma natureza
Do tempo vão que passa, & não se sente
Como sò no meu mal tendes firmeza
E tomais natureza diferente
Como assim não fogis desta tristeza
E desta vida em tudo descontente
Se mais leues fogis, que o leue vento
Horas breues de meu contentamento .

Quanto para saberuos me faltava
Naquelle breue espaço que vos vi
Como do tempo então me descuidava
Cuidei que todo fosse sempre assi ;
Quanto fogiao bẽm , & o mal durava
Pareceome depois que vos perdi :
Porq̃ amor a meu mal tudo encaminha ,
Nunca me pareceo quando vos tinha .

Ay duros, ríguerosos defenganos
A que tempo cortais minha esperança
Saber que em tanta pena, em tãtos danos
O mal sò dura, o bẽm nunca descansa :
Horas , que pera o mal durais mil annos
E em meu gosto fazeis logo mudança
Quão mal immaginarà esta alma minha.
Que vos riße mudadas tam asinha .
Tudo em vòs se trocou, tudo he mudado
A vida, o gosto, & o desejo della,
O rosto, o parecer, o traje , o gado,
Etambem se mudou a minha estrella:
Mudarse tudo enfim me era forçado
Que juyzo não val força, ou cautella
Pera sustentar sempre hum sofrimento
Em tam compridos annos de tormento .

Ainda o pastor queria seguir a cantiga: quando ao longo da praya hum pouco atras ouviram hũa grande grita, & reboliço em hum ajuntamento de pastores: & inquietos por saber o que seria, se aleuuntaram todos pera aquella parte, & Lereno ficando atras com Auliso, os foi seguindo, & chegando a vista, souberão. que era hũa luta de dous vaqueiros, que sobre o preço de hũa frauta se defauiarão, & os dous pastores pouco cubiçosos da contenda, se foram o caminho do valle. deixando a praya, & aly disse Auliso para o estrangeiro, a quem ja conhecia, & estimaua muyto: Por certo que bem melhoraram estes pastores a sorte em deixarem de te ouuir, por ver a luta dos vaqueiros, porem a desculpa que lhe val he, que a tua musica enleuaua como de Serea, & os gritos daquelles rusticos acordaram como de sono. Elles (respondeo Lereno) perderam pouco em me não ouuir, & eu alcancei o que desejava em te acompanhar: & sabo Auliso, que he tam conhecida a ventagem que tens a todos os pastores desta ribeira, & tam grande o senhorio sobre as Ninfas, & pastoras della, que ja em toda a parte pela fama se conhecem as de tua gentileza: mas vence ella a fama com a vista de tal maneira, que sentira muyto a perda de te não ver, se esta antes de verte se conhecera; & pois em pago de hũa cousa que tanto desejava, não posso dar o que deuia: pagarte ey com o alheo, ou pera melhor dizer cõ o que he teu, & nacido das perfeições com que catiuás a todo o mundo. Esta madrugada, que eu poupaua das occupações do dia perá dar a pensamentos tristes: immaginando que aquella hora me não negaua a ventura, atalhou a meus sospiros hũa pastora a quem ella ha tinha dada, em a qual tudo o que parecia era como o cuidado, que aly a trazia: esta conhecendo de mim pelo que me ouuira, que era capaz de confianças de amor, me descobrio o que te tinha, & tras isto

isto lhe relatou Lereno tudo o que a pastora lhe dissera : ao que elle sospirando respondeo . Se essa diuida he pera me peuhorar de nouo ao que me reces , eu confesso , que ha muyto tempo que te sou deuedor, & desejo seruirte : & entende Lereno , que nenhũa cousa ha mais certa de todas as que vemos. do que he não auer ventura de que alguem viua contente, as razões saberã outrẽ melhor, mas eu de mim te digo, que tiue muyto da forte , & natureza, & mereci a affeição de muytas pastoras, que a negaram aos principais pastores do Tejo, porem com hum sò encontro destruyo amor a minha liberdade, & senhorio que nunca empreguei affeição em que outrem ja não gozasse o fructo , & hũa que o Ceo me deu sem este queixume as estrellas cõ inueja ma roubaram pera gloria sua. E se alcançar fim a pensamentos he alcançar hum homem de amor o que deseja , q̃ importa que muytos me procurem, se a que eu amo tem catiuo querer a hum forçoso senhorio. Não he tam firme o tempo (respondeo elle) que não de muytas a quem tem obrigada a vontade de quem ama: & porque eu desejo ver, como ja tenho ouuido, a quem te serue te peço que me des sinais pera conhecella. Hum te mostrarei (tornou elle) que trago neste peiço, pois ella te descobrio os que tinha na alma, & tirando hum retrato do seyo, cuja porta ferraua hum sutil cadeado de prata, o abriu ajuntando hũas letras, que diziam Elisa, como que este nome era a chaue do segredo , que aly guardaua, & era a figura tam fermosa, que se lhe representou a Lereno na pintura ouuir a voz, que naquella madrugada ouuira da sua cabana, & depois de louuar com grande encarcimento sua fermosura, lhe pediu licença pera cantar seus lo uouores, aos quais atalharão alguns dos pastores, que estauão na luta, & porque era tarde, Lereno se apartou d'elle cõ promessa de o buscar muytas vezes naquelle lugar , & daly se foy

foy aonde Pauanio apparentaua, ao qual em quanto aos pe-
gureiros recolhiam o gado, contou o que lhe succedera cõ
Vmbrano, & mostrou a carta das pastoras, q̃ guardauam da
outra parte do Tejo, & aberta continha estas palauras.

*Do desejo que temos de te ouir, sò com obedecer ao nosso rogo te deso-
brigas. se não for tam grande trabalho fazello, como o gosto, que nos darà
com tua presença, não tardes. E porque nem da tua cortesia se espera menos,
nem nós desejamos mais, que colher fructo de teu celebrado entendimento,
delle pedimos a resposta com a destas regras.*

¶ *Contente com padecer.*

¶ *Mais merece quem se fia. F.*

¶ *Viuas memorias, mortas esperanças. A.*

Com isto chegaram a cabana, comunicando o gosto de-
sta auentura, que assi como os males sam maiores sem cõ-
panhia, sam os bens de mayor valia communicados.

FLORESTA SEXTA.



ASTARAM os dous amigos a ma-
yor parte da noite com a carta: hora gaban-
do o termo, & concerto della, hora inqui-
rindo attenção das letras, que vinham ao
pé dos versos, das quais não poderão conhe-
cer o nome das que as escreuião, que este
era o segredo, que tinham, porem em fé do que Vmbrano
lhe disse, respondeo Lereno desta maneira.

Obedecer a pastoras tam fermosas, ainda que seja em pe-
rigos conhecidos não pode dar trabalho a quẽ naceo pera
seruillas

Primavera de

feruillas: o mayor que eu acharei na reposta de stas regras, he, que pera ellas serem boas, basta que vós preguntais, & pera meus versos parecerem mal, o receo com que chegarão diante de olhos tam fermosos, aonde a nenhum entendimento fica liberdâde. A tudo isto nego desculpa, & a vós offereço a vida, & a vontade.

Contente de viuer triste. Lereno.

Reposta a primeira.

Contente com padecer.

*Na vida nem na esperança
Se muda minha ventura,
E acha em mim tal confiança,
Que quando não faz mudança
Sabe que então m'asegura.
Não fia de seu poder
Que ainda espere algum prazer
Nestes males que me vem,
Mas conhece que me tem
Contente com padecer.*

*Sabe que o gosto do mal
Todos os gostos despreza
Quando hum coração leal
Sabe entender quanto val
O sentimento, a tristeza.
Estes bens que outrem não quer
Anda por mos defender
Amor sò de pura inueja
Sò a fim que eu me não veja
Contente com padecer.*

Mais merece quem se fia .

Outro sentido.

*O temer por natureza
De mulheres em mudanças
He de cautella, & fraqueza
Por em sorte as esperanças,
E em discredito a firmeza .
Quem poem tudo em condição
De ou seria, ou não seria
Tira à sê, prego, & valia
Pois em credito, & razão
Mais merece quem se fia .*

*Fiei do tempo, & passo,
Fiei da sorte, & saltoume,
Fiei de Amor, enganoume.
Fiei de quem me enganou
Com desenganos matoume .
Roubarão me em tal porfia
Os sentidos principais,
E ao espirito que os regia,
Porem de tres ladiões tais
Mais merece quem se fia.*

Viuas memorias, mortas esperanças.

O tempo, que ja tiue de alegria

Quando brotaua em flores meu cuidado

Hũa viuva esperança me encobria

A memoria ja morta no passado.

Agora neste mal, que eu não temia

Se tem contra mim mortos leuantado

Depois que Amor treccou nestas mudanças

Viuas memorias, mortas esperanças.

EM quãto os pastores gastauão o tẽpo nesta occupação, hia passando a noite dissimulada, & elles sem repoulo veo a manhã, tirarão o gado, apartou se Lereno do companheiro, & foi a buscar Vmbrano a sua cabana, mas antes de chegar a ella o encontrou no valle: deulhe a carta: pedi lhe por interesse da obediencia, & cuidado q̃ tiuera da reposta, q̃ cõfiaste delle os nomes das pastoras, porem o pastor os calou por então, dizendo, q̃ o fazia por mandado de seus donos, mas q̃ muyto cedo os saberia em sua presença, que era bem diferente informação a dos seus olhos, q̃ as palauras cõ que lhe podia dizer, q̃ no erão. E porque Vmbrano em as feruir não queria mostrar descuido, nem desmerecer pella tardança, apartandose de Lereno, se foy esperallas junto do lugar aonde appacentauão: deulhes a reposta, que ellas festejarão muyto por quanto a desejavão. Lereno depois que de Vmbrano se apartou, cubiçoso de caminhar sem companhia, & entregar seus cuidados ao pensamento, q̃ ja lhe estranhaua horas de descanso, desuiandose dos pastores. & da aldeia por hum caminho pouco vsado ao longo da praya foy parar aonde hũa ribeira entrava no rio ao pé de dous alamos brancos, que da areia se aleuantauam tam altos, que

enco-

Primavera de

encobrião as pontas no seo das nuués, & a hum delles esta-
ua atada hũa barca, que ao quebrar das ondas se embalan-
çaua, fazendo hum triste ruydo & saudose: aqui se assentou
o pastor encostado ao tronco, & começou a praticar consi-
go, cantando desta maneira.

Mentirofas esperanças
Ministros de amor tyrão,
Fiadores de hum engano
Que deu tãtas confianças:
Percãose voſas lembranças,
Que he bem, que ja vos despida
Porque he falta conbecida
Em quem conhece o seu erro
Morrer ausente em deſterro
Tendo em voſas mãos a vida.

Gostos albeos, que em fim
Nunca em vòs tme direito
Se não cabeis em meu peito
Pera que chegais a mim,
E se imaginais que aſſim
Vencereis meu ſufrimento,
Tomais fraco fundamento,
Que he paſſado o mór perigo
Porque a viſta do inimigo
Se apercebe o ſentimento.

Lembrança do bem perdido
A vòs ſo quero, a vòs amo,
Por vòs ſuspiro, a vòs chamo
Sempre ſou de vòs ouuido:
Vamos ao valle eſcondido
Onde Amor tem encantado
O fim daquelle cuidado,
Que eſta triste alma deſeja,
Que Amor sò de pura inueja
Pera mim deixou ſechado.

E vòs deſejo, que ausente
Quereis viuer cõtra a ſorte
Dando poderes a morte
Que cõtra mim ſe ſuſtente
Pois tal vida não cõſente,
Eſſe voſo vão deſpejo
Vede o mal em q̃ me vejo
Quiçats q̃ fareis mudãça
Porque morta a eſperança
Pera que he viuo o deſejo?

Ainda Lereno començaua o primeiro pé da câtiga quan-
do hum peſcador, q̃ em o leito da barca eſtaua dormin-
do, acordou, & leuando a cabeça, foy viſto do pastor, que
tinha os olhos no rio: porem não ceſſou com a cantiga, nem
elle de o eſcurar cõm muyta attenção, acabada ella diſſe o
da

da barca: Deos te salue, que bem me pagaste hum sono de que me tirou o teu cantar: & bofé, que era elle tal, que estou pera lançar as redes neste baixo de area, que até os peixes se ajuntaram nella pera te ouir: & porque se me assemelhou no que cãstaste, que viuias triste: dizeme rogote de que mal te queixas? q̄ a quem tantos bens deu a natureza ouue ra de viuer alegre. Em al està o contentamento (disse o pastor) que amor basta pera destruir o senhorio da natureza & da fortuna: Deos te sustente contra elle isenta a liberdade, que nem as agoas valem contra o seu fogo. Certo, que te creio (respondeo elle) ainda que em mim o não experimentasse, mas pera mal va quem tantos faz, que ja elle em coufas minhas fez forte estrago. Hũa irman tiue tam fermosa, que podera fazer inueja as Nymphas deste rio, guardaua ga do no monte, & tinha na villa tal nomeada, & nas aldeas, que não auia pegureiro, q̄ não se vestisse loução por amor della: as frautas, sanfoninas, & arrabis do nosso lugar, todas eram na nossa porta em anoitecendo aly se faziam os baylos de serão, & as folias de madrugada em sayndo pera o seruiço, a nossa porta sempre era enramada de boninas do mato, de fruytas dos pumares, ramos dos foutos, & de mariscos, & conchas desta praya: tudo por festejarem a Florela, que era o seu nome, & ella tam senhora de si, que tudo tinha em desprezo, até que Amor se vingou della: veyo a tomar amores com hum estrangeiro, que aquí viera de bem longe, tratoulhe elle de enganos, & com elles a leuou desta ribeira aonde ja mas tiuemos nouas della. Hum irmão, que eu tinha, que chamauão Filenío: que tambem escolheo a vida de pastor, & tinha cabras, & ouelhas em abundancia, & tanta graça, & ventagens entre os guardadores, q̄ todos o buscavam, & queriam, tanto que isto aconteceo foy pelas inculcas, & correio muyta da terra estranha sem os achar,

Primavera de

ehar, & por não viuer nesta descontente, ficou nas ribeiras do Lisa onde appacentaua, & aly lhe aconteceu outra tal com os amores de hũa Lisea, que tinha os seus em outro pastor ausente, & a tal estado chegaram suas esquiuanças, que andaua como tráfido, & a ella a ausencia do outro a quem queria, que desapareceo de ante os olhos de Filenio hũa manhã, que a sombra de hūs vlmeiros a esperaua, & immaginãdo ser conuertida em hum penedo, que lhe ficou diãte, perdeu com isto o sentido, & os parentes da pastora as esperanças de cobralla. Enfim que Filenio viue agora nesta ribeira como alienado, esperando saber o q̃ he feito da sua pastora, ou pera melhor dizer do seu iuyzo: & daqui veràs a razão que tenho de querer mal a Amor, pois me tirou os bẽs que tinha pera a vida. Como Lereno ouiuo fallar em Lisea, & Filenio, que era o pastor, que lhe leuara a carta aos campos do Mondego a quem elle a trocara, deu hum suspiro desaccordado, & logo lhe veyo a lembrança, que Lisea podia estar no valle desconhecido, & por encobrir sua paixam, consola a do pescador, que bem triste acabara a historia, & despedindose d'elle com amorosas palauras, se veyo afastando da praya até se assentar entre hũas paredes cubertas de mato, aonde nacia hũa fonte, que com escuro som em nascendo se escondia debaixo da terra, & aly quasi esmorecido adormeceo por grãde espaço de hum sono muy profundo, em o qual se lhe representou, que vira a sua pastora junto a elle, como desatinado acordou, & vendo o engano com que a fantasia o castigaua, tirando a sanfonha, cantou esta groza.

*Olhos, que abertos não vedes
O bem que serrados vistes
Dizei por que vos abristes?*

Aquelle

Aquelles gostos escagos
 Enleos da fantasia,
 Que no tempo que dormia
 Me fogiram d'entre os braços
 Porque não nos merecia
 A graça, & a fermosura
 Que entre estas toscas paredes
 De noite se me affigura
 Sam thesouros da ventura
 Olhos que abertos não vedes .
 Sam as glorias, que Amor tem
 A seus bemaumentados,
 E sam theseuros guardados,
 Que nenhūs olhos os vem
 Se não depois de ferrados :

De que seruia acordar
 Pera ver magoas tam tristes
 Ia que depois de senbar
 Abertos se ha de ferrar
 O bem que ferrados vistes .
 Quem e al sonho não perdera
 Ou nelle a vida acabara
 Ah quem sonhando viuera ,
 E se na morte acordara
 Do que sonhou se esquecera,
 Dizei olhos enganados
 Se este tempo que dormistes
 Tantos bēs vos forão dados ,
 E se os gozaueis fechados
 Dizei porque vos abristes ?

Quando Vmbrano deixou em mãos das pastoras a re-
 posta de Lereno, & tornou ao costumado pasto de seu
 rebanho, vierão ellas cantando ao longo do rio, com os ca-
 iados de sanguinho, & grinaldas de flores sobre os cabel-
 los, & vestidos vaqueiros de diferentes côres, & assim che-
 garão a aquelle lugar aonde o estrangeiro adormecera, a
 tempo que o virão despertar do sonho, & ouvirão a sua can-
 tiga, a qual acabando elle se aleuantou com hum sospiro di-
 zendo, ah nunca ouuera no mundo defenganos, ao que hũa
 das pastoras respondeo que vestia de branco, faltara a me-
 lhor cousa que ha nelle, porque não sei eu mayor mal que
 viuer enganado, quando o pastor viu quem lhe fallava, &
 as companheiras ficou enleado, assim de seus trajos & fer-
 mosura, como de immagnar que diria entre sonhos algũa
 cousa que o descobrisse, & porque nem elle nem ellas se co-
 nheciã despois de as saudar lhe tornou, pode ser, fermosa
 T
 pastora.

Primavera de

pastora, que o pouco que sabeis de males, fara q̃ volló não pareçam experimentados em outrem: porem eu, que a minha custa, o ley digo, que mal aja o defengano, que sem elle nenhũs males fizera amor. Porque (perguntou hũa, que vestia de verde.) Porque amor (respondeo elle) afeição, & obriga o engano, sustenta, contenta, & satisfaz: o defengano destrue amor, aparta vontades, & muytas vezes mata. Que mal pode sentir quem viue enganado se tem na opinião tudo o que deseja? ditoso o estado de quem viue de enganos, & ditosa a vida, que com elles se sustenta, pois não sente semrazões, crueldades, ingratidões, ciumes, & esquiuanças? E julgay se hũa pastora pode viuer descontente, a qué amor engana até com seu proprio parecer? O meu he diferente (disse a primeira) porque nenhũa cousa ha mais segura, que a verdade, & nenhum bem mais perigoso, que o que contra ella se sustenta. porque como enfim sempre he conhecida, todos os enganos poem por terra, & a queda de quem nelles viuia se sente mais, do que viuer defenganado, como té agora aconteceu com o sonho, que todos os enganos o sam. Nisso vereis (respondeo Lereno) que não tem elles mal nenhum, se não o que lhe faz o defengano, que he acaballos, porem em quanto durão, & esse tyranno os não persegue, dão contentamento: & por isso me queixo do que agora me tirou, que se não acordara em suas mãos, dormindo achara na ventura o que não alcancei quando me desuellaua: & porque neste tempo ouviram hũa voz, q̃ por detras da fonte vinha cantando, suspenderam a pratica por verem cuja era, & ouvirem a cantiga, que dizia.

*Se de meu mal vos doeis,
Meu bem porque mo negais?
Meu olhos não mos quebreis.*

Pus de forte a liberdade
 Pastora em vosso querer,
 Quenada o vontade quer
 Se não for vossa vontade
 O bem que vos não quereis
 Me he dano muy desigual,
 E no mal que me fazeis
 Não ha mor bem que meu mal
 Se de meu mal vos doeis.

Minha alma tendela ja
 Na prisam de vosso rosto
 Meu bem este he vosso gosto
 Minha vida em vos está
 Meu coração não queirais.

Que viua do que padeço
 Daime a gloria q̄ roubais,
 E se este bem vos mereço
 Meu bem porq̄ mo negais?

Confessai-me o que vos quero,
 E na mesma obrigação
 Mostrarà claro a razam,
 Que me deueis o q̄ espero:
 E ainda que injustamente
 So com gosto me offendeis
 Todo o mal tẽ se consente
 Deixame os olhos somente
 Meus olhos não mos quebreis.

MAis feruio a cantiga de occupar os ouvidos, que de
 os deleitar com a brandura do que cantaua, que logo
 atras ella appareceo, & era hum ouelheiro, cuja voz pare-
 cia defengraçado no parecer, & no vestido, com o curreão
 da pelle de hũa cabra manchada cingido com hũa correa
 de poreo montes, & por cajado hum bastão de era trocido
 em duas voltas, & a espaços vinha tocando hũa gaita de
 tres canas, & chegando aonde as pastoras estauão, as sau-
 dou muyto conchado, & Lereno disse para ellas: Por cer-
 to, que canta o ouelheiro como podia esperar delle quem o
 vira. Se tu (respondeo elle) te atreueres em porfia a com-
 petir comigo, o que sei que não farás, não quero mais
 seguros juyzes que estas pastoras, nem mayor preço, que
 vencerte diante dellas, fazendote confessar, que a minha
 Capralia he mais fermosa que todas tres: & eu dino de
 feruir a mais fermosa, que naceo no Tejo. Essa derradeira
 te confessarei eu sem cantar (respondeo elle.) A primeira

Primavera de

responderam estas pastoras, porque me parêce que lhe façõ
agrauo conhecido em acreditar contigo sua fermosura. Sõ
pelo não tornarmos a ouuir (disse a do verde) cõfessaremos
tudo o que quizer, & se for necessario dizer, que he ayroso,
& gentil homem a mim mo parece. Não tenho eu isto por
noidade (replicou elle) que ja a outra mais louçam o pa-
reci, & se aqui vira coufa, que me enchesse os olhos, ouuera
de defaçar a hum baylo vilão a este pegureiro. Não faltão
figas (tornou ella) mas quem te queira ver dar voltas (que
não seram pera ver se não com os olhos tapados) em outro
lugar, que tu mereces. Pois sois tão paruoas (disse elle) ficai
nelte como vos mereceis, que eu vou buscar quem tem ou-
tro parecer, & com isto tomou o caminho pera o rio, tan-
gendo a sua gaita, & as pastoras não podiam sustentar o ri-
so de o ver tam confiado, & contente de si. Não he muyto
(disse Lereno) pois aquelle viue enganado, que seja alegre.
Antes (tornou a do branco) quifera todos os malés do de-
fengano, que o estado daquelle pois so lhe serue para a sua
opinião (todos replicou Lereno) viuem da sua, & para sim,
& porque eu não sigo esta regra vos não quero cançar em
porfias, porque de mim a verdade he que viuo defengana-
do, & contente de viuer triste. Esse nome (disse a do branco)
ha pouco tempo q̄ eu tinha por alheo, saluo se tu es o pastor
Lereno de cuya mão o eu vi afsinado. E stimo (tornou elle)
que me conhecestes pella tristeza, & pois vos não nego que
sou Lereno consenti que saiba tambem o vosso nome. As
pastoras, q̄ o conhecerão lhe fizerão muyta festa, & lhe mo-
strarão a carta q̄ Vmbrano lhes dera, & cõ muytas palauras
em q̄ lhe mostrauão a afeição que tinham a seu nome, & ou-
tras de muyta cortesia deixarão a fonte, & forão atè as ca-
banas das pastoras & ao pè de hũa faia que estaua junto a
ellas, lhe pedirão que cantasse algũa coufa do defengano, a

conta

a c
uu
fal



tor
tes
dia

conta dos males que lhe aleuantara, & elle por lhes obedecer, tirando o samponha cantou este sonetto.

Desenganado està meu pensamento
 Do que esperar podia da ventura,
 A vida ja no mal viue segura
 Nem desconhece a pena o sofrimento.
 Dos bens que desiciei sem fundamento
 O coração remedio não procura
 Porque quem para os males tanto attura
 Conuerte em natureza o mór tormento.
 Ab bem auenturado desengano
 Ah se de bũa esperança me liurara
 Em que agora meu mal todo consiste.
 Se na força maior de tanto dano
 Esta vida tambem desenganara
 Que a morte foge della porque he triste.



Posto que Lerenó antes de se apartar quísera obrigallas a que cantassem do engano, era ja tarde, & deixaram seus louores para outro dia, que para os gostos sempre o tempo falta, & para os males até a vida crece.

FLORESTA SETIMA.



A M perdia Lerenó a lembrança do que lhe contara o pescador, & cada hora imaginava o que podia ser de Lísea, se tornaria a o valle desconhecido para onde ja sabia o caminho, porem tornava a cuidar, que ficara serrado, & ella auísada, que por aly não tornase pondolhe em condição perder a vida em quãto estes cuidados o cõbatião, negandolhe de noite repouso, & de dia socego se chegaua o em q o sabio Astreo auia de dar suas

Primavera de

repostas aos pastores, & estando Lereno com seu amigo Puanio a vista do rebanho, que pascia a sombra de hũs alamos desuiados da praya lhe perguntou elle quem era o sabio, & aonde viuia, que desejava por extremo saber a sua morada, assi para se aproueitar de seu saber, como para ver cousa tam estranha. Em as terras da lenda do Tejo (disse o pastor) entre aquellas confusas penedias, que asombrão o rio, que com perfiosos combates da furia das ondas vai desfazendo sua dureza no fundo de hum valle escondido no seo da terra, fresco de fontes, & ribeiros graciosos, pouoado de muytas arvores differentes nos ramos, & na altura, está a coua do sabio Astreo, em todas as ribeiras de Lusitania conhecido pello muyto que alcançou das estrellas, do movimento, & ordem dos ceos, da virtude das eruas, da natureza das pedras, da propriedade dos animais, dos segredos das aues. E por que por razão de seu continuo estudo, & pela importunação dos pastores vesinhos se comunica a elles muy poucas vezes, todos os annos em hum dia ja conhecido dos pastores, responde aos de que he consultado na quella estranha morada, & porque esta muy perto este desejado tempo veras nesta ribeira muytos pastores de differentes lugares, do Tejo, Douro, Minho, & do Mòdego que esperão d'elle reposta a suas perguntas. Por certo disse Lereno que me contas cousa estranha, & que para mim não podia ser outra de mayor espanto, nem que mais desejasse ouuir, porque ja me não tirara nenhũa cousa ver esta estraneza podem como he possível que hum homem humano tenha dos outros tanta differença? & saiba as vezes mais dos pastores que elles de sim? Porque (disse o outro) o saber leuanta hum homem não so sobre elles mas sobre as estrellas. Sempre ouui que era grande Tesouro (tornou elle) & tambem o velho Menalcas na nossa ribeira, não ha mal de olha-

olhado,ronha de ouelhas,& doença do armentio a que não de remedio:nem pastor tam desdonziado de seu mal a que não atine com a cura melhor que os mestres da villa & na minha doença , aousadas se atinou elle a verdade . Nesta pratica estauão os dous pastores,quando virão que do monte decia Auliso, Umbrano, Rileo,& outros pastores, & pastoras,& ao som de muytos & diferentes instrumentos cárauão estas endechas.

*Pello valle a baixo
Vão hūs olhos negros
Que a quantos encontram
Todos leuão presos .*

*Vamos ver pastores
Cousa tam estranha
Que vem da montanha
A matar de Amores
Vem tam matadores
Com o poder de Amor
Que não ha pastor
Que se atreua a vellos
Que a quantos encontram
Todos leuam presos.
Trazem mór algada
Mera jurdição
Nenhum coração
Lhe defende entrada
Que com mão armada*

*Tudo poem por terra
Nem ha nesta guerra
Mutos nem castellos
Que a quantos encontrão
Todos leuão presos.
O que está ferido
Tem mais a pelleja
Porque não deseja
Ter outro partido
E se algum perdido
Foge a falsa fee
He porque não vee
Tais olhos abertos
Que a quantos encontram
Todos leuão presos .*

A cada volta desta cantiga bailauão entre todos de terreiro, tangendo, Olinda hum pandeiro. Umbrano húa rabeça, & o vaqueiro Amintas húa frauta, & tamboril, &

Primavera de

com esta festa & alegria chegarão aonde os dous cõpã-
nheiros estauão esperando, ja leuantados, & depois que ca-
da hum deu sua volta no terreiro como melhor sabia, assen-
tados todos sobre a relua da fonte, disse Rifeo: Ia que aue-
mos de cantar, & nenhum quererã perder o lugar que lhe
cabe, pera que a cantiga de hum não tire preço as outras, o
meu voto era; que cada hum por sorte cantasse em louuor
da parte, que mais lhe contenta, da pastora a quem ama: &
pode ser, que façamos entre todos hũa tam bella, que leue
daqui algum afeiçoado, & praza a Deos, que me caya a sor-
te a mim. Não pareceo mal aos pastores a ordem de Rifeo,
& como todos a aprouaram, deitando sortes, cahio a pri-
meira a Pauanio, que cantou o seguinte.

*Pau. O desdem de hũs cabellos desatados
Sobre hum monte de neuẽ, & cor de rosas
Hora negros ao Sol, hora dourados
Hora de outras mil cores mais fermosas
Hora em douradas ondas leuantados
Hora enlaçadas doces, & enganosas
Estes cuja prisão contemplo, & vejo
Tiram a padecer meu vãõ desejo.*

*Vmb. Dous rubins engastados sabiamente
N'um trasparente, & puro cristalino
Por onde hum ar respira diferente
Mouendo o doce espirito peregrino,
Que d'entre ricas perlas do Oriente
Estã ferindo as almas de contino
Estes sam minha vida, & meu thesouro
Com safiras azuis, & tranças d'ouro.*

*Ris. Hum riso doce, alegre, & repartido
Em olhos, boca, faces, sobrançellas
Que em cobas de Merlim anda escondido
E entre brancos jasmims, rosas vermelhas
Daquelles bellos arcos defendido,
Que tu falso Cupido não parcelhas
Este he o bem a que coutino aspiro
A quem a vida dei: por quem suspiro.*

*Aul. Deus olhos negros, cuja luz fermosa
Abate a vista, & en'euua a fantasia,
Que na noite mais triste & tenebrosa
Me mostrauam mil vezes claro dia
Onde Amor viue, reyna, manda, & goza,
Onde mora, onde nace, onde se cria
Criaram meus cuidados, & tem posto
Nelles amor, o fim, a vida, o gosto.*

*Lere. Hũa composição de partes bellas
Hũa graça gentil, que não se entende
O lume de clarissimas estrellas,
Que n'um ceo de cristal qual Sol se accêde:
Hum mouimento estranho nace nellas
Que as almas por Amor catiua, & rende
Que me venceo o ser, & a liberdade
O iniso, o socego, & a vontade.*

DEspois que os pastores cantarão, não sem inueja dos outros, que os ouuião (posto que a todos sobejaua cõfiança) Corino que naquelle tempo chegara a companhia, o fez levantar com muvta pressa, & tomar cajados, & currois, defendolhes que os leuaua a ver cousa mais estranha, que nunca apparecera entre pastores, & guiando ao longo da praja derão em hũa penedia, que o mar cauara tanto pello centro

Primavera de

centrô da sua aspereza que caminhando por dentro della hum grande espaço ficauão os pastores perdendo de vista o lugar por onde entrarão, & perto de hûas ruineſas cauer- nas por cujos riſcos, ſe ouuia o eſtrondo de hum forido rio que por baxo parece que paſſaua, virão eſtar ſobre hum pe- nedo ſuſpenſo no ar de todas as partes, aſſentadã hûa Nim- fa com azas nos hombros ſobre que cahião, em ondas os dourados cabellos. E aos ſeus pés dous Faunos ceroa- dos de conchas, & mariscos da praya: & tocando dous torcidos buzios de madre perla, aonde a luz do Sol fazia varios lumes, & o ar ſaudolos accentos cantaua a Nimfa eſtes verſos.

Pastores deſte ameno, & verde prado,
Vos Ninfas que habitais neſtes penedos,
E vos incolas nus do mar ſagrado:
Syluanos, que guardais aos aruoredos
Faunos incultos ſatyros ligeiros
De que Amor tambem ſua os ſeus ſegredos:
Rudos Montanos, ſimples pegureiros
Que entre as manſas o velhas ſuſtentais
Os cuidados de Amor por companheiros.
Viñde atras mim, que eu ſom quem vos buscais
Nos enganos da vida, & da ventura
E entre tantos cuidados deſiguais.
Eu ſou aquella eſtranha fermofura
Que Amor fez poderoso ſobre a terra
E em quem ſeu fogo, & ſetas aſsegura.
Por mim ſuſtenta em paz, & vence em guerra
Por mim ſujeita os Reys nunca vencidos
E quanto o largo mar, & o mundo enſerra.
A mim ſam tributarios os ſentidos.

E
voz
da t
nhã
per
via
fura
ned
ante

*Por mim se ama, & venera gentileza
E a mim so seus lououres sam devidos.
Por mim conferua a sabia Natureza
Tudo o que affermosa, & em nobreza
Com valor, & com graça a redondeza.
Minha graça, & poder não desconhece
O ar nas aues, & no campo as flores
E quanto a terra aos olhos offerce .
Vinde Ninfas tras mim, vinde pastores
Que eu sou a prisam doce, & saborosa
Labarinho sem fim dos amadores.
Eu sou a gloria, que de amor se goza
Que se busca, se ama, & se deseja
Tão incerta, tão leue, & tão fermosa :
De mim naccio a bellicosa inueja ,
O ciume sagaz, & diligente
Tam guerreiro & contino na pelleja .
Vinde, que minha vfança não consente,
Que n'um lugar quieto tempo aguarde,
E quem não me alcançar ligeiramente
Saiba, que cerro muyto, & volto tarde.*

ESpantados daquella estranheza os pastores criados na montanha, vendo hũa fermosura tam excelente, & hũa voz, que mais merecia cair do Ceo, q̃ sobir das entranhas da terra, não se determinauam no que fariam, porque tinham os animos suspensos pera fallar, os membros frios pera mouctem o passo, & os olhos empregados no que viam, mas em pouco espaço desapareceo aquella fermosura, & elles ficaram como as escuras entre aquelles penedós mais confusos a sahida, que hum labarinto, donde antes q̃ sahisses, appareceo outra luz mais fermosa sobre hũa

Primavera de

hũa columna de marmore tosco leuantada sobre o mesmo penedo, que era a imagem do defengano, com hum letreiro, que tinha o seu nome, & ao pé delle escrito em hũa taboa de metal este soneto, & ao pé em letras breues o nome de quem o escreveu, q̄ pella cõfusam dellas se não entêdia.

GLoria de Amor tras quẽ sem fundamento
Tantas horas corri nesta ribeira
Tendo atê esta em vão, como a primeira
Cego o desejo, & firme o sofrimento.
Mais leue es que o ligeiro pensamento,
E muyto mais fermosa, que ligeira,
Mas he samente a pena verdadeira
De tua sandade, & sentimento.
Tua belleza enleua, vence, espanta
A voz he de Serea, & tam suave,
Que descuida almas cegas de seus danos.
O rosto he falso, mente, a voz encanta
Tu es encanto vão cheo de enganos,
Que fez Amor, & tem Fortuna a chaue :

Lerão os cõpanheiros com grande veneração, aquelle testemunho verdadeiro dos successos de Amor, aquem seruião enganados com a promessa de sua duuidosa gloria, & saíndo ao seu caminho conhecido, cada hũ quasi mudo de espanto, & de tristeza guiou para sua cabana : que nenhũa cousa enlea com mais espanto o entendimento, que achar vão o em que toda a vida empregou o cuidado, & as esperanças.

FLORESTA VLTIMA.



DESP OIS daquelle dia em q̃ o velho Co-
 rino mostrou aos pastores do Tejo a imagē
 do defengano, & a leue mudança dos passa-
 tempos de Amor: passarão muytos, em que
 cada hum immaginava, em o fruito que co-
 lhera de seus cuidados, fazendo diferentes
 propósitos de os deixar, ou seguir com as cautellas q̃ a fan-
 tasia lhe insinuava. Chegou aquella desejada noite em que as
 aruores, as eruas, & as boninas, os pastores, as aues, & ani-
 mais se apercebiam para celebrar o nacimiento, do q̃ antes
 delle conhecera seu Criador. Corrião as fontes com hum
 murmuro mais suaue: offerecendo o cristalino seo em que
 as fermosas Ninfas se banhassem. Brotauão as flores as in-
 uejas, florescia o casto manjerição junto da namorada Be-
 liana: derramava o encantado feto suas flores sobre a terra:
 os espinhosos alcachofres do brãco cardo, se abriam em ro-
 xas flores para serem colhidos das pastoras namoradas,
 queimauase pello valle, & pella montanha o gracioso ros-
 maninho ouregão, macella, & o sagrado louro: florescia as
 plantas, enchiase a terra, & os corações de alegria, soando
 frautas, salteiros, lyras, samponhas, tamboris, rabecas, pan-
 deiros, & buzinas dos pastores: dentre os quais, os que ao
 Tyranno Amor tinham sujeita a liberdade, encaminhauão
 para a banda da lem do Tejo, a ferra aonde o sabio tinha
 sua morada. Pauanio & Lereno, porque neste segredo não
 sofrião outra cõpanhia tomando los aquelle caminho, che-
 garão ao sair da Lua, a hum espaçoso valle aonde virão,
 muytos pastores, & pastoras, & emcostados aos pes das ar-
 uores em diferentes ajuntamentos como que esperauão pa-
 ra entrarem na morada do sabio, a qual era hũa coua aber-
 ta

Primauera de

ta entre as ferras, que fazia para o centro da terra hũa esca-
da de muytos degraos de marmore, que leuauão a hum lar-
go campo cheo de diferentes flores, cruas, & boninas de
marauilhosa virtude, a hũa parte do qual entre hum con-
fuso aruoredo, se escondião hũas casas altas eſtranhamen-
te obradas, aonde o ſabio viuia, & do alto dellas cahia hũa
copioſa & criſtalina fonte que ao pé formaua hum rio, que
logo ſe repartia en dous caminhos rodeando o campo mu-
rado da parte de dêtro de aruores muyto juntas tam iguais
que parece que ſobre preccito foram crescendo: & fazião
em iguais eſpaços de hũa & outra parte quatro portas que
guatdauão otros tantos ſyluanos, com aliauas arcos, & paſ-
ſadores, & no friſo de cada hũa dellas eſtaua eſcrito o no-
me de hũa Nimfa que guardaua o boſque de dentro. Com-
nem a ſaber nas duas da mão direita eſtaua Pauribia: & Ly-
ris, & da outra parte Amathia, & Dione. Todos os q̄ eſta-
uão no valle em rompendo a manhã decerão com grande
reboliço. querendo cada hum ſer o primeiro na entrada, &
na pergunta. Dentto ſe ouuia hum geral contentamento, q̄
ate os brutos penedos parecia que ſe alegrauão, os inſtru-
mentos de muſica ſoauão fazendo Ecco por todo o valle, os
paſſaros ſuaueamente ſuspendião os ouuidos, os gados ſaiam
ballando ao prado com capellas entre os cornos de cheiro
ſas flores, os touros de verdes ramos andauão coroados câ-
peando por entre os aruoredos: todos os paſtores & paſto-
ras que entrauão remetião a coroarſe qual do ditoſo Ori-
uão, qual do puro Iaſmim, & qual de diferentes cruas en-
trecidas com cheiroſas boninas. Em meo deſta alegria
a ſom de muſicas frautas, & canoras boſinás, ſe abrio hũa
porta que guardauão dous Seluagens cubertos de folhas de
era cõ peſadas maças aos hombros, & em meo delles hũa
Nimfa, a quem todos os que aly vierão forão offerecer ſuas
pre-

preguntas cõ muyto aluoroço, & recolhidas cõ o nome do q̃ preguntaua: se tornou a ferrar a porta: então começaram as mulicas, jogos, & festas dos corcados pastores, & pastoras do Tejo, tudo se ouuião frautas, rabecas, & samponhas á toda a parte se vião ajuntamentos. & desafios de lutas, baylos, & folgares. Para a banda donde Pauanio, & Lereno estauão, ouue hũa cõpetencia de quatro vaqueiros q̃ bailarão hum sapateado cõ tanta graça que a muytos fizeram inueja, & tras elles hum de mais idade, & vestido mais loução que os quatro, que lhes tangia hũa frauta, & tamboril, dando a hum que junto a elle estaua, sahio ao terreiro, & dando nel le voltas muy estranhas, & sapatetas noar cõ muyta destreza, ajuntou grande multidão de pastores para aquella parte: da outra se acharão Rifeo, & Vmbrano, aonde o velho Corino rodeado de pastoras, & guardadores ao som da sua celebrada samponha, & ajudado do seu pegureiro Agrarjo cuja voz fazia de cer as nuuês, & emmudecer os ventos, cátaua estas endechas.

Venturoso dia

Que do Ceo nos veio

De mil graças cheo

Cheo de alegria.

A Aurora rosada

Nace en ti mais bella

E o sol vem tras ella

Fazendoa dourada.

O Ceo nunca auaro

De estrellas se arrea

A Lua alumea

Sobre e Tejo claro.

Aues & animais

Sem conhecimento

De contentamento

Mostram mil sinais.

Os passaros ledos

Vestidos de cores

Cantão teus lououres

Pellos aruoredos.

Qualquer fera perde

Sua fera vsança

E anda fera & mança

Pello prado verde.

Primavera de

Os lobos guerreiros
Nenhum ha que offenda
Que andão sem contenda
Por entre os cordeiros.

Tudo he mais fermoso
Por rudo que seia
E tudo festeja
Teu nome ditoso.

As plantas, os montes
O campo as boninas
Agoas cristalinas
Cristalinas fontes.

O valle pouoam
Mil pastoras bellas
Fazendo capellas
Com que se coroaõ.

E das femideas
Bellas desta praya
Nãõ ha qual nãõ saya
Em ledas choreas.

Os pastores cantão
Os satyros saltão
As flores esmaltão
As eruas encantão.

Tudo te conheça
Tudo te festeie
Tudo te deseje
Tudo te obedeça:

De ti leuantado
Teus lououres conte
O deserto monte
E o florido prado.

GAstado grande espaço da manhã em jogos, festas, & alegrias: derão os seluages sinal aos pastores, & juntos começou a Nimfa a nomear em alta voz os que perguntarão, remetendo cada hum: como lhe coubera em sorte as quatro Ninfas que guardauão os segredos de Amor, que erão os bosques que de ambas as partes ficauão escondidos.

O primeiro a que cahio a sorte foi o pastor Menandro, o qual depois de larga peregrinação sem achar nouas de Mõtea se tornou as prayas do Tejo, este foy remetido a Nimfa Euribia, que lhe mostrou em o tronco de hũa faia a resposta da sua pergunta que era esta.

Per-

Pregunſta de Menandro.

*Se ei de ver ainda Montea
De ſeus enganos vencida?
Se he ia morta, ou ſe tem vida
Em outra vontade alhea?*

Repoſta.

*Montea auſente tem vida
E o Amor noutro lugar,
Mas ainda te ha de buscar
Quando ſeja aborrecida.*

A ſegunda forte cahio a Mirtea hũa das tres paſtoras, q̄ ſe acharão ao ſonho de Lereno ao pé da fonte foi mandada a meſma Nimfa, & entalhada em hum buxo que cobria hua fonte achou a ſua pergunta que dezia.

*Se ha de vencer a razão
Hum enleo tam contino?
E ſe Amor con deſatino
He mais que ter aſſeição?*

Repoſta.

*Vença a razão ao receo
Não o ciume a aſſeição,
Que Amor fora da razão
Não ſerue mais, que de enleo.*

A terceira forte cahio ao paſtor Filenio, a quem Liſea mandara ao Mondego com a carta pera Lereno, foy mandado a meſma Nimfa, & a entrada do boſque, vio na árca de hũa fonte eſcrita a ſua pergunta, que era.

*Liſea ſe poſſo vella?
Se aonde eſtã tem liberdade?
Se ei de mudar a vontade?
Se ey de cobralla? ou perdella?*

Repoſta.

*Vive na meſma priſam,
Vella as, mas com ſeu cuidado:
Mudara cedo o eſtado,
E tu mais cedo a aſſeição.*

No quarto lugar o teue a do paſtor Mendino, a quem os dous companheiros Lereno, & Riſeo encontrarão, olhandose na fonte, o qual do deſterro daquella montanha veyo habitar, as que da banda da lem cercão o Tejo, no meſmo boſque de Euribia aonde foy mandado, achou no tronco de hum loureiro a repoſta do que perguntava.

*Se Duricia em algum dia
Fara por amor mudança*

*E entam ſe tera lembrança
Do muyto que lhe queria?*

V

Re-

Primavera de

Resposta.

La vine de ti lembrada

Ia tem de Amor paga justa,

*Que ja sabe quanto custa;
Amar, & não ser amada.*

A tras esta sahio resposta a hũa pergunta da pastora Daliana foy remetida ao valle da Nimfa Liris, a qual lhe mostrou a sua pergunta na pedra de hũa fonte, & dizia.

Resposta.

*Que remedio, ou que cautella?
Pera vencer a mudança?*

*Ter mudavel a esperança,
E antes de chegar vencella.*

Responderam no mesmo valle a hũa pergunta de Elisa, a qual ella achou escrita no tronco de hũa copada aucleira, & dizia.

Resposta.

*Que meyo pera encobrir
Hum mal, que aos olhos me vem,*

*Não no dizer a ninguem,
E deixalo presumir.*

No mesmo lugar cahio a sorte a pastora Olinda, & achou a sua pergunta em hũa Larangeira carregada de suas cheirosas flores, que dizia.

Resposta.

*Quem nega a fê prometida,
Que castigo lhe conuem,*

*Saberse, que não na tem,
E que nelle era perdida.*

A mesma Nimfa foy remetida hũa pergunta de Lereno em nome alheo, cuja resposta estaua em o tronco de hum alamo nesta maneira.

Resposta.

*Que remedio a quem pretende
Bens, de que outrem goza o fruito?*

*Aprender a sofrer muyto,
E sofrer mais do que aprende.*

A tras desta sorte cahio a de Puanio, o qual das sem razões, que Natercia vsara com sua afeição, aprendeo a reccear mudanças, porem como nenhum temor he tão poderoso

deroso, que o não vença hum parecer diuino nos olhos de Angelia, o seus cuidados occupar fazendo entrega da vontade, que enfim era alhea pella primeira afeição, foy mandado ao valle da Nimfa Amathia aonde daua as repostas a encantada Echo, que dentre muytos penedos, & aruores sombrias se ouuia tam natural como a propria voz em que cada hum repetia de nouo a pergunta, & a sua era.

Resposta.

Se me ha de vingar amor
De hũa alhea sem razão,
Se na segunda afeição
Terei successo melhor.

Tu mesmo deste a sentença,
E foste algoz da vingança
Na outra auera mudança
Com o fim da primeira offensa.

No mesmo lugar cahio a sorte de Rifeo, cuja pergunta era.

Resposta.

Se hũa fê firme, & segura
Tem paga de seu cuidado,
E se hum b'etam desejado
Pode caber na ventura.

Entre vontades iguais
Paga amor tua afeição,
Mas bês que nega a razão
Nã a ventura os tem tais.

A mesma Nimfa foy remetida hũa pergunta, que Lereno fez em nome de Floricio, & no costumado oráculo de Echo lhe responderam.

Resposta.

Se em Altea se consente
Com o tempo algũa mudança
E se ha de ter esperança
Floricio contra hum ausente.

Ama Altea de verdade
Mas se Floricio he constante
Tudo pode hũ firme amante
Combatendo hũa vontade,

Atras esta resposta sahio no mesmo lugar hũa a Seluagio que dizia.

Resposta.

Como se pode vencer
Hũa pastora obstinada?

Com lhe negar que he amada.
Que em o sabendo he molher.

Primavera de

No valle da Nympha Dione responderão logo a hũa pergunta de Floricia, aonde de encima de hum loureiro fallava hũa aue do sol na maneira em que Ecco respondia, & a pergunta era esta.

Resposta.

Hũa vontade enganada
Que meo ha para vingarse ?

Saber fengirse e negarse ;
Logo se vera vingada.

No mesmo lugar hũa pergunta do pastor Vmbrano foy respondida desta maneira.

Resposta.

Que cousa auera que vença
O ciuime de hum ausente ?

Nenhum remedio consente
Porque he morte, & não doença.

Logo tras esta teue resposta hũa pergunta do vaqueiro Amintas, que dizia.

Resposta.

Hũa pastora offendida,
Que estremo pode fazer ?

Matar a quem a offender,
Ou assim tirarse a vida.

Neste lugar sahio a resposta a hũa pergunta de Lereno, que elle fazia tam desconfiado no que preguntaua como pouco seguro de immaginar que razões encantadas adeuinhaão successos alheos dizia .

Resposta.

Que fim espera o desterro
Em que me tras meu cuidado ?
E se està desenganado,
Ou perdoado o meu erro ?

Tera fim numa mudança
Muda o trajó a desculpa
Ficaras liure de culpa,
E o teu nome na lembrança.

Ainda os pastores que esperauão a sua sorte occupauão todo o valle quando Lereno & Pauanio o deixaram, tomando o caminho pera a sua cabana, aonde chegaram ao tẽpo, que o Sol daua fim ao dia Passou Lereno a noite immaginando, hora offerecendo razões a sua ventura, & pedindo-

llhas

Ihas pera os males que padecia, hora queixandose delles, & della, com o sentimento de agrauado: & porque o Sabio remetia a mudança de seu estado as do tempo, determinou elle fazella no trajo, & no lugar, & deixar a vida de pastor pela de peregrino: communicou a Pauanio & Rifeo este segredo, pediolhe, que o guardassem por alguns dias, despedio se delles com muytas lagrimas, & sentimento, deixandohe iguais saudades de sua cõpanhia: partiuse dentre elles hũa madrugada pello caminho da montanha, & a pouco espaço ao pe de hũa fonte, q̃ sahia de debaixo de hũ penedo, viram hum pastor, que estaua como desmayado, & olhandose na agoa, cantaua o seguinte.

*Em tal estado estou posto
Que estranho a propria figura
Mas esta he minha ventura
Se este não he o meu rosto.*

*Se os males mais sem medida
Se conformão de tal sorte,
E tem força tam valida,
Que vão suspendendo a vida
Contra os poderes da morte?
Se contra hum desventurado
Pode dar vida o desgosto?
E tello viuo enterrado,
Se ha no mundo hum tal estado
Em tal estado estou posto.
Estou como alma que pena
No corpo, que sustentou
Como minha sorte ordena
Represento hũa piquena
Sombrado que em mim passou.*

*Ia não viuo nem desejo
Nada o coração procura
Eu de mim proprio me pejo
Para verme, & tal me vejo
Que estranho a propria segura.
Achome no que padeco
Porem se encontro comigo
Como outro me desconheço
E a mim proprio me aborreço
Como se fora enemigo.
Torno a verme com receo
Pello que se me affigura
E conheço neste enleo
Que bem posso ser alheo
Mas esta he minha ventura.*

Primavera de

Trocouse a vida, o cuidado
Tudo pera perseguirme
Cõtra mim vejo trocado:
A ventura triste, o fado,
Porque he triste he sempre firme.

E se alcança o seu poder,
Que eu viua em tanto mal posto
Esses dias que viuer
Como me hão de conhecer
Se este não he o meu rosto .

Sãndou: Lerenõ ao pastor, & virando elle o rosto, se conhecera, porque este era Filenio, em o qual ainda duraua o enganõ passado da carta de Lisea, & lançandolhe os braços dizia: Ah Floricio amigo quam pouco me valerão teus desejos, & minha diligencia, & tras isto lhe contou como perdera a Lisea de ante os olhos, & a reposta que leuaua do Sabio, & que a mayor tristeza, que tinha, era ter a vida, & o gosto tam acabado em mãos dos males, que tiuera, que receaua perdella antes de chegar ao Lis, & ver a Lisea, & q̃ sò temia faltarlhe pera esta ventura. Lerenõ o consolaua cõ muytas palauras, & fazendoo levantar o acompanhou hum grande espaço de caminho, em o qual lhe fallou desta maneira. Filenio amigo, ainda que tudo o que vlei cotigo, era o que conuinha a este nome, não quero, que cõ o meu viuas enganado. Eu sou Lerenõ natural dos valles do Lis pera quem era a carta de Lisea, que no Mondego me entregaste: a que te tõrnei era reposta della cõ o seu proprio sobrescrito, trasme a ventura tam perseguido, que ja me descuido de amor, & não busco mais em terras estranhas que a sepultura: tu a quem a sorte dà de tam perto as esperanças vai a colher cõ tempo o fruito dellas, & toma forças pera vencer tua fraqueza cõ o aluoroço do bem, que te espera na tua Lisea a quem seras testemunha do que vires, pera q̃ ella o seja diante quem agora a possui. Dizelhe, que mudou a terra, & trajo, & o costume, pois não he pera pastor quem nasceo pera viuer triste, que me vou peregrino por terras
estra-

estranhas, atè que algũa ache tam piadosa, que em seu centro me recolha, ou mude a natureza a minha sorte : & pera que da minha sanfonha ouças o derradeiro suspiro a vista destas prayas do Tejo descancemos sobre este penedo. Filenio enleado, & quasi tre mendo ouuia o pastor, que cõ lagrimas ajudaua o sentimento das palauras, & conhecendo em todos os sinais ser aquelle o de que tanto tempo se temera, & dando fê a tudo o que lhe dizia, por que ja de Lisea soubera, que em outra parte tinha poderosa afeição, de nono cõ amor & espanto o abraçaua , & suspendendo a pratica peio ouuir, cantou Lereno este sonetto.

REmattemos ja contas esperança
 Leuai tudo o que tendes da ventura
 Porque sois companhia mal segura,
 E alcança mais de vòs quẽ nada alcança.
Tenho por mais segura confiança
 Nos males, & na fê da sepultura
 Não quero mais de meu que esta escritura,
 Que depois fique a muytos por lembrança.
 Outros a quem engana hum falso objeito
 Entesourem rubins, perlas, diamantes,
 Esmeraldas, jacintos, prata & ouro :
 Que pois isto a mudança he mais sojeito,
 E eu sò dos males sei, que sam constantes
 Quero fazer de males meu thesouro .

Bem quísera Filenio persuadir ao triste , & desterrado Lereno, que se tornasse a sua ribeira ao socego do feugado, & passasse a vida aonde o Ceo lha dera com tanta alegria, porem vendoo determinado atalhou as palauras, & sem poder apartarse delle abraçados chorauam, como se de muy-

Primauera de

tos annos de estreita amilade se conhecerão, & tras isto tomando Lereno na mão a sua mimosa sanfonha lhe dizia.

Humilde samponha, que entre os pastores ereis tão celebra, ouuida das lindas ferránas, & as vezes inueja da dos vaqueiros, aquí vos sacrificio a memoria de meus defenganos, que pois hum grande desgosto vos tirou a graça, & a mim o descanso, não vos serue companhia tam triste, nem tam suaue instrumento conuem a pastor tam desesperado: leuame a ventura a terras estranhas, aonde nem minhas ouelhas de sua branda lam me veram vestido, nem ouiram pastores estrangeiros os namorados versos, que tocãdouos cantaua, & pera que algum rustico pegureiro não vos offenda, acabay sobre este penedo, que he paga bem desigual do amor com que vos possuy, porem val mais perecer, que acó panharme.

Acabando isto com muytas lagrimas, a fez em pedaços sobre o penedo, que ficaram derramados na verdura, & tomando differente habito, & caminho, se apartou de Filenio, que cõ suspiros & magoas o querria deter: o que a ambos succedeo com o seguimento de suas historias, se veram ao diante no pastor Peregrino.



F I M.

Soli Deo honor & gloria:

Impresso em Lisboa por Pedro Crasbeeck.

Anno do Senhor M. D C V I I I.